

AMNÉSIA

G. H. EPHRON

EDITORA BEST SELLER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



G. H. EPHRON

AMNÉSIA

Tradução

THEREZINHA MONTEIRO DEUTSCH

EDITORA BEST SELLER
Rio de Janeiro

Contracapa

Um crime e uma testemunha: uma mulher presa às armadilhas da memória.

Baleada na cabeça, Sylvia Jackson escapa miraculosamente da morte. Seu namorado não tem a mesma sorte: morre implorando clemência ao executor. Agora, após um coma prolongado, Sylvia recobra a consciência e acusa o ex-marido. A Justiça pode confiar na memória de uma mulher em tais condições? Para responder, entra em cena o neuropsiquiatra Peter Zak, também ele profundamente marcado por uma tragédia. Ao mesmo tempo em que tenta desvendar os meandros da mente de Sylvia, Zak conduz o tratamento de uma jovem internada após seguidas tentativas de suicídio. As lembranças truncadas das duas mulheres entrelaçam-se aos poucos, formando uma história de ódio, traição e vingança. Zak precisa encontrar as peças que faltam a esse estranho quebra-cabeça, antes que um inocente pague pelo crime ─ e antes que ele próprio seja aniquilado pelo perseguidor misterioso que surge subitamente em seu caminho.

"O romance explora com rara sensibilidade a complexidade da mente humana, enquanto oferece ao leitor a tensão e o suspense que se espera do gênero" *Kirkus Review*

Orelhas

Thriller no mais puro estilo clássico ─ com suspense crescente, grandes reviravoltas, pistas falsas e um final imprevisível ─, Amnésia traz ainda um fascinante mergulho nos mistérios da mente humana. O protagonista é o médico Peter Zak, que por força das circunstâncias se vê lançado ao coração de uma complexa investigação policial. Especialista no estudo do cérebro e do comportamento, Zak é incumbido de avaliar a sanidade de Sylvia Jackson, mulher que acusa o ex-marido de tê-la baleado e executado friamente seu namorado.

Não é uma tarefa fácil.

Sylvia, perigosamente sedutora mesmo no hospital, ficou por muito tempo em coma e teve lesões cerebrais de amplitude

desconhecida. Como distinguir fato e delírio, verdade e mentira? O médico sabe que a memória tem armadilhas - ele próprio vive preso às lembranças da morte de sua esposa. Ao mesmo tempo que investiga Sylvia, Zak começa a atender uma nova paciente, sobrevivente de várias tentativas de suicídio e possível vítima de abusos sexuais na infância. É decifrando os segredos dessas mulheres que Peter Zak poderá descobrir o verdadeiro assassino - e conseguirá libertar-se também de seu trágico passado.

Escrito a quatro mãos por uma romancista e um psiquiatra forense. Amnésia oferece ao leitor informações precisas sobre o mecanismo da mente, sem prejudicar a atmosfera envolvente da trama.

Discutindo temas como abuso sexual, manipulação da memória e ética médica, o romance atualiza o gênero policial mantendo-se fiel a sua melhor tradição.

Autores



G.H.EPHRON é o pseudônimo adotado pela escritora Hallie Ephron e o psiquiatra forense Donald A. Davidoff, professor da Universidade de Harvard. Peter Zak, sua criação conjunta, tornou-se grande sucesso nos Estados Unidos.

Para Sue, Jerry, Naomi e Molly

Prólogo

A MÃO DELE ESTÁ apoiada de leve na coxa dela, seu calor passando pelo algodão fino da camisola. A outra, músculos e veias sublinhados pelo luar, segura de leve a parte superior do volante do carro. Ela vira a cabeça para observar seu calmo perfil. Gostaria de saber por que ele estava usando a farda de combate.

Sacode os ombros e ajeita-se, reclinando o encosto do assento para trás, até o ponto máximo. As estrelas cintilam no claro céu do início de verão, apagadas de quando em quando ao passarem por árvores. Tem impressão de estar se derretendo e misturando-se com o couro do assento.

Agora, do assento de trás, ela vê o motorista dar de ombros também e inclinar-se para o volante, com um brilho de prata numa das mãos. As estrelas desapareceram, encobertas pelas árvores e arbustos que se aproximam dela, do seu carro, arranhando-o, batendo contra os para-lamas e a capota enquanto a velocidade vai diminuindo até que param.

O motorista volta-se, com o rosto no escuro.

— Saia.

Ela não quer sair.

A porta ao seu lado abre-se. O rosto é dele, mas não é dele.

Enraivecido. Mais jovem.

— Saia do carro.

Ela emerge para o frio. Seus pés estão descalços. Quer ir para casa para pegar botas e um casaco.

— Abra-o — diz ele, indicando o porta-malas.

Devagar, a tampa do porta-malas ergue-se. Ela não quer olhar, mas não consegue desviar os olhos. Lá dentro, escuridão. Vazio. Não. Completamente vazio, não. Uma fronha com bordados, amarrotada. A sua fronha. Manchada de vermelho.

Ela ergue os olhos. Ele está a seu lado, o vigoroso torso amortalhado pela fronha ensanguentada, um cinto mantendo-lhe os braços junto ao corpo.

A náusea e o medo sobem pela garganta dela.

— Quem fez isso em você? — grita.

— Venha — diz-lhe ele.

Sai andando para uma torre de pedra. Quando chegam à base, a maciça porta de madeira abre-se. Lá dentro, ela vê sua sala de visitas. Entra. Cacos de vidro brilham no chão. Pedaços da moldura dourada do espelho estão espalhados também. O papel de parede azul e branco está arruinado, todo manchado de vermelho.

Lá de dentro vem um barulho abafado seguido pelos grunhidos de um animal apanhado em armadilha. De novo o barulho.

Em seguida, patéticos sons lamurientos. Mais uma vez o barulho, desta vez seguido por doentio silêncio.

Aterrorizada, ela corre afastando-se do umbral da porta de entrada e tropeça num corpo caído no chão, a cabeça coberta por uma fronha ensanguentada, braços presos aos lados do corpo.

Tenta perguntar "Quem fez isso com você?", mas as palavras ficam presas na garganta.

Então, do alto da escada, uma mulher de branco faz-lhe um sinal. Ela se aproxima, ansiando pela segurança do seu quarto.

Por seu roupão felpudo e chinelos de lã. Por ele, forte e quente na cama. Já então a mulher está atrás dela, com uma faca erguida, a lâmina brilhando. Ela se arrasta escada acima para fugir, tropeçando por causa do pânico. A escada faz uma curva para trás uma vez, outra e mais outra, um tapete macio cobrindo a pedra fria, úmida. Os degraus vão se estreitando cada vez mais e por fim ela cai, impossibilitada de continuar adiante. Espia para fora por um buraco na parede.

Lá embaixo, no alto de uma colina coberta de grama, vê a si mesma. Sua camisola clara é luminosa à luz dos faróis do carro.

Seus longos cabelos agitam-se ao redor da cabeça, madeixas negras chicoteando-lhe as faces. O chão está gelado e a órbitas de seus olhos latejam com uma dor surda. Ajoelha-se. Espera. E, então, a explosão.

Calma agora, ela olha, flutuando no ar, como o seu corpo desaba no chão e

a terra ao redor dele torna-se vermelha e cálida, esfriando e escurecendo em seguida.

Por trás da luz dos faróis, um vulto sombrio emerge da escuridão. Ele fica cada vez maior, ao colocar-se diante da luz. Olha para a precária posição em que ela está. Ela sente tristeza.

Uma luz toca-lhe um ombro. Ela se volta. Ao lado dela, na escada, a mulher segura flores. Flores de papel. Mas o cheiro delas é doce, funéreo. As flores caem de suas mãos e se transformam em borboletas que ficam esvoaçando no poço da escada.

— Quem fez isso? — grita ela.

Repete o grito várias vezes, implorando pela resposta.

— Sylvia — diz a mulher, suavemente.

Mãos fortes seguram-na pelos ombros e a fazem virar-se. Ela luta contra as mãos. Quer voltar para o buraco na parede. Quer ver, quer ter certeza.

— Acorde, Syl. Agora você está em segurança — diz a mulher, numa espécie de cantilena incolor.

A escadaria de pedra se dissolve e em seu lugar surge um quarto de hospital branco e cromado.

— Teve aquele sonho de novo?

Sylvia faz que sim com a cabeça.

— Estou com medo.

— Eu sei. Eu sei. Conte-me o sonho.

— Eu vejo sempre a mesma coisa... Sempre

— E o que vê?

— Um homem. Ele dirige o meu carro. O homem tem um revólver.

— Onde você está?

— Atrás. Ele me fez ir para o assento de trás.

— Onde está Tony?

Ela chora.

— No porta-malas. O homem o fez entrar no porta-malas.

— E você vê sempre a mesma coisa?

— Sempre, sempre. Não quero acreditar.

— Por quê?

— Por causa da pessoa que eu vejo.

— Agora sabe quem fez isso com você?

— Stuart.

A mulher de branco recua e faz um aceno para o policial que está no escuro atrás dela. Indica com a cabeça as flores sobre a mesinha-de-cabeceira que têm um cartão branco onde está escrito: "Por favor, fique boa logo. Sinto sua falta. Todo meu amor,

Stuart".

Capítulo 1

QUEM QUER QUE me visse naquela manhã, correndo colina acima, com os cabelos um tanto compridos e molhados, sobretudo desabotoado e abanando como asas de um enorme morcego, teria pensado que eu era um paciente. Ficaria surpreendido ao ver-me parar junto ao portão, procurar nos bolsos das calças, pegar uma chave e abrir a porta dos fundos da Unidade de Neuropsiquiatria.

Eu estava atrasado. Naquela manhã pressionara a mim mesmo, puxando e empurrando os remos do barco até tornar-me uma dor só — dor e agradável esquecimento. Minha canoa de corrida era pouco mais do que uma prancha de fibra de carbono branca, o último presente da minha mulher, Kate.

O rio Charles estava de uma beleza fascinante naquela tranquila manhã de princípio do outono, livre por fim dos irritantes mosquitos que atormentam os remadores durante o fim do verão. Eu sabia que estava ficando tarde, porém pedi a mim mesmo mais cinco minutos. Cinco minutos de abençoada tranquilidade. Agora pagava o preço. Meus músculos queimavam e torci para que ninguém reparasse que eu estava sem meias. Na pressa de tomar banho no clube, vestir-me e sair correndo para a reunião, conseguira perder uma delas.

Minha equipe esperava-me ao redor da mesa na pequena sala de reuniões.

— Não me perguntem!

Agitei as mãos como que para proteger-me de um ataque e, ao mesmo tempo, para dissipar a ansiosa preocupação deles que pairava no ar como ozônio.

O doutor Kwan Liu olhou-me com expressão divertida. Éramos amigos e colegas desde que Kwan era chefe residente e eu médico interno no Pearce. Agora que ele se aproximava da importante década dos 40, parara de me lembrar a todo instante que era dois anos mais velho do que eu e, portanto, mais sábio.

Ele nunca se cansa de diminuir meu diploma de psicólogo, metal barato em comparação com seu título de quarenta quilates de doutor em medicina. Como sempre, ele estava impecável num terno escuro que parecia feito sob encomenda. Achava minhas roupas uma generosa

fonte de embaraços, assim como eu achava incompreensível sua ignorância a respeito das nuances dos vinhos. E também, como de costume, naquele dia ele ia ser um verdadeiro pé no saco.

— Meu caro Sr. — ironizou —, se não perguntarmos como iremos desvendar os segredos da mente?

Larguei minha pasta sobre a mesa. Do defunto coração de uma imensa, lareira enfeitada por arabescos, tirei uma cadeira Windsor negra cuja pintura descascada e a falta de travessas que reforçam as pernas atestavam anos de maus-tratos. A cadeira e a lareira eram remanescentes da imensurável grandeza do edifício em que estávamos e de outros iguais a ele que integravam a enfeitada paisagem de Olmsted formada pelo conjunto do Instituto Psiquiátrico Pearce no tempo em que ele era o refúgio dos muito ricos. Depauperado, porém sem jamais ceder à força de verdadeiro rolo compressor dos planos de saúde, agora o instituto tinha o aspecto de um elegante hotel um tanto descuidado.

— Cheguei atrasado... de novo... Desculpem-me, todos. Perdi a noção do tempo hoje, remando no rio, e agora cada músculo do meu corpo parece dilacerado...

Parei ao ver Gloria Alspag, a enfermeira encarregada da vigilância, tocando um violino imaginário, os olhos zombeteiros por trás dos óculos com aro de metal. Ela fez uma imitação de Heifetz executando uma *appassionata* num Stradivarius.

— Ora, me dê um tempo! — suspirei.

Sentia-me quase como nos velhos tempos.

Fiquei remexendo na minha pasta até encontrar uma caneta e o bloco de anotações. Então, sentei-me, empurrei os óculos para o lugar certo, na ponte do nariz, e clareei a garganta. De repente todo mundo entrou no clima de trabalho.

Todos os olhos fixaram-se nas pranchetas onde estava a lista dos nossos dezoito pacientes que nos dava uma ideia de contra o que teríamos que lutar. Apesar do bom humor do grupo, nenhum de nós encarava o trabalho com ligeireza.

Estávamos acampados juntos nas fronteiras da psiquiatria, no limite entre distúrbios cerebrais e enfermidades emocionais.

Tínhamos um novo paciente.

— Jack O’Flanagan — disse Gloria. — Setenta anos. A polícia encontrou-o perambulando junto à estrada de ferro de Forest Hills. Ele disse que é maquinista, mas como não tinha documentos de identidade, eles o detiveram. Na verdade, ele foi maquinista de trem, há mais de dez anos.

— Levaram-no para o Carney — prosseguiu Kwan. — Fizeram todos os exames e nada há de errado com ele, fisicamente.

Mas é claro que existem problemas psíquicos. Chamaram a família. Ficaram sabendo que a esposa morreu de repente, há algumas semanas. A filha ficou aliviada por termos decidido interná-lo na Seção Doze, para avaliação.

— Ele não parece nada preocupado por ter sido internado — comentou Gloria.

Um bip começou a tocar e, como um time perfeitamente reinado, todos nós olhamos para o aparelho em nossos cintos a fim de ver qual era. Era o meu. Um número que eu não conhecia piscava no mostrador. Resolvi ligar depois, porque a reunião não demoraria muito. O antiquado sistema de aquecimento da sala tinha apenas dois pontos de regulagem: quente e sufocante. O ambiente não demoraria a ficar insuportável e teríamos que sair para dar uma volta.

Quando saímos, Kwan e eu colidimos num canto da sala de reuniões, ambos indo para o telefone. Ele franziu os lábios e disse, com gentileza:

— Este dia está sendo muito difícil para o Sr., doutor. Ligue primeiro.

— Muito obrigado, doutor Liu — respondi, fazendo uma pequena reverência.

Disquei. Depois de um toque atenderam:

— Departamento de Defesa Pública de Massachusetts.

Eu gelei e virei-me para a parede. Sentia-me como se tivesse levado um soco no estômago. Mal pude ouvir a voz do outro lado da linha:

— Alô!? Departamento de Defesa Pública de Massachusetts....

Alô? Tem alguém aí?

— Aqui é o doutor Peter Zak. Alguém bipou para mim.

Minha voz soou calma e profissional.

— O Sr. pode esperar um minuto?

Fiquei ali, paralisado. Na minha cabeça, bati o telefone e a porta depois de passar correndo por ela. Porém, um momento depois, ainda segurava o telefone quando uma voz familiar chegou ao meu ouvido:

— Peter? Aqui é o Chip.

Creio que deveria ter desligado naquele momento. Mas isso iria requerer ação e me sentia como se toda energia houvesse sido sugada do meu corpo. Eu não via Chip desde o funeral da minha mulher. Fechei os olhos com força para expulsar a lembrança, porém ela não foi embora. Eu sentia meu punho fechado colidindo com o maxilar de Chip. Via a expressão ferida e chocada dele enquanto recuava, cambaleando, até dar um encontrão na pessoa seguinte na fila de pêsames e cair. Alguém deve tê-lo ajudado a levantar-se. Não sei, porque dali por diante só me lembro do silêncio que se fez, aquele tipo de silêncio que ecoa quando um grande grupo de pessoas de repente se imobiliza e se cala até que, em seguida, todo mundo volta a agir como se nada houvesse acontecido.

— Oi, Chip. Faz tempo que não nos vemos — consegui dizer.

Mas soou como uma acusação e isso não seria justo. Depois do funeral ele me telefonou várias vezes, tentando entrar em contato. Porém eu andava evitando a humanidade inteira. Não retornava os recados telefônicos de ninguém. Queria esquecer.

Depois de alguns meses ele parou de telefonar.

— Eu estava pensando a mesma coisa — disse Chip. — Muito tempo, mesmo.

Como é que vai indo?

— Muito ocupado, acho. E você?

— Como sempre, como sempre... — respondeu ele.

Houve uma pausa incômoda. Antigamente era fácil para nós preenchermos os silêncios com palavras vazias.

— Peguei um caso — prosseguiu Chip — e queria sua opinião a respeito.

Foi assim que me envolvi no julgamento por assassinato de Ralston Bridges? Por causa de um bip? Um telefonema? Provavelmente fiquei intrigado, o bastante para ajudar na defesa de um homem acusado que ingenuamente classifiquei como um pobre idiota que merecia a mesma defesa competente que todos os Von Bulows. Mas tudo aquilo

havia mudado. Assassinato logo deixou de ser algo que só acontecia com desconhecidos.

— Você sabe que não faço mais esse tipo de trabalho — lembrei a Chip.

— Eu sei, mas pensei que...

— Sem chance.

— Este é o seu caminho certo, Peter.

— Esse caminho foi fechado.

— Pelo menos, ouça-me. Tudo que peço é uma consulta.

Capítulo 17

— Não acho uma boa ideia. Você tem ido muito bem sem minha ajuda...

— Mas não tem sido fácil. Em geral encontramos pessoas que nos dão o que precisamos, mas desta vez preciso da sua experiência. Olhe, me dê pelo menos uma hora para apresentar-lhe o caso, depois eu o deixo em paz...

Como não desliguei, ele continuou:

— É o seguinte, o que aconteceu alterou a memória da vítima sobrevivente. Ela levou um tiro na cabeça e sofreu um grave trauma cerebral. Passou semanas em coma. Agora, diz que se lembra de quem fez tudo.

Não consegui me controlar e quando vi já estava pensando.

Quantas semanas em coma? Que pontos a bala atingira? Tudo dependia da extensão do estrago que a bala tivesse feito no trajeto percorrido. Ferimentos na cabeça são peculiares. Desvios mínimos, frações de milímetros para um lado ou para outro podem fazer enorme diferença nos efeitos.

— Estamos defendendo o ex-marido da mulher. Ele tentou suicídio depois de ter sido preso. Está internado em Bridgewater para observação.

— Chip... — comecei a protestar, mas o protesto pareceu fraco até para mim.

— Você é especialista nessa área, Peter. Não existe outro melhor. — Pausa. — O que me diz? Você me dá pelo menos uma hora? Vai ser indolor, garanto. Não precisará nem sair do consultório. Annie e eu iremos lá, então a gente conversa. Sem espalhafato e confusão. Sem compromisso. Pode acreditar, nada como nos velhos tempos.

Tínhamos formado uma equipe que defendia os direitos dos fracos e oprimidos: Chip Ferguson, advogado, Annie Squires, policial investigadora, e Peter Zak, perito em testemunhos. Será que a última vez que eu vira Annie tinha sido no funeral, também? Não conseguia me lembrar.

— Você continua trabalhando com Annie?

— É o meu braço direito. Quando ela desiste de algum caso, tenho que desistir também. Foi Annie que insistiu que eu telefonasse para você.

— Apenas uma consulta.

— De uma hora. Nada mais, Peter. Está bem às cinco horas?

Eu resmunguei algo incompreensível.

— Ótimo! Obrigado, Peter!

Quando desliguei o telefone já estava arrependido. Como eu poderia estar interessado se já sabia aonde aquilo poderia levar?

Minha camisa estava úmida por baixo do paletó. Vi meu reflexo no espelho sobre a lareira. Mal reconheci a pessoa que me encarava, olhos cansados sob grossas sobrancelhas negras, cabelos tocados de branco aqui e ali. Rugas atravessavam minha testa.

Ajeitei a gravata. Há quanto tempo havia aquela mancha de gordura logo abaixo do nó? Não me ocorreu pensar em quando tinha sido a última vez que me olhara ao espelho. Kwan estava à porta, olhando para fora. Sua atitude negligente, braços cruzados diante do peito, não me enganou.

— Você está bem? — perguntou-me.

Eu sacudi os ombros e ele começou a rir, levou uma das mãos à boca e murmurou:

— Não esqueceu de nada?

— Por favor, me dê uma luz...

— Parece que você esqueceu das meias.

Olhei para os meus pés nus, muito brancos, enfiados num sapato esporte cor de sangue de boi. Respondi no ato:

— Você não podia fazer de conta que não tinha notado, não é? — E, depois, disse aos outros: — Que tal começarmos as visitas pelo Sr. O'Flanagan?

Atravessei o hall com suas paredes cor-de-rosa, janelas altas e carpete industrial cinzento para entrar na sala de almoço, muito clara,

onde os pacientes tomavam suas refeições.

De uma porta veio a voz estridente: — Oi, doutor!

Voltei-me e vi uma mulher pequenina, de cabelos grisalhos, camisola azul e meias três-quartos, acomodada numa cadeira de rodas.

— Cataldo! — ela cantou com voz trincada de soprano, agitando o dedo indicador no ar.

— Olá, Sra. Blum — respondi.

Tive que resistir ao impulso de gritar-lhe algo bizarro como "Jerônimo!".

Acenamos um para o outro e nos cumprimentamos com a cabeça.

— Quem é Cataldo? — perguntou Suzanne Waters, nossa médica interna. — O médico dela?

— Não, mas bem pensado. — respondi. — Cataldo é o nome de uma companhia ambulante de espetáculos.

Gloria elaborou: — Para a Sra. Blum isso é como parar numa esquina e gritar "táxi"!

Alguns pacientes estavam sentados na área comum, uma sala de estar com mais paredes cor-de-rosa, algumas cadeiras de plástico e metal e um par de sofás marrons. Num canto com janelas até o teto havia um grande piano. Uma horrorosa lâmpada fluorescente brilhava no centro do teto emoldurada por um elaborado medalhão de gesso. Jack O'Flanagan, magro e etéreo, careca a não ser por uns tufos de cabelos cinzentos flanqueando as orelhas, achava-se sentado em uma cadeira junto à entrada para o hall, o rosto a poucos centímetros da televisão desligada.

Aproximei-me e coloquei a mão no seu ombro. Ele não se mexeu. Agacheime para que nossos rostos ficassem no mesmo nível e disse:

— Bom dia.

Ele fitou-me com os olhos aquosos.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Fazendo? — ele repetiu, aí olhou ao redor e tornou a prestar atenção na tevê.

— Oh, estou esperando essa maldita televisão esquentar.

— Sou o doutor Peter Zak. — Estendi a mão, ele olhou-a, relutante, depois apertou-a. — Importa-se se eu me sentar ao seu lado e lhe fizer algumas perguntas?

— Perguntas? — Ele deu de ombros. — Fique à vontade.

— Qual é o seu nome?

— John Patrick O'Flanagan. O mesmo nome do meu pai.

Eu senti que começava a relaxar ao entrar na rotina bem conhecida.

Trabalhar tornara-se a minha salvação.

— Sabe onde está?

— Bem, eu estou... estou... — Ele gaguejou e olhou em volta como se visse aquele lugar pela primeira vez. — Estou na sala de espera de Forest Hills aguardando a chamada para meu trem.

— Sabe que dia é hoje?

— Terça-feira — respondeu O'Flanagan, com segurança.

Era segunda-feira. Ele olhou para fora e acrescentou: — Abril.

Um bom palpite. Abril parecia-se muito com setembro na Nova Inglaterra.

— E o ano?

— 1963.

— Quem é o presidente?

As sobrancelhas dele ergueram-se, indicando surpresa.

— John Fitzgerald Kennedy, claro. Não deveria ser preciso eu lhe dizer isto, meu jovem.

Assenti.

— Tem tido algum problema de memória ultimamente, Sr. O'Flanagan?

— Problemas? Nenhum. — E acrescentou, batendo na cabeça com os nós dos dedos fechados: — Minha mente é boa como a chuva.

— Importa-se de fazer um pequeno teste?

— Pode fazer. Mas terei que ir quando eles me chamarem.

— Quero que o Sr. se lembre de três coisas. Um bastão, como um bastão de beisebol. Uma mesa, como uma mesa de sala de jantar.

O Sr. O'Flanagan fez que sim com a cabeça e repetiu: — Bastão, mesa...

— E ponte, como a ponte de Golden Gate.

— ... ponte.

Ele revirou os olhos para Kwan e Gloria, depois me disse: — Bastão, mesa, ponte.

— Muito bem. Agora, guarde bem estas palavras porque irei perguntá-las daqui a pouco. Imagino que o Sr. conheça o ditado: "Quem tem telhado de vidro não deve atirar pedras".

— Claro, já o escutei.

— Pode me explicar o que ele significa?

— Quem tem... — Ele pensou um pouco, depois tornou a falar. — Quer dizer... O'Flanagan franziu as sobrancelhas e de repente uma lâmpada pareceu acender-se em sua cabeça. Formou uma tenda com as mãos e entoou:

— "Não julgue se não quiser ser julgado". — Fez uma pausa.

— Mateus, sétimo.

E sorriu para mim.

— Muito bem — aprovei. — Lê sempre a Bíblia, Sr. O'Flanagan?

— Eu? Não. Minha mulher lê. Ela vive citando a Bíblia. Esta é a sua citação preferida.

— E como vai sua mulher?

— Bem como a chuva — respondeu ele.

— Agora, lembra-se das três palavras que falamos há pouco?

— Que palavras? — ele perguntou.

Dei a dica: — Beisebol...

O'Flanagan ficou vermelho e explodiu:

— Do que está falando?

— Golden Gate...

— Que brincadeira ridícula é essa? Por que está me fazendo perder tempo quando tenho trabalho a fazer? — Ele se pôs de pé e, confuso, olhou ao redor da sala. — Meu trem... — murmurou.

— O Sr. tem toda razão. Foi uma brincadeira boba. Pode relaxar. Virão avisá-lo quando chegar a hora do trem sair.

O velho deixou-se cair sentado na cadeira e despediu-se de mim com um aceno. Então, viu a televisão, recostou-se no assento e ficou olhando placidamente para ela.

Eu me ergui e saímos da sala.

— Mal de Alzheimer? — perguntou Suzanne, a interna.

Sacudi a cabeça.

— O Sr. O'Flanagan é nosso típico paciente Korsakoff.

— Eu deveria ter desconfiado pelos capilares rompidos em seu rosto.

Alcoólatra.

— Foi alcoólatra — esclareci. — O Sr. O’Flanagan lembra-se de como as tevês funcionavam há quarenta anos, levando alguns momentos para esquentar. Mas não lembra que não a ligou. E não tem a menor ideia sobre se está esperando há minutos ou há horas.

Enquanto atravessávamos o hall. Gloria olhou para trás e comentou:

— Mas ele é um homem contente. Nada deste mundo o preocupa.

A mente pode se deteriorar de várias maneiras e a do Sr. O’Flanagan não era das piores. Seu mundo se tornara uma tranquila zona morta na qual cada momento que passava desaparecia da sua memória como um floco de neve se dissolvendo numa chapa quente. Havia momentos em que eu trocaria alegremente de lugar com ele. Mas era o que eu pensava até falar com Chip ao telefone.

Capítulo 2

MEU BIPE SOOU às dez para as cinco. Tive esperança de que fosse Chip desmarcando a consulta. Pisquei para o mostrador e o número do telefone da minha mãe piscou-me de volta. Engoli o pânico que sabia ser irracional. Fui para a sala de enfermagem e liguei para ela. Contive a respiração contando os toques.

Um... dois... Atenderam.

— Mãe? — eu disse.

E ouvi a voz fina da minha mãe:

— Estou bem — tranquilizou-me ela.

Respirei fundo.

— Você bipou para mim?

— Petey, querido...

Eu me arrepiei. Minha mãe era a única pessoa no mundo que me chamava de Petey e não adiantava eu reclamar.

— Olhe, sobre esta noite...

— Esta noite?

Eu havia me esquecido. Minha mãe me convidara para jantar com ela. Uma boa ocasião para variar do sanduíche de atum que eu comia na lanchonete do instituto. — Você se importa se transferirmos o jantar para amanhã, filho?

Minha mãe mora numa das duas casas vizinhas que Kate e eu compramos logo depois de nos casarmos. Ficam no centro de uma das regiões mais certinhas de Cambridge. Meus pais haviam se mudado para lá desde que meu pai ficara doente, há mais de cinco anos. Por isso, ir jantar com minha mãe significava abrir a porta da minha casa, dar dois passos no pórtico comum, abrir a porta da casa dela e entrar.

— Por quê? Você tem escolha melhor?

— Bem... — ela hesitou. — É que eu tenho... um encontro.

A voz fraquejou na última palavra.

— Um encontro?

Minha mãe tem sessenta e oito anos e desde que meu pai morreu, há quatro, nosso jantar semanal seguido do jogo de cartas tinha sido o ponto alto da vida dela.

— Por quê? Não posso ter um encontro?

— Com um homem?

— Não, querido, com um chimpanzé. Claro que é com um homem.

— Eu o conheço?

Esse era um jogo que jogávamos sempre, só que com os papéis invertidos.

— O Sr. Kuppel — respondeu ela —, da videolocadora.

— Ah! — fiz eu.

Aquilo explicava como, incapaz diante de aparelhos eletrônicos como ela era, minha mãe aprendera tão rápido a lidar com o videocassete que eu lhe dera de presente há alguns meses. O Sr. Kuppel era um simpático Sr. de silhueta arredondada, com barba e bigode muito bem aparados e completamente careca.

Ele consertava videocassetes e alugava filmes.

— Você não se importa, não é, meu filho?

Pena não ter me lembrado antes daquele jantar, teria sido uma desculpa perfeita para dispensar Chip. Minha mãe, sensível a todas as nuances das minhas reações, imediatamente virou a mesa: — O que foi? Você tinha esquecido? Ou não está bem? Será que tinha outro compromisso?

A última possibilidade foi dita com uma inflexão esperançosa.

Múltipla escolha. Não me apressei a responder, saboreando o momento. Sentia-me bem voltando aos antigos papéis familiares: a confiante e resmungona mãe, o assediado filho. Cada resposta tinha um outro lado. Se eu tivesse esquecido, não ligava para ela. Se estivesse doente, precisava de uma boa canja de galinha e muita limonada. Se tivesse um encontro, teria que dar todos os detalhes.

Nenhuma das opções acima. Mas dizer a verdade estava fora de questão. Se ela soubesse que eu estava, mesmo que superficialmente, envolvido num caso de homicídio ficaria assustada a ponto até de desmarcar o encontro. Saí pela tangente:

— Tenho alguns pacientes muito agitados e toneladas de relatórios para entregar. Amanhã será melhor para mim, também.

Olhei pela janela. O céu estava coberto de nuvens e na claridade variável Chip e Annie encaminhavam-se para a entrada do prédio.

— Mãe — voltei a falar —, meu bip está tocando.

— Tem certeza de que está tudo bem?

Ela é que devia ser psicóloga, não eu.

— Tudo bem, muito bem. Tenho que correr.

— Então, corra! Faça o que tem que fazer. Não se esqueça de deixar a luz do pórtico acesa quando chegar, assim saberei que você está bem.

Clique.

Bem. Será que a palavra "bem" ainda servia para descrever como eu me sentia?

Quando olhei de novo pela janela, Annie e Chip tinham desaparecido dentro do prédio. Não havia tempo de encontrá-los no hall de entrada, então corri para a escada. Estava no meio do primeiro lance quando percebi que na verdade eu queria largar tudo e fugir para outro lado. Continuei descendo, colocando um pé atrás do outro. Era eco ou havia outros passos soando atrás de mim? Parei. A escadaria ficou em silêncio. Quando, por fim, cheguei ao terceiro andar, encaminhei-me para o saguão do elevador. Tratei de respirar mais devagar e acalmar as batidas do meu coração. Com o dorso da mão, enxuguei o suor que me cobria a testa. Entrei no corredor. Precisava caminhar até o fim dele, pois meu consultório ficava depois da curva para a esquerda. O corredor parecia estreito demais e o fim ficava mais longe a cada passo quando deveria ficar perto, até que, de repente, fiz a curva e lá estavam eles.

— Peter!

Chip bateu amigavelmente nas minhas costas. Retribuí o cumprimento mas parei logo depois de dar a primeira batidinha amiga. Recuei. Parecia que ele se esquecera de tirar o papelão da camisa nova antes de vesti-la.

Chip ficou vermelho e embaraçado.

— Desculpe, eu devia ter avisado... Colete à prova de bala. Estou usando isto desde...

Ele pareceu-me mais forte e corpulento no costumeiro terno escuro.

— Não em minha honra?

— Uso este colete o tempo todo — confessou.

E isso o faz sentir-se seguro?, perguntei a mim mesmo. Bom saber que eu não era o único a me sentir como se o mundo houvesse desmoronado!

— Sobre o que aconteceu no funeral... — comecei, querendo esclarecer aquele ponto — sinto muito, mesmo. Você sabe que eu não quis dizer nada com aquilo e...

Minha voz sumiu.

— Compreendo — respondeu Chip e ajeitou a gravata, parecendo desconfortável. — Todo mundo sabe.

— Ei, Peter! — Annie saiu de trás de Chip. — Senti saudade, sabia?

Deu-me um leve beijo na face.

Aqueles dois não combinavam. Ele era evidentemente conservador e ela usava óculos escuros, calças jeans, botas e camisa de flanela por baixo do blusão de aviador, uma surrada pasta de couro pendurada num ombro.

Annie saiu da própria sombra e sorriu aquele sorriso atrás do qual a piedade tenta esconder-se.

Remexi nos bolsos à procura das chaves e abri a porta do consultório. Entramos na primeira sala, que tinha no fundo uma porta que dava para outra onde havia mais privacidade. Entrei depois deles, evitando o teto baixo com sótão, e só parei depois de chegar atrás da minha mesa e sentar-me.

Chip abriu sua pasta. Annie sentou-se na cadeira ao lado dele e observou a sala. Seus olhos se detiveram no desenho a crayon que fiz de um cérebro quando tinha oito anos. Minha mãe mandou emoldurá-lo como presente de formatura. Ela engoliu com dificuldade quando fitou a fotografia de Kate pendurada ao lado do desenho. Eu tirara aquela foto na galeria de Leather District, quando ela fizera sua primeira exposição de trabalhos de cerâmica.

Naquele dia meu consultório parecia-me mais esquálido do que de costume. Até mesmo a fita que prendia o carpete junto à parede, aqui e ali, estava se esfiapando. Livros pareciam prestes a despencar da estante. As paredes cor-de-rosa precisavam de uma boa mão de tinta. Meu pôster de Vinhos da Provence ainda continuava pendurado na parede, com uma rachadura atravessando o copo. Não sei quanto tempo fazia desde que eu passara o espanador nele pela última vez.

Antes nós sempre brincávamos, trocávamos novidades antes de falar de trabalho. Daquela vez Chip foi direto ao assunto.

— Trata-se de um assassinato que aconteceu não muito longe da sua casa, faz seis meses. Um homem foi morto, a namorada dele levou um tiro e foi deixada no Cemitério Mount Auburn para morrer. Talvez você tenha lido a notícia.

— Li, sim — admiti.

Não podia evitar. Eu lia sobre todas as notícias de assassinatos que caíam em minhas mãos e aquele me impressionara mais porque a mulher sobrevivera e fora cometido tão perto de onde eu morava. Ela havia sido encontrada perto da torre de pedra do cemitério, vitoriana e com vinte e três metros. Eu costumava subir naquela torre todas as primaveras para me concentrar para a regata de canoagem que Kwan e eu tínhamos denominado "Dedão do pé de Charles" zombando do seu aristocrático nome, "Cabeça de Charles". Lá de cima via a maior parte do rio, que tinha mais de três mil quilômetros. Fazíamos a corrida de smoking e cartola, discutindo até o último instante sobre quem iria ganhar.

— Annie, quer dar os detalhes ao Peter? — pediu Chip.

— Claro... — concordou Annie, os sérios olhos cinzentos fixos em mim.

Inclinei-me para trás, cobri a boca com a mão e me mantive firme.

— Ao amanhecer de 9 de março deste ano — começou ela —, um indivíduo que passeava no cemitério encontrou uma mulher caída. Pensou que estivesse morta, saiu correndo, ligou para o 911 e quando eles chegaram viram que estava viva. Sylvia Jackson, quarenta anos, corretora de seguros de automóveis, tinha levado um tiro na cabeça.

Annie fez uma pausa. Eu estava processando o que ela dissera e me mantinha impassível. Graças a Deus treinara todos aqueles anos ouvindo histórias horríveis contadas pelos pacientes sem ser emocionalmente atingido por elas. Fiz sinal para que continuasse.

— Levaram-na para um hospital e enquanto isso a polícia foi à casa dela, que fica cerca de um quilômetro do local. Estava um caos.

Annie calou-se de novo e apertou os lábios. Fechei os olhos e ela prosseguiu:

— Havia sangue por todo lado, dentro, fora. Vidros quebrados. Tinham feito um bom serviço. Encontraram o corpo de um homem na cozinha. Ele não tivera tanta sorte. Fora aparentemente morto a tiros,

mas sofrera outras injúrias. Descobriram que o morto era Tony Ruggiero, namorado da mulher.

Depois de tomar fôlego, Annie voltou a falar.

— Sylvia Jackson permaneceu em coma durante semanas. Quando voltou ao normal não conseguia andar, falava com dificuldade e não se lembrava de coisa alguma sobre o assassinato. Interrogaram outros namorados dela, que aliás tem montes deles. Interrogaram o ex-marido, Stuart Jackson. Ela estivera na casa dele no dia anterior e lhe levara um envelope cheio de borboletas de papel que fizera para o seu aniversário.

Abri os olhos. Creio que pareci surpreendido, pois Annie explicou:

— Nenhuma das evidências percebidas até aquele momento ligava os namorados ou o ex-marido com o crime. Só que os namorados têm álibi e Jackson, não. Ele disse que estava sozinho em casa naquela noite, dormitando por causa de uma gripe. Examinaram o apartamento dele e nada conseguiram.

Chip pegou o fio da narrativa.

— Então, alguns meses depois, ela ainda estava no hospital e de repente tudo veio à tona. "Eu me lembrei", disse Sylvia à polícia, "foi Stuart". Com base na declaração revistaram o apartamento de Stuart Jackson e desta vez encontraram num armário um chapéu igualzinho ao que ela disse que o ex-marido usava quando atirara nela.

Não pude conter a pergunta:

— Um chapéu?

— Um chapéu do exército, de uniforme de camuflagem — explicou Annie, — Stuart afirma que jamais o viu.

— Manchado de sangue?

Eu já havia entrado no jogo. Annie sacudiu a cabeça.

— Limpo. Encontraram alguns fios de cabelo no chapéu. São de Stuart. Mas o surpreendente é que encontraram também outros fios, que são da vítima. Até agora ninguém foi capaz de explicar isso.

— É o que acontece quando a gente se envolve — comentou Chip. — Com base no chapéu e nas lembranças de Sylvia Jackson, prenderam Stuart Jackson. Ele insiste em afirmar que é inocente. Ainda não encontraram o revólver. Dois dias depois de ter sido preso, ele tentou suicídio. Quase conseguiu.

— Então, foi internado em Bridgewater para avaliação? — perguntei.

— Isso mesmo.

Tirei os óculos e esfreguei a ponte do nariz.

— O que vocês estão me dizendo é que a única evidência que a polícia tem é um chapéu encontrado num armário do acusado, meses depois do assassinato, e as lembranças de uma mulher que foi baleada na cabeça? Nada que tenha vindo da cena do crime?

— Absolutamente nada. Mas temos um promotor que considera o caso incontestável. — Quem? — eu quis saber.

— Monty Sherman.

Eu não conhecia esse nome.

— É o astro atual do Departamento de Promotoria — esclareceu Chip — e está para ser nomeado promotor-geral. Com este caso, ele poderá levar seu nome para as primeiras páginas dos jornais. Está com um caso que tem todos os ingredientes para tornar-se espetacular: uma mulher arrasada, um morto e o marido ciumento que achou que podia resolver tudo com um crime. Clichês suficientes para a imprensa fazer estardalhaço. Se ele conseguir fazer com que o réu seja condenado...

Ele calou-se, parou no meio da frase e desviou os olhos. Deslizara com facilidade para a velha opinião de que os julgamentos de assassinatos são jogos de cena.

Se eu fosse o mesmo de antes, jamais teria feito a pergunta que fiz, 32

— Vocês acham que ele matou?

Olhei de Annie para Chip. Até mesmo uma única consulta era mais do que eu pretendia dedicar a um assassino. Chip olhou para Annie e ela inclinou-se sobre a mesa, na minha direção.

— Falei com ele pelo menos umas doze vezes. Se Stuart é assassino, eu sou o coelhinho da Páscoa.

O que Annie havia dito, dois anos atrás, sobre Ralston Bridges? "Esse aí é um cara perigoso." E com tais palavras definira perfeitamente o homem. Se eu a tivesse escutado...

— Estou dizendo, Stuart Jackson não é assassino — prosseguiu ela. — Esteve no hospital todos os dias durante o tempo em que Sylvia ficou em coma. Ela acordou e os tiras começaram a interrogá-la. Proibiram-no de continuar a visitá-la. Ele ficava pelos corredores como

um cãozinho perdido. Ela acusou-o de assassinato, eles o prenderam e Stuart tentou matar-se.

— Pode ter sido pelo peso da culpa e desespero. É deprimente ficar num presídio.

— Pode, mas eu duvido.

Mandar Stuart Jackson para Bridgewater poderia ter sido o jeito que Sherman encontrara para ter certeza que ele ficasse bom logo. Depois de uma semana entre loucos a cadeia parece um balneário de férias.

— Por quanto tempo ela ficou em coma? — perguntei.

— Mais de um mês e meio.

Assobiei. É raro alguém ficar inconsciente por tanto tempo e recuperar imediatamente a memória dos acontecimentos que provocaram seus ferimentos. — Ele passou por exame de Ressonância Magnética?

Ao fazer essa pergunta, compreendi que havia cruzado o limite e estava quase completamente fisgado.

— Vários — respondeu Chip. — Ainda não analisei nenhum deles.

— Stuart está em condições de suportar um julgamento? — insisti.

Chip sacudiu os ombros e eu ergui as mãos. — Não olhe para mim...

Eu não voltara mais a Bridgewater desde... Bem, desde então. Também jamais teria me imaginado voltando à prisão, no entanto descobri que era o que eu estava fazendo. Imaginava-me dirigindo até lá, entrando, falando com Stuart Jackson numa pequena sala de exames. Ele de um lado da mesa e eu do outro, com um aparelho de botão de pânico preso no meu cinto. E se Stuart Jackson tivesse matado a ex-esposa? E se ele fosse um excelente ator representando um papel?

Ralston Bridges fora talentoso o bastante para enganar o júri. Mas eu sabia. E Annie também.

Chip tirou da pasta um envelope de papel pardo, uma caneta e começou a fazer uma anotação nele. Annie pegou sua agenda e folheou-a. Eram espertos. Tinham esperado até que o meu exército de combate interior despertasse. Stuart Jackson era um homem inocente acusado de tentar matar a esposa, levado a tentar suicídio e trancado

em um lugar pior do que a prisão. Esses dados poderiam me influenciar facilmente.

— Vocês estão procurando alguém para avaliá-lo? — indaguei.

— Estamos tentando encontrar a pessoa certa — respondeu Chip, massageando o queixo com o polegar e o indicador —, alguém que tenha experiência. Alguém que possa compreender o que o acusado está passando. Alguém em quem ele possa confiar.

Suspirei. "Vou vê-lo uma vez só", pensei comigo mesmo.

— Acho que eu poderia...

— Eu sei, eu sei... — assentiu Chip. — Se, pelo menos, as coisas não fossem como são... você seria perfeito.

— Não é isso. Posso ir vê-lo, pelo menos para dar uma opinião.

Não percebi se um olhar de triunfo foi trocado por Chip e Annie. Tudo que vi foi o ar aturdido dele, sua boca abrindo-se. E engoli o anzol.
34

— Tem certeza disso? — perguntou ele, parecendo sinceramente surpreso.

Fiz que sim e empurrei o telefone na sua direção. Um minuto depois as engrenagens se haviam posto em movimento. Eu iria ver Stuart Jackson na manhã seguinte.

Chip pegou um gordo envelope da pasta e colocou-o na minha mesa.

— Relatório da detenção. Relatórios policiais. Seria bom você dar uma boa espiada antes de falar com o acusado. Olhei o envelope como se fosse uma cobra venenosa. "Seu bastardo sorrateiro!", pensei. "Apenas uma consulta, hein? Por que trouxe todo esse material se achava que eu não iria concordar em fazer a avaliação?"

Em tom de desculpa, ele disse:

— Tínhamos esperança que você aceitasse.

Então, consultou seu relógio. Não ia me dar tempo para desistir. Fechou a pasta, fazendo o fecho de metal estalar, ergueu- se e estendeu-me a mão. Foi automático. Eu queria recuar e interrompi o aperto, retirando a minha mão. A realidade se impunha, eu não iria ter forças para aguentar. O braço dele descaiu junto ao corpo.

— Precisamos de você, Peter. Stuart Jackson precisa de você. Vai ver que essa

é a coisa certa a fazer.

Fiquei olhando os dois saírem. Apaguei as luzes e permaneci no consultório às escuras, olhando pela janela, ainda não acreditando que havia concordado em avaliar mais um assassino. Já não tivera emoções e fama para o resto da vida? Fui abrir a gaveta de baixo da minha escrivaninha e peguei uma garrafa de Jameson's.

Estava vazia. Tirei a rolha e cheirei.

Depois de uma hora, fechei tudo e tomei o caminho de casa. Sabia que não havia muita coisa na geladeira, que não conseguiria encarar as cinco ou seis horas sozinho até ficar exausto o bastante para adormecer. E de repente me descobri fazendo uma volta e indo para o Stavros Diner. Kate e eu costumávamos comer nesse pequeno restaurante pelo menos uma vez por semana.

Jimmy dirigia o Stavros desde que comecei a ir lá, dez anos atrás. Naquela época eu era mais um dos jovens internos do Pearce que iam atrás de um prato rápido, salgado e engordurado, depois do plantão no turno. Jimmy estava na chapa quando me viu entrar. Enxugou as mãos na enorme toalha de mesa que usava como avental e acenou. Encarei seu gesto como profunda consideração, já que agia como se minha volta não fosse surpreendente.

Sentei-me ao balcão. De repente, sentia-me faminto.

— Ainda tem mussaca?* — perguntei.

Ele fez que não com a cabeça.

— Acabou.

— Tudo? — Relancei os olhos ao redor, notando então que o pequeno restaurante estava cheio. — Nesse caso, o que tem de bom?

— Que tal um pasticcio?** — perguntou Jimmy.

Colocou um pratinho com suas azeitonas de primeira classe diante do meu nariz. Concordei e enfiei uma azeitona na boca. Pelo gosto que senti foi a mesma coisa que estar comendo serragem.

**Mussaca — prato da cozinha grega. (N. da T.)*

***Pasticcio — prato da cozinha grega, provavelmente inspirado na cozinha italiana. (N. da T.)*

— Então, pasticcio e uns charutos de folhas de uva. E salada. E uma Sam Adams.

Três horas depois eu ainda estava lá. Há muito tempo que Jimmy fechara a porta, colocando o aviso de "FECHADO". Eu estava na terceira cerveja. Como nos velhos tempos, ele se queixava das vinte

horas de trabalho por dia e do cunhado que só aparecia para acender as luzes.

Virou-me as costas para raspar a chapa.

— É bom ver você por aqui de novo — disse.

Sacudi os ombros e tomei o resto da cerveja.

— É verdade — insistiu Jimmy, ainda de costas. — Você está sozinho. Está aqui.

Não é algo fácil de fazer. O mais difícil é voltar aos velhos hábitos.

Resmunguei alguma coisa para o meu copo vazio e ergui-me a fim de ir para casa. Ir para casa era o mais difícil dos hábitos para os quais voltar. 37

Capítulo 3

PREPAREI O DESPERTADOR para às sete e meia da manhã seguinte mas, como sempre, acordei antes das seis encontrando-me, também como sempre, dormindo do lado esquerdo da cama e deixando o lado direito intocado. Fiz café e enchi uma grande xícara pretendendo levá-la comigo para a garagem e tomá-lo enquanto pelejasse para fazer meu BMW 1967 voltar a ter aspecto de automóvel. Por mais de um ano, aquele carro vinha sendo meu companheiro silencioso, o amigo que me levava para longe de casa, para longe de mim mesmo. Devagar ele ia se transformando de pato feio em cisne. O porta-malas, os para-lamas de trás, o para- choque estavam perfeitos, encerados e imaculados. Agora eu ia começar a cuidar do para-choque dianteiro que tinha marcas de múltiplos contatos com objetos duros. Não havia dúvida de que o dono anterior era um típico motorista de Boston.

Parei a meio caminho da garagem. Algo estava errado. Voltei- me e olhei para a casa. A luz do pórtico estava acesa, como eu a deixara ao chegar. Minha mãe deveria tê-la apagado ao chegar. Ela jamais se esquecia de apagar uma luz. Fazia parte da sua religião. Tornei a subir os degraus do pórtico e toquei a campainha da casa dela. Como não a ouvi andar lá dentro, bati na porta.

— Ei, mãe! — chamei. — Você está aí?

Tentei ignorar o tom estridente de pânico na minha voz. Eu já tirava as chaves do bolso do jeans quando a porta se abriu.

Minha mãe apareceu, com os olhos sonolentos e madeixas de cabelo escapando do diáfano lenço de gaze cor-de-rosa que amarrara na cabeça. Ajeitou no peito o roupão cor-de-rosa, todos os tendões bem evidentes no dorso da sua mão. Desci o olhar até os chinelos de pêlo, cor-de-rosa, e tornei a fitar seus olhos ansiosos.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — perguntou ela.

— Você esqueceu-se de apagar a luz — acusei-a.

Seu rosto demonstrou alívio. Ela saiu para o pórtico e olhou a lâmpada, desconfiada.

— Oh, esqueci, mesmo... — Voltou-se para mim. — Oh... — Aproximou-se e encostou a mão fria no meu rosto. — Desculpe, eu não queria assustá-lo.

Fechei os olhos, exausto. Para mim, a vida se tornara uma caminhada numa saliência estreita à beira de um precipício. É muito cansativo ter que prestar atenção o tempo todo para impedir que as pessoas que você ama caiam no abismo. Eu sabia que estava sendo irracional. Isso era compreensível, previsível até. Afinal de contas, a noite anterior fora a primeira vez em anos que minha mãe chegava em casa depois de mim e, por isso, deveria ter apagado a luz do pórtico.

— Então, como foi o seu encontro? — perguntei e ela olhou- me com estranheza, — Lembra-se? O Sr. Kuppel.

— Ah, sim, o Sr. Kuppel. — Seu rosto ficou corado.

— Fomos jantar e ao cinema.

— Como foi o jantar?

— Hum... — resmungou ela.

— Tão empolgante assim? E o filme?

— Puf! — A cara dela foi a de quem tomara um gole de leite azedo.

— Que palavreado! E quanta violência!

— E o Sr. Kuppel? Ele é "hum" ou "puf?

Minha mãe pensou um pouco antes de responder. Aí, abaixou os olhos e disse:

— É boa companhia. — Sorriu com timidez. — Eu me diverti.

Parecia tão surpreendida quanto eu. Como conseguira voltar a viver quando eu ainda não podia?

Recusei o convite de mamãe para tomar café com leite e torradas. Fui trabalhar no carro. Deliberadamente, dei a mim mesmo

tempo bastante restrito para um banho de chuveiro e me vestir. Se tivesse que fazer tudo correndo, não teria tempo para pensar no que estava me metendo. Decidi desafiar o destino e ir a Bridgewater no BMW. Era o mais longe que eu me atrevera a dirigir até então e me sentia inquieto. Talvez não devesse fazê-lo. Com certeza o motor nem pegaria. Mas na primeira volta da chave o motor pegou sem uma queixa, sem um murmúrio.

O Hospital Psiquiátrico Estadual de Bridgewater fica quarenta e cinco minutos ao sul de Boston. Para chegar lá, peguei a avenida Pike, acompanhando o tráfego moroso e perguntando-me se iria morrer de calor. O aparelho de ar-condicionado estava quebrado, mas para maior segurança virei o botão retirando o ponteiro do aquecer e abri um pouco os vidros. Quando cheguei à rodovia Sul 93 e me dirigi para Bridgewater em companhia de pequeno número de outros veículos, abri-os de uma vez. A cem quilômetros por hora, meu carro parecia um garanhão de quase uma tonelada movimentando-se a passo confortável.

Saí da via expressa, passei pelo quadro perfeito que era o centro de

Bridgewater, na Nova Inglaterra (complementado por parques verdes, campanários, McDonald's, Wendy's e Burger King), atravessei bairros periféricos e cheguei ao campo. Entrei à esquerda em uma estradinha estreita e ladeada de árvores. Cerca de um quilômetro e meio depois o bosque desapareceu abruptamente dando lugar a um vasto terreno pontuado por cinco deprimentes armazéns de alvenaria rodeados por grades de ferro encimadas por arame farpado.

Segui as indicações HOSPITAL VISITANTES e estacionei.

Então, abri a porta do carro e continuei sentado, ouvindo as batidas do meu coração. Fora ali que encontrara Ralston Bridges pela primeira vez. Nada havia mudado. Cerca de malha de ferro bem chumbada, de distância em distância, a pilares de concreto, nenhuma árvore à vista, silêncio profundo e aquela sensação de que em algum lugar alguém me vigiava.

Lembrei-me das palavras de Annie: "Se ele é um assassino eu sou o coelhinho da Páscoa".

Fechei os olhos e controlei a respiração, inspiração pelo nariz, expiração pela boca, concentrando-me num ponto bem entre meus olhos no qual imaginava faixas de ar fluindo. Contei de trás para a frente,

iniciando de cinquenta. Procurei desfazer a tensão no meu pescoço, da testa, do espaço ao redor da boca. Tentei encontrar uma zona completamente pacífica, sem estresse, entre meus ombros. Quando cheguei a zero, respirei fundo e expirei com força. "Encontre o piloto automático", ordenei mentalmente enquanto abria os olhos. Peguei minha pasta, saí do carro e encaminhei-me para a porta de entrada.

Apertei o botão na pequena caixa presa ao portão de prisão do hospital.

— Doutor Peter Zak, vim para falar com Stuart Jackson — disse.

E abanei minha carteira de motorista, mencionando a carta oficial que devia ter sido passada por fax pelo escritório de advocacia do Chip. A pequena câmara de circuito interno de tevê focalizou-me. Soou um zumbido e o portão deslizou silenciosamente para um lado. Entrei numa gaiola de arame e o segundo portão abriu- se. Depois que passei e ele se fechou, uma porta de aço pouco adiante fez um clique e um guarda armado abriu-a pelo outro lado. Ele pegou minha carteira de motorista e guardou-a num bolso.

— O Sr. está bem? — perguntou-me.

Eu não esperava por isso e não achei o que responder.

— Pensamos que estivesse passando mal, ficou tanto tempo sentado no carro!

Um dos guardas estava para ir ver se precisava de algo.

Com uma olhada pela sala, vi duas câmaras de segurança discretamente colocadas no teto com lâmpadas fluorescentes.

— Estava apenas me organizando — justifiquei.

— O Sr. veio para avaliar Stuart Jackson.

Ele examinou um documento preso à sua prancheta, franziu a testa, pigarreou, pegou uma caneta de trás da orelha e desenhou um enorme sinal de conferido na página. Então, passou um detector de metal por mim.

Aquele mesmo detector de metais era irmão de um distinto adversário que uma vez me deixara à espera por meia hora, só que fazia o detector da entrada do tribunal de Cambridge parecer um brinquedinho. Enquanto o guarda procurava materiais incendiários na minha pasta, entreguei a carteira, chaves, trocados, casaco, cinta, relógio e aliança. Por fim, tirei os sapatos e saí andando apenas de meia. Fui recompensado pelo silêncio.

Quando fiquei pronto, o guarda deu-me um crachá de visitante e um bip de emergência. Segui-o até a sala de exame — um cubículo de três metros de lado pintado de amarelo brilhante, com apenas uma mesa de madeira, duas cadeiras fixas de aço e um aquecedor cor de abóbora.

O guarda deixou-me ali. Sozinho, comecei a andar pelo perímetro da sala, por fim parei num canto e olhei para a pequena mesa com tampo todo rabiscado de inscrições obscenas. Eu havia avaliado Ralston Bridges numa mesa como aquela.

Ele havia sido acusado de matar a facadas uma mulher que conhecera num bar. De acordo com o dono do estabelecimento, ela havia saído com ar de desprezo e perguntando "O que é você, afinal, um maluco?" E isso era uma das coisas que Bridges não suportava.

Estava furioso por terem me mandado avaliar sua capacidade para enfrentar o julgamento. Explicou que não precisava de mim para dizer à corte que ele não era competente porque ia dar o fora.

— Olhe-me bem — disse ele. — Quem vai acreditar que este é o rosto do porra de um assassino?

E tinha razão. Ele era o próprio escoteiro limpo e loiro, bonito de maneira muito suave.

Não é uma vergonha, perguntou-me ele, ter sido acusado de matar aquela mulher e se eu sabia que ela era mãe de uma garotinha de cinco anos que agora estava órfã? Ficava muito triste de pensar nisso. Também tinha uma filhinha. Estava presente quando ela nascera. Havia sido a experiência mais incrível da sua vida. Ao dizer isso, como a uma espécie de comando, uma única lágrima surgira no canto de um olho morto, sem emoção.

Ele era direitinho como Annie o descrevera: um sujeito perigoso. Mas não desse tipo de sujeito que merece ser declarado mentalmente incompetente para enfrentar um julgamento. Inteligente, charmoso, hiperligado nas expectativas das pessoas, podia modificar-se como um camaleão para ficar de acordo com essas expectativas. Era um verdadeiro psicopata.

No entanto, Bridges reagira com violência à ideia de defesa com base na insanidade mental. Quando a sugeri, ele rugiu "NÃO SOU LOUCO!", marcando cada palavra como se fosse um murro na mesa e observando friamente a minha reação, como se os olhos não fizessem parte do seu corpo.

— Você sabe o que significa absolvição por insanidade mental? — perguntei, tentando convencê-lo.

Mas ele não queria deixar-se convencer. Em vez disso, disse-me: — Fiz uma lista, sabia? Uma lista de todas as pessoas que me chamaram disso aí. Perguntei-lhe onde estava essa lista e ele bateu na própria cabeça com o dedo indicador. — Vou cuidar delas, talvez não do jeito certo. Mas, cedo ou tarde, vou cuidar delas. Então, é melhor você não me chamar disso.

Ele deu um sorriso repelente. Quando a minha sessão com Ralston Bridges terminou, meu nome estava incluído na lista.

Bridges não permitiu que Chip me chamasse para depor. E ficou demonstrado que tinha razão: ele não precisou de mim para dizer ao júri que era insano, um psicopata sem capacidade para ter afeto e simpatia por suas vítimas ou seus familiares, orientado apenas para satisfazer os próprios desejos. Ele não precisava da defesa com base na insanidade mental porque o júri considerou-o inocente. E Bridges foi posto em liberdade, com sua suprema auto-confiança, sua firme certeza de que podia continuar matando.

Olhei para a pequena janela encostada no teto que deixava entrar a luz do sol. Era a primeira vez que me permitia lembrar-me de Ralston Bridges, da entrevista, da calma e determinada vigilância, da lágrima solitária que era mais assustadora do que um olhar de raiva fria. As lembranças daquela entrevista tinham surgido como os pesadelos involuntários nos quais eu apertava e apertava o botão de pânico, esmurrava a porta e via a mim mesmo, através de um painel de vidro, fazendo chá na minha cozinha.

Tive um sobressalto quando Stuart Jackson entrou no cubículo; foi como um explodir de estática. Descolei-me da parede.

— Stuart Jackson? — perguntei. — Sou o doutor Peter Zak, o psicólogo que trabalha com o seu advogado. Estou aqui para entrevistá-lo e avaliar sua capacidade para enfrentar um julgamento.

Ele apertou minha mão estendida e fitou-me com intensos e negros olhos. Era um homenzinho magro e musculoso cujo rosto comum era personalizado por um bigode tipo escova de dentes.

— Você está aqui para me apertar, também? Ele fez a pergunta como um galinho garnizé muito magro, observando tudo

astuciosamente. Sentei-me e esperei. Jackson dirigiu-se para a outra cadeira e sentou-se também.

— O que quis dizer com "apertar"? — perguntei.

— Por favor, doutor, não me venha com esse ar de proteção condescendente — respondeu ele, em tom cortante. Seu joelho direito estremeceu. — Sou o único que não tem álibi, ergo, bingo! Sou o primeiro suspeito.

— Quem você acha que fez aquilo? Stuart Jackson olhou para os pés, com sapatos sem cordão. Um dos joelhos movimentou-se de novo, rapidamente, para cima e para baixo.

— Pode ter sido qualquer um deles. Sylvia fica como uma gata no cio quando está diante de homens atraentes. E eles se amontoam em cima dela como abelhas sobre o mel. — Ergueu os olhos para mim. — Como moscas sobre o vômito.

Esperou pela minha reação e eu nem pisquei.

— Fale-me sobre o relacionamento de vocês.

— É muito banal.

— Fale assim mesmo.

— Fomos namorados desde o segundo grau. — Jackson deu um sorriso torto. — Fomos, mesmo. Eu teria feito qualquer coisa por ela. Qualquer coisa. Oh, merda! — Olhou para a única lâmpada pendurada no meio do teto, depois fitou-me duramente, com os olhos avermelhados. — Eu poderia ter matado qualquer um deles com a maior facilidade. Mas nunca, nunca, teria posto sequer um dedo na minha mulher.

— Então, por que ela o acusa?

— Cristo onipotente! Pergunte a ela.

— Ela não está aqui e você, sim.

Jackson fez uma careta que pretendia ser um sorriso e sacudiu a cabeça.

— Eu acho que sempre estive ao lado dela quando precisava alguém para consertar as coisas. Por exemplo, agora precisa de um responsável pela questão dos sessenta e quatro mil dólares e, como sempre, sou eu.

— Mas você é inocente?

Os olhos de Jackson piscaram rapidamente enquanto me fitava.

— Você é um cara esperto. Suponha que sua esposa seja morta em casa. Você seria o suspeito mais provável, não é? Suas impressões digitais estariam no atiçador da lareira, nas facas da cozinha. Tudo que o matador teria que fazer seria tomar cuidado para que as evidências todas apontassem para você...

A lógica com que ele falava cortou-me a respiração. Imaginei se Jackson sabia.

Mas percebi que ele não estava observando minhas reações. Achava-se envolvido pelo que dizia e prosseguiu:

— E você sabe muito bem como agi enquanto ela não podia mover sequer um dedo por causa do choque traumático frontotemporal do cérebro.

Aquela não era a terminologia de um leigo.

— Você fala como um perito.

— Li muito a respeito. Alguém precisava ficar de olho nos médicos dela, para mantê-los honestos. E esse alguém era eu. O velho confiante. Mais uma vez, como sempre que ela precisa arrotar, ali estava eu.

— Você conhecia a vítima?

— Aquele cretino? Todo cheio de si. Para dizer a verdade, estou contente por ele ter sido morto. Evitou-me mais um problema.

— Por que acha que era um cretino? Jackson fitou-me por alguns momentos, depois desviou o olhar. Sacudiu os ombros.

— Para ele só existia sexo. Dizia que ia casar-se com ela, que podia acreditar nisso. Jurava que estava no meio de importante negócio e que ia ganhar um monte de dinheiro. Assim que o negócio fosse fechado iriam embora. E ela engoliu a conversa fiada. Jamais enxergava o que era bom para si mesma quando se tratava de homens.

Contive-me para não fazer comentários sobre a ironia do fato.

— Como você se sentia diante disso?

— Como queria que eu me sentisse, doutor? — indagou Stuart.

— Tinha vontade de pegar o atiçador da lareira e bater nele até acabar com aquele merda.

— E o fez?

— O que você acha?

Aquele sujeito estava abrindo um buraco na minha paciência.

— Escute bem, Jackson, não estou aqui para brincarmos. Vim para verificar se você é capacitado para passar por um julgamento. Está se sentindo deprimido?

— Você não estaria? — Ele inclinou-se para mim, sobre a mesa. — Estou deprimido, sim. Estou com raiva. Estar neste buraco de doidos é pior do que estar na cadeia.

— Você estava na cadeia quando tentou se matar?

Ele fez que sim e endireitou-se para trás.

— Está se sentindo um suicida, agora?

— Qual é a resposta certa?

— Não existe resposta certa.

— Apenas me ajude a entender, doutor. Se você me considerar incapaz para enfrentar o julgamento, eles vão me deixar apodrecer aqui até que meu juízo de fato acabe. Se me achar capaz, passarei longas férias atrás das grades. Não há muita escolha, há?

— Estas são as únicas opções?

— Você acha que um júri vai me considerar inocente depois que a doce Syl me apontar com seu delicado indicador? Tanto faz cometer suicídio.

Contemplei Stuart Jackson. Homem esperto. Desesperado. Claramente capaz de sentimentos apaixonados e de violenta raiva. Admirei sua coragem diante do futuro ameaçador. Imaginei: será que um homem esperto como ele deixaria para trás uma peça incriminadora de vestuário, tão escandalosa quanto um chapéu de uniforme de camuflagem, pendurado no armário do seu apartamento? Talvez, se tivesse certeza de que a vítima sobrevivente não pudesse se lembrar.

— Jackson, por acaso ocorreu-lhe que se conseguisse matar- se todos iriam ter certeza de que estaria se punindo por ter atacado sua ex-esposa? Caso encerrado, fim da investigação. Pela primeira vez desde que a entrevista começara o joelho dele parou de tremer.

Capítulo 4

SAÍ DE BRIDGEWATER e estava a meio caminho de casa, revirando sem parar a entrevista com Stuart Jackson na minha mente, quando percebi que o carro tinha chegado a mais de cento e trinta quilômetros por hora e que meus dentes estavam apertados. Diminuí a

velocidade, dei uma espiada no espelhinho retrovisor e agradeci ao santo patrono dos transgressores da lei por não ter sido multado. Não precisava de outra papeleta.

Stuart Jackson não era como eu esperara. Doía-me admitir, mas ele me parecia eu mesmo, acusado de assassinato, esperando por mim para me salvar. Grande bobagem! Stuart Jackson era uma outra pessoa, com sua própria e complicada coleção de saídas. Estava deprimido, em meio a um tremendo caos emocional.

Mas depois de ter passado pelo que passara, quem não estaria?

Por que Chip me fizera perder tempo falando com ele? Era claro que tinha competência para enfrentar o julgamento. Primeiro, dominava perfeitamente emoções e impulsos. Segundo, não era o acusado oprimido pela culpa, confuso e deprimido, por isso sairia da situação ajudando o promotor a passar o laço no próprio pescoço. Era evidente que o xis da questão, a prova de inocência ou culpa estava na cabeça de Sylvia Jackson. Ela podia, mesmo, lembrar-se do acontecido?

Esta era a chave.

Naquela tarde falei com Chip pelo telefone. Ele não ficou nada surpreso quando lhe disse que Stuart Jackson era perfeitamente capaz de passar por julgamento.

— Ele está muito bem informado sobre as condições físicas da ex-mulher — eu disse. — E tem razão numa coisa.

— O quê?

— Se Sylvia Jackson sofreu um trauma frontotemporal no cérebro devido a uma bala de revólver, não deveria conseguir lembrar-se de quem atirou nela.

— Hum — fez Chip. — Muito interessante.

Eu não farejara a ratoeira e havia sido apanhado.

— É aí que você deve concentrar seus esforços — forcei-me a falar.

— Em Sylvia Jackson?

— Em Sylvia Jackson.

— Atacando a credibilidade da vítima sobrevivente? Muito pouco ortodoxo, Peter.

O tiro pode perfeitamente sair pela culatra.

Ele sabia que eu encontrara um argumento irresistível.

— Chip, você me disse que não havia evidência direta.

— Isso mesmo.

— Nem testemunhas.

— Nenhuma.

— Portanto, tudo se baseia no testemunho dela, em suas lembranças.

— Acha que poderemos estabelecer uma dúvida razoável?

— Acho que é a saída que temos. A não ser que você esteja guardando algum trunfo na manga. — O que você precisa?

— O que quer dizer, o que eu preciso? Já lhe dei a hora que prometi e até mesmo avaliei seu cliente. Terminei.

— Diga-me a verdade, você acha, mesmo, que ele é culpado?

— Bem, eu...

Calei-me. Estava tentando não ser engolido, mas as areias movediças já haviam chegado aos meus joelhos. Tinha que admitir, Stuart Jackson não parecia um homem culpado. E eu parecia uma pobre marionete.

—Jackson é um inocente acusado pela mulher que ama. — Chip estava manejando bem os cordéis. — É uma tragédia dupla.

— Sylvia Jackson vai ser uma testemunha elusiva — comentei.

— Tem razão. E a promotoria depende dela para agir, porque Sylvia é tudo que eles têm.

— Peça ao juiz que ela seja examinada — disse eu, sem pensar.

Chip engasgou-se, depois conseguiu falar.

— Que juiz irá nos dar ordem para isso?

Aquele garoto devia receber o Prêmio da Academia. Se estivéssemos cara a cara, eu teria me levantado e esmurrado a mesa.

— É a única saída!

— Não podemos apenas pedir o testemunho de um perito em traumatismos cranianos, baseado em relatórios médicos, que diga que o choque sofrido por ela foi tão grave que não pode lembrar-se...

— Sim, claro — zombei. — Muito interessante esse negócio de teoria da memória. Garanto que vai adormecer o júri. Se você quiser utilizar peritos, pelo menos arranje um teórico da memória. E não me culpe caso fique desapontado se a teoria da memória estiver cheia de qualificativos, de inúmeros "talvez" e centenas de "mas" atravancando o caminho para o ponto em que você quer chegar. Consiga que um perito em traumas cranianos e memória possa falar com ela e submetê-la a

testes. Faça com que ele verifique o que está acontecendo com a memória dela agora, depois do trauma. Só assim você poderá ter alguma chance de salvar a pele de Jackson.

— Sabe que não há precedentes a respeito, Peter.

— Então, essa é a sua oportunidade. Crie uma.

Minha respiração ofegava. Eu estava elétrico. Do mesmo modo que ficara quando chegara em primeiro lugar numa regata.

Houve uma pausa, então Chip falou.

— Conheço apenas um perito em traumas cranianos e memória bom o bastante para colocar em ação um teste e apresentar teorias diante de um júri sem transformar Sylvia Jackson em mártir. Preciso de você, Peter.

Era aí que Chip se determinara a chegar, fazia muito tempo. A armadilha funcionara pela segunda vez. Eu era um rato excepcionalmente estúpido perdido no labirinto.

— Não estou interessado — respondi.

Mas meu coração já estava no caso. Chip não falou.

— É verdade, não estou interessado — repeti.

Como se a repetição pudesse transformar a falsa afirmativa em verdade.

— Peter, amanhã vou apresentar ao juiz uma petição para avaliarmos Sylvia Jackson. Se ele concordar, você faz a avaliação?

Engoli em seco.

— Vamos ver.

— Recebo isso como um talvez. Telefono assim que tiver uma resposta.

Capítulo 5

ALGUNS DIAS DEPOIS, eu estava na sala das enfermeiras, arrumando a papelada para a ronda matinal, quando Kwan entrou para pegar um café.

— Você está dando autógrafos? — perguntou-me.

— Claro! Quer um?

Peguei a caneta do bolso, retirei a tampa e preparei-me para escrever na manga do paletó italiano dele.

Kwan Liu abriu o jornal e indicou-me uma pequena notícia na segunda página. "A Defesa de Jackson Solicita um Perito em Memória".

Tirei o jornal das mãos dele e deixei-me cair pesadamente numa cadeira.

— Era só o que me faltava... — resmunguei.

Por sorte, o artigo era curto. Cinco centímetros em duas colunas anunciava a indicação do meu nome pela defesa. Por um pequeno milagre, não havia uma só palavra sobre o assassinato da minha mulher.

Até aquele momento eu tinha sido embalado pela boa sensação de estar de novo trabalhando com Chip e Annie, distraído e com as energias renovadas pelo desafio intelectual. Ver o fato em preto no branco fez com me sentisse esquisito.

Chip não me procurara para perguntar "Como é? O que você quis dizer com o 'talvez'? É sim ou não?" Em vez disso, como bom advogado que era, quando o juiz concordou com a avaliação de Sylvia Jackson, apenas foi em frente, como se eu tivesse concordado. E eu não o contradisse. Na verdade, sentia-me grato por ele não ter me colocado sob a lâmpada de interrogatórios - eu teria sido incapaz de abrir a boca sem deixar escapar um "sim". Mandar um press release aos jornais era o seu modo de selar o acordo.

Com certeza eu não era ingênuo o bastante para pensar que meu nome não iria aparecer nos jornais estando metido num julgamento sensacional como aquele. Invalidação. Rejeição. Mecanismos funcionando perfeitamente ajustados. Perfeição temporária. Agora eu estava dando de cara com a realidade. Chegara hora de encarar as consequências. Se Kwan sabia, todas as demais pessoas que liam o Boston Globe estavam sabendo também. Era apenas uma questão de

tempo minha mãe ler a notícia ou alguma de suas amigas telefonar contando a novidade.

Era melhor que ela ficasse sabendo por mim.

Devolvi o jornal para Kwan.

— Por favor, não saia por aí exibindo também esta notícia.

Alguns anos atrás publicaram um artigo sobre mim na seção Vivendo. Kwan o destacara com pincel-mágico vermelho, recortara e afixara no quadro de avisos da sala de reuniões. Esse artigo intitulava-se "Nosso Destemido Líder".

— Peter, tem certeza que deve fazer isso? Como eles o convenceram a concordar?

— Deixaram que eu mesmo me convencesse.

Kwan Liu avaliou-me com um olhar conhecedor.

— Muito espertos. Isso e um pouquinho de lisonja, sempre funciona.

— Bom dia, espero!

Era Gloria. Deu um profundo bocejo e arriou-se na cadeira atrás de uma das escrivaninhas.

— Será que alguém tem piedade de mim — implorou — e me traz um café?

Kwan dobrou o jornal e colocou-o embaixo do braço.

— Teve dificuldade em dormir? — perguntou.

— Dormi como uma pedra quando, por fim, consegui chegar em casa. Tive que dobrar meu horário de trabalho.

Servi uma xícara de café e entreguei a Gloria, que a envolveu com as mãos, fechou os olhos, cheirou e tomou um gole.

— Ah, agora estou melhor! — Voltou-se para Kwan. — Você contou a novidade desta noite ao Peter?

— Ia contar agora — respondeu ele. Gloria franziu a testa, olhou para mim e de novo para Kwan. Normalmente, a primeira coisa que fazíamos todas as manhãs era contar o que havia acontecido na noite anterior.

— Vá em frente — animou-a Kwan. — Por que não conta?

Gloria começou:

— Kootz resolveu bater em O’Flanagan e...

Kwan intrometeu-se: — E quebrou a cara dele, como dizem.

— Pensei que você tinha dito para eu contar — queixou-se Gloria.

Kwan ergueu as mãos num gesto de quem se rende e ao fazê-lo derrubou o jornal no chão. Gloria e eu colidimos ao nos abaixarmos para pegá-lo, mas ela chegou primeiro e continuou a falar, agitando o jornal.

— Cheguei quando as coisas já haviam se acalmado. Acho que O'Flanagan apenas estava no lugar errado, no momento errado. Sei o que parece, mas... — Ela se interrompeu. — O que você está olhando? — Fitou o jornal ainda em sua mão, depois tornou a olhar-me, inclinando a cabeça de lado. — Posso estar cansada, mas não morta. Está acontecendo alguma coisa... — Abriu o jornal. — O que é?

Indiquei a notícia e ela leu. Então tirou os óculos e franziu as sobrancelhas.

— Peter, tem certeza de que está pronto para isto?

Dei de ombros. Eu não sabia.

— Caí numa armadilha. Num momento concordei em dar- lhes uma consulta de uma hora e no outro, antes que percebesse, estava avaliando a testemunha sobrevivente.

O olhar de Gloria endureceu.

— Peter, se você caiu na armadilha foi porque quis.

Gloria tinha razão. Eu não tinha sido apanhado desprevenido. Vi a isca, dei-lhe uma boa lambida, senti o sabor, gostei e engoli o anzol. Agora estava com azia.

Suspirei.

— Preciso dar um telefonema e depois vou dar uma espiada no Sr. O'Flanagan.

Fui à sala de reuniões para telefonar. No caminho meu bip começou a tocar. Fiquei aliviado ao ver que não era minha mãe. Fosse o que fosse, quem me procurava teria que esperar até de- pois que eu falasse com ela.

Minha mãe atendeu no primeiro toque.

— Olá, meu querido! — chilreou.

Ela ainda não sabia.

— Olhe, eu queria que você soubesse primeiro por mim...

— O que quer que eu saiba primeiro por você?

— Estou pensando em trabalhar com o Departamento de Defesa Pública num novo caso.

Não parecia tão ruim colocado desse jeito. Infelizmente, era mentira. Continuei:

— Aliás, já comecei a trabalhar. Silêncio.

— Mãe? — Mais silêncio. — Você está aí?

— Claro que estou. E eis o que penso da ideia: besteira. Não ganha o suficiente trabalhando nesse instituto?

Bola fora... Ela escolhera a tática errada. Pelo menos por um momento eu pude me sentir por cima.

— Não é por dinheiro — respondi, mas minha voz fraquejou no final.

— Então, por que é?

Essa pergunta fez-me engasgar. Por que eu estava me metendo em outro caso de assassinato? Será que meu ego era tão grande e meu bom senso tão pequeno que não conseguia ver aonde isso poderia me levar? E dei a resposta que teria dado a qualquer pessoa que me fizesse essa pergunta dois anos atrás:

— Acho que é uma espécie de mitzvah1. Alguém precisa defender as pessoas que não têm dinheiro para se defender. E sou muito bom nisso.

— Pufff — bufou minha mãe.

Ela não havia engolido a desculpa. Então, passei a me defender:

— Pode pensar o que quiser, mãe, mas é a verdade. Sabe esse rapaz, o réu? Ele me lembra o tio Louie. Magro e rijo, esperto... boa pinta...

— Se ele fosse assim tão esperto... — começou ela, deteve-se, mudou de tom e de rumo. — Então, outro caso de assassinato.

— Ele é inocente, tenho certeza. — De repente, senti-me vazio.

— Quase certeza...

Ela não falou. Eu sabia que estava lá, sentada, com o rosto como que esculpido em pedra. O silêncio sempre havia sido sua melhor arma.

— De qualquer modo, mãe, eu queria que você soubesse por mim. Há uma pequena notícia a respeito no Boston de hoje, — Minha mãe gemeu. — Página quatorze, se quiser ler.

— Por favor, por favor, por favor... — Ela parecia exausta. — Por favor, tome cuidado. Eu desliguei, sentindo-me apagado. Fiquei imóvel, respirando com dificuldade, contando as inspirações e tentando reunir

energia para consultar o bip. Disquei o número que ele mostrava e uma secretária eletrônica atendeu. "Você ligou para Annie Squires..."

— Annie, é Peter Zak retornando seu telefonema. Ouvi um clique.

— Oi, Peter.

— Oi, para você também. — Estou aqui sentada, olhando uma pilha de relatórios médicos de Sylvia Jackson e interrogatórios policiais com seu nome neles.

Eu não disse nada. Não tinha certeza se podia recomeçar a ler sobre fragmentos de balas alojados no córtex cerebral.

— Posso entregá-los a você hoje — acrescentou ela —, mais tarde.

Continuei calado. Besteira, ouvi a voz da minha mãe.

— Ou prefere que os leve à sua casa, no fim do expediente?

— sugeriu Annie. — Vou sair mais tarde, hoje. De qualquer modo...

— Está bem. Você sabe onde moro — resmunguei.

Claro que ela sabia. Muitas vezes nós três havíamos revirado casos e casos na sala da minha casa.

— Tudo bem, assim está ótimo — acrescentei, para ninguém em particular.

Annie ignorou minha evidente perturbação.

— Não sei você, mas eu fiquei surpresa quando o juiz concordou em avaliarmos Sylvia Jackson. Acho que o promotor estava completamente surdo quando Chip fez o pedido. Ele nem piscou e o juiz decidiu a nosso favor. Claro, o fato é que Sherman foi atingido no ponto que dói mais: seu ego. Ele não é um cara que gosta de ser derrotado.

Eu não estava interessado em me encontrar com Monty Sherman. Em geral os promotores são ossos duros de roer e ele era um dos piores.

— Nossa secretária está marcando a data e hora para você vê-la. Será que pode telefonar-lhe e saber o que ficou marcado? 58

— Telefono, sim — respondi automaticamente.

— Então, deixo os relatórios na sua casa?

Ainda bem que eu havia avisado a minha mãe. Com seu poderoso sonar que detectava tudo que acontecia ao redor das nossas casas, ela não iria perder a chegada de Annie com a papelada relativa ao julgamento.

— Tudo bem, Peter? — perguntou Annie. — Não me parece você mesmo... Claro que eu não parecia eu mesmo. Como poderia de repente ser como meu antigo eu, agora que fazia algo que fizera regularmente antes que meu mundo desmoronasse? Se eu fosse meu próprio paciente, teria dito a mim mesmo que aquele era o primeiro degrau.

Desliguei e fui para o outro extremo da ala a fim de ver o Sr. O'Flanagan.

Descobri-me imaginando se os relatórios estariam na minha casa quando eu chegasse. A curiosidade e o interesse haviam-se aninhado junto da ansiedade que incomodava como uma bola de cabelos na boca do meu estômago. Como muitas vezes durante os últimos dias, eu estava pensando em algo diferente dos meus pacientes e do passado, o que me fazia bem.

Apressei-me para a área de uso comum, em busca do Sr. O'Flanagan. Suzanne o havia avaliado, por isso convidei-a para ir comigo. Nós o encontramos tranquilamente sentado, olhando para o nada. Parei e aproximei meu rosto do dele.

Pude ver apenas um arroxeado ao redor do olho machucado.

— Sr. O'Flanagan, soube que teve um problema esta noite.

O'Flanagan franziu a testa.

— Lembra-se do que aconteceu? — insisti.

— Aconteceu? — Ele sacudiu a cabeça. — Não aconteceu nada.

— Não se lembra como machucou o olho?

— Ah, isso — disse ele, dando de ombros. — Não é nada. Sabe, a gente tem que tomar cuidado com portas meio abertas quando anda por aí.

Justo nesse momento o Sr. Koot2 ergueu-se do sofá da parede em frente. Era um homem baixote, compacto, que lembrava um hidrante humano. Tinha um boné de beisebol enterra- do na cabeça. O’Flanagan estremeceu e encolheu-se ao ver Kootz, que murmurava, conversando animadamente consigo mesmo, e esmurrava o ar com os punhos cerrados. O homenzinho atravessou o salão com os tênis desamarrados e os cordões balançando a cada passo.

— Sabe? Aquele é um homem ruim — disse-me O’Flanagan.

— Por que diz isso?

— Por nada. Ele é ruim e pronto. Não gosto dele.

— Por que não gosta dele? — pressionei.

— Ele é ruim e pronto — repetiu O’Flanagan, esfregando distraidamente o olho machucado.

— Bem, eu acho que o Sr. deve evitar sujeitos ruins, se puder. Algum deles o pegou? O Sr. precisa de alguma coisa?

Ele fez que não com a cabeça.

Quando caminhávamos pelo corredor, perguntei a Suzanne:

— Você notou algo?

— Sim, o modo como ele ficou perturbado quando o Sr. Kootz se levantou.

Ele parece lembrar-se de alguma coisa.

— Isso — aprovei. — Está certa. É o exemplo de que existem diferentes tipos de memória. Nós nos lembramos dos fatos de um jeito, das emoções de outro. O’Flanagan perdeu os fatos. Realmente, ele não se lembra da luta, mas teve uma lembrança emocional da dor. Assim, sabe que alguma coisa aconteceu, algo que relaciona com o Sr. Kootz.

— Isso eu peguei, mas por que ele disse que bateu numa porta?

— Ele está procurando, tentando lembrar. Quando você não consegue lembrar-se de alguma coisa forma-se um vazio no seu passado e esses vazios são intoleráveis. Tendemos a preenchê-los, então o fazemos com qualquer coisa que tenha acontecido em outra ocasião. Ou inventamos algo que os preencha. O Sr. O’Flanagan não mentiu, porque não percebe que está fazendo isso. E com seu passado de alcoólatra, sem dúvida ele deve ter dado encontrões em muitas portas.

Capítulo 6

CHEGUEI DEPOIS das seis e encontrei Annie à espera, na porta da frente da minha casa. O tempo se tornara claro, e fazia um frio moderado e revigorante, como o do outono. Ela voltou-se quando dirigi o carro pela entrada da garagem e ficou olhando eu me aproximar.

— Para você — disse-me, sacudindo um gordo e grande envelope pardo.

Já estava anoitecendo e o cabelo crespo de Annie brilhava, parecendo um halo sob a luz do pórtico atrás dela.

Quando me deu o envelope seus dedos esbarraram nos meus, provocando um abafado estalido de eletricidade estática. Ela riu.

— Esta foi uma prova de se você está vivo ou apenas finge estar.

Eu sabia que era brincadeira, mas a observação atingiu o alvo.

— E, qual a conclusão?

— Você está vivo. Definitivamente vivo. Isso é bom, porque se não eu teria que denunciá-lo às autoridades.

— Pelo quê?

— Por falsificar a vida.

Fora justamente o que eu havia feito até então. Viver falsamente. Quando cheguei perto dela, Annie virou-se e seu rosto saiu da sombra para a luz. Eu nunca havia notado que tinha sardas no nariz.

— Vida falsificada, é? E poderiam prender-me por isso?

— Se você está vivendo falsamente ninguém pode prendê-lo porque por definição já está...

— Preso — completei o pensamento, — Hum, entendi.

Ficamos ali, parados, com brancas nuvenzinhas de respiração de dragão suspensas no ar entre nós.

Naquele instante a porta da casa de minha mãe abriu-se e sua pequena cabeça branca passou pelo vão.

—Petey? — o som foi como de unha arranhando um quadro-negro. — Você está com alguém?

— Eu estou com alguém? — repeti a pergunta.

— Boa noite — cumprimentou Annie.

E foi até um ponto que mamãe poderia vê-la melhor. Annie era quase trinta centímetros mais alta do que ela, que ergueu a cabeça para olhá-la.

— Acho que a conheço.

— Tem boa memória, Sra. Zak.

— Pearl.

— Sou Annie Squires. Trabalho com Peter de vez em quando. Vim aqui há uns dois anos e nos conhecemos.

— Há dois anos... — murmurou minha mãe, seu rosto escurecendo como se estivesse num funeral. — Você é do instituto?

— Peter e eu trabalhamos juntos em julgamentos.

— Eu sabia que já a tinha visto! — animou-se mamãe ao juntar dois e dois. Então, fez aquilo que sempre faz quando sorri: parece que enfia a mão dentro da própria cabeça e puxa para cima os cantos dos olhos e da boca.

— É maravilhoso vê-la novamente! — Enfiou a cabeça para dentro de casa e gritou: — É o Petey!

Um coro de vozes se manifestou:

— Oi, Petey!

Noite de jogo de buraco. Ela entrou e fechou silenciosamente a porta atrás de si.

— Petey? — perguntou Annie.

Sacudi os ombros.

— De acordo com minha mãe, esse é o meu nome. — Sopesei o envelope, erguendo-o por uma das pontas. — Parece que vou ler durante algumas horas. Olhei para a porta da minha casa. Não conseguia lembrar-me de quando fora a última vez que ficara lendo por duas horas, sozinho no meu escritório. Depois de dez minutos sempre arranjava uma desculpa para me mexer: trabalhar no carro, ir até o supermercado ou conversar com minha mãe.

Annie deu uma olhada no relógio.

— Preciso ir. Tenho um encontro em Somerville, daqui a quinze minutos. — Começou a descer os degraus, então parou. — Estarei livre mais tarde. Poderemos conversar quando você terminar de ler.

Fiquei grato por ter uma desculpa para sair.

— O que acha de nos encontrar em algum lugar? Ali pelas dez?

— Eu pretendia ir ao Johnny D's. Sabe onde é?

Não era exatamente o que eu tinha em mente. Preferia um lugar sossegado, um café. O Johnny D's era um clube noturno, provavelmente barulhento e eu iria tomar cerveja. De qualquer modo, não era o local que Kate e eu teríamos escolhido para ir.

— A gente se vê mais tarde, então — disse Annie.

Em seguida, esfregou a mão na calça, sobre a coxa, ergueu o indicador e esperou. Eu ri. Quando aproximei meu indicador do dela uma enorme faísca vibrou entre eles, com um som crepitante.

— É engraçado quando você sabe que vai acontecer — comentou ela. — Esse fenômeno elétrico em geral acontece tão rápido que não se consegue ver a faísca.

Deixei os relatórios na sala de estar e desci ao porão, onde uma pequena porta dava acesso a uma saleta com ambiente climatizado. Tive que apoiar todo meu peso na porta, até que ela se abriu com um suspiro e uma leve exalação, como quando você retira o lacre de um

copo de requeijão. Acendi a luz e respirei o ar frio e úmido. Entrei. Ninguém punha os pés ali há meses. A última vez que eu tentara tomar um pouco de vinho a dor alterara de tal maneira meu gosto que a bebida de um rico vermelho parecera água misturada com o pó que agora cobria as garrafas. Pareceu-me um enorme desperdício tomar vinho sem sentir-lhe o gosto. Então, uísque e cerveja se haviam tornado as minhas bebidas. Mas naquela noite, não sei por que motivo, sentia-me capaz de correr o risco. Escolhi um Simi Reserve Cabernet 1990.

Na cozinha, limpei cuidadosamente a garrafa com um pano de prato imaculado, abri-a e deixei o vinho respirar. Em seguida despejei um pouco num copo. Fechei os olhos e inalei profundamente. O aroma penetrante subiu-me pelo nariz e parou em algum lugar entre meus olhos. Tomei um gole. Senti uma leve acidez nos dentes. Girei o vinho no copo e tomei outro gole. Melhor. Picante na frente da boca, maduro e suavemente adocicado no fundo. Mas também parecia-me que estava olhando uma fotografia em tons de sépia. Nada de ricos púrpuras. Nem acéticos verdes. Engoli o restante do vinho, arrolhei a garrafa e coloquei-a no balcão da pia.

Em seguida, liguei a cafeteira e deixei-a passando o café.

Fui para a sala de estar, desabei numa poltrona e livrei-me dos sapatos. Mexi os dedos e notei um enorme dedão saindo por um buraco na meia que, poderia jurar, não existia naquela manhã.

Três horas depois eu ainda estava ali, rodeado por relatórios policiais e fichas hospitalares.

O relatório sobre o cenário do crime esclarecia que Sylvia Jackson fora encontrada no Cemitério de Mount Auburn, deitada de bruços, perto da torre de pedra. Havia marcas de pneus ao lado dela. Encontraram seu carro parado alguns quarteirões adiante, a meio caminho do cemitério para sua casa. A tinta vermelha do para-lama direito da frente estava raspada. O carro tinha no volante uma única e não identificada impressão digital de um dedo polegar.

Depois de Sylvia ter sido levada para o hospital a polícia foi à sua casa. Lá descobriram Tony Ruggiero morto na sala de estar. O relatório o descrevia como um homem com um metro e oitenta e cinco de altura e cento e oito quilos de peso. A ficha continha impressionantes fotografias do cadáver. Na morte, ele apresentava-se como um homem grandalhão de meia-idade, começando a criar barriga. Seus dentes estavam

apertados, a boca entreaberta e contorcida num ricto de dor. Não estava amarrado, mas havia marcas de corda nos seus pulsos. O corpo apresentava severas contusões e pequenas quantidades de sangue coagulado cobriam aparentemente inócuos e curtos cortes na parte superior das costas e do peito. Ele havia sangrado profusamente por um único ferimento à bala no estômago.

Duas facas de cozinha, uma tenaz de lareira e um suporte de latão para livros haviam sido identificados como as armas utilizadas. As impressões digitais tinham sido cuidadosamente limpas de tudo. A polícia não encontrou o revólver.

O atacante precisara de tempo. Tempo para amarrar a vítima, tempo para ir à cozinha pegar facas, tempo para ir buscar a tenaz da lareira, tempo para espancá-la, cortá-la e, por fim, atirar nela. Eu não podia imaginar um homem grandalhão como Tony Ruggiero sendo atacado e imobilizado sem deixar marcas no atacante, como aparentemente Stuart achava-se intocado no dia seguinte.

Sylvia Jackson havia sido internada no Hospital de Mount Auburn na manhã do dia 9 de março. A internação a designara como *Jane Doe*, endereço desconhecido, data de nascimento, tudo desconhecido a não ser o tipo de acidente: ferimento à bala. A descrição fez-me parar e pensar. "Mulher de vinte e cinco anos com ferimento à bala na cabeça." Vinte e cinco anos? Aquilo não me soava certo.

As fichas do hospital descreviam o ferimento dela exatamente como Stuart Jackson o descrevera para mim: um ferimento à bala frontotemporal penetrante. Ela havia sido atingida na fronte direita. O relatório esclarecia que tinham realizado uma "craniotomia bilateral com esfacelamento de osso no ferimento". Abriram a cabeça dela, aspiraram o sangue do buraco feito pela bala e retiraram os fragmentos. A Ressonância Magnética não pintara um quadro bonito. A bala atravessara o cérebro e fora alojar-se em algum lugar perto da parte de cima da orelha esquerda dela. Isso queria dizer que o projétil atingira primeiro o lobo direito frontal, depois passara pelo meio do cérebro, através da região do controle motor, provavelmente afetando os movimentos do lado direito. Provavelmente a memória também teria sido afetada.

A cirurgia havia removido fragmentos de osso, com permanência de alguns estilhaços nas áreas do cérebro que controlam as funções

executivas. Imaginei se como resultado Sylvia Jackson estaria tendo dificuldade para controlar emoções e impulsos.

A recuperação havia sido lenta e dolorosa.

Havia anotações de declarações dela, tais como "Eu quero passar quinze horas por dia na cama, mas quando consigo adormecer acordo o tempo todo. Só me sinto calma quando o sargento MacRae está por perto".

"Quem será o sargento MacRae?", perguntei a mim mesmo.

Os interrogatórios diários haviam começado pouco depois de Sylvia ter recuperado a consciência. A primeira conversa gravada dela com o investigador foi esta:

— Eu só quero saber o que aconteceu — dissera ela.

— Você quer dizer com Tony?

— Aconteceu alguma coisa com Tony?

O policial lhe contara que Tony tinha sido morto. A transcrição dizia apenas que ela chorara ao ouvir a notícia.

Resumindo o interrogatório, o investigador pedira:

— Fale-me de Stuart.

E ela explicara que Stuart era seu marido. Parecia não lembrar-se de que se havia divorciado. Comentara "Por que Stuart não veio me ver?" E o policial não lhe dissera que Stuart a visitara praticamente todos os dias nas primeiras semanas que ela ficara no hospital. Mas quando Sylvia Jackson saíra do coma a polícia já havia detido todos os suspeitos em potencial, inclusive Stuart.

No dia seguinte, continuara a gravação do interrogatório:

— Você tem um revólver?

Ela admitira que tinha. Não se lembrava de que tipo, mas era uma arma pequena. Stuart a dera de presente e a ensinara a atirar.

— Onde a guarda?

— No meu quarto, na mesinha-de-cabeceira.

— De que lado?

— Do lado dele.

— Do lado dele?

— Do lado do meu marido.

— A arma fica carregada?

— Sim.

Então, o policial procurara determinar melhor o estado dela.

— Quer saber o que lhe aconteceu?

— Quem atirou em mim? — perguntara ela.

— Não temos certeza.

Nas semanas que se haviam seguido, Sylvia Jackson se queixara de pesadelos recorrentes e começara a reconstruir seu passado, o buraco em sua memória fechando-se como qualquer outro ferimento. Lembrara-se de que ela e Stuart estavam divorciados. Lembrara-se da festa do seu aniversário, um mês atrás. A cada dia lembrava-se de outras coisas, chegando cada vez mais perto, até que começara a recordar a noite do assassinato.

— Tony e eu saímos para jantar. Fomos a um restaurante em Chinatown. Quando voltamos para casa, estacionei na entrada da garagem e entrei pela porta dos fundos.

— A porta estava trancada?

— Eu a abri com minha chave.

— Notou se havia algo estranho na casa?

— Não, nada de especial.

— Onde pegou a chave?

— Na minha bolsa.

— Existem outras chaves? Costuma deixar alguma escondida por perto da casa?

— Sim, só uma. Sob uma pedra perto da porta de trás.

— Stuart tinha alguma chave da sua casa?

— Não. Ele usava a chave que ficava embaixo da pedra quando queria entrar.

Eu pude apenas imaginar a pausa que deveria ter acontecido nesse ponto, enquanto Sylvia Jackson pensava na direção para a qual aquelas perguntas se dirigiam. Ela indagara:

— Está insinuando que Stuart fez isso?

E por mais que o investigador negasse, dizendo que apenas perguntara sobre as chaves, as indagações seguintes se concentraram em Stuart.

No meio de outro interrogatório, duas semanas depois, Sylvia Jackson rompera em lágrimas. O relatório a descrevia parada diante de uma janela, olhando para fora e chorando.

— Alguma coisa errada? — perguntara o investigador.

— Continuo tendo aquele pesadelo — respondera ela. — Tenho medo dele. — Pode me contar como é o pesadelo?

— Fico sempre vendo a mesma coisa.

— O que vê?

— Um homem. Ele dirige o meu carro. Tem um revólver.

— Você tem medo do homem?

Não havia anotação de qualquer resposta.

— Você está no carro?

— No assento de trás. Ele me fez passar para trás. E Tony...

Oh, meu Deus... Tony...

— Onde Tony está? — perguntara o policial

— No porta-malas. O homem prendeu-o no porta-malas.

— O que acontece no pesadelo?

— Faz muito frio. Eu subo numa torre e olho para fora. Vejo-me lá embaixo, caída na grama. Há alguém, um homem, no escuro.

Ele atira na minha cabeça.

— Pode ver quem é esse homem?

— Não acredito! Não pode ser.

— Não pode ser o quê?

— A pessoa que vejo. Não pode ser ele.

— Quem é?

— Acho que é Stuart.

Nos dias que se haviam seguido, Sylvia Jackson introduzira os detalhes do que agora ela se referia como uma visão. Um mês depois de ter saído do estado de coma ela afirmara que tinha certeza. Stuart cometera o crime.

Todos os relatórios de interrogatórios da polícia tinham a mesma assinatura. Investigador J. MacRae.

Duas coisas me intrigaram. Primeira, Sylvia Jackson havia sobrevivido de um trauma craniano que causaria morte à maioria das pessoas. Segunda, devido à extensão do ferimento eu jamais esperaria que ela fosse capaz de lembrar-se do que lhe acontecera um hora, um dia e até mesmo uma semana antes de ter sido ferida. Até que ponto Sylvia Jackson estava desorientada ao sair do coma? Quão suscetível a sugestões estaria então? Será que se identificara com seu interrogador como um patinho recém-nascido se identifica com a mãe?

Dei uma olhada na bagunça que estava meu escritório. Papéis e envelopes de papel manilha achavam-se jogados por todo lado. Uma xícara de café vazia equilibrava-se no largo e gorducho braço da minha poltrona Morris, estofada a couro. Reclinei-me para trás e, como sempre, fiquei maravilhado com o modo pelo qual a cadeira acomodava meu corpo maior do que o normal. Eu a comprara anos atrás, num leilão, antes que todo mundo ficasse sabendo o que era um móvel Mission e antes que os fabricantes de móveis começassem a reproduzir esses móveis como se fossem peças do modelo Ford T. Mais tarde, quando o mobiliário Mission se tornara "o máximo", eu já havia me transformado num viciado em leilões. Foi num leilão que conheci Kate. Ela estava admirando peças de cerâmica que tinham sido feitas na mesma época que os irmãos Stickley haviam inventado o estilo Mission. Mostrou-me um vaso que não tinha dinheiro bastante para arrematar. Achava-o encantador. Eu o achei deselegante e comum. Com o passar dos anos, Kate ensinou-me a sentir a textura, a admirar as sutis nuances das cores, as curvas sinuosas. E eu a ensinei a apreciar móveis com linhas retas e elegantes e como reconhecer um original. Enquanto eu recolhia a papelada e a guardava de volta nos envelopes e, depois, no envelope maior em que Annie os trouxera, percebi o quanto me envolvera no caso. Desde que começara a ler aquela papelada não havia pensado nenhuma vez em minha própria dor. Os detalhes clínicos e o tom distante dos relatórios sempre me levavam a intelectualizar sem me ligar emocionalmente com o horror do crime. Na verdade, creio que chegava a sentir um estranho prazer nisso, mais ou menos como aquele que se sente ao enfiar a língua, a todo momento, no buraco vazio onde antes existia um dente.

Capítulo 7

ÀS NOVE E MEIA, eu abria caminho para Somerville, desviando de pedestres e imaginando qual teria sido o gênio do tráfego que regulara os semáforos de maneira a ser impossível percorrer mais de três quarteirões sem deparar com sinal vermelho.

Saí do bulevar com quatro pistas, fui em ziguezague por um quarteirão e desemboquei num emaranhado de ruas que pareciam competir entre si. Logo depois a rua que eu pegara virou para a

esquerda, em seguida para a direita e estreitou-se. Enquanto dirigia, fui registrando as mudanças que marcam a passagem de Cambridge para Somerville. Típicos bares ingleses tornam-se típicos bares irlandeses. Rotisseries tornam-se açougues e vendas. De novo era possível encontrar onde estacionar.

Na primeira vez que me mudei para Boston fui morar em Somerville. Nessa época andava de bonde e o máximo que podia permitir era uma quitinete num terceiro andar, sem elevador, que dava para um beco atrás de um restaurante português. Meu apartamento vivia cheirando a linguiça, batata e gordura. Fiquei nostálgico quando passei pelo prédio onde antigamente funcionava a Steve's Sorveteria. Senti profunda vontade de tomar seu sorvete de baunilha com chocolate ralado, os dois misturados e amassados até se tornarem uma nova "coisa" que não era nem sorvete, nem chocolate, mas sim uma delícia que tinha sua própria textura. Bem que eu tentara recriar aquele efeito com sorvete de baunilha de outro local e chocolate em barra ralado amassados com martelo. Mas sempre acabava enfrentando a fila e pagando dois dólares pela habilidade artística e delícia sorveteira de Steve.

Ir ao Steve's era um vício que Kate e eu partilhávamos. Começamos a frequentá-lo desde o dia em que nos conhecemos. Tomávamos também sorvete com molho quente de chocolate, que nos parecia o único e apropriado ato final de indulgência.

Estacionei meu carro junto à guia e tranquei-o. Caminhei dois quarteirões até o Johnny D's, olhando constantemente para trás, por cima do ombro. Era um hábito do qual não conseguia livrar-me. Impossível esquecer que durante semanas Kate e eu não havíamos percebido que Ralston Bridges nos seguia cuidadosamente, planejando o ataque. Saber que eu podia ser tão facilmente seguido e espionado sem experimentar o menor mal-estar era algo que agora me perturbava muito.

Não havia nem sinal do jipe de Annie. Sentindo-me como um alienígena vestido de escuro, abri caminho entre a pequena multidão de fumantes que se amontoavam diante da porta de entrada. Na meia-luz do interior do clube, minúsculas lâmpadas de luz branca brilhavam acima do balcão do bar. Uma luminosa tela de televisão numa de suas extremidades parecia flutuar na nuvem de fumaça. No lado dos

fumantes, separado do lado dos não fumantes por um meia parede que ia mais ou menos até a altura do meu ombro, havia mesas, uma pista de dança do tamanho de um selo e um pequeno palco que se elevava acima do soalho.

O lugar estava repleto e clientes acotovelavam-se junto ao balcão em busca de uma posição que lhes permitisse observar as duas metades do salão. Acompanhei um jovem, com um anel pendurado no lábio inferior, até a mesa para dois ao fundo, de onde se via bem o palco. Um garotão de cabelo rapado dos lados, eriçado e verde-abacate no alto da cabeça verificava os microfones e um incrível emaranhado de fios. As pessoas que ocupavam a mesa ao lado da minha riam e serviam-se da cerveja de uma jarra. Não reconheci a maioria dos grupos presentes nos pôsteres que se alinhavam nas paredes. Tirei o paletó e afrouxei a gravata. Desabotoei o colarinho, os punhos e enrolei as mangas da camisa. Abri e fechei o cardápio, em seguida consultei meu relógio.

Quando olhei para a entrada Annie vinha vindo. Parou e trocou abraços e palmadinhas nas costas com uma porção daqueles seres estranhos: homens, mulheres e indeterminados.

— Algo para beber? — perguntou a garçonete de cabelos espetados assim que Annie sentou-se ao meu lado.

— Você tem cerveja Sam Adams Bock? — perguntou Annie.

A garçonete assentiu e imaginei o que ela fazia para manter os cabelos em pé daquele jeito.

— Quer uma também? — perguntou-me Annie.

— Como é essa cerveja? — É como... Nunca tomou? — Fiz que não. — Bem, é diferente. Só aparece nesta época do ano. É fabricada com os resíduos que ficam no fundo dos barris. Pegam aquela borra e a transformam numa cerveja escura, adocicada. Eu gosto.

Achei que deveria ser horrorosa, mas peguei-me dizendo:

— Parece boa. Para mim também.

— Quero também lula a dorê, batata frita e pata de caranguejo à milanesa.

A garçonete olhou-me, indagadora.

— Para mim também — pedi. Olhei para o balcão e ao ver que um dos homens que Annie cumprimentara tão efusivamente a fitava com insistência, perguntei: — Você vem sempre aqui?

Ela sorriu.

— De vez em quando. Sabe quem vem sempre, ou melhor vinha sempre? — Quem?

— Sylvia Jackson. Ela vivia neste clube o tempo todo. Às vezes sozinha, outras acompanhada. Mas raramente saía daqui sozinha. — Quer dizer que tinha muitos namorados? — indaguei.

— Acho que sim. Todos do mesmo tipo. Cabeleireiros italianos e dubles de

Arnold Schwarzenegger. Aí surgiu Stuart Jackson, um tampinha de sessenta quilos. De acordo com o tipo de homem preferido por Sylvia, não sei o que viu nele. Uma mala sem alça...

— Mala sem alça?

— É, para usar termos técnicos: um cara limitado, chato, duro de aguentar.

— Mas que a adora e é muito inteligente — comentei, enquanto nossa cerveja chegava. Annie enfiou o indicador na espuma cremosa, levou-o à boca e lambeu devagar.

— Duvido que essas duas coisas despertem o tesão de certas mulheres — disse ela.

Fiquei tentando imaginar o que despertaria o tesão de Annie Squires. Ela indicou minha cerveja, que fazia o copo suar.

— Veja o que acha. Cheirei. Melaço fermentado. O gosto era melhor. Nada suave e sim rico, denso, quase cremoso.

— Muito boa — concedi. — Interessante. — Interessante? Tomei outro gole e lambi a espuma que ficou em meu lábio.

— Mais um pouco disto e estarei pronto para tirar uma soneca — observei, bocejando.

Annie fitou por alguns instantes sua cerveja antes de dizer:

— Sei que você não gosta de falar a respeito, mas quero apenas que saiba que eu... que nós todos sentimos e que nosso trabalho mudou desde que aquilo aconteceu.

Por que as pessoas não podem deixar que as coisas fluam por si só? Qual era a questão?

— Olhe, você não tem que... — comecei.

Mas Annie estava decidida a ir até o fim.

— Então, na verdade, você não está voltando ao mesmo lugar. É um modo terrível de aprender sobre crime. Mas depois que trabalhamos

juntos, nunca mais conseguimos lidar com assassinatos do mesmo jeito, sem você.

Ela estava apenas estabelecendo um fato e seu olhar direto não espelhava piedade.

— Então, como pôde continuar? — perguntei.

— Continuou a se tratar de trabalho, do nosso trabalho. É assim que o sistema funciona. Não pense que não considerei mudar de lado. Considerei, sim. Mas isso seria ainda mais difícil. Meu coração não me acompanharia. Largar completamente o que gosto de fazer? — Ela sacudiu a cabeça. — Nunca poderei fazer isso.

— Assim, você continuou a defender pessoas que seu coração sabe que são culpadas?

— Colocado desse jeito... — Seus olhos de um cinza-claro fitaram-me diretamente. — Talvez você entenderia se soubesse porque me dediquei a essa profissão. Eu nunca lhe contei, não é? — Annie apoiou o queixo na mão e deu-me um sorriso triste. — Sei que parece engraçado, mas eu queria ser tira, como todos os homens da minha família foram. Sempre atormentei meus tios para me deixarem entrar nas suas viaturas policiais ou usar o quepe deles e seus distintivos. Meu pai não foi tira, mas só porque sofria do coração. Não passou no exame médico. Tornou-se impressor. Você sabe, tipógrafo, operador de linotipo. Trabalhava seis dias por semana e até o fim das tardes de sábado sentado diante do enorme teclado... como o de um daqueles órgãos de teatro nos filmes antigos. Sempre que eu ia visitá-lo no trabalho, ele fazia uma plaquinha com o meu nome e quando me dava ela ainda estava quente. Fiz uma enorme coleção delas. E papai sempre me dizia a mesma coisa: "Viu? Você continua nas manchetes". Ela calou-se por momentos, pensativa.

— O fato é que os patrões dele foram tão agradecidos à sua dedicação ao trabalho que quando as linotipos ficaram obsoletas trataram de despedir meu pai e todos que trabalhavam com ele. Papai era um lutador. Havia sido muito explorado e estava alerta. Participou de passeatas na primeira fila, de piquetes, deitou-se diante de caminhões tentando impedir a distribuição dos novos jornais. Foi preso várias vezes. Numa delas, quando estava na cadeia esperando que o juiz estabelecesse a fiança, foi violentamente espancado. Eles nem mesmo chamaram um médico. Quando papai foi solto, parecia um saco para

treino de boxe. Seus rins ficaram afetados e houve descolamento da retina de um olho. Ele jamais disse quem fez aquilo e eu nunca lhe perguntei. Mas creio que foram tiras. Até então, os tiras haviam feito parte da família. Foi isso que mais o arrasou. Quando entrei para a faculdade ele aposentou-se sem alarde e virou um viciado em tevê.

— E depois disso você não quis mais ser tira?

— De jeito nenhum. Prender pessoas e jogá-las numa cela perdeu todo encanto. Trabalhar como defensora pública pareceu-me a escolha lógica. Assim, você pode ver porque eu jamais iria para o outro lado trabalhar como promotora pública.

— Foi frustrante não conseguir aquele distintivo?

— Cedo ou tarde eu teria que descobrir que os tiras também são humanos. Ainda bem que fiquei sabendo disso antes de me tornar um deles.

— Ei, ei! Os seres humanos não são tão ruins!

— Não. Não são, Peter. — Ela pegou seu copo de cerveja, ergueu-o e tornou a colocá-lo na mesa sem beber. — Então, por que você não se deixa ser um deles?

— É assim tão evidente?

— Que você não está de fato aqui? Que um pedaço de você se encontra num lugar escuro? Que você não se liga realmente a nada? Não, não é assim tão evidente.

Annie fitou-me com os dentes cerrados, o queixo erguido, os lábios apertados.

Desafiadora. E tinha razão. Um lugar escuro era boa descrição do esconderijo onde eu me refugiava sempre que não estava trabalhando. Se me ligasse à realidade, correria o risco de sofrer. E eu não estava pronto para isso.

Tomei um gole de cerveja.

— Li os relatórios.

Annie suspirou.

— E?

— E acho que ela sobreviveu a uma terrível prova. Aliás, notou que num dos relatórios dizem que ela tem vinte e cinco anos? — Não, não notei, mas não posso dizer que isso me surpreende. Ela parece muito jovem e emana uma espécie de atração, algo muito forte, mesmo

agora que está tão abatida. Você vai entender o que digo no momento em que a vir.

— O quê?

— Hum... — Annie respirou fundo. — Quando estou perto dela sinto no ambiente a tensão que precede uma tempestade. Úmida. Pesada. — Annie inclinou a cabeça e olhou-me, cismadora. — Sylvia Jackson atrai os homens. — Como o mel atrai as abelhas?

— Isso aí.

— Foi o que Stuart Jackson me disse, com um luminoso sorriso. Acha que todos os homens são vulneráveis a ela?

— Bem, a maioria é.

Será que o homem presente estava excluído? Mudei de assunto:

— De qualquer modo, é evidente que ela sofreu um forte trauma craniano. Seu cérebro foi bastante atingido. De acordo com a literatura médica e a minha experiência, Sylvia Jackson não poderia lembrar-se do que lhe aconteceu.

— Não poderia? — interessou-se Annie.

— Isso. Nada sobre um cérebro abalado é cem por cento previsível. Cada trauma cerebral é único. Mas toda vez que alguém sofre um trauma cerebral que resulta em coma, existe uma correlação entre a duração do coma e a quantidade de amnésia retrógrada.

A garçonete trouxe o nosso pedido.

— Obrigada — disse Annie a ela. E a mim, pediu: — Fale língua de gente, por favor.

Minha tendência é abusar de terminologia científica quando fico nervoso e não gosto de admitir que estava me sentindo meio fora de esquadro. Mastiguei uma lula a dorê.

— Está bem — anuí. — Amnésia retrógrada significa que a pessoa atingida se esquece das coisas que aconteceram antes do trauma. Quanto mais tempo ficar inconsciente, mais esquece. O que se precisa avaliar é a quantidade de trauma que o tipo de ferimento sofrido pode causar. Veja, o cérebro em si é uma massa gelatinosa rodeada por fluido e contida numa forte concha de osso. Em primeiro lugar, há o estrago feito pelo trajeto da bala. Em seguida, pense no que resulta, em termos de choque, o rompimento do crânio. A pressão sobre o crânio causa avaria no cérebro. E toda vez que se sofre uma injúria cerebral que provoca inconsciência perde-se a memória dos acontecimentos que

a precederam imediatamente. Sylvia Jackson ficou em coma por um mês e meio, seis semanas...

Houve um silêncio que nenhum de nós dois apressou-se a preencher.

— Há algo a respeito de um tal de sargento MacRae em um dos relatórios — comentei. — Algo que ela disse... que ele a fazia sentir-se segura.

— Creio que Sylvia se referia ao investigador sargento Joseph MacRae. Mac é um dos que a interrogaram. Ele estava no hospital quando ela voltou a si.

— Você o conhece? — perguntei.

— Conheço uma porção de tiras — respondeu Annie, evitando encarar-me. —

Mac e eu fomos colegas de escola. Colégio Somerville. Formandos de 1982. O pai dele era policial. Sangue azul-escuro...

Famílias conhecidas...

— Suas famílias eram amigas?

— Houve uma época em que fomos muito ligados aos MacRae.

Tive a nítida impressão de que havia bem mais do que Annie estava dizendo. — Tem visto MacRae ultimamente? — perguntei.

— Agora que você perguntou, eu o vi outro dia, quando fui buscar Sylvia Jackson para um exame médico. Pensei que ele estivesse por lá oficialmente...

Annie fez uma pausa e eu soube que nós dois estávamos pensando por que o investigador sargento Joseph MacRae estava sempre por perto de Sylvia Jackson.

A costumeira investigação policial já devia ter acabado há tempo.

— Sylvia Jackson tem "aquela coisa"... É como...

— Um furacão? — perguntei.

— Como uma tempestade tropical — sussurrou Annie. Depois, séria: — Como você lidaria com uma coisa assim?

— Assim, como?

— Alguém que é tão... sexualmente carregada. E isso. O tempo todo. Você sabe, é como haver um elefante numa sala e ninguém fala nele. Como evitar ser atraído?

Eu sorri. Era o tipo da pergunta a respeito de algo sobre o que todo mundo é curioso, mas que poucos têm coragem de fazer. E era o

que Annie estava fazendo: perguntas.

— Acho melhor irmos por partes — decidiu ela. — E assim: a gente não consegue ignorar, a coisa está ali e a gente reconhece que está. Digamos que você se sinta atraído por uma paciente, conseguirá algo que possa destacar e analisar. Ai, você diz, "Está bem, há um diálogo emocional se desenvolvendo, ao mesmo tempo que existe uma troca verbal e física". Parte dessa troca vem da paciente, mas a outra parte está vindo do seu íntimo. Você não se exclui e começa a ficar hipersensível e, em vez de reagir, passa a processar as próprias reações.

— Você sabe muito bem ir por partes!

— É, sou perita nisso. — Annie fitava-me atenta, avaliando- me. — Acho que é uma boa habilidade.

Certo, pensei. Desde que não se torne um hábito.

Soaram aplausos quando um homem da minha idade subiu ao palco. Tentei imaginar onde arranjava coragem para andar por aí com aquele jeans justíssimo, a camiseta detonada e o casaco de couro com franjas. Ele conferenciou brevemente com o guitarrista, deu uma sopradinha na gaita, emitindo as primeiras notas da música, contou um, dois, três e o rock explodiu.

Só voltamos a falar quando fizeram um intervalo na música.

— O que mais a impressionou nos relatórios policiais? — perguntei.

— Que os maus-tratos tenham sido tão prolongados e brutais — respondeu Annie.

— Fato que sugere a ideia de que o assassino conhecia Tony e não gostava dele. Mas por que matá-lo dentro da casa e levá-lo para o cemitério antes de atirar nela? Isso faz pensar que tudo foi planejado.

— Todas as armas estavam bem ali, na casa, à espera de serem usadas.

— A polícia não encontrou o revólver — observei, — Acha que eles usaram o de Sylvia?

— "Eles"? — Annie olhou-me, surpreendida. — O que o fez dizer "eles"?

Eu falara sem nem sequer perceber que estava pensando naquilo.

— Talvez tenha sido por achar mais fácil imaginar o que aconteceu incluindo um cúmplice.

— E por que Sylvia Jackson acusaria Stuart se não foi ele?

— Coloque-se na situação dela. Você acorda num hospital, seriamente machucada, emocionalmente arrasada e não consegue lembrar-se do que aconteceu. As enfermeiras e os enfermeiros, as autoridades, como o simpático policial, são como âncoras num mar de confusão... e querem que você se lembre. Fazem uma sugestão aqui, outra ali. Como aquilo aconteceu? Teria sido assim? Bem, é mais do que natural que você comece a aceitar as sugestões deles, construindo algo plausível onde antes havia um vazio. Não de modo deliberado, mas inconscientemente, você começa a ajustar peças soltas a partir das beiradas do vazio no seu cérebro. Ou talvez não... — Sacudi os ombros. — Costuma acontecer isto com a memória. É algo muito individual. Você não consegue saber o que de fato aconteceu.

Quando nos levantamos para sair, parei olhando para os casais que se meneavam, ao som de lento, emocionante blues.

— Peter — murmurou Annie, de pé ao meu lado, de costas para o interior do clube —, está vendo aquele sujeito de pé junto à extremidade do balcão? O de cabelos vermelhos, com camisa tipo safari?

Olhei por cima do ombro dela.

— Estou vendo, sim — respondi.

O ruivo ao qual ela se referia parecia um fuzileiro naval. Altura média, ombros largos e fortes, cabelo à escovinha, sua forma lembrava um triângulo. Mantinha-se ereto. Ele e os companheiros assistiam os que se afobavam nos jogos eletrônicos. Uma loira alta, de jeans, estava a seu lado e uma das mãos dele descansava casualmente em seu traseiro.

Annie segurou o meu dedo que apontou sem querer. Tarde demais. Um dos amigos dele notou meu gesto e cochichou ao seu ouvido, indicando-me.

— Merda! — desabafei quando o ruivo me olhou, — Acho que ele me viu.

Troquei de posição com Annie e levei-a para a pista de dança, mantendo-me de costas para o bar.

— Quem é ele? — perguntei.

— É o investigador que está sempre no hospital, xeretando ao redor de Sylvia Jackson.

Tentei não olhar de novo para o portador do nome Joseph MacRae, o manipulador de Sylvia Jackson. Os demais casais na pista estavam colados uns aos outros. Segurar Annie longe de mim e arrastar os pés no ritmo da música ia me tornar ainda mais evidente. Puxei-a para perto. Havia muito tempo que eu abraçara uma mulher, que dançara. Era tão fácil dançar com Kate! Conhecíamos um o corpo do outro, nossos ritmos. Nossos contornos se ajustavam como peças de quebra-cabeça. Fechei os olhos e procurei lembrar, mas a lembrança fugia cada vez que parecia que eu ia alcançá-la. Annie era mais alta e movimentava- se com seu próprio senso do ritmo da música. Parecia ouvir uma batida a mais, um compasso oculto e acabou induzindo-me a ele. Relaxei e deixei que o ritmo acrescido de mais aquele compasso marcado pelo baixo acústico se insinuasse em meus quadris, subisse pela minha espinha e se espalhasse por meus ombros e o pescoço. Annie aninhou a cabeça em meu peito e aspirei fundo. Ela tinha um odor semelhante ao do melão recém-cortado.

De volta para casa, as ruas desertas pareciam-me voar para cima. Cheguei em casa e apaguei a luz do pórtico. Alguns momentos depois soaram à minha porta as batidas enérgicas e rápidas da minha mãe. Abri.

Ela estava no pórtico às escuras, com seu roupão cor-de-rosa, Olhando-me com ar desafiador.

— Não quero entrar, mas não vou conseguir dormir se não lhe disser uma coisa.

— Oi, mãe. Tem certeza que não quer entrar e tomar um café descafeinado? Ou chá? Tenho aqueles petit-fours do Carberry, de que você gosta tanto.

— Os chapeuzinhos de Napoleão?

Mamãe inclinou-se para a frente enquanto falava, como se fosse puxada por magnéticos cordões invisíveis. 84

— Vai entrar? — coloquei-me de lado.

Ela fez que não, com firmeza.

— Só quero dizer que estou contente por você ter me dito que está trabalhando num caso e que não é da minha conta dizer se deve

fazê-lo ou não. Desde pequeno você sempre fez o que acha pequeno. É o que eu queria dizer.

— Se eu explicar...

— Não precisa explicar nada. Sou sua mãe, não sua proprietária ou carcereira.

Por isso, não se desculpe. Não estou me queixando. — Ela ergueu-se nas pontas dos pés. — Combinado?

Como eu poderia recusar essa proposta?

— Combinado.

Abracei-a e me senti como se houvesse sido absolvido. Ela segurou-me à distância exata do comprimento de seus braços.

— Cheiro de cigarro... — Farejou. — Cerveja. — Então, inclinou-se mais para mim e farejou de novo. — Melancia? — Sacudiu a cabeça e bocejou. — Agora vou poder dormir.

Capítulo 8

UMA SEMANA DEPOIS eu estava a caminho para fazer a avaliação de Sylvia Jackson. A consulta fora marcada para as dez horas. Às nove eu já circulava ao redor do complexo do hospital, um enorme edifício de granito com três alas, aninhado no ângulo interno do cotovelo formado pelo encontro de duas vias expressas. A Grande Escavação — uma maciça e federalmente apoiada tentativa de endireitar as verdadeiras picadas de vacas que eles chamavam de ruas — transformara o hospital numa espécie de fortaleza rodeada por um fosso. A rua de acesso normal se tornara de uma só mão e as quadras ao redor se haviam transformado em arenas com andaimes e equipamentos para movimentar a terra.

Praguejando contra os sempre muito bem-educados motoristas bostonianos que me cortavam o caminho, agarrei-me ao volante e, através do para-brisa molhado pela chuva, tentei enxergar em que lugar os poderes haviam escondido a entrada temporária para a garagem de estacionamento. Boston tem uma estranha filosofia sobre placas de orientação: se você não sabe onde está, não pertence ao lugar.

A garagem, é claro, estava lotada. Meus pneus cantavam cada vez que eu precisava fazer uma curva que voltava para a mesma direção de onde eu viera e subir para o piso seguinte, apenas para encontrar os

veículos quase encostados uns nos outros, de parede a parede. Passei de entrada em entrada com o sinal de lotado chegando à conclusão a que todos os moradores da cidade já haviam chegado: é mais fácil fazer um safari nas estepes da África do que encontrar um lugar num estacionamento. Em meio a uma reação de desespero, deixei meu Beemer num espaço do último andar do estacionamento, junto ao teto, no qual havia uma inscrição que avisava "Manutenção/Reservado". Era isso ou me espremer no fim de uma fila onde correria o risco de ficar bloqueado.

Ali pelas nove e meia eu atravessava um frágil caminho de tábuas que levava à entrada do prédio. Devia estar parecendo um refugiado, carregando enormes volumes: dois portfólios de couro com material para testes pendurados um em cada ombro, uma enorme bolsa com o logotipo de uma loja de shopping center estufada com pastas e caixas, uma sacola de papel do Dunkin' Donuts que aos poucos ia se tornando úmida e marrom pelo café que caíra dentro dela. Cheguei ao edifício com os braços doendo e quando passei pela porta giratória a sacola voou e o copo de café explodiu no chão, manchando as pernas da minha calça e misturando-se com o barro nos meus sapatos.

— Era só o que faltava! — resmunguei, para ninguém em especial.

Entrei no saguão assustador, olhando para trás a fim de ver o copo vazio rolar quando a porta giratória o empurrou para dentro, depois para fora, para dentro de novo. Suspirei e aproximei-me do balcão circular de granito atrás do qual funcionava a recepção. A atendente moreninha estava ao telefone. Coloquei meus pertences sobre o balcão, clareei a garganta rumorosamente e esperei, contando as argolinhas enfiadas na orelha esquerda dela. Cheguei ao doze antes que se voltasse para mim.

— Vim ver uma paciente, Sylvia Jackson — informei-a. — Pode me dizer em que quarto ela está?

Com o telefone ainda grudado no ouvido, ela cacarejou:

— Não é hora de visita. Volte às onze horas.

Interrompi o giro que ela iniciou, para ficar de costas para mim novamente.

— Sou o doutor Peter Zak e vim para examiná-la.

Sem parecer ter ouvido o que eu dissera, ela digitou algo no teclado do computador, depois transmitiu:

— Doze, sétimo, oeste.

Fui até o banheiro dos homens para limpar a lama e o café dos meus sapatos e calças. Depois dirigi-me ao elevador. Saí no sétimo andar, entrei pelo corredor da ala oeste e parei na sala de enfermagem.

Duas enfermeiras achavam-se de pé junto ao balcão, olhando-me enquanto eu me aproximava. Sorri, esperando apenas um sorriso em retribuição. Um dia, talvez...

- Sou o doutor Peter Zak. Tenho consulta marcada às dez horas para avaliar Sylvia Jackson. Preciso do prontuário dela, primeiro.

Deixei que minha voz desse uma inflexão em "primeiro", como se estivesse perguntando.

A mais alta, com o incrível nome Lovely no crachá pendurado no peito, mudou de posição de modo a bloquear a passagem entre uma extremidade do balcão e a parede. Um tornado não teria mexido um só fio de seu verdadeiro capacete loiro.

— Suponho que o Sr. tenha uma permissão — disse, com as mãos na cintura.

Entrei na sala de enfermagem, soltei a bagagem no chão, enxuguei o suor da testa e gemi. Nada dava certo naquele dia. Tirei o paletó e coloquei-o deliberadamente nas costas de uma cadeira, soltei a gravata e aproximei-me dela.

— Tudo quanto sei é que os advogados marcaram essa consulta.

Ela permaneceu impassível.

— Preciso da permissão.

— Olhe aqui, tenho consulta marcada com a Sra. Jackson, exigida pelo tribunal. Acredite, eu não teria trazido toda essa tralha comigo se não fosse uma coisa certa.

— Preciso ver a autorização. Não sou eu que mando aqui, entende? Não faço as regras.

— Muito bem, por que não pergunta ao responsável? — Calei-me e contei os buracos num dos ladrilhos do teto. — Meu tempo está sendo pago pela comunidade. Eu posso esperar.

Sentei-me com o que esperava ser uma atitude de infinita paciência.

Relutante, a enfermeira Lovely, mas que nada tinha de adorável como seu nome indicava, desgrudou-se do balcão e foi para o telefone. Dava para perceber que estava decidindo qual seria seu próximo movimento. Depois de alguns segundos, sentou-se, esticou a mão para um complicado aparelho telefônico sobre a mesa e digitou quatro números. Esperou, de cenho franzido.

Fiquei olhando para o relógio na parede até que os ponteiros das horas e dos minutos marcaram dez para as dez. Olhei gulosamente para a cafeteira, apenas visível por trás do vidro da porta que dava para um compartimento nos fundos da sala de enfermagem. Quando tornei a olhar para a mesa, os olhos da enfermeira Lovely me fuzilaram. Ela desviou o olhar rapidamente, disse algo ao telefone de novo e digitou mais uma porção de números. Alguém deve ter atendido em seguida porque ela falou, só que cobrindo parte de seu rosto e o bocal do telefone com a mão. Pelo jeito não gostou do que lhe disseram, pois bateu o telefone ao desligar.

Fiquei pensando na animosidade que a enfermeira Lovely irradiava. Em geral, as enfermeiras protegem seus pacientes, principalmente os que precisam de cuidados a longo prazo, como Sylvia Jackson. No entanto, ela me pareceu exagerada. Se eu pudesse, talvez a mataria com bondade.

Aproximei-me do balcão, dando um dos meus mais encantadores sorrisos.

— Tudo certo? — perguntei.

— Fique à vontade — resmungou ela.

— Obrigado.

Primeiro, procurei entre os boletins de medicação que estavam numa caixa de metal até encontrar o de Sylvia Jackson. Precisava saber se ela estava tomando algum medicamento que pudesse afetar os resultados dos testes. Os medicamentos receitados eram apenas baixas doses de antidepressivo e algo fraco para dores. Sem problemas. Se ela estivesse sob efeito de sedativos os resultados do teste cognitivo seriam mascarados.

Quando inclinei-me para ler, percebi que os olhos da enfermeira Lovely abriam buracos no alto da minha cabeça. Ela recuou quando me coloquei à sua frente para pegar, numa prateleira de metal, o mapa do desenvolvimento do estado e o prontuário da paciente.

— Tudo bem se eu me sentar aqui por alguns minutos? — perguntei, levando a pasta para uma das mesas.

A enfermeira Lovely fez um quase imperceptível sinal com a cabeça.

Examinei o mapa procurando pelas anotações mais recentes de cada divisão de tratamento. Sylvia Jackson fazia progresso no caminhar e estava falando melhor. Várias vezes a fisioterapeuta havia notado "descontroles episódicos". Dava para compreender porque ela sentia-se frustrada e era facilmente irritável. Na certa era capaz de lembrar-se exatamente como é estar com o corpo funcionando perfeitamente. O ferimento a deixara longe desse estado.

Devolvi o mapa ao seu lugar e Lovely levou-me a uma sala de reuniões do outro lado do hall. Ali, tirei dos portfólios meus cadernos de apontamentos e material para testes. Enquanto esperava pela chegada de Sylvia Jackson, fiquei pensando no progresso gradual que ela fazia em sua recuperação. Sobrepostas a uma lenta subida, a uma contínua melhora, havia ondas senoidais, picos de reações emocionais. O trauma cerebral que afetara a memória e as funções executivas de Sylvia podia ser responsável pelo seu lento progresso na recuperação e pela falta de controle emocional. Até mesmo um cérebro que não sofrera traumatismo poderia ser afetado pela provação que ela passara. Imaginei-a como uma patética inválida em cadeira de rodas, anulada pela depressão, esmagada pela frustração.

Não ouvi a cadeira de rodas entrando na sala de reuniões. Não ouvi o leve ranger dos freios sendo acionados. Ergui a cabeça quando uma voz suave, sussurrante, rompeu o silêncio, a princípio como uma profunda inspiração, seguida por palavras.

— Olá, você deve ser o doutor Zap.

Estendeu a mão esquerda e fui até ela para apertar-lhe a direita, — Doutor Zak — corrigi. — Prazer em conhecê-la.

Ela nada tinha de patético. Usava um gorro sobre os negros e brilhantes cabelos com uma espessa franja que chegava até as sobrancelhas; os olhos eram escuros, sombreados por cílios longos. Estava de jeans e uma blusa xadrez, de mangas compridas, justa apenas o bastante para insinuar a elevação dos seios e a cintura fina. Os lábios generosos, cor de caqui maduro, iluminavam com um sorriso no rosto sem sequer uma ruga.

Apertei-lhe a mão e quis retirar a minha, porém ela segurou-a enquanto se recostava de novo na cadeira e me observou, com a cabeça levemente inclinada de lado. Olheiras escuras rodeavam- lhe os olhos e a pele de seu rosto era pálida, translúcida.

Ela respirou fundo de novo e murmurou:

— Doutor.

Por fim, largou minha mão. A espécie de previsão críptica de Annie "Você vai entender o que digo no momento em que a vir", pareceu flutuar ao meu encontro em uma onda de ar cálido e tropical.

— Desculpe meu atraso, Sra. Jackson — falei.

— Por favor, me chame de Syl — pediu ela, avaliando-me com o olhar

Nesse momento senti uma pontada na consciência. Sylvia Jackson era uma dolorosa combinação de mulher madura e criança vulnerável e não havia qualquer indício de com qual das duas eu estava lidando.

— Podemos começar, Syl?

— Hã-hã — ronronou ela. Olhou interessada para o material de testes que eu colocara na mesa e comentou: — Já fiz uma porção de testes. Creio que não vamos repetir nenhum deles, hoje.

Deu-me um olhar rápido, de esguelha. Depois de aspirar fundo e de uma pausa, acrescentou:

— Foi um bocado aborrecido.

Aspirou o ar de novo antes de voltar a falar, como se precisasse tirar a própria voz de balões de oxigênio.

— Hoje em dia faço tudo mais devagar do que fazia antes.

Ocorreu-me então que a inclinação da sua cabeça e o ângulo do qual me avaliava friamente poderiam não ser intencionais. A espécie de dano cerebral que ela sofrera talvez fosse a causa daquele comportamento estranho. Poderiam não ser intencionais o inclinar a cabeça de lado e a aspiração prolongada de ar que me fazia ficar em suspenso, esperando por suas palavras. Damos como garantido que respirar e falar são a mesma coisa, porém depois de uma avaria cerebral podem funcionar como um par de mecanismos que trabalham separadamente. Qualquer pessoa que seja obrigada a concentrar-se por algum tempo no simples ato de respirar irá cansar-se logo. Tomei nota mental para não me esquecer desse detalhe.

Levei minha cadeira para uma das extremidades da mesa para que Sylvia pudesse chegar mais perto. Mudei a arrumação do material e procurei o primeiro teste entre os papéis.

Ela acionou o freio da cadeira depois de colocá-la no lugar certo e olhou-me, expectante. Inclinou o corpo para mim, apoiou a mão numa das minhas coxas e respirou fundo.

— Estarei pronta quando você estiver. — Apertou minha perna. — Escute aqui, você dá uma impressão errada...

Foi como se eletricidade percorresse minha espinha e senti um aperto nos testículos. "É apenas o sistema nervoso entrando em ação", disse a mim mesmo.

— Não é um levantador de pesos — observou ela —, parece ser...

Levantei-me para ir à janela e abrir mais a cortina a fim de termos mais luz, que não precisávamos. Aquela mulher não podia controlar a impressão que causava às pessoas. Sentei-me de novo, desta vez a uma distância segura.

— Você é halterofilista? — insistiu. — Faz levantamento de peso?

Normalmente eu teria desencorajado aquela atitude. Trocar informações pessoais está exatamente além do limite essencial do relacionamento terapêutico. Eu precisava da cooperação dela para realizar meu trabalho de modo eficiente. O teste poderia prolongar-se por quatro ou cinco horas. Sorri e sacudi a cabeça.

— Corre maratonas? — tentou ela, de novo.

— Deus me livre!

— Tenho certeza de que faz algum exercício pesado... — pressionou Syl. — Me dê uma dica.

— Pratico canoagem.

— Jamais pensei que psiquiatras fossem atletas. Remar... não é isso que costumam fazer em Harvard? Tive um namorado que me levava passear na beira do rio. Ficávamos lá até o crepúsculo, olhando os estudantes remarem. — Ela arqueou as costas e ronronou. — Era tão romântico! E onde você rema? No rio Charles?

— Estou nele todas as manhãs, às seis horas, chova ou faça sol.

— Uma obsessão?

O comentário dela deixou-me momentaneamente sem fala. Havia se tornado uma obsessão. Eu me orgulhava de ser opaco, de nada

demonstrar quando é preciso. Era fácil subestimar Sylvia Jackson.

— Apenas gosto de remar — respondi, seco. Peguei o formulário de entrevista e coloquei-o entre nós. — Pronta? — indaguei.

— Vá em frente — respondeu ela.

A porta da sala de reuniões abriu-se e a enfermeira Lovely entrou, trazendo uma pequena cuba de metal inoxidável com fileiras de copos com água e colunas de copinhos de plástico com medicamentos.

— O quê? — comecei.

— Desculpe interromper — cortou-me Lovely —, mas está na hora do remédio. O copinho que ela entregou a Sylvia lembrava um cestinho de Páscoa em miniatura cheio de pequenos ovos coloridos. Deu-lhe também água e uns tapinhas amigáveis no ombro.

— Oh, Carolyn, de novo? — queixou-se Sylvia. — Parece que tomei remédios agora mesmo! — Olhou para o copinho, para mim e de novo para a enfermeira Lovely. Então, deu um sorriso dissimulado. — Já conhece o doutor...

— Zak — apressei-me a preencher o branco.

A enfermeira fez que sim.

— Ele tem as coxas muito musculosas!

— Tem, é?

Lovely ergueu uma sobrancelha na minha direção, com um olhar azedo. Será que o cabelo empastado de laquê era verdadeiro? Nem mesmo um martelo de jogar croquê estragaria aquela plástica perfeição.

— Sabe a turma da faculdade que rema no rio Charles? E o que ele faz, todas as manhãs, de madrugada!

— Lembra-se? — A enfermeira Lovely deu umas pancadinhas em sua prancheta.

— Pílulas. Depois pode voltar aos testes. É o que veio fazer aqui, não, doutor? Testes?

Devagar e deliberadamente Syl tomou três pequenas pílulas brancas. Engasgou quando tentou engolir um comprimido vermelho, grande, tomou mais um gole de água e, por fim, conseguiu. Respirou fundo e olhou para as duas cápsulas verdes, um comprimido amarelo e a cápsula cor-de-rosa, em forma de torpedo, que era a última.

— Não tenha pressa — disse a enfermeira Lovely, esperando com paciência.

As duas verdes foram-se garganta abaixo. Em seguida o comprimido amarelo. Quando Syl terminou de engolir a cápsula restante, Lovely anotou algo no papel da prancheta, voltou e saiu da sala pisando duro. Mas antes lançou-me um olhar mortífero.

Iniciei os testes com as perguntas padrão de pessoa, local e data. Syl sabia quem era, onde estava, mas pensava que ainda estávamos em agosto. Normal. A rotina do hospital se mantém de um dia para outro e quase todos os pacientes perdem a noção do tempo.

Quando lhe disse que estava muito atrasada, ela sacudiu os ombros.

— Acho que não presto muita atenção no calendário. Parei de ler jornais e não suporto os noticiários da tevê.

Mais uma vez eu não me surpreendia. As pessoas que sofrem traumatismo

físico severo procuram manter o ambiente que as rodeia o mais neutro possível, E uma saudável forma de autoproteção, desde que a situação não se prolongue demais. Isso parecia muito apropriado para Syl, apenas seis meses depois do quase bem sucedido atentado contra sua vida.

Esperei que a pergunta seguinte fosse mais produtiva.

— Pode me contar tudo que se lembra? O que aconteceu?

Houve uma pausa, em seguida a profunda inspiração de ar que precedia as palavras.

— Lembro-me de Stuart me telefonando naquela noite... ali pelas oito... Ele queria ir lá em casa, mas eu disse que não.

Ela falava devagar, uma palavra se prolongando até a seguinte. Escrevi o que disse e esperei que continuasse.

— ... principalmente porque eu estava com alguém. — Syl calou-se por um instante e acomodou-se na cadeira de rodas. — Então, Stuart chegou... Não, Stuart estava na cama comigo...

Continuei escrevendo.

— Não. Tony é que estava na cama comigo. A coisa seguinte de que me lembro é do barulho do motor do carro de Stuart. O carro dele tem um ruído particular.

Syl fez outra pausa. Verifiquei minhas anotações, enquanto ela ficava olhando para as mãos soltas sobre o colo. Lentamente, como se as palavras tivessem múltiplas sílabas, disse:

— Levei um tiro.

Senti meu coração saltar de ansiedade e tive impressão de que gotículas de suor brotavam na minha testa, junto às raízes dos cabelos. Concentrei-me em respirar com ritmo, para dentro e para fora. "Vamos por partes", disse a mim mesmo.

— Ele estava com uma roupa de guerrilha, dessas de camuflagem — prosseguiu ela. — Disse a Tony que enfiasse uma fronha na cabeça, apertou-a ao redor do pescoço dele com um cinto. Depois juntou as mãos dele à frente do corpo e prendeu-as com um cinto, também. Mandou que Tony descesse a escada e ele obedeceu.

De novo Sylvia se interrompeu. Continuava olhando para as mãos no colo. Se bem que uma delas estivesse cerrada com força, sua voz pouco se alterara. Contava uma história que revolvera na mente uma porção de vezes, que havia contado e recontado tanto que perdera o poder de emocioná-la.

Ergueu a cabeça devagar, sustentou meu olhar e falou calmamente, com aquela voz sussurrante, tão baixa que precisei inclinar-me para ouvir.

— Tony rolou escada abaixo... ele... ele caiu. Stuart deu-lhe tempo para levantar-se e mandou que nós dois fôssemos para a sala de estar. — Fez uma longa pausa, então acrescentou: — Aí, bateu no Tony com a tenaz da lareira. Acho que eu estava assustada demais para fazer qualquer coisa. Stuart mandou-me ir para a garagem e entrar no carro. Eu dirigi. Ou... Sim, dirigi. Fomos em direção ao cemitério. Havia uma torre no cemitério... Entramos nela. Fazia muito frio lá. Então, ele atirou em mim.

— Ele atirou em você na torre?

— Não... — Sylvia pareceu confusa. — Na grama. Eu estava fora do carro, de pé na grama. Foi ali que ele atirou em mim. Lembro-me de ouvir o disparo do revólver. — Calou-se, suspirou, esfregou a testa e olhou-me com ar interrogador. — Isso é ruim? — ofegou. — Coloca Stuart em má situação?

Ela o descrevera como um homem violento, que batera no seu namorado com uma tenaz até matá-lo e a levara para ser morta no cemitério. E perguntava se aquilo o colocava em má situação? Com certeza não o tornava merecedor do Prêmio Nobel da Paz.

— Do que você se lembrou assim que acordou? — perguntei.

Esta resposta, como as demais, veio vagarosamente, depois de uma pausa e muitas inspirações profundas.

— Pensei em por que Stuart não tinha vindo me ver. Então, me lembrei. Ele era como uma lembrança dupla.

Pensei nas diferenças entre esta história e a que o sargento MacRae tinha anotado em seus relatórios. O que acontecera com a parte em que Stuart colocara Tony no porta-malas? Anotei mentalmente para verificar os relatórios policiais em busca de outras inconsistências e lembrei a mim mesmo que se a história de Sylvia Jackson se modificara não significava necessariamente que estava mentindo. Quando se sofre um ferimento na cabeça fica-se com a memória confusa; as lembranças do passado misturam-se com informações novas e com fantasias.

Torna-se impossível dizer onde termina a realidade e começa a imaginação.

Uma coisa era absolutamente clara para mim: Sylvia Jackson acreditava no que dizia. E parecia plausível. Afinal de contas, Stuart fazia parte da história e sabe-se que às vezes maridos matam as esposas. Fora com isto que Ralston Bridges contara. Será que o atacante de Sylvia Jackson fizera a mesma coisa, criando uma cuidadosa trilha de evidências que apontavam para um marido ciumento e obsessivo?

Seria muito melhor para Sylvia Jackson e muito mais fácil para todos se o júri considerasse Stuart Jackson culpado. Haveria alguém para execrar, alguém para prender e condenar. Então, o mundo de Sylvia poderia tornar-se benigno de novo. Caso ficasse provado que ele não era o assassino, quem pagaria por aquele pesadelo? Se tivesse aparecido na casa da ex-esposa naquela noite para uma de suas frequentes visitas. Se pelo menos tivesse chegado em tempo poderia tê-la salvo. Teria salvo a si mesmo. Neste caso, é claro, ele poderia voltar a ser livre como antes. Só que, coisa que eu sabia muito bem, nunca mais sua vida iria ser como antes.

"Nada de ir por aí!", adverti a mim mesmo. Peguei a grande pasta preta e coloquei-a sobre a mesa. Obriguei-me a prestar atenção na pergunta principal: Sylvia Jackson era mesmo capaz de lembrar-se do que acontecera antes de levar o tiro? Improvável. A não ser que eu fizesse o tempo recuar e me tornasse uma mosca na parede, não havia como ter certeza. O máximo que poderia fazer era determinar de que

modo agora, seis meses depois, ela podia lembrar-se de algo que apenas vira.

— Vou mostrar-lhe algumas figuras — expliquei à Sylvia. — Quero que olhe atentamente cada uma delas durante cinco segundos. As figuras são muito semelhantes. Se você notar alguma diferença entre a figura que vê e alguma que já viu diga "pare" e indique-me a diferença. Vamos fazer umas duas vezes, para praticar.

Peguei meu cronômetro e Syl aproximou mais a cadeira de rodas da mesa. Ela estava tensa.

Abri um livro e apareceu uma figura colorida que mostrava uma árvore de Natal; liguei o cronômetro. Depois de cinco segundos, virei a página mostrando a figura seguinte. O anjo do topo da árvore havia desaparecido. Syl não se manifestou.

Esperei mais cinco segundos e tornei a virar a página. Desta vez não havia mudança. Lembrei-a: — Diga "pare" se notar alguma diferença.

Mais cinco segundos. Mudei de página. Os presentes ao pé da árvore haviam desaparecido. Esperei o tempo convencional e passei para a página seguinte.

— Você está virando depressa demais! — queixou-se Syl.

— Sei que parece depressa demais, porém procure prestar a máxima atenção e faça o melhor que puder.

Virei. Desta vez não havia diferença.

— Pare — murmurou Syl.

Peguei uma folha de papel em branco e cobri a figura. Ela olhou-me, confusa.

— Tenho que... — começou a protestar.

— Lembre-se, estamos apenas praticando para que você tenha ideia de como o teste funciona — expliquei. — Você disse "pare". Notou alguma diferença?

Ela fez que sim com a cabeça, muito devagar, e disse com aquele jeito ofegante:

— Havia presentes embaixo da árvore e eles desapareceram.

— Muito bem. Então, é assim que funciona.

Fechei o livro e coloquei os cartões de teste sobre a mesa. A seguir, mostrei a ela uma série de figuras de uma paisagem com uma casa em primeiro plano. Nas cinquenta figuras havia dezoito mudanças.

O sol desaparecia. A porta da frente. A chaminé e assim por diante. A maioria das pessoas percebia cerca de quatorze mudanças. Sylvia percebeu três.

A segunda série de figuras mostrava um caubói e um índio lutando. Tema esse nada politicamente correto, mas o teste fora desenvolvido nos anos cinquenta do século passado. Repeti as explicações e disparei o cronometro. Syl olhou-me nervosamente e agarrou com força os braços da cadeira de rodas. Então, voltou a atenção para a primeira figura.

Mudei-a. O lenço desaparecera do pescoço do caubói. Syl ficou olhando a figura sem nada dizer.

Figura seguinte. Nenhuma mudança. Ela permaneceu calada e imóvel. Surgiram rugas na testa lisa quando mudei para a figura seguinte em que, novamente, não havia mudança. Esperei. Syl agitou-se.

Mudei a figura. A pena desaparecera da cabeça do índio. Outra vez ela não falou.

Mudei de novo.

— Pare! — gritou Syl.

Cobri a figura. Ela ficou olhando para o papel em branco e respirou fundo antes de falar.

— Desapareceu a pena do índio.

Olhou-me com ansiedade e eu assenti, encorajando-a. Ela deu um sorriso luminoso e passou a mão no cabelo. Em seguida, tornou a fixar-se nas figuras.

A seguinte era idêntica à anterior. Syl começou a dizer alguma coisa, mas apenas clareou a garganta.

Troquei a figura. Nenhuma mudança. Pausa.

Troquei de novo. Sem mudança. Pausa.

Troquei outra vez. Os punhos erguidos do caubói haviam desaparecido.

Ela murmurou: — Pare!

Esperei enquanto Sylvia permanecia imóvel, as sobrancelhas franzidas. Depois olhou do papel em branco para meu rosto, à procura de alguma dica.

— A árvore desapareceu — disse, afinal, suspirando.

Os tendões do seu pescoço relaxaram.

Anotei a resposta. Havia uma árvore na série da casa, mas não na do caubói.

Procurando manter o rosto impassível, eu disse:

— Você vai indo bem.

Mudei a figura. Sem alteração. Syl não falou, apenas assumiu outra posição na cadeira.

Mudei de novo. Um rifle que estava no chão havia desaparecido. Ela segurava-se no assento da cadeira de rodas como se fosse ser ejetada a qualquer momento.

Não falou.

Três figuras depois de terem desaparecido os mourões da cerca, ela disse.

— O celeiro.

— O celeiro — repeti, para ter certeza de que ouvira bem.

Ela fez um aceno seco de cabeça.

— Desapareceu.

Tomei nota da resposta e imaginei de onde Syl tirara aquilo. Não havia nenhum celeiro nas figuras que eu lhe mostrara.

Quando olhou para a última figura — o caubói e o índio agora estavam de cabeça nua, sem armas e com os braços abaixados — bateram de leve na porta atrás de mim. Syl ergueu os olhos, que se arregalaram e recuou o corpo em clara demonstração de terror. Saltei em pé, empurrando a cadeira para trás e me posicionando entre Sylvia Jackson e o perigo que ela vira, fosse ele qual fosse. Então, quase que imediatamente, o medo desapareceu do seu rosto que assumiu expressão de contentamento.

Voltei-me a tempo de ver a porta abrir-se. O homem que apavorara Syl através das faixas verticais de vidro da porta reapareceu.

— Angel! — exclamou ela, feliz em vê-lo.

Pele morena, cabelos negros, lisos, penteados para trás e grudados na cabeça, Angel parecia um modelo Armani. Tinha olhar velado e sonolento. Era grandalhão, se bem que não muito alto. Os músculos rijos dos ombros largos sobressaíam sob a camisa amarela pólo.

— Você está bem, garota? Alguma coisa errada?

Syl levou a mão ao peito.

— Só me assustei ao ver seu rosto por trás do vidro, mais nada.

Ela estendeu-lhe a mão. Ele deu a volta por nós dois e parou atrás de Sylvia, as enormes mãos possessivamente em seus ombros, os dedos morenos rodeando suavemente o pescoço branco, esguio.

Ao virar a cabeça para olhá-lo, Syl encostando-a no volume sob a calça de Angel.

— Angel, este é o doutor Zip.

Eu estava suando frio, efeito do fluxo de adrenalina que fora derramado na minha corrente sanguínea. Era uma reação exagerada, é claro, porém nada de novo depois que um trauma abre precedentes. Sensações semelhantes podem levar você a reagir sem pensar. Refletir a respeito, conscienciosamente, colocando- me na segunda pessoa, ajudou-me a ver o fato como ele era.

Enxuguei as palmas das mãos na calça.

— Doutor Peter Zak — esclareci.

Ele estendeu-me a mão vigorosa, enquanto Syl me dava um sorriso tímido.

— Angelo é da família.

— Você é parente do... — comecei a perguntar para o recém-chegado.

Angelo pareceu desconfortável e Sylvia foi quem respondeu:

— Tony era tio dele.

— Sinto muito — declarei, sem saber mais o que dizer. — Estou avaliando a Sra. Jackson. Trabalho para o defensor público.

— Será que não podem deixá-la em paz? — explodiu o rapaz. — Primeiro aquele tira, agora você. Está avaliando o quê?

— A memória da Sra. Jackson.

Ele olhou-me por instantes, pensativo, os polegares alisando a nuca de Syl.

— Você é amigo do ex-marido dela? — perguntou-me.

— Não. Preciso ser imparcial. Qualquer conexão com o réu, a vítima ou a família além desta ligação profissional com a Sra. Jackson iria sugerir conflito de interesses.

Angelo pareceu intrigado e achei que estava por fazer-me mais uma pergunta quando Syl esticou os braços e bocejou.

— Cansada, garota? — perguntou Angelo.

Ela sorriu languidamente e ajeitou-se na cadeira.

— Poderei voltar amanhã para terminarmos, se preferir — propus.

Angelo deu a volta e ajoelhou-se diante de Syl. Segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a gentilmente na testa.

— Você está abatida...

Ela apoiou cansadamente o rosto na palma da mão dele e fechou os olhos.

— Sem problema. Amanhã, então — determinei.

Estava contente por ter uma desculpa para encerrar a sessão. Os hormônios do dilema lutar-ou-fugir haviam desaparecido e o cansaço me dominava.

Juntei o material para testes e fui para a saleta da enfermagem. Um homem vestindo terno marrom, largo, de costas para mim, achava-se encostado no balcão de atendimento e conversava com a enfermeira Lovely, que estava empoleirada num banquinho meio alto, o queixo charmosamente apoiado nas costas das mãos, rindo de algo que o cavalheiro dissera. Quando me viu, todo o prazer desapareceu de seu rosto e ela ficou ruborizada. Retirou as mãos de cima do balcão e endireitou o corpo. Eu fingi não notar e passei por ela a fim de ir guardar o prontuário de Sylvia Jackson.

— Ei, doutor! — chamou-me Angelo, que vinha trotando pelo corredor. — Espere um segundo.

Voltei-me e esperei.

— Então, como vai Sylvia?

— Não posso responder a isso porque não sei. Deve perguntar ao médico que cuida dela.

— Ora vamos, doutor! Como está a memória dela? Sacudi os ombros e ele continuou:

— Escute aqui, ela vai para casa dentro de poucos dias. Saber de alguma coisa que possa fazer para ajudá-la a sair dessa seria muito bom, entende?

— Não sou a pessoa certa para você perguntar isso.

— Ela se lembra, doutor. Lembra-se de tudo que lhe aconteceu. O Sr. sabe que ela se lembra, não é? Irritado, eu repeti:

— Não posso responder a isso porque não sei. Ferimentos na cabeça têm resultados imprevisíveis. Nunca se sabe do que a pessoa vai lembrar-se.

Minha voz ecoou nas paredes do hospital. Olhei ao redor e vi que tanto as enfermeiras quanto o homem de terno marrom me observavam.

— O que quer dizer com imprevisíveis? — insistiu Angelo.

Ele me lembrava um buldogue que tive quando era criança. Duro como um tijolo, física e mentalmente; era impossível fazê-lo abrir a boca quando mordia qualquer coisa. Abaixei a voz.

— Tive um paciente que entrou com seu carro na traseira de um caminhão. Ele foi ejetado contra o teto solar fechado. Não se lembrava de estar no carro no momento do acidente. Não soube dizer nem sequer para onde ia. Mas lembrava-se do número da placa do caminhão em que bateu. Ferimentos na cabeça têm resultados imprevisíveis. Eu vivo me surpreendendo com isso.

Deixei Angelo com a boca aberta, acenei com os dedos para Lovely e fui pegar o elevador.

O homem de marrom devia ter me seguido porque um momento depois inseriu-se entre mim e a porta do elevador fechada, o rosto a pouco mais de cinco centímetros do meu. Definitivamente, aquele não era o meu dia. Ele remexeu nos bolsos da calça, pôs um distintivo dourado diante dos meus olhos e sua voz ribombou:

— Fiquei sabendo que esteve aborrecendo a Sra. Jackson.

Nesse momento eu o reconheci: os cabelos concorriam em cor com as orelhas vermelhas. Imaginei se o sargento MacRae também teria me reconhecido. Estava escuro no Johnny D's e eu ficara de costas para ele.

— Aborrecendo? Eu poderia lhe dizer a mesma coisa. Pensei que as legítimas investigações policiais já estivessem encerradas.

MacRae me fuzilou com o olhar e enterrou o grosso indicador no meu peito.

— Por que eles deixam que uma pessoa como você venha aqui bagunçar a recuperação dela?

— Não estou bagunçando a recuperação dela e nem aborrecendo-a. — respondi, resistindo ao impulso de cutucá-lo de volta ou quebrar-lhe a cara. — De qualquer modo, o que você tem a ver com isso?

— Apenas veja bem onde pisa. Ela já sofreu bastante para um charlatão vir causar-lhe mais tristeza.

O elevador chegou. As portas deslizaram, abrindo-se, e as pessoas que estavam lá dentro deram com largas costas cobertas por um terno marrom fechando-lhes a saída.

— Pode deixar, Mac.

Ele quase saltou.

— Como é? Diverti-me um bocado com a reação dele.

— É assim que o chamam, não é, sargento investigador MacRae? O tira ficou me olhando com frieza.

— E eu sei como o chamam, doutor Zak.

Então, devagar, deliberadamente começou a mover-se para a frente. Eu poderia permanecer imóvel ou sair de lado. Saí de lado.

Antes de entrar no elevador, voltei-me. MacRae começou a andar pelo corredor, na direção do quarto de Sylvia Jackson. A enfermeira Lovely o observava. Então, seus olhos encontraram os meus por um momento, antes que ela conseguisse disfarçar a expressão de angústia.

Capítulo 9

O DIA SEGUINTE começou auspiciosamente. Fui o primeiro a chegar ao abrigo de barcos antes de todos e deslizava sozinho pelo rio quando o sol começou a elevar-se no horizonte que exibia tons de rosas e dourados, por trás dos vidros cor de água-marinha da Torre Hancock. Os raios de sol acenderam reflexos de fogo nas janelas de um dos andares do Edifício Green, em seguida nos demais até todas as vidraças ficarem em chamas e pude imaginar o refulgir da cúpula que lembrava um disco-voador.

O único barulho era o dos remos mergulhando na água, o rio parecia um espelho e a única marca na superfície era a que minha canoa ia deixando para trás. Cada mergulho dos remos fazia dois furos na água, de cada lado da linha prateada. Remei com rapidez até que a proa ultrapassasse os furos antes que os remos mergulhassem de novo. Barco, corpo, mente tornaram-se uma coisa só enquanto eu remava mais e mais depressa, o casco deslizando com maior rapidez, a água oferecendo cada vez menos resistência.

A calma beirando o Zen e a força com que o sangue se deslocava nas veias permaneceram por bastante tempo depois que eu já tinha tomado banho de chuveiro e me vestido. Conduzi o carro entre o

tráfego matinal e não havia nenhum olhar flamejante tipo Lovely à minha espera na sala de enfermagem.

Encontrei Sylvia Jackson no quarto dela, com uma bandeja sobre os braços da cadeira de rodas, tomando o café-da-manhã. Ela ergueu o rosto e não deu qualquer sinal de reconhecer-me. Respirou fundo e forçou as palavras para fora:

— Está procurando alguém?

O investigador MacRae achava-se refestelado em uma poltrona estofada de plástico, os pés apoiados na beira da cama. Trocara o amarrotado terno marrom por um azul-marinho. Olhou-me, franziu as sobrancelhas numa carranca, pegou o jornal que estava em cima da cama e abriu-o diante do rosto.

— Sra. Jackson? Sou o doutor Zak e voltei, conforme prometi.

A luz se fez.

— Oh, que coisa! — disse ela, ajeitando os cabelos. — Claro.

Consultei meu relógio:

— Desculpe interromper...

— Eu já estava terminando — apressou-se a dizer Sylvia.

Mac resmungou algo ininteligível.

Ela entregou-me a bandeja e coloquei-a junto aos pés da cama.

— Pode me dar um minuto? — pediu Sylvia.

Dirigiu a cadeira de rodas para o banheiro privativo e fechou a porta.

MacRae dobrou o jornal e jogou-o em cima da cama. Sacudiu a cabeça.

— Quer saber de uma coisa, daqui a pouco eles vão fichar as pessoas que forem assaltadas!

— Olhe aqui, sargento, você tem seu trabalho, eu tenho o meu. A vida de um homem está em jogo.

Ele se pôs de pé devagar, encheu o peito a ponto de seu queixo se tornar duplo e enfiou os polegares no cinto.

— Aquele lixo humano! — Ele pareceu cuspir as palavras. — Merece tudo que vai lhe acontecer. E mais ainda.

Assim dizendo, saiu do quarto. Será que ele tinha visto muitos canalhas escaparem livres depois de cometer crimes? Revivi a raiva que sentira dos advogados que haviam defendido o assassino da minha mulher e a minha fúria contra o carrancudo psicólogo cuja avaliação

trouxera à tona problemas de Ralston Bridges devidos a abusos sofridos quando criança. Aí, lembrei-me do tira que chegara naquela noite para me investigar. Como MacRae, ele não fizera segredo do que provavelmente já existia na sua cabeça e fora reforçado durante os cursos na Academia de Polícia e pela experiência — nove vezes em dez o assassino é o marido.

Syl voltou com um copinho de papel, com pregas verticais, plástico no colo.

— Desculpe, preciso de mais um minuto. Esqueci de tomar meus remédios.

— Não é a enfermeira que os traz?

— Acho que sim... — Ela ficou perplexa por instantes, com a testa franzida. — Ah, sim! Eu estava ao telefone quando ela veio. Sabe, há um relacionamento de amizade entre Carolyn e eu. Devia ter tomado os remédios e esqueci.

Um a um, Syl colocou cada pílula, comprimido e cada cápsula, na língua, tomou um gole de água e engoliu-os deliberadamente. O verso de uma canção popular veio-me à cabeça: "Há um verde, um cor-de-rosa, um azul, um amarelo..." Só que em vez dos confeitos tic-tac, aquelas drágeas de chocolate recobertas por açúcar colorido, agora as caixinhas continham uma infinidade de medicamentos tipo sossega-leão que haviam tornado obsoletos os tratamentos psiquiátricos falados e as camisas-de-força. Parece que hoje em dia há mais tranquilizantes ainda. Tomei nota mentalmente de verificar os boletins de medicação de Syl para ver se haviam acrescentado algum remédio.

Quando íamos saindo do quarto a cadeira de rodas prendeu-se numa grande bolsa de ginástica verde que estava meio escondida embaixo da cama. Syl empurrou a cadeira para a frente e para trás, a fim de livrar a roda.

— Ele vive deixando essa porcaria aqui!

— O sargento MacRae? — perguntei.

— Não, Angelo. Diz que é a marca registrada da família. Genético. Tony também era assim... — a voz de Sylvia quebrou-se. Então, pigarreou, respirou fundo e falou cuidadosamente: — Ele era igualzinho, sempre deixava suas coisas...

Ela parou de falar, como se não soubesse o que ia dizer.

— Tem sido duro, não é? — perguntei. A resposta foi um gesto de cabeça, como se Syl não confiasse em si para falar. Em seguida fitou-me e perguntou:

— Você compreende, não é?

De novo aquela esquisita intuição. Arranquei a bolsa debaixo da roda e empurrei a cadeira até a sala de reuniões. Tomei o cuidado de me sentar no ângulo certo e fora do alcance do braço dela. Naquele dia íamos fazer o Teste de Rorschach, porém eu jamais começava por ele porque abre um orifício de observação diretamente no íntimo emocional do paciente. Em geral começo com algo mais neutro, como fiz naquele dia, começando com perguntas de um teste de inteligência.

Como esperava, Sylvia Jackson teve boa pontuação no teste de conhecimentos gerais. De que lado o sol nascia? Em que continente fica o Deserto de Gobi? Se você for de Nova York para o Rio de Janeiro, em que direção estará se deslocando? Ela sabia as respostas. Suas lembranças antigas estavam intactas.

Mas depois de cada pergunta havia um longo espaço de silêncio enquanto Syl pensava, escolhia as palavras e por fim tentava coordenar a respiração com a voz para falar. De vez em quando esquecia a pergunta antes de concatenar a resposta. E se eu tentava passar para a pergunta seguinte enquanto ainda estava pensando, ela ficava perturbada e confusa. O teste que era feito normalmente em quinze minutos precisou de quase meia hora para terminar.

Quando terminamos, peguei o maço de cartões com borrões de tinta que deixara na mesa com os desenhos virados para baixo. Aprendera a esperar surpresas com aquele teste e estava interessado em ver as reações de Sylvia.

— Alguma vez você ficou sentada na areia da praia olhando para as nuvens? — perguntei, como preâmbulo, e ela fez que sim. — Alguma vez viu nuvens que lhe lembraram formas conhecidas?

Ela mexeu-se na cadeira, como se procurasse acomodar-se melhor. Eu não tinha reparado em como Sylvia estava pálida. As linhas escuras das veias, como longas e estreitas cicatrizes, percorriam-lhe o pescoço e desapareciam sob a camiseta com decote em V. Bati o maço de cartões sobre a mesa para ajeitá-los e dei uma rápida olhada para ver se estavam na ordem correta.

— Bem, vou mostrar-lhe algumas manchas de tinta e quero que me diga o que elas parecem, o que poderiam ser. É muito parecido com isso de observar nuvens. Não existem respostas certas ou erradas; pessoas diferentes veem coisas diferentes. Está pronta?

Syl respirava depressa e quando assentiu, o gesto foi mais um arrepio do que um aceno de cabeça. Suas mãos agarravam-se aos braços da cadeira. Peguei o primeiro cartão, virei-o e segurei-o com uma das mãos, tendo o cronometro na outra. O cartão estava o bastante perto para que Sylvia o tirasse de mim.

Mas ela não o fez. Passou de leve o dorso da mão pela testa e olhou distraidamente pelo quarto.

— Doutor — murmurou...

Então, inclinou-se e pegou minha mão, em vez do cartão. Seus dedos estavam gelados. Seu rosto tinha a cor do pergaminho e os lábios tinham uma coloração azulada. Respirava rápido demais e falou com esforço:

— Estou... esquisita... com... frio...

Inspirou de leve e sua cabeça descaiu. Em seguida, ergueu-a e fitou-me com olhar desfocado. Estremeceu violentamente antes que seus olhos se revirassem e perdeu os sentidos.

— Sra. Jackson? — gritei, sacudindo-a pelos ombros. — Socorro!

Eu gritava alto, mas ninguém me ouviu através da porta fechada. Olhei ao redor. Apertei o botão de emergência, depois corri para a porta, abri e voei para a saleta de enfermagem.

— Ela desmaiou! — gritei, desejando que fosse isso mesmo.

Lovely apareceu do nada e passou correndo por mim lançando-me um olhar tipo o-que-você-fez-com-ela-agora? O Código Azul mal havia sido anunciado pelos alto-falantes quando um médico e outra enfermeira materializaram-se, um no alto da escada, outra à porta de um quarto.

MacRae emergiu do banheiro masculino. Nós dois ficamos no corredor, diante da porta aberta da sala de reuniões, olhando e ouvindo palavras soltas do grupo que se inclinava sobre Sylvia Jackson agora estendida sobre a mesa.

— A pressão está caindo.

— Quando ela tomou medicamentos pela última vez?

E, finalmente: — Lavagem gástrica!

—Merda, merda, merda! — rosnei em voz baixa.

Não aguentava aquela sensação de inutilidade, sabendo que algo terrível estava acontecendo e me sentindo incapaz de agir, de ajudar, de prevenir.

— Aborrecido por isso estar atrapalhando o seu trabalho? — ironizou MacRae.

Voltei-me para ele:

— Seu filho da puta idiota!

Ia me atirar em cima dele, mas nesse momento uma enfermeira saiu do quarto e passou correndo entre nós. Voltou um instante depois trazendo um tubo de borracha e uma seringa enorme. A interrupção deu-me o tempo necessário para me dominar. Fui até uma janela e fiquei olhando o rio lá fora. Fez-se silêncio enquanto eles trabalhavam.

Um enfermeiro chegou com uma maca. Momentos depois ele saiu, agora com o vulto frágil de Sylvia estendido na maca e uma enfermeira trotando ao lado, carregando na mão erguida o frasco de soro.

MacRae voltou-se para mim e praticamente latiu: — Não saia daqui.

Enquanto ele corria até a saleta de enfermagem para telefonar, fiz um gesto vulgar na sua direção.

Sozinho, voltei para a sala de reuniões, deserta a essa altura. Meu caderno de anotações e os cartões do Teste de Rorschach estavam espalhados pelo chão. A cadeira de rodas de Sylvia Jackson parecia desamparada, empurrada para um canto. Abaixei-me para pegar minhas coisas e cobri a boca com a mão. O enjoativo e adocicado cheiro de vômito pairava na sala.

Saí para o corredor e fiquei caminhando de um lado para outro. Parei junto a um bebedouro com água gelada e resolvi tomar um pouco. Ao levar o copo de plástico à boca vi que minha mão tremia.

Sentei-me no solário e repassei os sintomas enquanto esperava: queda de pressão, palidez, baixa de temperatura, respiração acelerada. Quase um milhão de drogas pode causar esses sintomas e eu vira Sylvia tomar vários medicamentos. De onde eles teriam vindo? Será que haviam sido deixados pela enfermeira enquanto ela estava ao telefone? Se sim, quando?

Não tive que esperar por muito tempo, até que MacRae apareceu.

— Ela está na UTI. Vai ficar bem.

Fiquei calado e ele prosseguiu, truculento: — É bom alguém permanecer perto dela, senão... — Pegou um caderninho de anotações e passou a escrever. — Deu algum medicamento a ela, doutor?

Dessa vez ele não se mostrava hostil. Estava precisando de mim. Tive vontade de arrancar-lhe o caderninho da mão, rasgá-lo e enfiá-lo pela garganta dele abaixo. Em vez disso, contei até cinco e disse:

— Não sou médico dela. Não é meu trabalho prescrever ou administrar remédios. Mas vi Sylvia Jackson tomar alguns.

— A caneta de MacRae parou no ar e eu continuei: — Quando ela saiu do banheiro trazia um copinho cheio de pílulas. Disse que se esquecera de tomá-las.

— Pílulas? Quantas?

— Muitas. Em geral ela toma meia dúzia, mais ou menos.

O tira rabiscou algo no caderninho.

— Disse que a viu tomar os remédios?

— Fui quem lhe deu água.

Tornei a ver Syl saindo do banheiro na cadeira de rodas, o copinho com medicamentos coloridos balançando em seu colo.

— Gostaria de saber onde o copinho foi parar — acrescentei.

— Espere aqui — latiu MacRae.

Saiu quase correndo. Talvez ele não fosse completamente idiota, afinal. Procurei lembrar-me. Ela o colocara na mesinha-de-cabeceira? Será que o jogara no cesto?

O policial voltou um minuto depois, de mãos vazias.

— Tem certeza sobre esse tal copinho?

Assenti.

— Absoluta certeza. Era desses branquinhos, com preguinhas verticais.

— De papel — disse ele, anotando a informação.

— Isso, de papel.

— Alguém mais a viu tomar os remédios?

Fiz que não com a cabeça.

— Havia alguém por perto?

— Ninguém, a não ser você.

Ele ignorou a observação.

— Dependendo do que acontecer, talvez tenhamos que chamá-lo para interrogatório. — Fechou o caderninho, tirou um cartão de visitas e estendeu-o para mim. — Caso se lembre de alguma coisa, doutor Zak, telefone-me...

Olhei para o cartão.

— Por favor — continuou ele.

Peguei o cartão e guardei-o num bolso.

Quando cheguei no Pearce, liguei para Chip.

— Sylvia Jackson teve um mal-estar hoje de manhã, quando eu lhe aplicava testes. Está internada na UTI.

— O Departamento de Promotoria nos telefonou, criticando- nos nem sei por quê.

Annie foi ao hospital obter informações. Tem alguma ideia do que aconteceu?

— Ela tomou uns remédios que encontrou no banheiro do seu quarto.

— Encontrou?

— Disse que a enfermeira deixara lá para que os tomasse. Realmente, não é o tipo de procedimento usado nos hospitais, mas pode acontecer. Também é possível que lhe tenham dado remédios errados. Ocorre de vez em quando, principalmente com o uso de enfermeiras temporárias que está em voga hoje em dia; elas se revezam e não distinguem um paciente do outro.

— Parece suspeito.

— E há outra coisa esquisita: quando o investigador foi ao quarto de Sylvia Jackson buscar o copinho, não o encontrou. — Lembrei-me de como MacRae estava zangado. — Claro, ela pode tê-lo jogado no lixo ao passar pelo corredor ou na sala de reuniões. Pode também tê-lo enfiado num bolso... Talvez ele tenha ficado na cadeira de rodas. Não me lembrei de verificar.

— Peter, esses remédios podem matar uma pessoa?

— Os que Sylvia toma regularmente? Acredito que não. Mas uma dose dupla pode fazer alguém ficar muito mal. Eles analisaram o conteúdo estomacal ou fizeram um exame de sangue em busca de substâncias tóxicas?

— Annie está verificando isso. Ela disse que passará por aí amanhã, ali pelas oito horas, para contar-lhe o que descobrir. — Bom, pelo menos temos certeza de uma coisa... — comentei. — O quê? — Se alguém tentou matar Sylvia Jackson, não foi Stuart.

Capítulo 10

O DESPERTADOR SOOU às seis da manhã seguinte. Durante a noite apareceu um friozinho anunciador do inverno e acordei todo encolhido, enrolado na colcha. Ainda estava escuro e mesmo antes de amanhecer eu poderia jurar que nuvens encobriam o céu e que manteriam o dia num perpétuo crepúsculo.

Meu humor combinava com o tempo. Eu queria era dormir até não poder mais. Creio que cochilei, pois a próxima coisa de que tive consciência é que já passava das seis e meia. Com suprema força de vontade, saí debaixo das cobertas, tirei o short e a camiseta, vesti um abrigo, enfiei os pés nos tênis e saí de casa. Estava no meio do quarteirão quando me dei conta de que esquecera de pegar roupas e já era muito tarde para voltar.

A corrida à margem do rio e as rajadas de vento gelado contribuíram para eu acordar direito. O Charles exibia um cinza gorduroso e pequenas ondas com crista espumosa encrespavam-lhe a superfície. Abri a porta do escuro abrigo de barco de madeira, que cheirava a mofo. Já estava cheio de muitos outros relutantes remadores da madrugada, de barba crescida e que ainda não tinham tomado o café-da-manhã. Todos só pensavam numa coisa: pôr o barco na água. Cumprimentos civilizados e conversa ficavam para depois. Desci um lance de escada, os velhos degraus com manchas escuras e desgastados no meio. Ao nível da água, vi-me rodeado por canoas de corrida brancas, algumas de um verde ou um azul claro, todos os cascos muito lisos. Estavam empilhadas em prateleiras em dois do galpão e penduradas no teto, por roldanas. Um enorme retângulo cinza destacava-se lá adiante, onde o portão duplo abria-se para o rio.

Peguei meus remos e coloquei-os na beira do pontão. Voltei para o abrigo, desci a canoa das roldanas e carreguei-a para fora. Coloquei-a suavemente na água, procurando não me molhar. Inseri os remos nas forquetas, livrei-me dos tênis e entrei no barco. Enfiei os pés nos sapatos fixos nos apoios para pés e prendi-os com as fitas de velcro. Meu barco estava pronto para deslizar pela água crespa.

Empurrei-o para longe do pontão, virei a proa para o outro lado do rio e comecei a remar, o carrinho em que me sentava deslizando a

cada impulso que eu dava. O barco sacudia toda vez que as pequenas ondas batiam no casco. Ocasionais respingos da água tépida do rio tornavam-se gelados assim que tocavam minha pele.

Ao alcançar o meio do rio, posicionei a proa ao longo de seu trajeto e comecei a remar ritmadamente, os músculos se aquecendo, a tensão em minhas costas e ombros se desfazendo. O abrigo de barcos foi ficando pequeno e o rio, cada vez mais largo. Passei pela marina de um clube que ficava na margem oposta e tinha um imenso cubo de alta tecnologia plantado no meio do rio, ligado à margem por um pontão de concreto. Eu remava com firme constância e meus sentidos pareciam querer dar sinais de vida. A neblina me envolvia numa segunda pele de umidade fria e o fedor do Charles — cheiros de água e de esgoto — tornando-se agradável.

Remei com mais vigor e estava começando a sentir a mente se libertando do corpo quando uma onda maior, vinda do lado de Boston, bateu no costado da canoa e acabou com a minha concentração. Todo o lado esquerdo do blusão e da calça do abrigo ficou ensopado. Aborrecido, olhei uma lancha perder-se à distância. Procurei estabilizar o barco tirando-o de cima da esteira e para isso ergui um pouco a estreita amurada que me separava da água. Como um carrinho de montanha-russa, o barco subiu e desceu, a proa sacudindo-se para a frente e para trás.

Eu rosnava palavrões e dizia a mim mesmo para não ligar, para ficar calmo e recuperar o ritmo quando outra lancha apareceu. Desta vez eu a vi vindo velozmente na minha direção. O piloto estava com um abrigo escuro, com o capuz puxado para cima do rosto. Quis me levantar e agitar os braços, mas sabia que a canoa viraria se fizesse isso. O que eu queria, mesmo, era ter um revólver para enfiar uma bala no meio dos olhos daquele imbecil. Em vez disso, cruzei os remos dentro do barco, segurei-me nas bordas e esperei, invadido por uma fúria gelada.

— Seu grande cretino! — berrei quando a lancha passou.

E tudo mais que pude fazer foi ficar sentado, esperando que a segunda e alta onda me sacudisse. Meu outro lado também ficou em sopa.

Soltei as mãos já atingidas por cãibras e flexionei os dedos. Aquilo era incrível. Difícil de acreditar. Jamais tinha visto uma lancha passeando por ali tão cedo, quanto mais duas! Procurei acalmar-me e

pensei em remar até um lugar onde pudesse encostar e tirar a água do barco, que já chegava aos meus tornozelos.

Louco da vida, comecei a girar a proa para voltar. Estava em posição perpendicular ao rio, remando para uma das margens quando ocorreu-me um pensamento muito desagradável. As duas lanchas que haviam passado por mim eram pequenas e brancas. Será que era a mesma lancha? Então, ouvi o som. Pensei que fosse um avião se aproximando de Logan. Ou uma motocicleta roncando na Via Memorial. Mas logo vi que não. Voltei-me e fiquei olhando para a lancha que se aproximava. Ela praticamente voava, saltando sobre a superfície do rio, deixando uma volumosa esteira de espuma para trás. Desta vez o cara não ia passar do meu lado: vinha direto para cima de mim.

Rápido, reverti o movimento dos remos, fazendo o barco recuar, na tentativa de evitar o choque direto. O ronco do motor tornou-se mais alto e atordoante. Remei furiosamente, mal notando o medo e o pânico que se misturavam à minha raiva. Parecia que a lancha estava, mesmo, sendo manobrada para me pegar. Rema.

Rema, Rema. Então, o impacto. A lancha bateu num extremo da canoa e ela virou.

Meus óculos saltaram quando tombei de lado. A água parecia um caldo de sopa quente em comparação com o ar frio. Na escura turbulência, procurei não respirar. Passei a me virar para todos os lados, sem o menor senso de direção, até que meus pulmões começaram a arder como se estivessem em fogo. Aí, vinda de algum lugar, uma profunda calma expandiu-se a partir do centro do meu peito. Relaxei e a escuridão por trás das minhas pálpebras transformou-se em ondas de calor luminoso. Senti-me completamente sem peso e fiquei imóvel, suspenso. Era só deixar acontecer, respirar e tudo acabaria. Mas nesse momento, como num balé em câmara lenta, meu corpo dobrou-se e encolheu-se na posição fetal, endireitando-se para cima e minha cabeça alcançou a bolsa de ar sob o barco emborcado. Inspirei desesperadamente, grudei-me num dos lados do casco e fiquei ali, segurando-me na beirada, respirando, sentindo a água lodosa gelando minha cabeça e ombros. Ouvi as ondas batendo e batendo no lado de fora do barco e minha respiração ofegante ecoando no espaço fechado.

Tentei não pensar em como aquilo tudo parecia deliberado, em que a figura encapuzada parecera querer mesmo vir para cima de mim e

me afundar. Parecia-me ver Ralston Bridges ao volante da lancha, rindo. Mas sabia que era uma artimanha da minha memória, produzida por aquele momento em que todas as formas de perigo e de maldade pessoal imprimiram o rosto dele na minha mente.

Ouvi um ronco distante e gelei. O ruído aumentava a cada momento. Eu não tinha como e nem tempo para ver o que vinha vindo ou de onde vinha. Num pânico cego, aspirei o máximo de ar possível e mergulhei, nadando por baixo da água o mais depressa que podia no que eu esperava fosse a direção da margem de Cambridge. Quando subi à superfície, o barulho do motor se afastava. Uma onda de alívio me envolveu. Dei mais algumas braçadas e encontrei pé na base da Ponte da Avenida Mass. Saí da água arranhando braços e pernas no granito áspero. Tremendo, deixei-me cair na base de um pilar da ponte. Saía sangue dos meus pés nos pontos em que tinham estado presos nos sapatos fixos e pelo velcro; devia tê-los machucado quando me soltara do barco. O cheiro acre e os arrulhos que pareciam ser emitidos pela própria ponte deram-me uma dica da origem da substância branca que cobria a viga mestra. Bosta de pombas. Apurei os ouvidos para distinguir os demais sons que ouvia. O benigno roncar de automóveis, barulhos surdos de ocasionais ônibus que atravessavam a ponte e o ronco ritmado que provavelmente era devido ao tráfego de helicópteros que sobrevoavam a área para verificar o tráfego pesado na Via Storrow.

Esperava ver meu barco boiando na superfície agitada do rio, mas mesmo sem os óculos pude perceber que ele desaparecera. Um fragmento branco veio flutuando até perto de mim, trazido pelas ondas que ainda restavam da esteira da lancha. Um pedaço de fibra com apenas doze centímetros de comprimento era tudo que restara da minha canoa de corrida. Revirei-o entre os dedos, com as mãos trêmulas.

— Seu bastardo! — berrei e o vento carregou minhas palavras. — Seu filho da puta de merda! Que porra de imbecil dá uma lancha nas mãos de um idiota como...

Só então caí em mim e tive certeza que não se tratara de idiota nenhum. Aquilo tudo fora resultado de uma atitude deliberada, provavelmente pessoal. A raiva esfriou e se transformou em medo. Enfiei a lasca do barco num bolso do abrigo e observei o rio de alto a baixo. Aí, enfiei-me na água e me obriguei a nadar o mais rápido possível para a margem. Sem fôlego, agarrei-me à escada de metal chumbada na

parede de pedra. Fiquei ali, imóvel, respirando pesadamente, meu corpo parecendo um peso morto e se tornando mais frio a cada segundo. Sentia-me nauseado com meu próprio mau cheiro. Estava tão cansado que não tive coragem nem sequer para olhar ao redor e ver se alguém ou alguma coisa me ameaçava. Um medo selvagem impeliu-me escada acima, os degraus estreitos de metal machucando a sola dos meus pés descalços. Cheguei ao topo e deparei com a velha cerca de ferro fundido, último obstáculo entre a margem e o asfalto. Estava quase no topo da cerca quando o pedaço em que me segurava quebrou-se, fazendo- me cair no mato rasteiro. Por causa da raiva cega, atrapalhei-me ao erguer-me, peguei o pedaço da cerca e joguei-o no rio, com toda força que pude reunir. Ele bateu na água com um som satisfatório.

Saí caminhando de volta, resmungando comigo mesmo e ignorando os matinais donos de cães, corredores e ciclistas que partilhavam a larga pista de asfalto ao longo da margem do rio. Quando cheguei ao abrigo de barcos convenci a mim mesmo de que era completamente racional e que alguma coisa séria estava acontecendo. Telefonei para a polícia.

— Desculpe, Sr. — disse a voz lamurienta da atendente —, disse que teve um acidente com seu barco ao longo da Pista Memorial? É um barco-casa?

— Não. Eu estava remando. Alguém tentou me atropelar.

— Alguém tentou atropelar o seu barco e o Sr. estava remando na Via

Memorial?

A essa altura eu estava fervendo.

— Eu estava remando no rio Charles. Entende? Na água... Alguém tentou me matar.

— Alguém... tentou... matar... o... Sr. — repetiu ela e achei que devia estar escrevendo. — Seu nome, por favor?

Tive vontade de berrar "Pare de preencher esse estúpido formulário!", mas em vez disso dei meu nome e ela repetiu dolorosamente cada letra dele.

— Onde o Sr. está agora? Continua em perigo de vida, Sr.? E, Sr., precisa de cuidados médicos?

— Não, não preciso de cuidados médicos.

— Um policial irá encontrar com o Sr. imediatamente. — Pausa. — Sr., tem certeza de que não precisa de um médico?

— Não, a menos que sofra um enfarte falando com você! — gritei e bati o telefone.

Em seguida, liguei para o Instituto Pearce. A primeira coisa que Gloria disse, foi:

— Sabe que tinha que estar aqui às oito horas?

Um monte de fogos de artifício pareceram explodir na minha cabeça.

— Sim, sei que eu tinha que estar aí às oito horas e, adivinhe, não estou! Estou no abrigo de barcos tentando descobrir quem tentou me matar.

— Epa, calma, calma! Alguém tentou matá-lo?

Reconheci aquele tom de voz. Era o que ela costuma usar com pacientes que pensam ser Jesus Cristo.

— Gloria, não é uma daquelas paranoias que fazem a gente pensar que está rodeado de assassinos — expliquei, exausto.

— Peter, você está bem?

Dei uma risada fraca.

— Tão bem quanto um sobrevivente pode estar.

— Espere aí, alguém quer falar com você.

A voz de Annie soou calma, séria.

— Quem tentou matá-lo?

As palavras saíram atropeladamente da minha boca.

— Um imbecil apareceu aqui com uma lancha. Primeiro passou de um lado, depois do outro e em seguida veio direto para cima de mim e bateu no meu barco, que afundou.

— Testemunhas?

— Acho que não. Liguei para a polícia e eles vão mandar alguém.

— Peter... — começou Annie e eu espirrei — a enfermeira aqui disse que você está bem. Está, mesmo?

Espirrei de novo.

— Não me parece que está bem, mas sim num estado miserável.

— Estou molhado até os ossos, gelando de frio, cheirando como alguém que mergulhou numa fossa... meus pés estão escalavrados... preciso de um banho urgente de chuveiro e tenho que esperar pela polícia!

— Será que um café bem quente ajudaria?

Senti um impulso de gratidão. Uma xícara de café quente seria como um bálsamo com poderes mágicos. Um fantasmagórico cheiro de torradas quentes com bastante manteiga chegou às minhas narinas.

— Ajudaria e muito!

— Estou indo, então.

— Você é um anjo. Traga um extragrande. Adoçante, não açúcar. E, Annie, há um abrigo na minha sala aí no instituto. Será que pode me trazer, junto com os óculos que devem estar na gaveta grande da minha escrivaninha? Peça a Gloria que abra minha sala para você.

— Perdeu os óculos?

Espirrei.

— Fique aí quietinho — acrescentou Annie. — Estou a caminho.

Capítulo 11

ENCONTREI UMA colcha velha num canto do galpão dos barcos. Com os dentes batendo, enrolei-a em volta do corpo. Quando saí para o pontão a colcha enroscou na maçaneta da porta e puxei-a; ela rasgou-se e ficou um triângulo de tecido pendurado. Resmungando uns palavrões, calcei os tênis.

Quando voltei ao nível da rua, dois carros entravam no estacionamento. Um era uma viatura policial, com as luzes vermelha e azul piscando. O outro era um sedã. Uma cabeça ruiva assomou pela janela do sedã, à altura da janela da viatura, e o homem conversou com o policial que estava ao volante. Depois de um minuto a viatura apagou as luzes e foi embora. Esperei na calçada para cumprimentar o sargento investigador Joseph MacRae. Ele me olhou de alto a baixo, farejou o ar e recuou. Não achei nada divertido. Levei-o para o pontão. Enquanto eu mostrava o local onde a lancha havia atropelado minha canoa, escrevendo no caderninho, ele comentou:

— Ontem Sylvia Jackson passou mal quando você estava por perto, hoje um cara encapuzado jogou a lancha em cima do seu barco... — Sacudiu a cabeça. — Qual a sua, hein, você é pé-frio?

A fúria que eu até então mantivera mais ou menos sob controle explodiu diante do comentário idiota.

— Olha aqui, vá se foder! Eu fui afundado, quase morri e você vem bancar o engraçadinho? Quanto à resposta à sua pergunta, não. Não sou pé-frio e não costumo passar o tempo nadando no rio Charles. E você? Costuma atrair desgraças?

Ele endireitou os ombros e jogou o caderninho no banco de madeira.

— O que está insinuando? — perguntou, espetando meu peito com o indicador.

Empurrei-o para trás.

— Não insinuo nada! Estou querendo dizer que não fui o único a estar por perto de onde aconteceram dois incidentes em dois dias.

Mac ergueu o queixo e inclinou-se para a frente; o esforço para controlar-se fez seu rosto ficar vermelho.

— Por que não começa do início e me conta o que aconteceu?

— E por que diabo tenho que confiar em você?

— Porque este é o meu trabalho — respondeu ele, cerrando os punhos. — Que tal deixar que eu o faça?

— Deixar que você faça seu trabalho? — Soltei uma gargalhada e dei um passo na direção dele, parando a uns cinco centímetros. — Onde foi que já ouvi isso? Que tal você deixar que eu faça o meu trabalho?

Ele estava nas pontas dos pés e o topo de sua cabeça mal chegava à ponta do meu nariz.

— Seu trabalho? — ironizou o tira. — Foi isso que lhe ensinaram em Harvard? Como intimidar mulheres indefesas que...

— O que está dizendo? Sylvia Jackson queixou-se de que a intimidei?

— Sylvia Jackson está muito vulnerável.

— E vai daí você vive ao redor dela, para lhe dar a proteção que precisa?

Ele cuspiu, enquanto procurava uma boa resposta. Então, estreitou os olhos e inclinou-se para mim. — O que não consigo entender é por que você está envolvido neste caso depois do que lhe aconteceu...

Não pôde terminar. Um relâmpago vermelho de raiva como que saiu do meu peito e ao mesmo tempo atingi o queixo dele com um

violento soco. MacRae cambaleou e caiu de costas na água. O tempo pareceu parar e fiquei ali imóvel, estatelado.

Não costumo deixar-me levar pela raiva e jamais sequer imaginei bater em alguém. Meu lado analítico cedera por um instante e percebi que isso me fizera um bem enorme. Não tive tempo para saborear o bom momento. Um minuto depois ele subiu à superfície e começou a gritar impropérios com toda força dos pulmões. Içou-se para cima do pontão e veio para o meu lado como uma locomotiva. Seu punho direito errou meu queixo, mas o joelho que ergueu contra meu estômago acertou. Dobrei em dois e ele passou um braço pelos meus ombros; no segundo seguinte vi-me deitado de bruços sobre as tábuas do deque. Mac puxou-me os braços para trás e passou as algemas nos meus pulsos, prendendo-os às costas.

— Assim está bem melhor — comentou, apoiando um pé na minha bunda.

— Seu desgraçado! — resmunguei, tentando recuperar o fôlego.

— Vejamos, agressão a um policial, resistência à voz de prisão...

Ouvi um grito, depois barulho de saltos altos nos degraus e, em seguida, sobre a madeira do pontão.

— Mac, o que pensa que está fazendo? — Era Annie. — Peter, você está bem?

— Então, perplexa: — Mas vocês dois estão encharcados! Que diabo...

— Conhece este bundão? — perguntou MacRae.

— Sim, conheço. É meu amigo.

— É... Você sempre teve gosto esquisito para escolher amigos. Agora me lembro, está trabalhando com um defensor público. Isso explica tudo. Eu nunca consegui entender o que você considera bom.

— E nunca vai entender!

Houve um prolongado silêncio durante o qual imaginei que Annie e MacRae travavam um duelo com os olhos. Tentei erguer o rosto do cocô de pato que forrava o pontão inteiro. Por fim, Annie rompeu o silêncio.

— Como vai sua mãe? A última vez que a vi foi no velório.

A pressão do pé de Mac em minha bunda diminuiu um pouco.

— Ela está aguentando. É uma mulher forte, mas sente muito a falta do meu pai...

A raiva desaparecera da voz do tira.

— É... eu também sinto uma saudade enorme do meu pai — disse Annie. — Mas nós já o havíamos perdido muito tempo antes do velório dele.

— Annie... — começou MacRae.

Ele aliviou a pressão do pé o bastante para eu rolar de lado, mas não consegui ficar de joelhos por causa das mãos algemadas às costas.

— Vamos, deem um tempo! — gritou Annie e colocou-se entre nós.

MacRae estava com as pernas abertas e os joelhos flexionados, pronto para saltar.

- Parem com isso pelo menos um minuto! — ordenou ela.

— O que aconteceu, afinal?

— Ele me deu um soco — acusou-me Mac, petulante.

— E o que você está fazendo aqui? É patrulheiro, agora?

— Isso aí! — interferi eu. — Por que mandou aquele policial embora?

MacRae teve que se explicar:

— Ouvi a chamada pelo rádio e resolvi investigar.

— Que sorte a minha! — resmunguei, lutando para me pôr em pé e imaginando se a sorte tivera algo a ver com isso.

— E como diabo vocês dois acabaram molhados desse jeito? — pressionou Annie. — Vamos, Mac, por que ele está algemado? Coloque-se no lugar de Peter: ele estava remando no rio e alguém o atropelou. Você também estaria nervoso. 128

O sargento investigador murmurou alguma coisa.

— Seja bonzinho, Mac! Faça de conta que ele é um dos seus amigos.

— Annie, isso não é justo! — protestou o tira.

— Vocês, da polícia, sempre têm regras especiais para os amigos, as outras é que são para o restante da humanidade.

Tive impressão de que Annie se referia a algo ocorrido no passado.

De cara amarrada, MacRae inclinou-se e abriu as algemas, mas não sem antes puxar meus braços para cima e para trás com esmerada brutalidade.

Sentei-me no banco de madeira e esfreguei os pulsos. Tossi um resto de água dos pulmões e fiz uma careta. Minhas costelas ainda doíam e as costas pareciam ter ficado sob um rolo compressor. Era um consolo ver MacRae esfregar o queixo de vez em quando.

Annie me deu um copo tamanho extra de café do Dunkin' Donuts. Retirei a tampa e cheirei. Há muito tempo que café não me parecia tão bom assim.

— Eu teria comprado um copo para você também — disse ela a MacRae —, se soubesse que estava aqui.

O investigador pulava num pé tentando tirar o sapato do outro. Escorreguei para o lado a fim de fazer-lhe lugar no banco. Ele sentou-se, tirou um sapato, em seguida o outro, e derramou no pontão a água que havia dentro deles. Depois balançou a cabeça, desanimado, ergueu um braço até o nariz e cheirou.

— Quem diria que um dia eu iria nadar neste esgoto?

Pegou o caderninho, abriu-o e recomeçou a escrever.

— Está bem — disse, por fim, entre dentes —, então, você estava remando aqui, como faz todas as manhãs...

— Sim, como faço todas as manhãs e você já sabia disso.

Imaginei quantas outras coisas MacRae estaria sabendo da minha rotina diária.

— E o que aconteceu?

O tira ficou esperando. Tentava impedir que seus dentes batessem e quase tive pena dele.

Suspirei e contei a história a partir do ponto onde havia parado pouco antes. Ele parou de escrever quando cheguei à parte em que a lancha veio para cima de mim pela última vez e fez minha canoa em pedaços.

— Notou algo especial na lancha?

— Era branca, pequena, com dois lugares.

— E quem pilotava, homem ou mulher?

— Não deu para perceber.

— Mais alguém viu o que aconteceu?

— Ora, não sei! Estava começando a amanhecer. Entre os que trafegavam na Via Memorial e outros remadores no rio, talvez alguém tenha visto. Mas quem, não posso saber. Alguém chamou a polícia?

— Ninguém. Vamos simplificar a coisa. Você disse que alguém numa lancha passou duas vezes do seu lado e não conseguiu ver quem era, depois o seu barco foi atropelado e não restou nada dele.

— Sim, foi o que disse. Tem algum problema de...

Foi aí que me lembrei. Enfiei a mão no bolso e tirei a lasca de fibra.

— O que é isso?

— Meu barco. — Me dê aqui.

MacRae pegou a lasca, revirou-a nos dedos e olhou-me com o que me pareceu uma recém-adquirida admiração.

— Escute aqui, doutor... vou verificar tudo direitinho. — Fechou o caderninho, ia guardá-lo no bolso molhado, porém pensou melhor e desistiu. — Pode passar na delegacia hoje à tarde? É para fazer uma queixa formal e pegar a cópia do boletim de ocorrência. Enquanto isso, pode ser que eu encontre uma testemunha do incidente.

Calçou os sapatos e subiu a escada. Annie e eu ficamos olhando o sargento deixar pegadas úmidas a cada passo e, por fim, desaparecer no galpão dos barcos.

Àquela altura eu recomeçara a tremer. A colcha ficara caída no pontão. Fui até ela, peguei-a e coloquei-a em volta de mim.

— Peter — perguntou Annie, muito séria —, acha que tem alguma ligação?

— Entre o que aconteceu ontem e acaba de acontecer hoje?

— É...

— Você sabe o que Freud diz sobre coincidências... que esse animal não existe.

— Quem poderia saber que você viria remar?

Aconcheguei mais a colcha ao corpo.

— Todos os que me conhecem.

— Alguém ligado ao caso Jackson sabe?

Pensei por um momento.

— Merda! Contei a Sylvia Jackson... e logo depois ela contou a Lovely. E possível que MacRae também soubesse.

— Lovely?

— Lindo nome para uma enfermeira, não acha? Aliás, muito adequado àquela enfermeira. Ela tem sido tudo, menos "adorável", para simplificar.

— Provavelmente por achar que você está encarregado de desacreditar a paciente dela e acha que Sylvia Jackson não percebeu isso.

MacRae estava certo sobre uma coisa: Sylvia Jackson achava-se em condição profundamente vulnerável e iria ter muito trabalho para descobrir em quem poderia confiar. Mas por enquanto não tinha escolha.

— Como vai ela?

— Syl?

Recuperando-se, mas não poderá recomeçar os testes antes de pelo menos uma semana. Pobrezinha, vive dizendo que você é um herói, que salvou a vida dela.

— É, sim, um grande herói! Se eu nunca tivesse ido lá talvez ela não precisasse ter sido salva.

— O que o faz pensar que o fato de você ter ido lá tem a ver com o que aconteceu a ela? Eu diria que é justamente ao contrário. Se não estivesse lá, Sylvia teria morrido. Parece que se apegou a você. Pode ser que alguém se ressinta por isso.

— E resolveu me matar? Parece-me meio forçado. Descobriram se ela ingeriu overdose de alguma droga?

— Acredito que sim. Analisaram o que ela comeu ao café-da-manhã. Não havia veneno algum. Mencionaram a hipótese de que alguém tenha lhe dado um remédio prejudicial por engano. Isto configuraria um erro casual...

— Ou uma overdose deliberada — completei o pensamento.

— Não é preciso ser muito esperto para chegar a essa conclusão. Era só deixar a droga no quarto, no copinho de remédios. Ela iria vê-los e concluir que esquecera de tomá-los.

— E o que você faz com a explicação que ela deu de que a enfermeira deixou os remédios lá?

— Tomo-a como uma pitadinha de sal: Sylvia tende a imaginar o que não lembra.

Depois que Annie foi embora, voltei para o galpão dos barcos. Fiquei olhando as roldanas nas quais minha canoa ficava pendurada. Por que tinha que acontecer tudo aquilo comigo? Meu coração apertava-se de tristeza, mas imediatamente a autopiedade transformou-se em raiva e gritei com toda força que podia. Gritei tanto que os pombos que

tinham ninho no forro do galpão saíram voando em grande confusão. Quando perdi a voz, fiquei ali, sentado no chão.

Mais tarde, enquanto tomava banho de roupa e tudo, procurando me livrar do lodo malcheiroso, lembrei-me de que MacRae tinha levado embora o pouco que restara da minha canoa. Eu deveria ter pedido um recibo.

Capítulo 12

NAQUELA TARDE fui à delegacia de Cambridge e fiz meu depoimento. MacRae não apareceu. Um atencioso escrivão prometeu que alguém me telefonaria se houvesse alguma novidade.

Dois dias depois nada havia acontecido. A única lembrança que eu tinha do acontecido era as costelas ainda doloridas. Isso e uma crescente sensação de perda. Deslizar pelo rio ao amanhecer, apenas eu e minha canoa de corrida, era para mim como um ritual purificador. Mesmo que por pouco tempo, esse ritual expulsava os miasmas do meu cérebro.

Fiquei um dia sem remar, então voltei a fazê-lo. Mas não era a mesma coisa numa canoa emprestada e na segurança oferecida por um monte de remadores. Acrescentando a tortura ao insulto, a cada remada meus músculos doíam. A dor era como um pernilongo chato, que não parava de zunir, impedindo-me de alcançar o ritmo confortável de remadas.

Uma vez que minha mente negava-se a esquecê-los, resolvi remoer os acontecimentos dos últimos poucos dias. A overdose de medicamentos de Sylvia Jackson e a destruição da minha canoa podiam não ter sido apenas casos propositais, como também interligados. Depois de ter tomado um banho, me vestido e chegado ao trabalho minha relutância em envolver-me naquele caso de assassinato transformou-se na determinação de acompanhá-lo até o fim.

Como sempre, a rotina do Instituto Pearce continuava como se o mundo lá fora não existisse. Kwan mostrou-se surpreendentemente sensibilizado com meu mergulho no Charles. Na verdade, estava sendo muito solícito. Por isso resolvi comemorar o aniversário dele, levando um bolo e reunindo a equipe do instituto para reviver uma velha tradição. As tradições são coisas boas... é o que digo aos meus pacientes. Padrões

de comportamento têm o dom de normalizar o extraordinário, dando a ilusão de que tudo está sob controle.

Fui até o Mike's, na Zona Norte, a fim de comprar o bolo. Mandei escrever, com letras azul-turquesa, em cima do bolo a frase: Quarenta e ainda mandando brasa! Eu tinha tempo de sobra, pelo menos assim pensava até que um motorista que não sabia ler ou não conhecia a altura da sua carga engastalhou seu caminhão num viaduto. O trajeto que deveria levar vinte minutos acabou levando uma hora.

Kwan estava mais do que pronto para pegar no meu pé.

— Doutor Z, o Sr. por aqui? Estamos tão felizes por ter encontrado um momento em sua atribulada agenda para nos dar a honra da sua presença! — Tirou o paletó e estendeu-o no chão diante da porta. — Deixe-me ajudá-lo. Não queremos que suje seus pés.

Kwan estendeu-me a mão e só aí reparou na caixa que eu carregava. — Você deu para ganhar presentes, é?

— Nossa! Agora é que estou vendo! — respondi, olhando para a caixa com surpresa. — O que será? — Abri-a e olhei dentro dela. — Oh, não! É um bolo. Para quem você acha que...

Fez-se a luz e tive o prazer de ver Kwan ficar rosado, depois um vermelhão foi subindo do colarinho dele até as sobrancelhas, em seguida invadiu a testa e perdeu-se entre os cabelos.

— E ainda mandando brasa? Bem, afinal isso é encorajador — foi o que encontrou para dizer. 134

— Diga uma coisa, você não está se sentindo horrível? — perguntou-lhe Gloria.

Não resisti e acrescentei:

— São coisas que acontecem, meu velho... Aos quarenta a senilidade se instala e a gente não lembra nem do próprio aniversário.

— É que eu estava tentando esquecer que o tempo passa — afirmou ele. — É estratégia de sobrevivência e não sintoma de velhice.

— É... — concordei. — E às vezes um charuto é apenas um charuto...

Depois de comemorarmos, só restou um círculo de creme de chantilly no fundo da caixa.

— Uma nova paciente, Maria Whitson — disse Gloria, depois de ler o nome no livro de registros —, foi internada ontem à noite. Tentou cometer suicídio. Não é a primeira vez. Engoliu uma quantidade

excessiva dos remédios que lhe foram receitados, empurrando-os com um copo de vodca. Depois, ligou para o celular do pai, que a trouxe para cá.

— Eu a vi esta manhã, enquanto faziam a lavagem estomacal — acrescentou Kwan. — Ela não parava de perguntar se eu era você.

— Eu? — espantei-me. — Ela me conhece?

— Bem, acho que não ou não teria me perguntado se sou você, certo? Afinal de contas, sou bem mais bonito, para não falar no fato de que me visto muito melhor.

Dei risada e cutuquei:

— Mas tem que admitir que depois de trabalharmos juntos todos estes anos desenvolvemos uma impressionante parecença.

Imperturbável, Kwan prosseguiu:

— Ela estava definitivamente confusa e sofria de delírios. Tivemos que esperar que seu cérebro desanuviasse para dizer-lhe o que estava acontecendo. Enquanto isso, recomendei as precauções para evitar suicídio. 135

Gloria tomava notas em seu livrinho.

Procurei a ficha de Maria Whitson no arquivo de metal ao meu lado, abri a pasta e passei a ler:

— Trinta e dois anos. Divorciada. Sem filhos. Ferimento na cabeça, alguns anos atrás, num acidente de automóvel. Desde então toma remédios todos os dias, entre os quais um tranquilizante forte, um medicamento para úlcera estomacal, lítio, o antidepressivo Davorcet e, claro, dois benzoatos em doses significativas. — Sacudi a cabeça, mas não fiz minha costumeira preleção sobre os perigosos efeitos dessas drogas se tomadas a longo prazo. — Um ano atrás ela cortou os pulsos e enfiou-se na banheira cheia de água quente. Também foi o pai que a socorreu dessa vez. Trataram-na de severa depressão e bulimia devidas a abuso sexual.

— Mas... Hum... É... Ah...— murmurou Gloria.

E continuou emitindo mais alguns sons. Certamente pensava em que suicidas com desordens digestivas requerem atenções especiais da equipe de enfermagem.

— Olha só! — assobiei. — Isto explica o monte de remédios. Parece que cada vez que fizeram um novo diagnóstico acrescentaram um medicamento. Ouçam isto: perturbação emocional orgânica, doença

bipolar, depressão psicótica, perturbação estressante pós-traumática, personalidade múltipla e no limite do aceitável. Que desgraça! Ela foi encaminhada pelo doutor Baldridge.

— Baldridge? — Gloria e Kwan ecoaram minha surpresa.

Baldridge dirigia um pequeno reinado na outra extremidade do campus do Instituto Pearce. Eu não me lembrava da última vez que ele nos encaminhara um paciente. Talvez o traumatismo craniano colocasse Maria numa categoria diferente daquela a que pertencia a maioria dos pacientes dele. Ou talvez ele já houvesse esgotado seus remédios milagrosos.

Fechei a pasta e recoloquei-a no arquivo.

— Gloria, que tal começarmos a ronda de hoje fazendo um exame no estado mental da Sra. Whitson? Acha que ela pode tolerar o estímulo que vai significar a equipe toda ao seu redor?

— Ela é frágil, mas se adapta bem. Creio que podemos tentar.

O quarto de Maria Whitson era o último no fim do corredor. A porta estava aberta, então bati e entrei, seguido por meus colegas que a fecharam.

Num canto do quarto havia duas janelas altas, mas a luz que se filtrava entre as lâminas da persiana cinzenta pouco podiam fazer para iluminar as paredes verdes e o piso de plástico cor de lama. Por trás das lâminas da cortina dissimulavam-se as grades de ferro.

O colchão da cama hospitalar estava nu e pairava no ar o cheiro de desinfetante. Num outro canto do quarto, a forma silenciosa de Maria fazia pensar num monte de roupa suja. Apática, ela olhava para o próprio colo. Os cílios louros estavam grudados pela mesma ramela que endurecera na beira das pálpebras avermelhadas. Sua carne era pálida e flácida.

Kwan ajoelhou-se ao seu lado.

— Olá... — disse, suave. — Sou o doutor Liu. Já a examinei hoje cedo.

Maria ergueu lentamente a cabeça para olhá-lo. Não deu sinais de reconhecê-lo.

Os olhos dela passearam pelo quarto enquanto Kwan continuava:

— Estes são meus colegas.

Apresentou-nos um a um num tom cortês e tranquilo que eu jamais o ouvira usar com pacientes ou colegas.

Apresentou-me por último:

— Este é o doutor Peter Zak, o chefe da nossa unidade.

Quando ele disse o meu nome, a Sra. Whitson teve um sobressalto que fez uma mecha de cabelos soltar-se de trás da orelha.

— O doutor Zak quer falar com você. — prosseguiu ele. — Está de acordo?

Estendi a mão. Se bem que ela não respondesse, por um instante tive impressão de que alguém me observava por trás de seu olhar opaco. Mas a impressão desapareceu tão rápida quanto surgiu.

— Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas — disse eu.

Ela olhou-me sem qualquer expressão.

— Pode me dizer quem você é?

Nenhuma resposta.

— Seu nome? — Esperei. — Seu nome é...

Primeiro, os lábios dela desenharam a palavra, depois uma voz de menina pronunciou: — Maria.

— Maria?

— Whitson.

— Sra. Whitson, sabe onde está?

Sem resposta.

Pude sentir a figura sólida, reconfortante, de Gloria se mexendo atrás de mim. Colocou-se ao meu lado. Mudei um milímetro a minha posição quando a chefe da enfermagem se aproximou. Ela pegou a mão de Maria Whitson, que tinha as unhas roídas até o sabugo e um anel de prata rosada meio enterrado na carne do dedo mínimo.

— Lembra-se de mim? Sou Gloria Alspag. Falei com você hoje de manhã.

Sou a enfermeira-chefe daqui. Como vai? Podemos fazer algo você?

Todos ficamos esperando. Maria abriu a boca, mas nada disse. Mordeu o lábio inferior. Começou a se balançar, suavemente, para a frente e para trás, os braços ao redor de si, como se fosse seu próprio bebê. Foi diminuindo o balanço ao mesmo tempo que inclinava a cabeça para o lado, fazendo o cabelo cobrir-lhe os olhos, e emitia um murmúrio que lembrava um acalanto.

Devagar e deliberadamente limpou o nariz com o dorso da mão. Eu queria, mesmo, que Gloria estivesse onde estava, mantendo a

conexão.

Continuei em pé. Havia uma pequena torre formada por copos de papel na mesa de cabeceira, ao lado do telefone e de uma jarra de plástico com um líquido cor de laranja. Peguei um copo e estendi a mão para a jarra. Maria teve um sobressalto violento e começou a sacudir a cabeça:

— Não, não, não, não — murmurou. — Veneno.

— Não quer um pouco de água?

Como ela não recusou, fui buscar a água na sala de enfermagem. Voltei e entreguei o copo à Gloria, que agradeceu:

— Obrigada, doutor Zak.

Então, ofereceu o copo à Maria, que ficou olhando para ele de boca aberta. Nós quatro esperávamos, prisioneiros daquele momento de indecisão. Se ela aceitasse a água seria uma demonstração de confiança. Por fim, Maria colocou os dedos ao redor do copo. Um suspiro coletivo aliviou a tensão. Ela bebeu afoitamente, deixando que um pouco de água escorresse pelo queixo, os olhos mexendo-se para cima e para baixo. Quando terminou de beber, ficou segurando o copo vazio diante de si. Gloria pegou-o, com gentileza, depois perguntou-lhe:

— Quer ir sentar-se na poltrona?

Maria olhou ao redor, como se só então percebesse que estava sentada no chão. Fez força para levantar-se. Gloria e eu a pegamos um por cada braço, erguendo-a, e acomodamos na poltrona.

Coloquei uma cadeira diante dela, sentei-me e procurei fitar-Ihe os olhos.

— Sra. Whitson, sabe quem é?

As mãos dela apertaram os braços da poltrona. Parecia confusa. Começou: — Sou... — Olhou para cada um de nós ao seu redor. — Onde? — Encolheu-se na poltrona e chorou. — Estou com medo. — Calou-se, como se ouvisse o eco da própria voz. — Onde, medo... — repetiu baixinho. — Onde, medo, medo, onde...

— Está num hospital. Este é o Instituto de Psiquiatria Pearce. Somos os médicos e enfermeiras encarregados de cuidar de você. Aqui está em segurança.

Ela parecia aturdida e novamente passou a emitir o estranho murmúrio; juntou os joelhos ao peito, abraçou-os, quase formando uma bola, e recomeçou a se balançar.

Perguntei: — Sra. Whitson, sabe por que está aqui?

Fiz uma pausa, esperando pela resposta, mas ela não falou.

— Você teve alguns problemas — continuei — que parecem ter sido sérios, já que tentou se matar.

A paciente continuou se balançando, mas endireitou o corpo.

— Estamos aqui para ajudá-la. Para isso precisamos saber como se sente e o único jeito é fazer-lhe algumas perguntas. Agradeceria se as respondesse o melhor que puder. Pode fazer isso?

Desta vez houve um cauteloso, mas perceptível assentimento.

Peguei um lápis do bolso e ergui-o.

— O que é isto?

Pensei ter visto a sombra de um sorriso. Aí, os lábios dela se mexeram enquanto a se esforçava para pronunciar a palavra. Por fim, murmurou: — Lápis.

Encorajado, continuei: — Muito bem. E isto?

Apontei para a poltrona vazia. Mas sua atenção já se havia desviado e ela olhava o anel de prata afundado na carne do dedinho. Com movimentos desajeitados, tentou tirá-lo.

— Sra. Whitson — chamei.

Ela parou de se balançar por um momento, depois continuou.

— Sra. Whitson, pode colocar a mão direita em cima da sua cabeça?

A mão branca pareceu flutuar e parou em cima da cabeça. Cicatrizes brancas marcavam o pulso. Ela inclinou a cabeça de lado e seus olhos encontraram os meus. Depois, seu olhar percorreu os rostos dos meus colegas e fixou-se na achatada e cinzenta sombra das janelas. A mão continuava em cima da cabeça.

— Sra. Whitson, é capaz de acenar com a mão esquerda e mostrar a língua? Desta vez o sorriso foi evidente. Os lábios entreabriram-se e apareceu a ponta da língua. Mas a mão direita continuou na cabeça e a esquerda imóvel, sobre o colo.

Passei para outras perguntas que pareciam igualmente bobas, mas que dariam uma ideia da confusão em que poderia estar a mente da Sra. Whitson. Perto do fim do teste, se bem que eu já soubesse a resposta que ela ia dar, fiz a pergunta: — Alguma vez pensou em acabar com a própria vida?

A atenção dela foi atraída no mesmo instante. Teve um sobressalto e estreitou os olhos. Esperei, imaginando se confiaria em mim o bastante para responder.

Hesitante, a paciente fez que sim.

Esperançoso, prossegui: — É algo em que pensa de vez em quando ou pensa sempre?

Uma lágrima surgiu em seu olho e desceu pelo rosto.

— Sei que é difícil... Deixe-me fazer-lhe mais algumas perguntas. Vê coisas que os outros não veem? Ouve coisas que os outros não ouvem?

Esta pergunta pareceu confundi-la. Primeiro, ela fez que não com a cabeça, então parou de repente e olhou para mim como se não tivesse certeza de como responder.

Por fim, tornei a falar: — Sente-se segura aqui?

Devagar e deliberadamente ela assentiu e um sorriso curvou os cantos de sua boca. Foi um momento estranho. Tive a nítida impressão de que ela se divertia com uma piada particular.

Capítulo 13

CHIP PASSARA a me telefonar um dia sim e um dia não desde que eu assumira o caso. "Só para conferir.,.", dizia e em seguida, como o bom treinador que tem medo que seu astro principal se torne um pé-frio, tratava de me animar. Na semana seguinte ao colapso de Sylvia Jackson ele telefonou todos os dias. Antes de desligar, passava sempre a pequena mensagem: "Deixe que a confusão mostre como o caso é de fato". Eu sabia que ele se preocupava. No nosso caminho estavam surgindo mais do que simples obstáculos.

Havíamos combinado encontrar-nos no Stavros para um almoço tardio.

Cheguei primeiro e sentei-me a uma mesa. Jimmy aproximou-se, sorridente.

— Desta vez voltou logo!

— Olá, Jimmy. Estou esperando amigos.

— Quer alguma coisa enquanto...

Ele se calou, de boca aberta. Voltei-me para ver o que o espantara tanto. Era Annie que vinha atravessando o salão, os cabelos

emoldurando-lhe o rosto com uma aura de luz e sombra, Só então percebi que não costumava prestar atenção em como as mulheres eram. Ela sentou-se na cadeira à minha frente.

— Jimmy, esta é Annie Squires.

Ela estendeu a mão e ele pegou-a.

Annie pediu duas Cocas diet e duas saladas gregas, uma para ela e outra para Chip. Pedi chá gelado e uma porção de lulas à dorê, recebendo de imediato um olhar preocupado dela.

— Você parece cansado... — Como não respondi, acrescentou: — Desculpe, detesto quando me dizem isto.

— Tem razão. Não ando dormindo bem, perdi minha canoa e sinto que há alguém por trás disso. E como se tudo estivesse começando de novo.

Annie olhava-me com atenção, os lábios levemente trêmulos.

— Talvez fosse melhor você parar e...

— Não — interrompi, surpreendido com minha própria veemência. — Antes do incidente com a canoa poderia parar, mas agora não. Tornou-se um desafio pessoal.

— Aceitar desafios pessoais pode não ser bom neste caso.

— Olhe, posso me deitar e fingir de morto ou lutar. Se eu desistir, se recuar agora, quem quer que esteja agindo vencerá. Não posso deixar que isso aconteça. Até mesmo para mim essas palavras pareceram uma bravata sem valor, mas Annie deixou passar sem comentário e prossegui:

— Acho que temos um caso a resolver. Ainda não terminei de testar Sylvia Jackson, mas já posso afirmar que no minuto seguinte ela não lembra do que você acabou de mostrar-lhe,

— Sim, mas o tiro que a pobrezinha levou na cabeça não foi um teste. Acha que ela vai esquecer-se disso? E se não pode lembrar-se desse fato, do que estará se lembrando quando diz que Stuart atirou nela?

— Pode-se acreditar em que determinada coisa aconteceu quando essa coisa resolve um problema para a gente, seja lá como for. Talvez seria doloroso demais se essa coisa não tivesse acontecido. Há quem transforme as experiências dos outros em lembranças que acredita suas. Assim, alguém nos conta um fato que lhe aconteceu e mais tarde a gente faz o mesmo relato como se tivesse acontecido

conosco e não percebemos que na verdade aconteceu com outra pessoa.

— Aconteceu com outra pessoa... — repetiu Annie num sussurro. Em seguida, perguntou: —Você sabia que tenho uma irmã?

— Não... Havia muita coisa sobre Annie que eu não sabia.

— O que acaba de dizer fez-me lembrar de algo que nos aconteceu. Outro dia minha irmã me perguntou se eu lembrava de uma noite em que nossos pais brigaram, perderam a cabeça e minha mãe acabou com um braço quebrado. Minha irmã disse que precisou dirigir o carro para levá-la ao hospital. Ela se lembrava de todos os detalhes. Como tivera medo de que um guarda a parasse e a prendesse por estar dirigindo sem carta de motorista. Recordava-se, também, de que mamãe mentira para o pessoal que a atendera no pronto-socorro, dizendo que caíra da escada do porão; de como mamãe melhorara depois de lhe terem dado um analgésico para a dor... Mas o que minha irmã não lembrava era de por que eu não levara nossa mãe para o hospital, já que sou dois anos mais velha do que ela... — Annie fez uma pausa, olhando-me atentamente. Então acrescentou: — Fiquei pasma. Que história era aquela de ela levar mamãe para o hospital, de vê-la melhorar da dor e tudo mais, se eu é que a levei? Tudo isso aconteceu comigo e não com ela. Eu tinha quinze anos e não sei onde minha irmã estava naquela noite... talvez dormindo na casa de uma amiga ou passando dias na casa de uma tia... O fato é que não se achava em casa. Claro que quando voltou eu lhe contei tudo. Hoje minha irmã está com trinta e quatro anos e tem certeza de que tudo aconteceu com ela.

Ficamos em silêncio por alguns momentos. A lembrança fizera os olhos de Annie se nublarem de lágrimas. Eu quis pegar-lhe a mão, porém ela a retirara de cima da mesa e apertava nervosamente a beira do assento da cadeira.

— Até que enfim, Chip! — disse, de repente.

Voltei a cabeça. Chip estava de pé junto ao meu ombro esquerdo, mexendo na pasta de couro, tentando parecer distraído. Imaginei há quanto tempo ele estaria ali. Annie pegou um lenço de papel e passou-o de leve no nariz, como se quisesse tirar-lhe o brilho.

— Pedi uma salada para você — informou-o.

Chip sentou-se. Mais uma vez conversamos sobre o nosso trabalho. Descrevi os resultados dos testes aplicados em Sylvia até

então.

— Ela é capaz apenas de identificar poucos detalhes desaparecidos dos desenhos. Confundiu os dois conjuntos de figuras. Ficou abaixo do nível normal, bem abaixo.

— Podemos argumentar que Sylvia Jackson não é capaz de lembrar da noite do crime? — perguntou Chip.

— Infelizmente, isso não é assim tão evidente. Mas podemos dizer que os fatos não estão registrados em sua memória de longo ou curto prazo. No caso dela, estamos lidando com uma espécie de efeito duplo. O traumatismo craniano criou amnésia e, ao mesmo tempo, um dano permanente nas estruturas da memória mediana. Poderemos demonstrar que é incapaz de receber uma informação nova e retê-la. Sabemos que a Sra. Jackson ficou inconsciente por longo período de tempo. Toda a literatura médica e nosso conhecimento clínico sugerem que é impossível que ela se lembre do que aconteceu imediatamente antes de ter sido atingida pelo tiro.

— Será que pode arranjar uma palavra mais forte do que "sugerem"? — indagou Chip.

— Sinto muito, mas não. A psicologia é uma ciência delicada. O intrigante é que ela ajeita as coisas. Sylvia sabe que alguma coisa está faltando, mas não o que é. Então, inventa um detalhe e o coloca no lugar do que falta. Os psicólogos chamam isso de confabulação. Inconscientemente, alguém como ela sabe que tem falhas na memória e enche essas falhas com experiências reais retiradas de outras lembranças anteriores ou inventa detalhes que parecem reais. Uma pessoa que sai do estado de coma acha-se num estado alterado de inconsciência e toma-se muito, mas muito sugestionável.

Não seria difícil imaginar parentes, amigos, médico pessoal, advogado e policiais que poderiam, inadvertidamente ou não, ter fornecido o material necessário para preencher os brancos da memória de Sylvia Jackson.

— "Ardil-22"... — citou Annie, lembrando-se do filme. — Stuart Jackson poderá ser considerado culpado se o júri acreditar que Sylvia pode lembrar-se quando na realidade ela não pode.

Esclareci, não muito à vontade:

— Estou convencido de que ela não pode se lembrar e isso é ruim, porque não podemos saber o que de fato aconteceu.

— Peter, a culpa é sempre uma possibilidade — ponderou Chip, com voz muito gentil, — Nosso trabalho é defender o réu, seja ele culpado ou inocente, o resto não nos importa.

A vocês, não. Mas a mim importa, pensei, enquanto ele prosseguia:

— Então, temos uma mulher cujo cérebro está tão cheio de furos quanto uma peneira: perde uma boa parte do que recebe e, além disso, distorce o que retém.

Trata-se de testemunha digna de crédito?

— Do ponto de vista do júri? — insisti. — Ela é digna de pena e está vulnerável, além de acreditar em cada palavra que diz.

— Vai fazer mais testes? — perguntou-me Chip.

— Ainda tenho que terminar o teste de personalidade.

— Como o teste de personalidade vai nos dizer algo sobre se ela consegue lembrar-se do que lhe aconteceu?

— Se você quer saber até que ponto o ferimento alterou-lhe a memória precisa saber como era a memória dela antes que o dano ocorresse. Uma parte disso é obtida pelo conhecimento da personalidade pela simples razão de que quem você é influencia no modo como se lembrará dos acontecimentos.

Chip não pareceu convencido, então continuei:

— Suponha que eu mostre a alguém que sofreu traumatismo craniano uma cena da qual deverá lembrar-se. A pessoa irá lembrar-se do quadro geral, mas não dos detalhes. Para usar um clichê: verá a floresta, mas não as árvores. Este é o problema: como posso afirmar que isso acontece por causa do dano no cérebro ou porque a pessoa é assim mesmo? É isso que o teste de personalidade esclarece.

Chip continuava duvidoso.

— Está bem, Peter. Então, já temos os testes de memória e os de personalidade...

— Tem razão. E daí, perguntaria você? Pois bem, continuo pensando na descrição que a Sra. Jackson fez da noite do crime. A versão que ela me deu é bastante diferente da primeira versão que deu à polícia. Por exemplo, Sylvia disse à polícia que Tony estava no porta-malas.

— E agora ela sabe que não estava? — perguntou Annie.

— Isso mesmo. Ela leu jornais, conversou com várias pessoas. Pouco a pouco foi montando a história e organizando lembranças de acordo com as evidências. Por isso precisamos descobrir quais detalhes da história dela que não são confirmados pelas evidências.

— E então? — pressionou-me Chip.

— Então, tentaremos imaginar de onde esses detalhes vieram. Procuraremos por lembranças anteriores que possam tê-la leva- do a preencher os claros com tais detalhes. Verificaremos, então, que alguns sãos suspeitos e todo o conjunto se tornará suspeito.

Como nenhum dos dois dissesse nada, prossegui:

— Se você considerar as lembranças como uma série de filmes, alguns dos quais têm a ver com o passado outros com fantasias ou sonhos, o que ela está fazendo tem sentido. E como se a Sra. Jackson tivesse vários filmes passando na cabeça e pegasse um pouco daqui, outro pouco dali. Ela não sabe de que filmes está tirando os pedaços. Para convencer o júri, você terá que fazê-lo duvidar da habilidade dela em reconhecer essa diferença.

— E sobre o chapéu de roupa de camuflagem que Sylvia diz que Stuart Jackson usava quando entrou no quarto dela na noite do crime? — quis saber Annie.

Isso me fez parar para pensar.

— Tem razão. O chapéu de camuflagem é um problema...

— Que tipo de problema? — interferiu Chip.

Annie explicou: — Bem, ela falou aos policiais sobre o chapéu antes que eles o encontrassem no guarda-roupa de Stuart.

— Certo — concordei. — Essa evidência confirmou a lembrança antes de qualquer outra coisa, o que significa que não houve uma ação de amoldar as lembranças dela para incluir essa informação.

— Stuart diz que o chapéu não é dele — lembrou Annie —, não há nenhum indício de como foi parar em seu apartamento e ele parecia genuinamente surpreendido por terem-no encontra- do entre suas coisas.

— Preciso conversar com Stuart de novo — disse eu. — Sobre outras coisas, mas principalmente sobre isso. Talvez ele nos indique de onde saíram alguns detalhes da história de Sylvia.

— Vou conseguir a permissão — prontificou-se Chip.

Chamei Jimmy e Chip pagou a conta. Saímos em seguida. O carro dele estava na mesma rua, um metro adiante. Antes de entrar, disse: — Aviso assim que obtiver ordem para você falar com Stuart Jackson. Entretanto, por favor, tome cuidado.

— Prometo tentar — respondi. Annie e eu ficamos olhando o carro de Chip se distanciar.

— Dia lindo! — exclamou ela, a luz do sol refletindo-se nos óculos escuros.

Eu sentia o calor suave nas minhas costas e entrecerrei os olhos.

— Humm... Dia gostoso... — comentei.

Nada me obrigava a voltar para o Instituto Pearce imediatamente, então quis arranjar uma sugestão inteligente para prolongar a hora do almoço, mas estava sem prática. O melhor que consegui foi: — Acho que devíamos aproveitar enquanto ele dura.

Annie deve ter lido minha mente.

— Adoro este bairro — disse e olhou para o relógio. — Há uma grande padaria e confeitaria aqui perto. Eu bem que comeria o chocolate da culpa para compensar o almoço frugal. — Ela indicou um ponto na rua. — Fica a um quarteirão daqui.

— Ainda tenho bastante tempo — disse eu, sem consultar meu relógio. —Jamais recuso uma boa sobremesa à base de chocolate.

Mas não era o chocolate que me tentava.

Annie passou o braço pelo meu e saímos andando. Paramos diante de um restaurante turco e verificamos o menu pendurado à entrada. O cheiro forte de queijos e pães de uma antiquada rotisserie italiana nos chamou a atenção e admiramos os salames e provolones pendurados na vitrina.

Continuamos rua abaixo e chegamos a uma loja que tinha um rebuscado título escrito no vidro da vitrina: Antiguidades.

Sacudi a cabeça.

— Nada a ver! Esse letreiro é a coisa mais antiga que eles têm para...

E a palavra seguinte parou na minha garganta. Largando Annie, corri para dentro da loja.

Um homem pequeno, redondo, estava sentado de pernas cruzadas na beira de uma poltrona bergère que devia ter tido melhores

dias. Ele parecia-se com um Buda esculpido em madeira que eu tinha quando criança. Diziam-me que esfregar o umbigo do Buda trazia boa sorte. O homem ergueu a cabeça quando a sineta da porta soou. Fez um aceno de cabeça, foi para os fundos e começou a escrever num livro-caixa. Ao lado dele, numa mesinha de jogo, estava o que me fizera entrar correndo.

— Desculpe-me — tentei parecer indiferente —, posso ver aquilo? E apontei. Ele olhou distraidamente para as peças sobre a mesa e pegou um maltratado bule de prata para chá. Fiz que não com a cabeça. Ele recolocou o bule na mesinha e pegou um vaso verde, em forma de cabaça.

— Sim. Posso pegá-lo? O homem entregou-me o vaso.

Peguei a peça de cerâmica enquanto ele voltava a atenção para seu trabalho. Fechei os olhos e respirei fundo. Tornei a abri-los e o vaso ali estava. Virei-o de cabeça para baixo. Era um Grueby sem assinatura. Perguntei-me se o lojista saberia o que era aquilo.

Annie me seguira e olhava alternadamente da minha cara para o vaso, como se estivesse tentando decifrar um enigma. Fui para um canto afastado da loja, longe dos ouvidos do comerciante, e ela me acompanhou.

— Você está nervoso — comentou.

— Espero que não seja muito evidente. Este é o tipo de vasos que Kate colecionava. Tornaram-se peças tão procuradas que é muito difícil encontrá-las. — Annie olhava para o vaso com descrença. É, eu sei... Também não os apreciava no começo.

Entreguei-lhe o vaso e ela o examinou à luz de um abajur que era uma pantera negra. Passou suavemente os dedos longos por ele.

— Repare na forma — ensinei.

Fora assim que Kate me instruíra certa vez. Toquei os dedos de Annie e os guiei até a estreita abertura, depois os fiz deslizar pelo pescoço do vaso até a forma bojuda central. Notei que ela prendia a respiração, enquanto eu continuava: — Está vendo estes desenhos aqui, que percorrem a superfície do vaso e parecem cicatrizes? — Acompanhamos uma das ranhuras verticais que percorriam a superfície verde. — O esmalte, veja, é a genialidade do artista. Percebe como o esmalte parece orgânico? Ele conseguiu esse efeito com texturas. Aqui,

veja como o verde varia com a leve luminosidade que cobre — movimentei a mão de Annie de uma parte do vaso para outra.

— Sinta esta parte rugosa, que lembra a textura da pele de um elefante.

— Entendo o que quer dizer — murmurou Annie. — E... é incrível!

— Posso ajudá-los?

O encanto foi quebrado. Era o proprietário, que agora estava de pé ao nosso lado e sorria amavelmente para nós.

— Só por curiosidade, quanto está pedindo por esta peça? — perguntei com o que, esperava, fosse um tom desinteressado,

— É uma cerâmica muito fina, não acha? — Ele me olhou de alto a baixo e balançou-se de modo quase imperceptível, para a frente e para trás, com as mãos placidamente em repouso sobre a barriga proeminente. — Acaba de chegar e ainda nem determinamos o preço. Deixe-me ver...

Estendeu as mãos e, relutante, entreguei-lhe o vaso, que ele revirou, examinando com atenção.

— Está em boas condições... — considerou.

Pegou uma lente de aumento de um bolso e examinou o fundo do vaso. Eu sabia que nada havia lá para ser visto, a não ser a marca que indicava a cerâmica feita à mão. Só então se pronunciou: Posso fazê-lo por cem... — peguei minha carteira — cento e noventa e cinco dólares.

Paguei depressa em dinheiro vivo e procurei esconder meu regozijo. Ele embrulhou o vaso em jornal, depois em papel da loja e colocou-o numa sacola amarrotada de plástico. Annie já estava lá fora, à minha espera, e foi logo me dizendo:

— Quer saber? Você está com cara de gato que comeu canário...

— Um delicioso canário — confirmei, rindo.

Quando chegamos à confeitaria, meio quarteirão adiante, o celular de Annie tocou. Fiquei admirando os doces da vitrina enquanto ela falava ao telefone.

Quando desligou, também se mostrava contente.

Passei os dedos por minha boca, como quem tira algo gruda- do nela, e disse:

— Penas de canário... Agora elas estão na sua boca.

— Acontece que mandei verificar se alguém relacionado com o Caso Jackson tem lancha.

— E alguém tem?

Será que iria ser tão simples? Encontrando a lancha, encontraríamos a pessoa que havia, por assim dizer, tentado me matar? Syl dissera que um antigo namorado a levava passear no rio. Imaginei, por uma fração de segundo, se o sargento MacRae teria com Sylvia Jackson algum relacionamento que não conhecíamos.

— Alguém tinha — respondeu Annie.

— Porém, não tem mais?

— Não pode ter mais nada porque morreu.

— Não!...

— Isso mesmo: Tony. A lancha de Tony Ruggiero combina com a descrição da lancha que o atropelou...

Aquela lancha e mais a metade das demais que pertenciam a outros idiotas que gostam de percorrer o Charles de um lado para outro em alta velocidade combinavam com a maldita.

— ... e ficava na Marina Bay — acrescentou Annie.

— Onde fica agora?

— Em lugar nenhum porque desapareceu. Alguém a levou emprestada na semana passada e não a devolveu até agora.

— Muito interessante! — reconheci.

Só alguém com direito ao acesso aos bens de Tony Ruggiero poderia ter pegado a lancha. Onde ela estaria?

— Alimento para pensar melhor! — incentivou Annie, em seguida fechou os olhos e farejou o ar. — Atraente este odor delicioso de chocolate. — Olhou o relógio. — Droga, não tenho mais tempo a perder. Aqui eles fazem uma trufa incrível de chocolate. Chama-se orgasmo de chocolate. — Ela piscou.

— Experimente!

E assim fiz. Comprei mais uma trufa, pensando em levar para Kwan, mas ela não chegou ao instituto.

Capítulo 14

NAQUELA TARDE, Chip telefonou para o instituto e me disse que conseguira permissão para eu ir falar com Stuart Jackson na manhã

seguinte.

Depois de desligar o telefone, permiti-me tomar uma xícara de café. A porta da cozinha, que estava sempre fechada, encontrava-se escancarada. Entrei quase correndo e gemi interiormente ao ver Maria Whitson em pé junto ao balcão, enfiando pedaços de pão na boca sem parar para mastigar e engolir. Diante dela havia um pacote vazio de biscoitos e vi na fruteira quatro cascas de bananas em cima das demais frutas.

— Sra. Whitson — chamei. Mas ela não reagiu. Movia-se como uma máquina, enchendo a boca de pão. Seu rosto achava-se despido de qualquer expressão.

Ouvi uma exclamação abafada atrás de mim.

— O que...

Gloria entrou. Sempre prática, ela prontamente colocou o pão longe do alcance da paciente, depois segurou-lhe as mãos. Sem tirar os olhos do pão, Maria lutou para libertar-se.

Fui colocar-me diante dela.

— Sra. Whitson, pode me dizer o que está fazendo? Uma expressão de ódio contraiu-lhe o rosto. Juntos, Gloria e eu a levamos para a sala de refeições, certificando-nos de que desta vez a porta da cozinha ficava fechada e trancada.

Fizemos com que ela sentasse a uma mesa e tentei de novo:

— Sra. Whitson, será que pode nos dizer o que está acontecendo? Ela não respondeu, apenas me olhou. Ainda mastigava e pedacinhos molhados de pão caíam-lhe da boca.

— Sra. Whitson — recomecei e aproximei meu rosto do dela —, tem noção do que está fazendo?

A raiva desapareceu do rosto dela e as linhas de tensão ao redor da boca e olhos se suavizaram quando os músculos relaxaram. Começou a chorar.

Repeti a pergunta com mais suavidade:

— Sabe o que estava fazendo?

Ela engoliu com dificuldade uma vez, depois outra, franziu a testa e fitou-me com ar confuso.

— É... é como se eu estivesse agindo... — respondeu com voz fraca e trêmula — e me vendo agir ao mesmo tempo.

— Sabe e não sabe o que faz. É isso?

— Sim... E a parte de mim que olha não é ligada à parte que age.

Fiquei animado. Aquela era a mais longa conversa contínua e com sentido que tínhamos desde que a paciente chegara. E ela demonstrava um surpreendente grau de conhecimento sobre si mesma e inteligência, apesar do desdobramento de personalidade que descrevia.

— Doutor... — era Gloria.

Respondi à pergunta não formulada: — Pode ir.

Gloria nos deixou a sós.

— Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Desde o acidente — respondeu ela e sua voz se havia tornado plana, sem emoção.

— Acidente?

Ela olhou para as mãos no colo e começou a rodar o anel de prata.

— Dois anos atrás. Meu marido dirigia o meu carro e me atropelou.

— Foi um acidente? — insisti.

— Foi o que ele disse — murmurou ela, quase sem movimentar os lábios, o rosto despido de qualquer expressão.

— Dois anos é muito tempo para uma pessoa ficar sem controle. Consultou um médico a respeito?

Ela assentiu.

— Isso tem a ver com o fato de estar aqui?

Esperei pela afirmativa, mas como não veio, pressionei: — Sei que é duro, mas preciso saber os motivos pelos quais está aqui e para isso tenho que lhe fazer perguntas.

Maria continuou fitando as mãos, com ar alheado. Parecia entorpecida, inatingível.

Tentei de novo: — Sra. Whitson, sei que foi internada por tentar cometer suicídio. Por que queria se matar?

Então as pálpebras dela se agitaram e a paciente pareceu explodir para fora de si mesma. Empurrou os cabelos sebentos para trás da testa.

— Olhe para mim. — Dava impressão de cuspir as palavras. — Apenas olhe para mim. Sou uma lesma gorda. Sou feia. Sou burra. Ninguém me suporta, ninguém tem coragem de tocar em mim. Não consigo controlar a compulsão de comer.

A autorrepugnância alimenta-se por si mesma e não serve para absolutamente nada. Eu queria levar Maria para além desse problema, até chegar a um estado em que pudesse usar seu intelecto para perceber a existência de alguma perspectiva.

— Sei... Aconteceu algo em particular quando tentou se matar?

Ela abriu a boca para responder, mas se conteve. Tentou de novo e parou. Por fim, abraçou a si mesma e seus olhos se estreitaram ao fitar-me.

— Todos não me suportavam mais e achei que devia livrá-los do fardo que represento para eles.

— Todos? — perguntei, procurando manter a voz neutra.

O lábio inferior de Maria tremeu. — Não há neste mundo uma só pessoa que se importe comigo — declarou.

Pegou uma mecha de cabelo e passou a enrolá-la no dedo, baixando o olhar de novo para o colo.

— Então, procurou um psicoterapeuta para ajudá-la a lidar com esses sentimentos?

Eu teria podido adivinhar a resposta da paciente a esta pergunta mesmo que não tivesse lido sua ficha. Pouquíssimas pessoas usam o termo "compulsão de comer" se não tiverem feito terapia.

— Desde o acidente venho me tratando com o doutor Baldridge. Logo de começo ele desconfiou que eu havia sofrido abuso sexual.

É preciso que os pacientes passem por anos de psicoterapia, durante os quais descrevem repetidamente a dor e a humilhação do abuso sexual até que consigam falar disso com indiferença. Apenas a mecha de cabelos que cada vez mais nervosamente enrolada no dedo indicava o tumulto interior de Maria Whitson.

Calmamente, perguntei: — Eu gostaria de pedir ao doutor Baldridge que me dê os pormenores do seu tratamento, se permitir, é claro.

Ela fez que sim.

— Há outra coisa... Preciso falar a respeito com as pessoas que lhe darão apoio quando você tiver alta e sair daqui. Há alguém? Parentes, amigos?

— Ninguém — respondeu Maria, com voz incolor.

— Foi seu pai que a trouxe para cá — lembrei-a.

Ela parou de enrolar o cabelo e sua mão parou no ar, continuando a segurá-lo.

— Não. Não quero que meu pai venha aqui.

— E se seu pai vier com a sua mãe? Sabe que eles têm telefonado, porque querem vir visitá-la?

— Não quero ver ninguém da minha família. O doutor Baldridge disse que é por causa deles. Por causa do que eles todos fizeram comigo. Ele me ajudou a lembrar.

Eu não disse nada. Precisava de um plano para seguir adiante, mas não tinha intenções de forçar uma dolorosa reunião familiar. Ao contrário, era preciso que engendrasse um plano que a protegesse da família.

— Tem visto o doutor Baldridge?

Maria sacudiu a cabeça, uma vez para a esquerda e outra para a direita. O movimento tornou-se lento e ela aspirou uma grande quantidade de ar, expirando-o em seguida com um profundo suspiro.

— Você trabalha?

Ela largou a mecha de cabelos.

— Sou corretora. Vendo casas.

— E gosta desse trabalho?

— Gosto. — Ela assumiu um ar pensativo. — Gosto muito. Gosto de combinar as pessoas com as casas certas. — Mordeu os lábios, franziu as sobrancelhas pálidas e concentrou-se em mim.

— Aposto que você gosta de casas modernas, contemporâneas. Limpas. Estou certa? — Não esperou que eu respondesse e olhou para o teto. — Iria adorar o condomínio que temos em...

Aos poucos o sorriso foi se apagando de seus lábios e o rosto dela descaiu.

— Meu Deus! Não consigo me lembrar de onde ele fica.

Maria começou a se balançar para a frente e para trás.

— Sra. Whitson — perguntei —, será que ajudaria se comesse alguma coisa?

Ela parou de balançar-se, aparentemente surpreendida com a pergunta.

— Hum... Acho que sim. — Calou-se e pensou um pouco. — Ajuda a esquecer. Enquanto estou comendo, não sou inundada por imagens.

Inundada por imagens. Ela falava como Baldridge.

— Que tipo de imagens?

— Cenas do passado. São horríveis — murmurou Maria.

Quando voltou a falar, as palavras saíram lentamente.

— Quando estou comendo não há imagens. Nada mais existe a não ser comer. Eu como...

Os lábios de Maria continuaram a movimentar-se, porém a voz não saía. Tentou de novo: — Eu como...

De novo a voz falhou. Os olhos dela ficaram sem foco, as pálpebras estremeceram e fecharam-se.

— Sra. Whitson, o que acontece?

Mas não houve jeito. A cabeça de Maria tombou para a frente, para trás, de novo para a frente e ela começou a ressonar suavemente.

Tive que desistir, mas estava contente. Havia sido um bom começo.

Mais tarde, nesse mesmo dia, refugiei-me na sala de reuniões para anotar os pontos mais importantes da minha conversa com Maria Whitson na ficha dela enquanto ainda estavam frescos na minha memória. Quase terminara quando ouvi uma leve batida à porta. Ergui a cabeça. Gloria estava no umbral, encostada pesadamente no batente.

— Dia pesado? — perguntei.

— E existe outra espécie de dia? — gemeu ela.

Entrou e deixou-se cair na cadeira ao meu lado. Tirou os óculos e passou as mãos para a frente e para trás no cabelo curto até que ele ficou todo arrepiado.

Provavelmente ela estivera de pé o dia inteiro.

— Eu estava fazendo anotações sobre Maria Whitson.

— Como foram as coisas depois que saí? — indagou Gloria, massageando as têmporas.

— Bastante bem. Maria estava amorfa, despersonalizada, e de repente tornou-se surpreendentemente consciente do que está lhe acontecendo. Tivemos uma pequena conversa, bem coerente. Parece que ela fazia boas conexões até que, de repente, adormeceu no meio de um pensamento. Foi como se procurasse fechar-se em si mesma porque aquilo era demais ou como se estivesse ainda com medicamentos calmantes agindo no organismo. É uma mulher estranha. Não se trata de um daqueles casos registrados que se revelam à primeira olhada.

Gloria parou de esfregar a testa.

— Isso me lembra algo esquisito que não lhe contei. Quando fui vê-la no dia seguinte ao da internação, ela ainda estava alheia, mas de algum modo conseguiu dobrar direitinho as roupas de baixo. Além disso, levou o pente e a escova de dentes para o banheiro.

— Esquisito, mesmo... — concordei.

O cabelo de Maria parecia não ver um pente há vários dias. Mas às vezes os hábitos da vida inteira continuam sendo realizados, mesmo em presença da mais debilitante doença mental.

— Hábito, talvez? — sugeri. — Ou quem sabe Maria Whitson já estava tendo ocasionais momentos de lucidez durante as longas horas de delírio. Ela me disse que tudo começou há dois anos, com um acidente de carro.

— Há dois anos? Pensei que houvesse começado há muito mais tempo.

— Sem dúvida. Mas foi só depois do machucado na cabeça num acidente de carro, há dois anos, é que compreendeu que tinha sido abusada sexualmente.

— Coitada! Ela contou quem fez isso?

Sacudi a cabeça, negando.

— Culpa a família e se recusa a ver qualquer um deles.

Ficamos ali sentados, sem falar, por alguns minutos. Terminei minhas anotações e Gloria mantinha a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados.

— Isso é bom — disse ela, por fim. — Maria Whitson está seguindo o protocolo.

Os maiores psiquiatras dizem que o melhor é cortar todo contato com o abusador enquanto a pessoa ainda se acha forte o bastante para confrontá-lo.

— Então — Gloria abriu os olhos e endireitou o corpo —, você acha que foi mesmo alguém da família?

— Em geral é. Alguém próximo. Mas agora ela está lidando com um bocado de problemas a mais: delírio, depressão.

— Possivelmente relacionados com o traumatismo cerebral que sofreu no acidente de carro, para não falar em toda medicação que ela vem tomando.

— Estou com medo que Maria se machuque de novo. Alertei as enfermeiras. — Gloria abafou um bocejo. — Sei o que ela está passando.

Eu não disse nada. Não quis pressionar. Gloria jamais havia falado naquilo comigo ou, se falara, não havia sido nada profundo e pessoal. Sabia que ela me contaria tudo quando se achasse que estava partilhando comigo um laço como o que partilhava com Maria Whitson.

Capítulo 15

EU ESPERAVA passar uma hora remando antes que a noite caísse, mas quando cheguei em casa já não daria tempo. Os dias estavam se tornando mais curtos, logo o rio estaria gelado e acabaria a estação de remo. Minha mãe ia entrar na casa dela quando me aproximei do pórtico.

— Chegou cedo, hoje — comentou ela, surpreendida.

Verifiquei meu relógio. Quase seis horas.

— E você está chegando tarde, não é? — rebati. Então vi a sacola de plástico da Vídeo Smith na mão dela. — Ahá! Filmes?

Mamãe corou um pouco.

— Pois é... O Sr. Kuppel me recomendou este aqui... — Ela tirou o cassete da sacola. — Tchan, tchan, tchan, tchan!

Era o A Dama Oculta, um suspense no qual Alfred Hitchcock pega o tema clássico amnésia e faz o diabo com ele. Olhei desconfiado para minha mãe, imaginando se seria uma coincidência. Como se adivinhasse meu pensamento, timidamente, ela admitiu:

— Mostrei a ele a nota no jornal sobre o caso em que você está trabalhando. — Bem, parece que o Sr. Kuppel tem bom gosto... para filmes.

A Dama Oculta é um dos meus filmes favoritos, no entanto tentei imaginar que tipo de mensagem o Sr. Kuppel estava enviando. Não existe um médico daqueles bem untuoso nesse filme? E ele não tenta convencer a jovem heroína de que ela apenas imaginou a doce velhinha do trem que desaparece no ar? O diagnóstico do médico: falsa lembrança causada por uma pancada na cabeça. A heroína, é claro, passa o filme todo tentando provar que ele está errado. Aliás, não apenas errado — não consigo lembrar-me muito mais coisas do filme a não ser que ninguém no trem inteiro admite que viu a velha senhora que se chama Srta. Froy. Que nome maravilhoso! Não é engraçado como pequenos detalhes ficam arquivados no cérebro da gente e permanecem brilhando como cristal enquanto o restante do filme ao redor deles some num denso negror?

— E o que você comprou? — perguntou mamãe, apontando para a minha sacola.

— Um vaso — respondi, encerrando o assunto.

Peguei as chaves e abri a porta da minha casa.

Deixei a sacola no balcão da pia, peguei um copo para vinho, cheirei-o e lavei-o para tirar todo resíduo de odor do armário. Então, desarrolhei o cabernet e despejei-o suavemente no copo. Fiz o vinho girar de leve, aspirei-lhe o aroma, tomei um gole e dei um suspiro de prazer. Aquele tinha sido um dia muito interessante.

Fui com o vinho e meu pequeno pacote até o segundo piso, atravessei o patamar e parei, olhando a escada que levava ao terceiro piso. A primeira porta em frente era do estúdio de Kate. Eu nunca mais entrara lá desde que os faxineiros haviam terminado seu tétrico trabalho de limpeza. Lembrava-me do nauseante cheiro de desinfetante que permaneceu na casa inteira por semanas, apesar de eu ter fechado a porta. Nem mesmo todas as janelas abertas, fumaça de cigarro e cheiro de uísque fizeram com que eu parasse de senti-lo. Mesmo quando saía, aquele odor ia comigo, parecendo estar grudado na minha roupa, na minha pele, no meu cabelo, e durante meses permaneceu ao meu redor como uma mortalha, aonde quer que eu fosse.

Subi o último lance, primeiro um degrau, outro, depois o seguinte, até que parei a meio caminho e tive que me obrigar a prosseguir. Uma claridade cor-de-rosa parecia escapar por baixo da porta. Segurei a maçaneta, girei-a e entrei. A porta guinchou um protesto ao se abrir. A sala, com janelas nos três lados, estava colorida de rosa pelo pôr-do-sol. Já dentro dela, parei e respirei cautelosamente. Pairava no ar um cheiro de mofo, de ambiente fechado, mas só. Fui até uma das paredes e depois às duas outras, abrindo as janelas. Uma brisa suave invadiu a sala agitando alguns papéis. Kate os deixara sobre sua escrivaninha, num canto.

Aquela era a sala que fizera Kate decidir-se pela casa. O estúdio dela. Achávamos que o dono anterior deveria ter sido um artista, se não como explicar o chão de cimento e pingos de tinta espalhados por ele antes de Kate começar a trabalhar lá dentro? Ela chamava aquela sala de seu santuário. Ali não havia distrações como telefone, rádio ou TV. Numa concessão a visitas, escritores e colecionadores que vinham para ver como e onde ela trabalhava, Kate comprara um pequeno sofá e o colocara em outro canto.

Eu pensava que entrar no estúdio iria me causar profunda tristeza, mas não foi assim. A beleza da sala, os últimos raios do sol que se punha, a brisa suave que a arejava deram-me profunda sensação de paz.

Os contornos dos vasos, em suas prateleiras de vidro, recortavam-se contra a claridade das janelas. Alguns tinham sido feitos por Kate, outros eram da Cerâmica Arts and Crafts, que ela colecionava. Num espaço vazio, onde deveria estar um vaso, havia apenas cacos dele. Eu não tivera coragem de jogá-los fora.

Ralston Bridges com certeza nos observara, ficara a par dos nossos horários e movimentos, por isso sabia que Kate estaria sozinha no estúdio naquele dia, trabalhando em suas cerâmicas. Com certeza ela não ouvira quando ele quebrara o vidro da porta dos fundos, por onde entrara. Também não deveria ter ouvido os passos dele na cozinha e pela escada acima. Quando removeram o cadáver dela, encontraram os cacos do vaso embaixo. Kate devia estar com o vaso nas mãos quando o criminoso a atacara.

Peguei um dos cacos e observei-o, revirando-o sem parar. Era mesmo como eu me lembrava, do mesmo tom e textura do vaso que acabara de comprar. Retirei o vaso da sacola e desembrulhei-o. Era perfeito. Nenhum sinal de rachadura. Nenhuma saliência ou reentrância a mais. Nenhuma assinatura, mas sem dúvida um Grueby. Kate teria dançado ao meu redor e depois me abraçaria louca de contentamento.

Puxei com a mão os cacos de vaso para dentro da sacola de plástico, agora vazia. Peguei um trapo da pia, molhei-o, limpei o lugar na prateleira e coloquei ali o vaso novo.

Recuei alguns passos para admirá-lo e imediatamente percebi que havia algo errado. O vaso novo era bonito, sim, mas não ficava bem naquele lugar. Mudei-o para uma prateleira mais abaixo e recoloquei os cacos do vaso quebrado onde tinham ficado desde aquele dia.

Dei uma vagarosa volta pela sala, passando os dedos em cada um dos vasos feitos por Kate. Em um deles ela esculpira a silhueta de uma mulher com seios generosos e ventre avantajado de grávida. Era um de seus primeiros trabalhos, que jamais concordara em vender. E era um dos meus preferidos.

O cheiro levemente ácido da argila pairava no ar. Peças inacabadas permaneciam sobre a bancada, esperando pelo verniz. O

forno estava frio e fechado. A bandeja giratória tinha restos de argila seca grudados. Kate jamais a teria deixado daquele jeito. A porta do armário estava aberta e viam-se vernizes, ferramentas e materiais variados, tudo perfeitamente arrumado nas prateleiras.

Abaixei-me para tocar o piso no lugar em que eu sabia que a mancha avermelhada não era de tinta, mas sim de sangue que se recusara a sumir com as limpezas e marcava o local onde minha Kate morrera enquanto eu me encontrava dois pisos abaixo, sem sequer imaginar o que acontecia. O cimento era frio e áspero. Senti como se poderosas tenazes me comprimissem o peito; fechei os olhos com força e abri a boca, ofegando em busca de ar. Se, pelo menos, eu tivesse chegado mais cedo naquele dia... Éramos tão próximos um do outro, tão ligados, então por que não senti o que estava acontecendo?

Mais tarde, aproximei-me da janela e tomei o vinho, enquanto as nuvens se tornaram em cima escuras como carvão e embaixo iam passando do rosado para o púrpura. A estrela Vésper havia aparecido no horizonte quando fechei as janelas e saí da saia, desta vez deixando a porta aberta.

Capítulo 16

— ELES ME DISSERAM que você viria falar comigo novamente, mas não acreditei — disse-me Stuart Jackson dois dias depois, ao entrar no miserável cubículo amarelo, em Bridgewater. — Tem que me mandar a conta das duas visitas...

Não respondi. As palavras eram agressivas, mas a linguagem corporal, não. Tudo nele descaía: os ombros, as bolsas sob os olhos avermelhados. O galinho de briga se transformara num velhote inseguro.

— Você está bem? — perguntei.

Ele deu uma risada amarga que enviou um odor esquisito até minhas narinas.

— Quer saber a verdade? Não ligo a mínima para isso. O que adiantaria?

— Tem dormido?

Jackson sacudiu os ombros e em vez de responder, perguntou:

— Como vai ela?

— Sylvia? Está melhor. Melhora um pouco a cada dia. Por falar nisso, você conhece um tal de Angelo?

— O manequim italiano?

— Esse mesmo.

— Angelo andou aparecendo depois que Syl saiu do estado de coma.

— Quando lhe disseram que você não podia mais visitá-la? 169

— Bem, ela trocou logo um anjo da guarda por outro.

— Eu sei que a Sra. Jackson chama Angelo de Angel, que quer dizer anjo... o seu anjo da guarda. Já o tinha visto alguma vez antes disso?

Stuart fez que não.

— No dia em que ele apareceu pela primeira vez, Sylvia agiu como se nunca o tivesse visto. Mas ela também não me reconheceu quando me viu depois do coma.

Angelo ainda continua ao redor dela?

— Bastante.

— Sylvia... — murmurou, pensativo. — Acha que ainda voltará a ser ela mesma?

— Como você mesmo disse, de uma porção de maneiras ela é a mesma.

— Sabe muito bem o que eu quis dizer...

— O problema, Jackson, é que não sei como ela era antes de isso tudo acontecer; portanto, não tenho como julgar. Aliás, esse é um dos motivos pelos quais quis falar com você. Provavelmente é a única pessoa que de fato conhece bem Sylvia Jackson.

— Ela não está sendo acusada de assassinato.

— Não, ela não. Mas você está.

Esperei. Ouvia-se o tique-taque do ponteiro dos segundos do relógio de parede.

Mais distante, houve um grito abafado e uma porta batendo. Voltei a falar:

— Vim conversar com você sobre a narrativa de sua esposa sobre o que aconteceu naquela noite. Quero tentar descobrir se existe algum detalhe, algo que possa ser confirmado por outra testemunha dos fatos anteriores ao coma.

Stuart Jackson endireitou o corpo e inclinou-se para a frente.

— Detalhes? Tais como?

— Por exemplo, se alguma vez Sylvia Jackson transportou alguma coisa viva, pessoa ou animal, no porta-malas do carro dela.

Jackson pensou um momento e fez que não com a cabeça.

— Ela deixava outras pessoas dirigirem seu carro?

— Dirigir o carro dela? Está brincando! Aquele carro é o grande amor de Syl.

Ninguém, mas ninguém mesmo, põe a mão nele para dirigi-lo.

— Então, seria algo muito esquisito se outra pessoa o dirigisse?

— Muito. Seria preciso essa pessoa estar com um revólver apontado para a cabeça de... Ele se calou bruscamente.

— Alguma vez você entrou na casa dela quando Sylvia estava na cama com um homem?

Stuart Jackson estremeceu e imobilizou-se.

— Merda! O tempo todo. — Ficou vermelho. — Se eu tivesse ido à casa dela naquela noite agora não estaria na cadeia. —- Fez uma pausa e olhou as palmas das mãos, depois virou-as e apontou o aro de ouro no anular esquerdo. — Eu ainda a amo — disse, com o olhar perdido ao longe. Fungou e passou o dorso da mão no nariz. Nunca quis a separação, nem mesmo quando comecei a pegá-la com seus... amigos.

A última palavra foi como que cuspida. Perguntei: — Isso aconteceu muitas vezes?

— Ela dava a chave da casa para os namorados! Quando ele nos pegou na cama foi a última gota.

— Ele?

— Tony... O nome dele era Tony. O sujeito que dizem que eu matei. Acho que pensam que sou Rambo ou algo parecido.

— Rambo?

— Estávamos na cama e ele irrompeu no quarto sem a menor cerimônia. Você sabe, como eles faziam no Vietnã. Do mesmo jeito que o pessoal faz em Halloween.

— Estava com farda de camuflagem?

— Estava sim.

— Armado de revólver?

— Com aquela fantasia ele tinha que estar com uma Uzi!

— Vocês discutiram?

— Não, eu o convidei para tomar uma xícara de chá... O que você acha? Claro que discutimos!

Eu ri. A raiva é excelente antídoto para a depressão.

— Onde foi a discussão?

— Lá embaixo, perto da escada.

— Ela desceu com vocês?

— Não. Syl não quis descer conosco. Não sei o que ela ficou fazendo.

— Você chamou a polícia?

— Para dizer o quê? Ela deu uma chave para o sujeito, pelo amor de Deus!

— Falou com a polícia sobre esse encontro?

Jackson fixou os olhos na mesa e negou com a cabeça.

— Por que não?

— Porque é humilhante demais — murmurou ele — e além disso...

— Além disso o quê?

— Ela gosta de homens fardados.

Levou um minuto para que caísse a ficha do que significava o que ele havia acabado de dizer.

— Então — reagi, por fim —, alguns dos homens com quem sua mulher ia para a cama eram...

— Tiras.

— Muitos tiras ou um em particular?

— Mais do que um. Alguns. Pelo menos, os que eu vi. Quem sabe quantos passaram pela cama dela sem que eu soubesse!

— Pode identificar alguns deles?

— Foi há bastante tempo... De qualquer modo, acho que não. Duvido. Talvez pudesse se os visse nus.

Tive uma ideia: — Algum deles era ruivo?

— Não que eu me lembre.

— A polícia encontrou o chapéu da farda de camuflagem no seu guarda-roupa — observei.

— Talvez a própria polícia tenha posto o chapéu lá para encontrá-lo.

A ideia não me pareceu assim tão absurda.

Stuart acrescentou: — Não é meu, juro por Deus. Pareço o tipo de pessoa que usa aquela coisa?

Tive que admitir que ele tinha razão.

Capítulo 17

NA MANHÃ SEGUINTE telefonei para Annie e contei-lhe a conversa que tivera com Stuart Jackson.

— Quer dizer que a Sra. Jackson levava tiras para sua cama... — comentou ela. Em seguida fez a pergunta óbvia: — Acha que um deles pode ter sido Mac?

— Bem, o que você pensa?

— Não sou imparcial o bastante para responder, entende?

— Já percebi que vocês dois têm problemas não resolvidos...

Foi como se Annie desse uma profunda tragada num cigarro, mas eu sabia que ela não fumava.

— Nossa famílias davam-se muito bem, sabe? A ponto de a mãe dele e a minha serem amigas íntimas quando eu era pequena. Mas quando meu pai foi surrado pela polícia, o pai de Mac ficou de boca fechada, apesar de correr o boato de que ele sabia quem fez aquilo. Proteger outros tiras era mais importante para ele do que submetê-los à Justiça, mesmo quando a vítima era um amigo. Depois que meu pai se recuperou, eles nunca mais foram à minha casa. Não acho justo esse negócio de os filhos pagarem pelos pecados dos pais, no entanto não me aproximei mais de Mac. Não confie nele.

— Mesmo que MacRae não conhecesse Sylvia Jackson antes do crime, pode ter sabido que ela teve relacionamento amoroso com outros tiras, não?

— Claro que sim — concordou ela. — Mas essa conspiração de silêncio... Não me lembro de que nenhum namorado policial tenha sido interrogado durante a investigação.

— MacRae pode estar protegendo alguém.

— Ou está protegendo a si mesmo. Homens! — Annie emitiu um ruído de desprezo. — Vou ver se descubro alguma coisa por aí. Não deve ser muito difícil imaginar policiais atirando em Sylvia Jackson... e que MacRae é o próprio.

Então, continuei a contar sobre a conversa com Jackson e cheguei ao ponto em que Tony Ruggiero irrompera no quarto de Sylvia quando ela e Stuart transavam. — É só trocar os personagens e a história é a mesma versão que Syl deu sobre os acontecimentos na noite do crime

— Lembranças recentes... — murmurou Annie. — Você acha, mesmo, que ela guardou a imagem de Tony entrando no quarto em que ela e Stuart...

— Ela trocou os personagens, daí lembra-se de Stuart entrando no quarto e surpreendendo a ela e Tony na cama — expliquei. — É um modo lógico de preencher a lacuna que existe em sua memória do que aconteceu na noite em que Tony foi assassinado.

— Você acha que esse incidente realmente aconteceu?

— Pode ter acontecido do modo que Stuart contou ou ele é que trocou os personagens de lugar. O fato é que leu sobre danos cerebrais e conhece o significado de um incidente recente como este. Pode ter inventado a cena paralela porque sabe que é razoável para mim.

— Se alguém entrasse no meu quarto dessa maneira eu poderia não contar à polícia —comentou Annie —, mas pode ter certeza de que falaria no caso. Talvez

Stuart ou Sylvia Jackson tenham comentado com alguém... uma amiga, um conhecido, qualquer um... e talvez essa pessoa se lembre do fato. Vou verificar.

Depois de desligar, telefonei para o terapeuta de Maria Whitson. Claro que o doutor Baldridge não podia me atender no momento. A atendente dele concordou quando lhe pedi que me ligasse assim que ele estivesse livre. Eu esperava já estar na minha sala para receber o telefonema de Baldridge, mas ainda estava na Unidade de Neuropsiquiatria quando meu bip tocou. Telefonei para ele dali mesmo.

— Aqui é o Peter Zak da UNP — identifiquei-me. — Preciso falar com você sobre uma paciente que nos enviou, Maria Whitson.

— Olá, Peter — cumprimentou ele, animado. — Sim, mandei-a porque acho que você poderá ajudá-la.

— Hum... está bem — resmunguei. — Há quanto tempo está tratando dela?

— Não estou tratando dela no momento.

— Sim, ela me disse. Mas antes tratava, não?

— É verdade. Durante os últimos dois anos.

— Qual acha que é o problema da paciente?

— É sobrevivente de incesto.

— Quero dizer, de que sintomas você a estava tratando?

Ele clareou a garganta e pude ouvir barulho de papéis sendo manuseados.

— Maria Whitson sofre de compulsão alimentar. Você sabe, Peter, que distúrbios alimentares em geral indicam lembranças reprimidas de abuso sexual. Além disso, está deprimida, ansiosa e sofre de terrores noturnos. Situação típica. Mãe fria e distante. Pai e tio abusadores. Ela os adorava.

Enquanto eu escutava, o Sr. Kootz passou, com os cordões dos sapatos desamarrados, saltando de um lado para outro, e resmungando consigo mesmo. Parou a meio de um passo para observar a porta de saída com um aviso escrito à mão, RISCO DE FUGA, para lembrar a todos nós quão rapidamente um paciente como o Sr. Kootz pode escapar por trás da gente, sem ser notado, como se passasse através de uma porta fechada.

Então, o elevador em frente da sala de enfermagem abriu-se para revelar o Sr. O'Flanagan de pé lá dentro e em seguida fechou-se de novo, — Prescreveu alguma medicação para ela? — perguntei.

— Medicação? — disse ele, vagamente. — Oh, sim, claro.

— O que você receitou?

Mais barulho de papéis remexidos.

— Xanax para a ansiedade, Prozac para a depressão. Lítio para estabilizar o equilíbrio emocional e um pouco de Halcion para dormir.

Para citar alguns..., pensei.

— Pelo que entendi, não está mais tratando dela.

— Isso mesmo. Ela não veio mais me consultar.

— Mas, pelo que pude perceber, a Sra. Whitson continua doente.

Ele pigarreou de novo.

— Quando interrompi as sessões, a paciente encontrava-se estável e sob controle. Não havia motivo para eu pensar que alguma coisa ia acontecer. Dei-lhe receitas para que continuasse a medicação e disse-lhe que me procurasse dali a seis meses.

O elevador parou e um entregador saiu carregando uma bandeja de inox com copos de sucos e pratos com bolachas. Pude perceber

apenas a figura do Sr. O'Flanagan contra a parede do fundo do elevador no momento em que a porta se fechava.

— Peter — o doutor Baldridge estava impaciente —, tenho uma sessão com um grupo de sobreviventes dentro de alguns minutos. Vai precisar de mim por muito tempo ainda?

— Não. Já estou terminando. Gostaria de saber, por que dispensou Maria Whitson?

— Eu não a dispensei. Parte da terapia exige que ela abra seu próprio caminho no mundo. Dei-lhe o máximo de base possível e conhecimento de sua situação. Ajudei-a a recuperar as lembranças, fiz com que compreendesse o que lhe acontecera, ajudei-a a confrontar seus abusadores. Agora ela precisa integrar essas coisas.

— Qual foi o "conhecimento de situação" que lhe deu?

— Que ela foi repetidamente estuprada pelo tio e pelo pai desde que tinha três anos até os doze.

— Ela lhe disse que foi o que aconteceu?

— Desconfiei que o ponto era esse já na primeira vez que a vi. Todos os sinais e sintomas eram evidentes. Claro, as lembranças estavam reprimidas.

— Então, você parou de tratar da Sra. Whitson, no entanto prescreveu-lhe remédios para muito tempo?

Eu sabia que estava provocando o doutor Baldridge, mas não podia me conter.

Ele não respondeu.

— Sabe por que ela foi enviada aqui para nós? Tentou se matar com uma overdose dos remédios prescritos. Preparou um coquetel letal para si mesma.

Na verdade, a atitude dele era a mesma coisa que entregar à paciente uma artilharia de armas carregadas para escolher as que preferisse.

— Peter... — a voz de Baldridge era indulgente — você não trabalhou com muitos sobreviventes de incesto, não é?

— Não é a minha especialidade.

— Então, provavelmente sabe que eu segui o tratamento que apresentei no meu livro *Sobreviventes*.

Pena a Sra. Whitson não ter lido o seu livro! pensei comigo mesmo. Se assim fosse, provavelmente ela não teria feito parte do

"tratamento". Tive vontade de perguntar se ele tinha exemplares que vendia aos pacientes, mas não o fiz. Afinal, fazíamos parte de um mesmo grupo e não queria irritá-lo mais do que já havia feito.

- É só isso, Peter?

— Sim, é só "isso"... Mas entrarei em contato com você outra vez.

— Quando precisar — respondeu ele, amável — e me faça saber de como a Sra. Whitson vai indo.

Quando desliguei o telefone a porta do elevador abriu-se. Desta vez quem saiu foi um dos neurologistas residentes.

O Sr. O'Flanagan ainda estava lá dentro. Encaminhei-me para a porta aberta e ele teve um sobressalto. Tirei-o do elevador e levei-o pelo corredor até o salão comum onde um enfermeiro distribuía o lanche da tarde a todos os pacientes.

Quando voltei para a sala de enfermagem, encontrei Gloria conversando com Suzanne.

— Por acaso vocês sabem — perguntei-lhes — como o Sr. O'Flanagan foi parar dentro do elevador?

— O elevador parou? Não ouvi nada que... — começou Gloria.

— Não, o elevador não parou. — Tratei de explicar:

— O'Flanagan é que foi parar dentro dele.

— Mas ele não estava na escada com você? — perguntou Gloria a Suzanne.

— Antes, estava sim. Quando terminei a avaliação dele, há uns quarenta minutos, eu... Xiii, meu Deus! Não me diga que o encontrou no elevador.

Fiz que sim.

Suzanne deu uma palmada na própria testa.

— Cretina! E, vocês sabem, eu estava justamente tentando guardar os resultados de todos aqueles testes de memória a curto prazo... Mas que coisa! — Dava impressão que ela queria que o chão se abrisse para engoli-la. — Sinto muito...

— Ele já esqueceu de toda aflição — tranquilizei-a.

— Ainda bem que Peter o viu — comentou Gloria — ou o Sr. O'Flanagan iria ficar para cima e para baixo no elevador o dia inteiro!

— Foi uma boa lição... — adverti Suzanne —, nada de teórico sobre resultados dos testes. Eles podem explicar um comportamento do

passado e predizer comportamentos futuros.

— É verdade — concordou ela. — Quando um paciente não fixa lembranças recentes, não o coloque num elevador e espere que ele saia quando chegar ao primeiro andar.

— E não deixe medicamento algum no quarto dele — acrescentei.

— Como é? Claro que não — reagiu Gloria, indignada. — Poderia acontecer um acidente muito mais grave do que se o paciente for largado sozinho dentro de um elevador.

Eu sabia que Gloria esperava que cada enfermeira da unidade cuidasse não apenas que cada paciente tomasse seus remédios, como também que examinasse as bocas e mãos deles depois. Esse era um procedimento padrão, há muito estabelecido. Mas então a média dos nossos pacientes não sabiam em que período do dia estavam e não prestavam atenção a que horas tomavam os medicamentos.

— Gloria, em algum outro hospital para tratamento de traumas cranianos e reabilitação física é permitido que a enfermeira deixe os remédios para o paciente tomar por conta própria?

— Em hospital algum jamais se faz uma coisa dessas — insistiu Gloria. — Enfermeira nenhuma que queira continuar no emprego deixa remédios no quarto dos doentes.

Ponto final, fim da discussão.

Isso queria dizer que o copinho com medicamentos não havia sido deixado no quarto de Sylvia Jackson por uma enfermeira. Nesse caso, como eles haviam chegado ao banheiro privativo dela?

Capítulo 18

ALGUNS DIAS DEPOIS voltei ao hospital para continuar os testes com Sylvia Jackson. Quando cheguei, Angelo gritava palavras de encorajamento num extremo do corredor enquanto Sylvia, apoiada em muletas e com dores evidentes, andava com dificuldade para ir ao encontro dele. Quando ela me viu, deu um enorme sorriso, com certeza orgulhosa do que fazia.

Fui me colocar ao lado de Angelo.

— Ela está determinada a chegar andando ao tribunal, quando tiver que ir prestar depoimento — esclareceu-me ele.

Muito esperto. Seria impossível o júri não sentir pena dela vendo-a andar daquela maneira tão sofrida.

— Venha, garota! — gritou Angelo —. Sei que você consegue chegar aqui.

Naquele momento o sargento MacRae apareceu na extremidade oposta do corredor. Ele caminhava com passos rápidos e pressa de chegar a algum lugar, mas quando nos viu parou bruscamente.

Syl progredia penosamente, a perna direita se arrastando, e encurtava aos poucos a distância que nos separava. Quatro metros. Três metros. Dois metros. Um metro. Quando Sylvia inclinou-se de lado e caiu na minha direção instintivamente adiantei-me para ampará-la. Ela largou as muletas no chão e se manteve de pé, com os braços soltos e encostada em mim, que a abracei para segurá-la. Como eu me colocara naquela posição?

MacRae bateu no meu ombro com o que parecia ser uma marreta, dizendo impropérios entre os dentes cerrados, mas Syl não o viu e jogou-se na direção de Angelo aninhando-se nos braços dele, sem perceber sua atitude contida e fria. Em seis segundos ela conseguira enfurecer dois namorados. Como Annie dissera, Sylvia Jackson tinha um não sei quê...

A cadeira de rodas achava-se, vazia, na outra extremidade do longo corredor. Fui até ela e a trouxe para perto deles. Syl tentou colocar-se numa posição que a aproximasse mais da cadeira. Angelo deu-lhe um empurrão e ela agarrou-se ao braço da cadeira, arqueou as costas e sentou-se.

— Angelo, o que... — começou a protestar.

Mas as palavras morreram em seus lábios quando viu o rosto moreno enfurecido. Fez-se um silêncio desconfortável, interrompido apenas quando Angelo girou nos calcanhares, saiu andando a passos largos pelo corredor e desapareceu no quarto de Sylvia.

Empurrei rapidamente a cadeira de rodas para a sala de reuniões. Syl inclinou-se e puxou o freio quando passávamos por seu quarto. A cadeira parou. Lá dentro, Angelo olhava por uma janela, de costas para a porta, a expressão corporal indicando furor contido.

— Irei encontrar com você dentro de um minuto — disse-me ela e entrou no quarto.

Continuei na direção da sala de reuniões.

Ainda estava pondo o material para testes em cima da mesa quando Syl entrou e foi colocar-se na cabeceira.

— Homens... — suspirou — impossível viver com eles e tenho certeza de que também não posso viver sem eles. — Protegeu a boca com uma das mãos e inclinou-se para mim. — Vou contar-lhe um segredo: hoje é dia do meu aniversário.

— Então, parabéns para você! Vai festejar?

— Carolyn vai me levar para tomar uns drinques... Na verdade, logo depois de terminarmos os testes. Eu já pedi permissão aos médicos, como se fosse de novo uma adolescente. Oh, meu Deus, não saio para beber alguma coisa há... desde... — Ela ficou interdita, depois deu um sorriso forçado, abaixou as pálpebras e perguntou: — O que acha de uma mulher com a minha idade namorar um jovem?

Eu não soube o que dizer. Lembrei a mim mesmo: ela sofrera danos no lobo central e por isso não conseguia manter-se dentro dos limites que impediam as pessoas de dar voz a pensamentos impróprios. Provavelmente sempre fora sensual, hiperligada à linguagem corporal e nuances sexuais. Mas agora esse seu aspecto se sobrepunha a todos os demais.

Com um sorriso luminoso e sacudindo a cabeça, Sylvia Jackson tornou a indagar:

— Pode me responder? Ele é cinco anos mais moço do que eu. Claro que não lhe disse exatamente quantos anos tenho...

Eu jamais tinha visto em qualquer jornal a notícia de que aquilo era crime.

Consultei meu relógio:

— Precisamos começar logo, por favor. Submeter-se a testes não é o melhor modo de passar seu aniversário.

Como se eu nada tivesse dito, ela continuou:

— E sabe o que mais? Vou para casa, no fim desta semana! Estou contando os dias. Angelo está preparando tudo para mim. Mudou meu gramado, abrindo caminhos para a cadeira de rodas, mandou construir rampas e quando agradeço ele responde que é o mínimo que pode fazer por Tony.

— Ele e o tio deviam ser muito amigos, comentei.

— Eram assim!

Ela uniu os dois indicadores, lado a lado.

— Também eram sócios de empresa? — perguntei.

— Humm... — murmurou ela, vagamente. — Tony e Angelo Ruggiero... Diziam que eram como irmãos. Realmente, tinham muitas coisas parecidas...

O lábio inferior de Sylvia começou a tremer; ela fechou os olhos e abaixou a cabeça. Soltou o freio da cadeira, colocou as mãos nas rodas e, empurrando-as um pouquinho para a frente e para trás, acomodou-se melhor junto à mesa, em seguida acionou os freios.

— Desculpe... — disse, enxugando as lágrimas que lhe desciam pelas faces. — Isto acontece o tempo todo. Quando penso...

Estou aqui, pertinho de você, pensei. Dei-lhe um lenço de papel do pacote que sempre trago num bolso.

— Essas perdas criam como que poços escuros nos quais a gente cai toda hora — filosofei. — Você não consegue esquecer porque há muita coisa que a faz lembrar-se dele.

— É melhor assim — declarou ela. — Pelo menos os mortos são lembrados porque, depois deste mundo, o que pode haver do lado de lá?

Eu não confiava em mim mesmo para encará-la. Lembrar era doloroso demais.

Manter-me ocupado havia sido a minha salvação.

— Você teria gostado dele se o tivesse conhecido.

— Tenho certeza que sim...

— Ele era um amor. Desde o primeiro momento em que o vi soube que Tony era uma pessoa muito especial. Ele havia acabado de comprar um carro que queria muito e dei uma trombada nele. O para-choque da frente ficou destruído, quebrou um farol, o para-brisa trincou de alto a baixo e houve um afundamento da capota. Como vê, minha memória não está tão ruim!

Era verdade. A partir do momento do traumatismo craniano para trás a memória dela encontrava-se intacta, preservada como um inseto em âmbar. Era o presente que parecia diluir-se no ar como fumaça.

— Tony gostava demais daquele carro. Estava levando-o para Angelo, que é como um menino teimoso e vive assumindo uma porção de atitudes indevidas. Todo mundo acha que eu devia ter tirado o corpo do acidente, mas eu apenas fui honesta, assumi minha responsabilidade. Mas, de vez em quando a gente dá um fora... — Sylvia mordeu o lábio inferior. — Eu gostaria tanto de poder me lembrar! Angelo

diz que nós três passávamos a maior parte do tempo juntos. Não consigo lembrar, mas há como sombras se mexendo bem no fundo da minha cabeça. Há uma porção de coisas das quais não consigo me lembrar. Acha que um dia minha memória vai voltar?

— Os seus médicos é que sabem a resposta. Deve perguntar a eles.

Eu me sentia agradecido por não ser obrigado a dizer-lhe que seis meses depois de um traumatismo craniano com ferimento do cérebro o que a vítima lembra é muito mais bonito do que o que permanece esquecido.

Ela pensou por um instante, parecendo que me avaliava antes de falar:

— Carolyn não gosta muito de você.

— A enfermeira Lovely?

— Claro que ela não tem motivo algum para desgostar de você. Quero dizer, Carolyn mal o conhece. É que acha que vai me prejudicar — Syl inclinou a cabeça de lado e me fitou, atenta. — Mas não vai me prejudicar, vai?

Será que eu ia prejudicá-la? De certo modo sim e Sylvia Jackson não precisava de mais uma traição vinda de alguém em quem confiava. Por outro lado, se Stuart Jackson era inocente, eu a estaria "prejudicando" por provar que as lembranças que ela tinha a respeito dele não eram verdadeiras?

— Não, Sylvia. Não vou prejudicá-la e tenho uma boa notícia para você: faremos os últimos testes hoje e teremos terminado.

— Sim, creio que é uma boa notícia. — Ela não parecia convencida. — Será que vamos nos ver antes do julgamento?

Eu me senti como no fim de um relacionamento quando a outra pessoa diz "Então, você me telefona?" e espera atenta pela resposta a fim de verificar se vai ou não ser enganada. Eu sei que é um contexto errado, mas foi o que senti. Sylvia Jackson vivia num mundo onde tudo se tornara pessoal.

— Provavelmente, não. Nós dois somos testemunhas e não devemos nos ver até o julgamento. Esta é a ordem para ser boas testemunhas, trate-se de um especialista ou não. É a maneira para evitar a parcialidade.

Ela não pareceu muito desapontada. Deu um profundo suspiro.

— Eu me sinto muito mal por causa de Stuart.

— Vocês foram casados durante muito tempo, não?

— Por dez anos e fomos amigos... parece que a vida inteira. Stuart sempre sabe o que estou pensando e sou capaz de terminar as frases que ele começa. Isso o deixa furioso. Ele não consegue imaginar como consigo acompanhar seus pensamentos já que é muito mais esperto do que eu. E é, mesmo. No entanto, muitas vezes eu sei o que ele vai dizer.

Imaginei de várias maneiras como Syl iria conseguir escapar da provação que a aguardava. Era meu trabalho demonstrar e provar ao júri como e quanto ela estava descontrolada. Sentia-me um canalha por isso. Consolei-me lembrando-me da ausência de evidência física. Com certeza quem atirara em Syl e matara Tony deixara para trás ou com eles algo que o ligasse ao crime.

Arrumei meu material para testes e pendurei na maçaneta da porta, pelo lado de fora, o cartão que dizia TESTE EM ANDAMENTO — NÃO PERTURBE. Então, dei a Sylvia uma folha de papel, um lápis e disse-lhe que desenhasse uma pessoa. Ela ficou segurando o lápis, hesitou, depois começou a desenhar. Fez a figura de uma mulher que encheu quase a folha inteira. Os traços eram firmes e nítidos. O rosto era oval, com olhos bem definidos, ouvidos e boca. Cabelos chegando aos ombros. Por fim, desenhou os sapatos, que eram de saltos altos. Quando me entregou o papel, vi que no desenho não havia qualquer risco que sugerisse um vestido. Não havia um só detalhe, tais como botões, gola ou curvas. Nada, a não ser uma indefinida ausência.

Em seguida, dei-lhe outra folha de papel e pedi que desenhasse um homem. Ela o apresentou do mesmo modo: ocupando quase que a página inteira, começando pelo rosto oval. Fez os olhos, o nariz, a boca e longas mechas de cabelos descendo da cabeça. Acrescentou cordões de sapatos e sola para indicar que o homem estava calçado. Mas a partir daí a diferença entre os dois desenhos era chocante. Os ombros do homem eram largos e os quadris estreitos. Estava de terno. No paletó estavam cuidadosamente desenhados os botões e as lapelas; a camisa tinha botões, colarinho e aparecia o cantinho do bolso no peito; um cinto prendia as calças na cintura e até uma linha sugeria o movimento das pernas das calças.

— Obrigado, bons desenhos — comentei enquanto os guardava.

Ela sorriu.

Peguei os cartões com as manchas de tinta. Syl olhou-os de modo estranho e engoliu em seco.

— Muito bem — disse eu —, foi aqui que nos vimos obrigados a parar da última vez. Hoje você está bem? Quer descansar um pouco? Este é o último teste.

— Não. Estou bem. — Ela respirou fundo. — Podemos continuar.

Mostrei o primeiro cartão para Sylvia. Ela pegou-o da minha mão, devagar, e enquanto eu cronometrava girou-o num círculo completo, colocando-o no que é considerada a posição certa. Passaram-se uns bons dois minutos antes que dissesse alguma coisa.

Respirou fundo e soltou o ar fazendo um leve ruído.

— Parece uma borboleta. Com asas. Ou... um morcego. Aqui estão os dentes dele.

Indicou dois pequenos pontos agudos na periferia da mancha: os dentes de um vampiro recortados contra a metade superior da boca do morcego.

Virou o cartão um quarto de volta e sorriu.

— É uma flor. — Apontou, acrescentando: — A flor não tem muitas folhas. — Então, seu semblante iluminou-se de novo. — Há uma borboleta, aqui, indo pousar na flor.

Girou o cartão de novo e franziu a testa.

— É um rosto. Com quatro olhos e uma boca. A boca está aqui embaixo. — Indicou a beirada inferior da mancha de tinta que formava um semicírculo. — Bem, isto poderia ser uma boca se estivesse aqui e os olhos estão fixos em mim.

Colocou a mão sobre a mancha de tinta antes de girar o cartão de novo. Retirou-a, olhou o desenho formado com ar pensativo e sorriu:

— Agora estou vendo um pássaro. Um pássaro voando.

Passei para o segundo cartão e Syl olhou-me com ansiedade.

— Estou fazendo tudo certo, não?

— Certíssimo. É como eu disse: aqui não existe certo nem errado...

E o que os psicólogos sempre dizem e estritamente falando, é verdade. No entanto, as respostas podem ser muito reveladoras, pelo menos olhando-se as profundezas emocionais de uma pessoa, não

diretamente, mas como que através de um periscópio. Claro, há uma porção de pessoas que dizem que o teste de Rorschach está ultrapassado, mas acredito que, na verdade, alguns pacientes o fizeram tantas vezes que suas respostas se tornaram inconfiáveis. Ainda assim acho que esse teste ilumina o caminho a seguir de um modo que os outros não fazem.

Desta vez ela levou menos de um minuto para dar a resposta.

— São duas pessoas. Duas mulheres e estão dançando.

— O que faz parecer que são duas mulheres dançando?

— Os seios... — disse Sylvia. — Eles estão se tocando, aqui... e balançando.

Então, ela virou o cartão de cabeça para baixo.

— Deste jeito fica um pouco diferente. Isto é um braço — indicou uma parte da mancha —, isto é uma perna — apontou outra parte. — Parece alguma coisa com que se corta...

De fato, num canto de cima ela descobrira uma forma que parecia o machete de açougueiro.

As palavras seguintes saíram de jorro: — E este é o cepo. Esta é a perna direita e este é o machete. Vão cortar a perna em pedaços.

Syl estava vermelha e com a respiração rápida. Olhou-me e fiz sinal que continuasse. Ela virou a figura um quarto de círculo para a direita e suspirou, repentinamente descontraída.

— Agora parece uma borboleta. Uma borboleta de papel. Mas está faltando uma das asas.

Respirou fundo, enquanto seu rosto e pescoço se tornavam pálidos, revelando pequenas sardas que desciam para o peito.

Esperei que voltasse a falar da mancha, mas em vez disso ela perguntou:

— Importa-se se pararmos um pouco? Preciso ir ao banheiro.

Aquele cartão tocara algum ponto sensível.

Quando Syl voltou, entrou na sala fazendo a cadeira de rodas mover-se lentamente. Ajeitou-se à cabeceira da mesa. Pareceu- me que fazia um grande esforço para erguer os braços e colocá-los em cima da mesa.

— Ainda tem muito? — perguntou.

Tive a impressão de que alguém apagara uma lâmpada por dentro do rosto de Sylvia Jackson.

— Aguente firme. Mais um cartão e terminaremos.

Entreguei-lhe a mancha seguinte e Sylvia observou-a por alguns segundos.

Abafou um bocejo e começou a falar:

— Parece um urso enorme. Sabe? Com muitos músculos nos braços e nas pernas. Esta parte aqui em cima pode ser a cabeça. — Indicou uma saliência notável entre o que poderiam ser duas pernas peludas. — Ele tem um pênis grande.

Enquanto ela girava o cartão, bateram à porta e a enfermeira Lovely entrou, precedida por uma bandeja com medicamentos. Zangado, eu me ergui e coloquei-me no seu caminho.

— Você não viu o aviso na porta." — perguntei, agressivo.

Ela olhou para a porta. — Que aviso? — Estamos fazendo um teste.

— A Sra. Jackson precisa tomar os remédios.

Enquanto ela falava, admirei o modo como era capaz de pronunciar as palavras tão claramente com os dentes cerrados como estavam. Uma porção de impropérios passaram-me pela cabeça, porém guardei-os para mim mesmo.

A enfermeira deu um copo com água para Syl e entregou-lhe o costumeiro copinho de plástico com os remédios. Ela tomou- os um a um. Fiquei olhando para os copinhos de medicamentos e os copos de água alinhados na bandeja.

— Você sempre usa esses copinhos para os medicamentos? — perguntei.

— Acredito que não sejam lindos como os copinhos de prata usados no Pearce, mas é o que temos.

Fitei-a com ar impassível.

— O que eu quis perguntar é vocês nunca usam copinhos de papelão para dar os remédios, usam?

Ela pegou da bandeja um copo como o que eu me referia, ergueu-o e respondeu como se falasse com um débil mental:

— Este, copo para água. — Trocou-o por um dos copinhos muito menores e com listas verticais em relevo. — Copinhos para remédio. Não, jamais usamos copinhos de papel para medicamentos.

Ergueu o copo com água como se fizesse um brinde a mim.

Com o olho da mente, comparei as competentes imagens: o copinho de papelão pregueadinho que Sylvia encontrara em seu banheiro privativo e os copinhos que estavam na bandeja da enfermeira Lovely. Senti-me como a paciente, com uma porção de trechos de filmes tentando organizarem-se na minha mente.

Lovely ficou olhando até Sylvia tomar o último comprimido.

— Boa garota. O botão de emergência fica bem ali, caso você precise de alguma coisa — preveniu-a, antes de sair da sala.

Depois que a enfermeira fechou a porta atrás de si, entreguei o último cartão a Syl.

— Só mais este e fim do teste.

Ela abafou outro bocejo e pegou o cartão com movimentos em câmara lenta.

Virou de cabeça para baixo, depois ao contrário.

— Este é bonito — disse, provavelmente referindo-se às cores da mancha. Em seguida, passou o indicador pelo meio do desenho. — Minha mãe sempre me dizia que se eu fosse malcriada um diabo me levaria embora e me deixaria no limbo.

— No limbo?

— Sim, como os bebês que morrem antes de serem batizados. Só que eu não estaria morta, apenas vazia, sem alma, entende? Isto não parece alguém no limbo?

Syl estava apontando para uma manchinha estreita, como um verme, no centro do cartão. Em seguida, virou-o de cabeça para baixo.

— Agora, deste jeito... Olhe, ele não tem mãos nem pés... e é tão pequeno! — Examinou a mancha com mais atenção. — Há asas crescendo nos lugares onde deveriam estar as mãos e os pés.

— O que faz essa mancha parecer alguém no limbo?

— É que ela é tão pequena e transparente... — Em seguida, com sua voz fraca e insegura, acrescentou: — É uma pessoa magra, muito magra, tentando voar. 193

Capítulo 19

DEPOIS QUE SYLVIA JACKSON voltou para seu quarto, fiquei na sala de reuniões fazendo anotações. Coloquei os desenhos que ela fizera um ao lado do outro e considerei as diferenças. A bem formada

figura masculina e a atenção para os detalhes falavam de seu interesse pelos homens e do poder que exerciam sobre ela. A figura feminina diáfana, pouco mais de uma linha traçada entre a cabeça e os pés, ecoava sua sensação de vazio e de perda. Esses mesmos temas apareciam entre as respostas que dera aos cartões do Teste de Rorschach.

Fora sofrido para mim observar a luta que ela travava e também estava contente com o término do teste. Atormentar Sylvia Jackson não era a minha finalidade, mas fora isso que eu fizera. Ela me fez lembrar do meu pai quando tinha a mente ainda em condições suficientes para perceber que estava perdendo a lucidez. Lembrei-me de uma vez que fui a Nova York para participar de um congresso. Eu ia almoçar no apartamento dos meus pais e depois pegaria o avião de volta a Boston. Telefonei antes de ir para perguntar se queriam que levasse alguma coisa. Minha mãe disse que não, que estava tudo certo. Papai havia ido até o supermercado pegar pó de café e leite. Ele gostava de fazer algum exercício.

Quando cheguei, a porta do apartamento deles estava escancarada e pude ouvir mamãe lá dentro, falando ao telefone. Uma porta de apartamento aberta no Brooklyn é tão comum quanto um hipopótamo no metrô. Logo vi que alguma coisa estava errada. A voz de minha mãe soava alta e estridente.

— Mas ele saiu há duas horas e o supermercado fica apenas a quinze minutos de caminhada daqui!

Quando me viu, ela desligou o telefone, irritada.

— Seu pai não voltou — disse, com a voz apertada — e a polícia não serve para nada!

Fui até o supermercado ao qual minha mãe disse que ele tinha ido e encontrei-o vagando entre as gôndolas, com uma caixa de sabão em pó e um pacote de sobrecoxas de frango nas mãos. Meu pai não tinha a menor ideia de onde estava e não sabia o que tinha ido fazer ali.

Durante o caminho de volta à casa ele se manteve em silêncio. Na primeira esquina parou, hesitante, ansioso. Começou a andar e parou muitas vezes, como uma criança perdida. Segurei- o por um braço e o levei comigo.

— Eu não quis preocupar você...

Foi a explicação de minha mãe por não me ter avisado que papai estava tendo ausências contínuas. Aquele era o último de uma série de incidentes mais ou menos sérios, tais como esquecer o número do telefone, deixar comida queimar no fogo, repetir o que já tinha dito... Eram fatos que marcavam os limites entre os esquecimentos comuns e esquecimentos patológicos. Nessa época ele ainda recebia informações do cérebro e percebia quando perdia a noção de tempo e das coisas. Isto o fazia ficar cada vez mais ansioso e deprimido, com medo de estar perdendo o juízo. E, de fato estava.

Lembro-me da sua expressão de alívio quando eu lhe disse que achava que se tratava dos primeiros sintomas do mal de Alzheimer. Pelo menos era uma doença, algo orgânico que não se chamava loucura. E lembro-me, também, da minha própria angústia. Era, sim, uma doença da qual eu sabia tudo que era conhecido. Escrevera artigos, fizera conferências a respeito e sabia que não tinha a menor possibilidade de cura. Sabia que a situação estaria bem pior alguns meses depois.

Quando aconteceu, telefonei para minha mãe e perguntei-lhe se concordaria em mudar do apartamento para perto de mim.

O misericordioso do mal de Alzheimer é que quanto mais a doença se adianta menos o doente percebe o que está lhe acontecendo. Provavelmente o caso de Sylvia Jackson era o oposto. A medida que melhorava, mais consciente ficava das suas deficiências.

Quando acabei de guardar meu material e saí do hospital, já passava das seis horas. Peguei o elevador que descia, percorri o corredor deserto e entrei no saguão. Atravessei a ponte provisória que levava ao edifício onde ficava a garagem. Fora do hospital, o céu estava cinza e chovia. Um grosso jato de água saía por uma calha interrompida junto à folha de zinco ondulado que não bastava para proteger as pessoas que passavam pela tábua.

Senti-me bem melhor ao passar para o vestíbulo que dava para a garagem. Apertei o botão do elevador e esperei. Precedido por uma série de suspiros e gemidos, ele chegou e suas portas se abriram. O percurso de três andares foi lento e o elevador balançava para os lados. Por fim parou e as portas se abriram para uma rampa às escuras. Saí e fiquei alguns momentos sem enxergar direito e quando as portas do elevador fecharam atrás de mim a escuridão tornou-se mais densa.

Felizmente consegui divisar um botão de luz junto ao elevador e fez-se uma reduzida claridade amarelada. Meus passos ecoavam no pavimento. Se bem que o nível da garagem onde eu estacionara estivesse relativamente vazio, um jipe e uma Caravan Dodge se achavam ao lado do meu carro. Esgueirei-me entre ele e o jipe, contente por verificar que, mesmo perto como estava, o motorista conseguira sair sem estragar a pintura verde e recente da porta.

Consegui entrar, virei a chave na ignição e o motor pegou imediatamente.

Suspirei e relaxei-me contra o encosto. O cheiro cálido de couro era reconfortante. Acendi os faróis e as colunas de concreto diante do box em que eu havia estacionado apareceram. Abaixei o vidro, ajustei o espelhinho lateral e engrenei a marcha à ré. Os faróis de trás iluminaram a escuridão atrás de mim fazendo com que luzes e sombras dançassem enquanto eu me movimentava para trás. Apertei o pedal do freio quando um carro apareceu na curva e passou em direção à saída. Você arrisca a vida quando é obrigado a sair de marcha à ré de uma fileira de carros estacionados e algum idiota resolve disparar pelas rampas das garagens como se estivesse participando de uma corrida de Fórmula Indy.

Olhei pelo retrovisor e vi as portas do elevador se abrirem para deixar passar alguém que usava um casacão preto e empurrava uma cadeira de rodas. Ouvi vozes e risadas. Sylvia Jackson e a enfermeira Lovely iam sair para festejar o aniversário da paciente.

A enfermeira empurrou a cadeira para a rampa. De algum lugar longe de nós veio o cantar de pneus. Um motorista estava saindo com pressa.

Lovely parou para pegar alguma coisa na bolsa, em seguida continuou, empurrando Sylvia e passou por mim em direção dos últimos carros que havia naquele nível.

Os pneus cantaram bem mais perto e pude ouvir o barulho do motor. Distraída como apenas os pedestres costumam ser, Lovely continuava muito devagar. Com aquele manto preto era impossível que fosse vista, mesmo que o maluco que vinha descendo estivesse respeitando a velocidade-limite de quarenta quilômetros por hora.

Fiz meu carro ir para a frente, deixei o câmbio em ponto morto e gritei:

— Saia da frente!

A enfermeira parou.

— Ora essa, fique frio, seu idiota! Quer ver como saímos da sua frente?

Então, levou deliberadamente a cadeira de rodas para o meio da rampa e parou.

O carro que eu ouvira agora estava muito perto. Os pneus cantaram de novo. Fachos de luz dos faróis apareceram e desapareceram entre os divisores de concreto que separavam as rampas de entrada e de saída. Apertei a buzina enchendo a garagem com o ruído ensurdecedor, esperando que isso fizesse o carro que vinha diminuir a velocidade ou a enfermeira Lovely sair do caminho dele. Ela me mostrou a língua.

Os pneus cantaram pelo que considerei a última vez e o motor roncava, mais acelerado ainda. Buzinei de novo, engrenei a marcha à ré e acelerei, virando o volante de modo a ir parar no meio da rampa, com meus pneus cantando em dueto com os do outro automóvel.

Um carro baixo, vermelho, fez a curva, pareceu mirar meu carro e passou pelo elevador como uma flecha antes de me atingir. O som de metal contra metal me deu até enjoo de estômago. Imagine, eu havia acabado de substituir os faróis, lanternas e para- choque traseiros. O carro vermelho deu uma ré rápida, desviou de mim e sumiu na curva da rampa descendente. O motorista nem sequer parou para ver ser alguém ficara machucado.

Saltei às pressas para ver a cadeira de rodas tombada perto de um carro estacionado. Corri esperando encontrar Sylvia Jackson caída no chão, embaixo da cadeira, mas ela não estava lá. Ouvi sua respiração opressa antes de vê-la escondida entre dois carros estacionados. Achava-se em pé, porém de modo precário. Em dois passos cheguei perto dela e amparei-a.

—Você se machucou? — perguntei.

Ela tremia.

— Calma... está tudo bem. — Ajudei-a a sentar-se na cadeira de rodas e ajoelhei-me a sua frente. — Deve ter sido um motorista idiota.

Minha voz soava completamente calma, porém eu me sentia como se alguém me tivesse dado um violento soco no estômago.

— Mas que merda! O que foi aquilo?

A enfermeira Carolyn Lovely gatinhava, furiosa, e juntava as coisas que haviam voado de sua bolsa quando ela caíra.

— Você...você, seu grande cretino! — cuspiu as palavras na minha direção, enquanto se encostava no carro mais próximo e pegava um telefone celular. — Eu devia ter adivinhado que era você! Não costuma olhar quando dá ré?

— Eu olhei e foi por isso mesmo que dei ré. Aquele cara ia matar vocês duas. — Não está querendo dizer que você poderia ter matado nós duas? — revidou ela.

A enfermeira sacudiu sua volumosa bolsa e olhou dentro dela. Em seguida gatinhou entre os carros, verificando se havia mais alguma coisa no chão. Fui pegar a bolsa de Sylvia que estava perto do lugar em que a cadeira de rodas tombara. Lá encontrei o que a enfermeira procurava.

— Isto é seu? — perguntei.

Ela voltou-se, olhou para a palma da minha mão e viu o pequeno revólver prateado. Em seguida olhou para a rampa por onde o carro sumira e tornou a fitar-me.

— Não foi sua culpa? Você não...

Interrompeu-se como se não fosse capaz de dizer o que eu não tinha feito.

— Não, eu não. Apenas me coloquei no caminho para vocês não serem atropeladas.

— Sylvia! — assustou-se a enfermeira, aflita, lembrando-se da paciente.

— Estou bem, Carolyn. Assustada, mas inteira.

— Pôde ver o carro? — perguntou Lovely, com mais urgência.

— Parecia com o meu — respondeu Syl. — Vermelho, talvez um Firebird ou um Camaro.

— O que está pensando? — perguntei à Carolym Lovely.

Por pouco o olhar dela não me fuzilou.

— O que estou pensando não é da sua conta — explodiu ela.

A mão que ergueu para afastar os cabelos do rosto tremia. Seu porte era assustador no hospital, porém ali parecia menor, mais jovem e muito vulnerável. Estendi-lhe a mão e ela não recusou. Ajudei-a a erguer-se e levei-a para meu carro, que estava com a porta aberta. Ela sentou-se, os ombros estremecendo sob a lã do casaco. Respirava

afanosamente e uma fina camada de suor cobria-lhe a testa. Quando as pessoas sentem-se ameaçadas primeiro têm raiva, depois desabam. E eu vi que também me sentia assim quando pude baixar a guarda.

Carolyn sacudiu a cabeça.

— Não é nada... nada, mesmo. Estou me comportando como uma boba! Já acabou. No entanto, tudo isso despertou sensações terríveis, que pensei ter esquecido.

Syl aproximara silenciosamente a cadeira de roda de nós.

— É que o ex-marido de Carolyn — explicou — perseguiu-a e ameaçou-a durante anos.

— A polícia não... — comecei.

A enfermeira me interrompeu:

— Que piada! A polícia nada pode fazer contra ameaças — ironizou. — Você é que tem sorte — disse à Syl —, seu marido está na cadeia e não pode lhe fazer nada.

Nós três nos sobressaltamos ao ouvir pneus cantando. Um carro passou pelo meu, deteve-se e deu ré até parar ao nosso lado. Um homem enfiou a cara pela janela.

— É aqui mesmo que você deve estacionar seu carro! — gritou, irritado, antes de seguir seu caminho.

Pareciam palavras próprias de um cientista perito em foguetes.

Syl foi para trás do meu carro, avaliar os estragos. Deu um suave assobio.

— Belo carro — comentou. — Vintage 1967 ou 68, TC 2000. Muito raro e muito bem restaurado...

Parecia impressionada. A onda de orgulho que me envolveu sumiu quando Sylvia continuou:

— Precisa de faróis, lanternas e para-choque novos...

Gemi.

— ... e talvez também da tampa do porta-malas...

Eu acabara de restaurar a maldita tampa! E ela continuou:

— Não se encontram peças de reposição...

Como se eu não soubesse disso!

— ... vai custar uma fortuna pôr esta joia em ordem!

Era evidente que a capacidade avaliadora de Sylvia Jackson permanecera intacta.

Capítulo 20

DEPOIS QUE Sylvia e Lovely foram embora, levei meu carro para um lugar onde poderia examiná-lo melhor. Bufando de raiva, inspecionei os danos. Faróis e lanternas em petição de miséria, um para-lama amassado, o porta-malas não fechava, um lado do para-choque estava pendurado. Pelo menos mais seis meses de trabalho. Peguei o para-choque, puxei, torci e xinguei até conseguir terminar de arrancar a maldita coisa, Joguei-o de qualquer jeito dentro do porta-malas e amarrei a tampa com um pedaço de corda. Enfiei-me embaixo e iluminei aquele lado do chassi com a luz de uma lanterna. Que merda! Aquele estrago eu não pode- ria consertar.

Dirigi até em casa com o carro rangendo, relembrando o incidente uma porção de vezes. O som de pneus cantando, de metal contra metal, de metal contra concreto... A cadeira de rodas tombada. O corpo de Sylvia, trêmula de terror, contra o meu. O pequeno revólver prateado. A raiva e depois o choque da enfermeira Lovely.

A overdose de remédios de Sylvia, o atropelamento da minha canoa no rio Charles e agora aquilo. Tinha que haver uma ligação. Ou será que eu estava ficando paranoico? Acontecem acidentes em garagens de estacionamento o tempo todo. Mas por que ele não parara? Fechei os olhos e tentei imaginar o carro, o motorista. Por que eu achava que era um homem que estava dirigindo?

Preocupado com meus pensamentos, não estava preparado para a cena com que deparei diante da minha casa. Duas viaturas policiais, com as luzes azuis piscando, achavam-se estacionadas. Um sedã escuro achava-se na minha entrada de garagem. O tempo pareceu parar enquanto eu saía do carro mal estacionado e corria pela calçada, com o coração disparado.

For favor, meu Deus, eu pensava, não agora! A porta da frente da casa da minha mãe achava-se aberta e ela recortava-se, de pé, contra a luz que vinha lá de dentro. Um enorme alívio me envolveu quando percebi que não me achava diante de nenhum cenário de crime,

— O que foi? Você está bem, mãe?

Precipitei-me para junto dela e segurei-a pelos ombros magros, apenas para provar a mim mesmo que estava de fato ali.

— Chamei a polícia porque vi aquela pessoa — disse ela, ultrajada, apontando com dedo trêmulo o sedã escuro — tentando entrar na sua casa. Agora voltou para o carro dele e está ali sentado, como se nada fosse.

Um dos policiais fardados iluminou o rosto do motorista do sedã com uma lanterna. O sargento MacRae olhou, furioso, pela janela aberta do carro. Suas orelhas estavam escarlates.

Fechei os punhos e fui para perto dele.

— Que diabo você pensa que está fazendo? Desde que nos conhecemos não tem a menor consideração. Ficar rondando por aqui, tentar invadir minha casa, assustar terrivelmente uma senhora idosa! O que acha que ela ia pensar?

— Preciso falar com você — resmungou ele.

— Ah! Precisa falar comigo? Marque hora, como todo mundo faz.

Minha mãe se aproximara e estava atrás de mim. Em seguida foi para junto do carro e parou com seus tênis Nike firmemente plantados no chão, as mãos na cintura, o queixo erguido. Bateu com os nós dos dedos no vidro do carro.

— Olhe aqui, meu Sr. — disse, pomposa —, agora pode contar à polícia por que tentava invadir a casa do meu filho.

— Ele é a polícia — eu disse a ela.

Minha mãe olhou-me de boca aberta, em seguida abanou a cabeça com ar de desprezo.

MacRae saiu do carro e tentou assumir uma pose digna, mas achava-se esmagado pelo olhar indignado da minha mãe.

— Sinto muito, Sra. Zak — disse, por fim. — Eu não sabia que a senhora estava na casa. Queria falar com ele.

— Queria falar com o meu filho?

Pude até ouvir a campainha de alarme que disparou no cérebro da minha mãe.

— É sobre o caso em que estou trabalhando, mãe. Diga a ela... — ordenei a Mac — Diga-lhe que não é nada comigo.

Ele me deu um olhar enviesado, que tenho certeza, minha mãe percebeu, antes de resmungar:

— É sobre um caso.

Dirigindo-se a um policial fardado ela disse:

— Ele não pode ser preso por... — olhou para mim em busca de ajuda, mas ergui as mãos — por tentativa de invasão? — A voz dela falseou. — Por tentativa de assalto? — Começou a chorar. — Não é ilegal assustar uma senhora a ponto de quase provocar-lhe a morte?

Voltei-me e abracei mamãe. Ela estava fria e rígida. Furioso, fitei MacRae.

— Vou levar minha mãe para dentro. Se quer falar comigo, sabe o número do telefone do meu consultório.

Capítulo 21

NA MANHÃ SEGUINTE fui à delegacia de Cambridge. Fazia meu depoimento sobre o acidente quando MacRae saiu de uma das salas e aproximou-se para ler por cima de meu ombro o formulário que já estava quase completo.

— Outro incidente — disse em tom acusador.

Assenti: — Parece que nós dois vivemos só para falar dos meus incidentes...

— Quando?

— Ontem à noite, uma hora antes de eu chegar em casa. Como é, vai me dizer por que estava me esperando na minha entrada de garagem, naquela hora?

Ele endireitou os ombros. — O que está querendo dizer?

— Apenas que não ficarei surpreso se você souber mais do que eu sobre o acontecido.

MacRae não se zangou. Ficou ofendido. — Sou um policial, doutor Zak, e fui designado para cuidar do caso Jackson. — Estufou o peito, esticou o queixo e deu um passo atrás com as pernas que eram curtas demais para o tronco. — Meu trabalho é manter Sylvia Jackson inteira para que possa caminhar, rodar ou rastejar até o banco das testemunhas. A equipe do hospital está informada para me chamar se qualquer coisa estranha acontecer com ela. Aliás, eu diria que o que houve ontem à noite foi muito estranho.

Ele parou à minha frente e colocou a palma da mão sobre o formulário do incidente.

— Então, já que aconteceu — prosseguiu —, preciso também saber sobre o seu acidente. Se bem que não tenho certeza de que devo

chamá-lo assim. — Quanto a isto, estávamos de pleno acordo. — Gostaria que me contasse tudo o que aconteceu — acrescentou ele.

Emburrado, contei.

—- Um carro esporte vermelho? — repetiu MacRae.

— Sylvia Jackson disse que o carro se parecia com o que ela tem.

— Você conseguiu ver o motorista?

— Não.

Eu não saberia dizer se ele estava aborrecido ou aliviado com a minha incompetência, pois murmurou:

— Acontecem acidentes em garagens de estacionamento o tempo todo. O pessoal sempre dirige depressa demais; muitas vezes batem e fogem porque não têm seguro ou não querem perder o desconto no prêmio. Mas acho que neste caso há um padrão que não me agrada. Se eu fosse você, trataria de vigiar minhas próprias costas.

Isso mesmo, pensei, observação brilhante! e ele continuou:

— E acho que vamos manter Sylvia Jackson sob proteção vinte e quatro horas por dia, apenas para prevenir.

Da delegacia fui fazer o orçamento dos danos no meu carro. O dono da oficina não demonstrou o mesmo entusiasmo que Sylvia por carros com idade venerável.

O quadro que ele pintou foi arrasador, parecia até que se tratava de consertar um Chevy Cavalier. Mas não discuti. Eu poderia fazer a maior parte do trabalho e não estava a fim de outra discussão. Queria, apenas, voltar para o instituto e me entregar ao conforto da rotina diária.

Cheguei ao Pearce antes do meio-dia. Gloria estava na sala de enfermagem fazendo o relatório sobre um paciente. Eu havia acabado de pegar a ficha de Maria Whitson quando senti um puxão familiar na barra do meu paletó e uma voz conhecida sussurrar-me ao ouvido:

— Por que toda essa elegância, hoje?

Kwan fez-me girar suavemente.

— Bem, vejamos... Parece-me que é uma tonalidade exótica de... hum... verde?

— Marrom — corrigi.

Com ar de profunda dúvida, Kwan segurou o tecido da manga do meu paletó entre o indicador e o polegar, — Lã?

— De camelo — esclareci, confiante.

Meu colega me fez dar mais uma volta.

— Lapelas um tanto grandes demais, não acha? E aqui não está um pouco curto? — Indagou, indicando o comprimento do paletó atrás. — E este corte na barra é um toque interessante. Combina com as lapelas.

— Ele me serve perfeitamente... Estiquei e dobrei os braços para mostrar que as mangas chegavam certinho aos meus pulsos.

— Não me diga! É do Filene's Brechó?

Fiquei furioso, pois ele tinha razão, é claro. Comprara o terno na primavera anterior e guardara-o à espera do inverno, mas me antecipara vestindo-o naquele dia.

— Será que vocês dois já terminaram? — interferiu Gloria. — Porque, se não, preferia que fossem trocar amabilidades em outro lugar. Tenho que trabalhar.

— Desmancha-prazeres — resmunguei e acompanhei Kwan para o corredor, longe dos ouvidos dela. — Creio que você acha que eu devia ter procurado o seu alfaiate no Saldão dos Necessitados.

— Acho que não deixariam você entrar no Neiman's com esse terno.

Antes que eu desse o troco, Kwan se afastou, dizendo que tinha que ver um paciente. E eu fui ver Maria Whitson. Havia dez dias que ela fora internada. Não estava no quarto. Encontrei-a sentada na sala de estar, num banco perto da janela, ao lado de um grupo de uns seis pacientes que ouviam nosso terapeuta musical que cantava, acompanhando-se por uma música sincopada, ao piano.

Numa voz de falsete que rivalizava com a do *Little Anthony* ele encerrou: — "E a junta está saltando"...

E não só as juntas, mas todos os nervos da gente saltavam por causa da cacofonia de tambores e afoxés que acompanhavam a música. O Sr. O'Flanagan lá estava, o pé marcando o compasso. A Sra. Blum cantava em seu inimitável soprano. A silhueta escura recortada contra a luminosidade do sol matinal, os olhos semicerrados, a boca relaxada, Maria Whitson balançava o corpo suavemente no ritmo da música. Seu cabelo loiro-avermelhado estava puxado para trás e ela vestia jeans e um casaquinho de tricô, folgado, abotoado na frente.

A música encerrou-se com um floreio ao piano. Maria ergueu as mãos para aplaudir. Os tambores e afoxés continuaram soando ao acaso

depois que o piano se calou, Expectante, ela ficou olhando para o piano, enquanto eu me aproximava.

— Sra. Whitson? Detesto levá-la daqui, mas importa-se de me acompanhar até um local mais sossegado onde possamos conversar por alguns minutos?

Levei-a para o refeitório. Maria sentou-se no lugar que normalmente ocupava durante as refeições. Servi um café puro para mim, um descafeinado com leite e açúcar para ela e levei-os à mesa.

Ela mexeu o café, colocou a colherinha de plástico sobre a mesa, pegou a xícara e tomou um pequeno gole antes de pô-la de volta no pires à sua frente.

Esperei. Os olhos de Maria passearam pela sala inteira até chegar à tigela de frutas, num dos lados da mesa. Ela começou a levantar-se.

— Você me parece muito melhor hoje — comentei. — Mais animada.

De pé, a paciente ficou imóvel e continuou olhando para as frutas, enquanto os dedos das duas mãos brincavam com botões do casaquinho. Eu não queria pôr a tigela longe do seu alcance. Seria melhor se ela resistisse por conta própria.

— Sim — continuei. — Acho que está bem melhor, mesmo.

Maria voltou-se para olhar-me, em seguida tornou a sentar-se.

— Mas ainda não sou eu mesma — respondeu.

— Lembre-se de que vem tomando há tempo medicamentos muito fortes e seu organismo ainda está se livrando dos efeitos deles. Provavelmente ainda vai se sentir esquisita por algum tempo, sem o controle que tinha sobre si mesma. Mas parece muito melhor.

De fato, Maria Whitson parecia mais bonita. As maçãs do rosto e o queixo forte já se esboçavam no rosto antes inchado e sem forma. Os olhos azuis estavam mais límpidos, mais em foco. Ela já devia ter percebido isso porque tinha o olhar fixo além de mim, num enorme espelho pendurado na parede.

Pegou a colherinha de plástico da mesa, soltou-a sobre o colo e ficou olhando para ela.

— Tem dormido bem?

— Sim — respondeu ela, em voz baixa.

— Eu gostaria que me falasse um pouco da sua família. Por que não começa dizendo o que sente por seus pais."

— Meus pais... — O rosto dela tornou-se sombrio e zangado; pegou a colherinha com um gesto brusco e apertou-a na mão.

— Meus pais... — Seu olhar suavizou-se. — Sabe, é como se eu ainda os amasse, mas sei que não posso.

— Isso é bom — aprovei, — O que quer dizer?

— Que é bom porque está sendo honesta consigo mesma. Vocês tinham bons momentos juntos?

Maria pensou por algum instante.

— Meu pai sempre quis um filho, porém vim eu. Não é que ele não gostasse de mim... — explicou, parecendo de novo confusa e começando a puxar um fio de linha de suas calças — pelo menos dizia que gostava. Meu pai me ensinou a fazer arremesso de bola em curva. Eu era a única garota em Melrose capaz de fazer isso. Mas como é que ele pôde... — Enxugou uma lágrima no canto dos olhos com o dorso da mão. — Está vendo, é sempre a mesma coisa. Quando começo a pensar coisas bonitas, as lembranças ruins voltam. É como se eu só tivesse esses dois canais no cérebro.

Maria dobrou um braço junto ao peito, com a outra mão pegou uma mecha de cabelos do alto da testa e puxou-a para baixo, encostada no rosto.

— As imagens ficam passando e repassando em sua cabeça?

A paciente assentiu, a essa altura torcendo a mecha de cabelos.

— Eu gostaria que fizesse isso parar pelo menos por alguns momentos e me contasse como foi o acidente de carro. Tenho curiosidade em saber como tudo começou e, depois, como conseguiu lembrar-se, o que a fez passar a ter todas essas... hum... imagens.

Eu tentava evitar a palavra "retrospecto" porque ela implica em um confiável repassar de acontecimentos e uma das muitas coisas que aprendi é que o cérebro pode ser um historiador nada confiável.

Maria deu um rápido olhar enviesado para a tigela com frutas. Sacudiu a, cabeça e mordiscou a cutícula do dedo polegar. Coloquei uma caixa com lenços em cima da mesa e ela pegou um.

— Foi há três anos — disse. — Aconteceu quando eu já estava praticamente na entrada da minha garagem. Vinha em alta velocidade,

naquela ansiedade de percorrer logo o último quilômetro. Meu marido ia saindo naquele momento.

— Disse que foi acidente...

— Estava muito escuro e a minha rua não é muito bem calçada — prosseguiu Maria, evitando meu olhar. — Eu já fazia a curva para pegar a entrada da minha garagem e o idiota saiu a toda, sem olhar. Trombamos de frente, só que ele estava com o carro maior e mais pesado. — Maria bateu os dois punhos fechados um contra o outro. — Pabum!

— E o seu marido?

— Fez o que sempre fazia quando acontecia algo inesperado. Ficou zangado, furioso comigo. Toda vez ele arranjava alguém para pôr a culpa. Foi o que aconteceu também, algum tempo depois.

— Algum tempo depois?

— Quando comecei a não querer que ele me tocasse. Quando eu não podia nem sequer ficar perto dele. Ficou uma fera. Primeiro me xingou. — Entre cada frase ela dava uma mordiscada na cutícula que começava a sangrar. — Então, meus pais...

Então, quando ele ficou sabendo do abuso sexual quis matar meu tio Nino.

— Ele tentou machucá-la?

Maria olhou para o sangue que saía de junto à unha e lambeu- o devagar.

— Não, não exatamente. Foi mais como se quisesse me controlar, ser dono de mim.

Deu-me uma olhada, depois fixou a atenção num pequeno furo em seu jeans, tentando tapá-lo com um dedo curto e grosso.

— E daí? — indaguei, tentando fazê-la revelar seus pensamentos.

— Oh, nada. — Ela voltou à linha solta e eu esperei. — De vez em quando penso se não fui a culpada de tudo que aconteceu. O acidente, talvez eu o tenha provocado. — Ela parecia falar com o próprio colo, ao mesmo tempo que enfiava o dedo num rasgo na perna do jeans e puxava, aumentando-o. — Talvez eu tenha feito isso mesmo. Vai ver que provoquei tudo, porque eu não consigo fazer nada direito.

Apesar das três tentativas, ela não conseguira se matar e agora começava a perguntar-se por quê. A curiosidade é um impulso saudável.

Eu queria afastá-la do estado de depressão em que se encontrava e explorar essa libertação focalizando os aspectos exteriores dos acontecimentos.

— Li na sua ficha médica que bateu a cabeça no para-brisa.

A paciente esfregou a fronte e a testa. — Bem aqui. — Fungou. — Também quebrei um braço. Fizeram raios X no hospital. Não encontraram indícios de danos cerebrais, mas durante meses não consegui concatenar qualquer pensamento. Primeiro, fiquei atordoada. Não podia nem mesmo ir para a cama sem ser ajudada. Não conseguia focalizar ou me lembrar sequer das coisas mais simples. Foi tão frustrante! Não podia trabalhar, então fui afastada por incapacidade de trabalho. Eu me sentia realmente obesa e gordurosa como um verme enorme. Nada tinha para fazer, não podia correr e, como aconteceu quando eu estava com doze anos, tornei-me obcecada por comida.

Maria deu um olhar rápido para a tigela de frutas, depois me fitou.

— Vivia pensando que não comia o suficiente para matar minha fome, como quando minha mãe me impôs um regime de emagrecimento, época em que eu cursava a sexta série do primeiro grau e comíamos tofu e grapefruits semanas a fio. Comecei a esconder comida no carro. Depois do acidente meu marido não quis mais nem chegar perto do carro dele, mesmo depois que foi consertado, porque achava que o automóvel também era culpado, de certa forma. Amendoim salgado e doce, batatinhas chips, salgadinhos, balas, biscoitos, chocolates... — enumerou ela, com ar sonhador, mordiscando de novo a mesma cutícula. — Eu comia, comia e depois sentia tanta culpa que me afogava em amargura. Não conseguia mais sequer olhar-me no espelho, porque me tornara enorme e repulsiva.

Ela começou a retorcer a barra do casaquinho de lã.

— Reabilitação era uma piada. O gesso deu jeito no meu braço, mas e o resto? Me dê um tempo... Eles me trataram como retardada, mostraram-me figuras enigmáticas. Quadros e desenhos. Ligue os pontos...

Maria Whitson abriu a boca, enfiou o dedo indicador nela e fez o som de quem vomita, querendo demonstrar o que pensava da chamada psicoterapia.

— Parecia tão estúpido! — continuou. — E o pior era que eu não podia fazer nada para me livrar daquilo. Afinal, resolvi deixar-me levar e

fui ficando cada vez mais deprimida. Não consigo dormir porque continuo tendo aqueles sonhos esquisitos e vivo com medo de que alguma coisa terrível aconteça. — Calou-se e respirou fundo, o rosto transtornado pela ideia. — Juro por Deus — soluçou —, não consigo passear pelas alamedas do jardim lá fora porque entro em pânico quando passo perto do estacionamento.

Ela pegou outro lenço de papel e enxugou as lágrimas; fez uma pausa antes de voltar a falar.

— Eu voltava constantemente ao meu médico e implorava "Ajude-me!". Ele coçava a cabeça e respondia "Dê-me tempo para isso". E minha família reforçava:

"Dê tempo a ele". — As mãos de Maria agitavam-se, rasgando o lenço todo. — Fiquei desesperada. Parecia não haver modo algum de melhorar. Quis morrer...

A paciente calou-se por momentos e, por fim, deu uma profunda inspiração de ar que terminou num soluço.

— Foi aí que comecei a me tratar com o doutor Baldridge.

— Deve ter pensado que estava ficando louca — comentei.

Maria assentiu, com o rosto vermelho de emoção e brilhante de suor.

Aquele era o tipo de história que eu ouvia o tempo todo de clientes que sofriam desnecessariamente nas mãos de médicos que agem como um bando de robôs, tratando dos sintomas sem dar a menor atenção ao contexto dos casos. Tratava-se da medicina baseada em livros da pior espécie.

Procurei pôr esse pensamento negativo de lado e dizer algo que a ajudasse.

— Eu sei que estando na posição em que estou, para mim é fácil falar, mas deixe-me dizer-lhe duas coisas que em geral acontecem com pessoas que sofrem pequenos danos cerebrais, como o seu. Primeiro, mesmo que a tomografia computadorizada não mostre lesões, quando sua cabeça bateu no para-brisa a pancada provavelmente provocou um alongamento dos axônios... as fibras nervosas do cérebro. Isso resulta em uma condição que chamamos de síndrome pós-concussiva e as pessoas com paralisia cerebral apresentam exatamente os sintomas que descreveu: perda de memória, dificuldade de concentração, vertigens. E

o seu médico tinha razão: mesmo sem tratamento, eles desaparecem depois de alguns meses.

Enquanto eu falava, Maria mantinha os olhos fixos em mim e mordiscava o polegar. Sua respiração acalmou-se quando compreendeu o que eu dizia.

— Segundo — prossegui —, a sua psique reage ao fato de o seu cérebro não estar funcionando bem, o que a torna ansiosa — a paciente anuiu — e mais ainda por parecer que a síndrome não está melhorando. Porém o que realmente acontece é que instalou-se um estresse pós-traumático, que é um estado emocional. Em termos de sintomas, as mesmas coisas. Você está ansiosa, deprimida, tem dificuldade em lembrar-se de coisas e fatos, de prestar atenção, não dorme bem e quando dorme tem sonhos esquisitos. Mas como os exames mostram um cérebro em ordem, os médicos podem pensar que finge estar doente. E não há nada pior para quem está doente do que ouvir um médico dizer "Não há nada de errado com você! Não poderia estar melhor!"

— O problema — continuei após uma breve pausa — é que ele trata um estresse pós-traumático... uma condição emocional... como se fosse síndrome pós-concussiva, ou seja, uma condição física. E, como pôde descobrir durante os últimos meses, esse tratamento é errado. Já estava muito ansiosa e eles a submeteram a repetitivos exercícios; em vez de melhorar, de as coisas se ordenarem gradualmente o que conseguiu foi frustração após frustração e seu nível de ansiedade foi cada vez subindo mais. Sua disfunção aumentou a ponto de não conseguir fazer as coisas mais simples, como passear no jardim do instituto.

Os olhos de Maria se haviam tornado grandes e redondos, as mãos agitavam-se no colo.

— O motivo de eu lhe dizer estas coisas é que você tem a sensação de estar ficando louca, mas posso garantir que não é verdade.

— É isso mesmo que sinto. — Maria inclinou-se para mim. — Eu achava que era minha culpa, que não estava realmente fazendo o que devia.

— E quanto mais tentava fazer o que pensava que devia, pior ficava.

Pela primeira vez a Sra. Whitson endireitou o corpo na cadeira.

— O doutor Baldridge compreendeu isso. No primeiro instante em que o vi soube que ele era capaz de me ajudar. — Ela fez uma pausa, seus olhos brilhavam. — Ele irradia tanta sabedoria e compreensão!

O ramo da medicina do doutor Baldridge encoraja esse tipo de adoração que vê o médico como sábio, profeta e Deus, tudo num único e bonito pacote de presente para você, para cuidar e providenciar o que for preciso para a sua saúde.

— Você ia ao consultório do doutor Baldridge com regularidade?

— Sim e contei a ele os sonhos que vinha tendo, que não conseguia dormir o suficiente e que durante o dia mal mantinha os olhos abertos. Ele disse que os sonhos eram devidos às lembranças reprimidas, que o único modo de me livrar era chegar até o fundo do poço. Explicou que eu tinha náuseas e vomitava porque estava tentando vomitar a verdade, que se conseguisse me lembrar da verdade sobre o passado nunca mais me puniria como estou fazendo.

— Eu me sentia bem durante as sessões com ele — acrescentou ela, depois de pensar um pouco. — Sentia-me uma pessoa de verdade e tinha certeza de que o doutor compreendia tudo que estava acontecendo na minha cabeça. Ele me perguntou se alguma vez eu sofrera abuso sexual. Disse-me para abrir os portões da minha mente, que não tivesse medo. Eu me sentia tão protegida ao lado dele que deixei as lembranças aflorarem... — Havia tristeza em sua voz quando ela continuou: — Ele vivia dizendo "A verdade vai libertá-la" e ficou tão contente quando comecei a me lembrar!

A essa altura, Maria repuxava a barra do casaquinho com uma das mãos e enroscava a mecha de cabelos com a outra.

— Havia aquele sonho que eu vivia tendo. No começo era nebuloso e o doutor Baldridge hipnotizou-me para que o visse claramente. No sonho eu estava no porão da minha casa, onde tínhamos um grande salão todo bagunçado com uma TV, um sofá e algumas poltronas velhas. Ele estava muito perto de mim, fazendo-me ficar sem ar. O doutor Baldridge não parava de me perguntar "Quem está aí com você?" No começo eu não conseguia ver ninguém e pensei que estava sozinha. Então, vi que tio Nino estava no porão comigo, junto da escada, olhando para mim.

A sala em que estávamos pareceu tornar-se fantasticamente silenciosa quando Maria voltou a falar, com as mãos soltas sobre o colo

e os olhos perdidos no nada, à sua frente. Havia pedaços do casaquinho no chão.

— Meu tio aproximou-se e parou ao meu lado. Enfiou uma das mãos por baixo da minha saia e com a outra acariciou meus seios. Eu estava muito assustada. Lembro-me de desejar ardentemente que ele parasse com aquilo e fosse embora. Mas meu tio abriu o zíper de suas calças e me fez tocá-lo, depois tirou meu short e deitou-se em cima de mim. Quando me debati, ele colocou a mão sobre minha boca e nariz, fazendo-me sufocar. Lembro-me também que, de algum modo, uma pequena tigela que servia para salgadinhos e bombons foi parar embaixo das minhas costas... Ela foi interrompida por um som estridente e deu um salto. A campainha tocou de novo e continuou a tocar, fazendo-a tapar os ouvidos com as mãos e sacudir a cabeça.

Os treinos para incêndio no Pearce eram o máximo da insensatez burocrática porque poderíamos ter pacientes extraviados quando deixássemos o edifício; dificilmente conseguiríamos conduzir e manter todos no salão de atividades comuns. Era o mesmo que tentar manter os filhotes de uma ninhada de cachorrinhos num cesto. Como jamais avisavam quando seria o treino, a inesperada interrupção podia acontecer numa conjuntura definitiva, destruindo horas de trabalho.

Praguejei em voz baixa e falei em voz alta: — Treino para incêndio. Acho que temos que fazer uma pausa não programada, mas depois continuaremos onde paramos.

Pensei que Maria estivesse tão aborrecida quanto eu com a interrupção, mas não. Ela me acompanhou até o salão, sempre com as mãos cobrindo as orelhas.

Para quem não conhecesse as circunstâncias, o que acontecia pareceria o caos. O alarme continuava soando. Gloria, lembrando muito um severo sargento com um apito invisível na boca, andava de um lado para outro para ter certeza de que cada paciente estava junto ao enfermeiro do seu setor. Kwan conduzia a Sra. Blum para o hall ao mesmo tempo que instigava o Sr. Kootz a caminhar à sua frente. Kootz tinha um quepe de aviador na cabeça e tampões de ouvido cujas tiras flutuavam no ar. Em plena forma, a Sra. Blum cantava a plenos pulmões com sua voz de soprano, agora rascante, "Cataldo, Cataldo!", como se o barco houvesse finalmente chegado ao porto.

Maria e eu nos refugiamos num canto. Logo o grande salão tornou-se aquecido e com pungentes odores de corpos que competiam com os cheiros de água sanitária e desinfetantes da limpeza. As ordens gritadas de Gloria se sobrepunham ao burburinho e à campainha. Maria ficou parada, silenciosa, os olhos sem foco, os braços descaídos dos lados do corpo, indiferente a tudo.

Consultei meu relógio e impacientei-me ao ver que continuava entrando gente no salão. O tempo de evacuação não poderia ser pior. Não queria que Maria escapasse antes de terminarmos nossa conversa.

Quando por fim o alarme desligou-se, vinte e cinco pessoas ali estavam amontoadas como sardinhas em lata, esperando permissão para voltar cada qual às suas loucuras particulares. Olhei de novo para o relógio. Gloria ficaria satisfeita.

Se bem que houvesse parecido uma eternidade, a evacuação do prédio havia acontecido em tempo recorde.

Quando soou a campainha de dispersar, Maria e eu voltamos para o refeitório.

— Sinto muito pela interrupção — desculpei-me. Ela sacudiu os ombros e sentou-se na cadeira em que se achava antes.

— Hum... Eu estava falando sobre meu sonho.

— Isso mesmo — concordei, feliz ao ver que ela conseguia lembrar-se de onde tínhamos parado. — Você sonhava que estava no porão da sua casa...

— E o doutor Baldridge ajudou-me a ver no sonho o meu tio me estuprando.

A paciente pegou outro lenço de papel, afastou os cabelos do rosto, acomodou-se na cadeira e repetiu, como uma ladainha: — Eu estava no porão da minha casa, num sofá velho. Tio Nino se aproximou e sentou-se ao meu lado. Enfiou uma das mãos por baixo da minha saia e com a outra acariciou meus seios. Eu estava muito assustada. Lembro-me de desejar ardentemente que ele parasse com aquilo e fosse embora. Mas meu tio abriu o zíper de suas calças e me fez tocá-lo, depois tirou meu short e deitou-se em cima de mim. Quando comecei a me debater, colocou a mão sobre minha boca e nariz, fazendo-me sufocar.

Não precisei tomar nota porque o que ela dizia era quase idêntico ao que havia dito antes. Notei que os olhos de Maria mantinham-se

secos enquanto ela falava e lembrei-me de como Sylvia Jackson descrevera a noite em que tinha levado um tiro. Do mesmo jeito, Maria provavelmente contara sua horrível história tantas vezes que ela perdera o poder de emocioná-la. Afinal de contas, aquele era o ponto que as obrigava a repetir uma porção de vezes e certamente isso lhes fizera mais bem do que a fuga da verdade que eu conhecia profundamente.

Porém havia mais alguma coisa. Era como se a agulha de um fonógrafo empacasse num ponto, voltasse ao início e repetisse tudo. Pelo jeito Maria tinha apenas uma imagem daquele acontecimento e essa imagem fora sincronizada como um roteiro de cinema. Cocei a cabeça e arquivei essa ideia.

— Depois que me lembrei que tio Nino me estuprou, o doutor Baldridge ajudou-me a recuperar outras lembranças.

— Via o doutor Baldridge com muita frequência? — perguntei.

Ela passou a mão pelo pescoço e puxou com força um dos ombros do casaquinho.

— No começo, sim. Duas vezes por semana. Ele simplesmente me acalmava. Eu chegava ao consultório sentindo-me presa, entende?, como alguma coisa seca dentro de uma concha. Deitava- me no divã e ele acendia velas. Era maravilhoso. Eu ficava lá, olhando para as chamas trêmulas. Então, fazíamos exercícios de relaxamento e eu sentia a tensão como que escorrer de cada parte do meu corpo. Aí, ele me disse "Livre sua mente de todos os pensamentos e se concentre na dor". — Maria passou a cantarolar as palavras como se fossem um encantamento. — "Quando você estiver no círculo, estará salva. Olhe para a dor. Transforme-a! Encontre as imagens!" Parou de cantarolar.

— A princípio não conseguia ver imagens, mas continuei tentando. — Ela soluçou. — Eu me sentia como quando estava com prisão de ventre... Sabe como é? Como quando ia ao banheiro, sentava lá e nada acontecia. Mas não desisti.

Continuei tentando e tentando até que o vi... o tio Nino, parado junto à escada.

Então, pouco a pouco, lembrei-me do sonho. E, por fim, me convenci de que não era um sonho. Era verdade. Daí por diante começou a ser mais fácil. O doutor Baldridge trabalhou com outra imagem que eu tinha. A imagem de uma pessoa que acabei descobrindo

que não era tio Nino. Era meu pai. Ele começou tudo quando eu tinha dois anos e meio. Ainda estava no berço. Enfiava os dedos em mim...

Maria prosseguiu, tensa:

— Desta vez foi como comportas se abrindo. Tive acesso a todas as imagens. Lembrei-me de como meu pai me levava para tomar banho de chuveiro com ele depois que jogávamos bola. Ele me tocava e fazia-me tocá-lo. Uma vez que estávamos na casa dos meus avós, papai me estuprou no quintal. Uma outra tentou me estuprar com uma vara de pescar, na garagem. Nessa época eu devia ter uns seis ou sete anos.

Maria ofegava como se houvesse corrido.

— Diga-me — pedi —, além dessas terríveis lembranças de abuso, lembra-se de outras coisas anteriores a elas?

A paciente fechou os olhos. Abriu-os.

— Lembro-me de ter uma lancheira da Mulher Maravilha que era algo que eu realmente havia querido muito. Meu pai comprou-a para mim. Ele me chamava de sua pequena garota maravilha. — A testa de Maria franziu-se e as sobrancelhas também, tornando-se mais juntas. — Mas só a comprou porque estava se sentindo culpado pelo que fazia comigo. Algum tempo depois eu a esqueci na sala de recreio da escola e acho que meu pai pensou que a deixei lá de propósito.

— Então, nessa época você estava no jardim-de-infância?

Maria negou com a cabeça.

— Primeiro ano do primeiro grau.

— Lembra-se de fatos anteriores a esse? — insisti.

Ela esfregou os olhos e inclinou-se mais para a frente. Será que havia caído nesta armadilha com o doutor Baldridge?

— Não faz mal se não se lembrar — acalmei-a. — Seu tio... continuou a vê-lo?

De novo os olhos da paciente fixaram-se em seu colo.

— Não o vi durante muito tempo. Afastei-me de todos eles. — Cruzou os braços, inclinou a cabeça e ficou olhando além de mim, com expressão endurecida, depois fitou-me diretamente. — Mas tirei satisfações dele antes que morresse.

— Quando foi isso?

— No começo deste ano — respondeu ela.

Um sininho soou na minha cabeça. Maria Whitson não tentara o segundo suicídio há seis meses?

— Disse-lhe o que ele havia feito comigo — continuava ela — e, claro, tio Nino negou tudo. Depois chorou e implorou que eu perdoasse. O canalha!

Apesar da palavra pesada, o rosto não tinha expressão e sua voz mal se alterou. Continuou a olhar para mim, esperando que voltasse a falar, mas não. Ela parecia ter perdido as palavras.

— Eu estava pensando em algo que me disse no começo da nossa conversa... que quando vê seus pais algumas imagens que eles despertam em sua mente são agradáveis. E importante que entendamos isso.

— Eu acho engraçado — observou Maria —, considerando o quanto os odeio.

— Não chamou seu pai quando tentou se matar?

O queixo dela caiu.

— Está pensando que o chamei para que me ajudasse? Chamei-o para que visse o que tinha feito comigo.

— Mas, na verdade, ele a ajudou, se não você teria morrido.

A voz dela tornou-se estridente.

— Eu queria morrer e queria que ele soubesse que era por sua culpa.

No fundo da minha mente eu sentia a pressão do tempo. Cada dia que Maria Whitson passara conosco tinha seu relatório detalhado, feito pelo pessoal da enfermagem. Antes de dar-lhe alta, iríamos proporcionar-lhe todo apoio e a proteção que precisava. Por isso fiz a pergunta que ela não estava pronta para responder:

— Alguma vez pensou em que seus pais poderiam vir visitá-la? Gostaríamos de...

Maria interrompeu-me:

— Não! — gritou com veemência.

— Sra. Whitson, já começou a pensar no que fazer quando sair daqui? Vai precisar de dinheiro, de um lugar para ficar. — Ela não respondeu. — Há alguma casa de amigos para onde possa ir?

A paciente sacudiu a cabeça.

— Não tenho amigos.

— Parentes?

Sacudiu a cabeça com mais força.

— Bem, nós pensamos nessas coisas também. Ver os seus pais não quer dizer que os perdoa. Não quer dizer que aceita a ajuda deles, mas quer dizer que poderão ajudá-la, mesmo que indiretamente, depois que você sair daqui. Ou pode ser que tenhamos de procurar um lugar onde fique protegida deles. Por isso eu gostaria que os visse aqui, que é mais seguro. — Pressionei: — Talvez haja alguém do pessoal do instituto que queira a seu lado quando seus pais vierem? Maria pareceu mais calma.

— Talvez eu possa suportar se Gloria estiver comigo. Ela me compreende.

— Então, será Gloria. Fique sossegada. Vou providenciar tudo.

Quando terminei a sessão, deixei Maria Whitson pensando que tínhamos feito progressos, porém também convencida de que ainda havia muitas barreiras a ultrapassar. Ao fim da tarde desse mesmo dia encontrei Gloria na pequena cozinha da sala de enfermagem, tomando café e segurando um cigarro apagado.

Sentei-me à mesa, em frente a ela.

— Por que eles não nos avisam quando vai haver treinamento de incêndio? — perguntei num resmungo.

— Você sabe, tão bem quanto eu, que isso tiraria todo significado de treino.

— Eu sei, eu sei... mas parece que esses treinos são feitos de propósito para destruir o ambiente de terapia que estamos tentando construir.

— Teve um dia duro? — indagou ela.

— Desculpe, não estou criticando você. Fez um ótimo trabalho, como sempre.

Tudo decorreu sem uma falha.

— Levei cinco minutos para reunir todo mundo. Foi o melhor que conseguimos.

Ficamos ali, sentados em amigável silêncio, observando pela janela o crepúsculo que acontecia cada vez mais cedo a cada dia.

Clareei a garganta. Estava ansioso para falar sobre o encontro de Maria com a família.

Gloria fitou-me e falou primeiro:

— Maria Whitson pediu-me que fique com ela quando seus pais vierem visitá-la.

— E?

— E o quê? É claro que vou ficar.

Esperei. Gloria cruzou os braços, inclinou a cabeça de lado e franziu os lábios.

Dirigi meu olhar para um ponto atrás dela e deixei que o silêncio crescesse.

— Você caiu no laço da Maria, hein? — comentei.

Ela levantou-se, foi até a janela e ficou contemplando o pôr-do-sol. Eu abri o caderninho de anotações e fingi ler com interesse. Quando ergui os olhos, a imagem refletida dela olhava para mim, com o queixo erguido. Reconheci a pose. Nas raras ocasiões em que Gloria acha que todos nós somos cegos para a vulnerabilidade de um paciente, torna-se esse bloco de granito, desafiando quem quer que se atreva a empurrá-la para tentar movê-la um milímetro sequer.

— Quando aconteceu com Rachel, não havia ninguém para protegê-la — disse.

Rachel havia sido a companheira de Gloria, a mulher com quem partilhara sua vida.

— Ela passou por isso com sua família — continuou. — O pai abusou dela... sexual, física e emocionalmente... e ninguém, ninguém fez um gesto para livrá-la da situação. Rachel ficou muito abalada e o único caminho que encontrou para curar-se foi enfrentar a família, assumir o controle da sua vida e separar-se completamente deles. — Ela olhou para fora, através da janela. — Por isso é muito difícil para mim ser objetiva. É claro que sei que Maria Whitson não é Rachel, mas as situações delas são muito semelhantes.

Tirei os óculos e esfreguei a ponte do nariz.

— Creio que a sua empatia está ajudando muito Maria, fazendo-a sentir-se protegida. Mas a situação dela ainda não foi esclarecida.

— Pode crer que reconheço isso. O abuso sexual violento que ela agora recorda repetidamente ficou esquecido durante vinte anos, de fato?

— E cada vez que fala no que aconteceu usa quase as mesmas palavras, como se lesse o roteiro de um filme — acrescentei. — O doutor Baldridge trouxe esse acontecimento à tona por meio de hipnose. Talvez jamais venhamos a saber o que aconteceu de fato com Maria Whitson quando era pequenina.

Gloria passou a língua pelos lábios.

— É o que vivo dizendo a mim mesma. Mas não é esse o ponto principal. Ela está há pouco tempo conosco e não teve muitas opções de escolha.

— E desperta em todos nós o impulso de protegê-la.

— Isso, de protegê-la, mas não é preciso que seja infantilizada. Maria Whitson tem o direito de elaborar a própria dor e de tomar decisões próprias. É isto que eu gostaria de ajudá-la a fazer.

Às vezes Gloria me fazia sentir uma vontade intensa de abraçá-la.

Capítulo 22

PASSEI UM FIM DE SEMANA tranquilo em casa enquanto a Regata Principal do Charles transformava o meu rio numa imensa e fraternal festa. Seis mil remadores percorrendo o rio e duzentos mil espectadores ocupando cada espaço na margem... era como eu imaginava a cena.

Na segunda-feira de manhã nem sequer tentei ir remar. Com todos os concorrentes tentando tirar seus barcos da água ao mesmo tempo seria o mesmo que dirigir na rua Beacon, perto da Universidade de Boston, no dia 1º de setembro, Dia Nacional dos Estudantes. Um caos absoluto. Como o julgamento teria início dali a uma semana fui diretamente para o escritório de Chip para conversarmos sobre estratégia. Estacionei na avenida Mass, na Praça Central, andei seis quarteirões a pé e desci a rua.

O escritório de Chip ficava no único edifício alto que havia nas imediações, quilômetros ao redor. Uma torre de concreto, aparentemente moldada numa imensa forma de ferro para waffles, permanecera sozinha durante décadas, arauto do pesadelo de alguém sobre reformas urbanas que acabara por malograr, esquecido numa prancheta de desenho qualquer. Com o fim do controle dos aluguéis, a vizinhança que o rodeava como um colar azul rapidamente tornou-se branca, os valores das propriedades subiram como foguetes estratosféricos e a longamente esperada reforma na Praça Central finalmente começou a acontecer. Em frente à loja de uma grande cadeia, do outro lado da rua, um grupo de moradores locais fazia um piquete, com cartazes e palavras de ordem,

contra o fato de essa loja ter ocupado o lugar da velha Loja de Donut Harvard.

Puristas à parte, as mudanças haviam feito bem à região. Agora podia-se encontrar o melhor sorvete no Toscanini's, que ficava mais abaixo na rua. Com cada nova onda de imigrantes, novos restaurantes étnicos haviam se disseminado entre as intermináveis fileiras de bares irlandeses. Restaurantes cambojanos, tailandeses e indianos erguiam-se lado a lado com estabelecimentos da terra. O Palácio do Falafel tinha de um lado uma verdadeira peça de xadrez: um castelo revestido de ladrilhos brancos, completo, com torre e tudo. Antigamente uma casa de hambúrguer (ou hamburg, como eles dizem por aqui), denominada A Torre Branca, esse castelo representa a transição que a vizinhança da Praça Central percorrera do pão de forma ao pão sírio. A nova onda — bares yuppies e jeans rasgados — viria a ser um conjunto bem menos interessante.

Um banco e uma loja Qualquer Livro por Um Dólar ocupavam o primeiro andar do edifício de Chip. Passei através da porta dupla. A entrada tinha pouco e viciado ar, mas era limpo e alguém acabara de limpar o pó das plantas de plástico que ladeavam o balcão da portaria.

Peguei o elevador para o sétimo andar. Os preservacionistas ficariam encantados ao verem o mínimo que as coisas haviam mudado por ali nos últimos dois anos. Percorri o familiar corredor, em direção ao fundo, sentindo meu estômago contrair-se de ansiedade. Respire fundo, disse a mim mesmo, e conte os passos.

A porta do escritório de advocacia estava aberta e pude ouvir telefones tocando. Parei à porta e olhei. O espaço central da sala continha o esquadrão de mesas de aço com um sortimento de jovens homens e mulheres que trabalhavam lá ou tinham ido fazer algum serviço. Ao redor localizavam-se saletas separadas do centro e entre si por repartições de madeira e vidro. Entrei; Chip achava-se em uma delas. Estava ao telefone, mas me viu. Ele acenou e levantou um dedo.

Procurei uma cadeira e sentei-me na beirada, colocando a pasta de couro no colo. O escritório vibrava de atividade. Vozes e risos cruzavam-se no ar, telefones tocavam. Fiquei por fora daquela confusão, incomodamente suspenso, como se não estivesse na sala, mas sim observando-a pelo lado errado de um telescópio. Abri a pasta e tratei de ajeitar minha papelada.

O cheiro de melancia recém-cortada me fez olhar para cima, Annie achava-se entre jovens advogados, muito bem-vestidos. De jeans e camisa de flanela xadrez, os longos cabelos castanhos encrespando-se livremente ao redor do rosto, Annie lembrava a brisa que entrava pela janela aberta.

Sorri, apesar de mim mesmo.

— Chegou há muito tempo? — indagou ela.

Fiz que não e voltei aos papéis.

— Fiquei sabendo do seu carro, Peter. Justo depois de ter perdido o barco...

A voz dela foi-se apagando até sumir. Eu sabia que Annie olhava para mim, mas não podia enfrentar aquele olhar. Podia suportar as perdas, mas piedade me fazia querer desaparecer chão adentro.

— Falei com Mac. — Agora a voz dela era firme, de profissional. — Jurou que não conhecia Sylvia Jackson antes do crime, mas admitiu que sabia da existência dela.

Desta vez ergui os olhos.

— Isso quer dizer?

— Que alguns companheiros dele a conhecem... bem. Você tinha razão. Eles não estão na lista dos primeiros suspeitos, mas foram interrogados. Discretamente.

— Você acha que Mac está escondendo alguma coisa, Annie?

— Já lhe disse que não posso dar opinião porque não sou imparcial. Se ele ajudasse uma velhinha a atravessar a rua, eu acharia que estava com segundas intenções.

— MacRae parece tão... — procurei a palavra, rejeitando "raivoso" e "doido" — explosivo. Trata-se de algo mais do que antipatia entre ele e mim. Mas talvez esteja apenas protegendo seus companheiros.... ou talvez proteja a si mesmo.

— Ou, quem sabe, ele é mesmo um mau-caráter.

— Isso — concordei. — Mas acontece que ele estava e está em boa posição para moldar as lembranças de Sylvia. Como poderemos saber se as lembranças dela não se desenvolvem orientadas por sugestões de MacRae?

— Não poderemos — definiu Annie.

— Descobri uma outra coisa... Sabe aquele copinho de papel pregueado, com medicamentos, que Sylvia encontrou no seu banheiro?

No hospital não usam esse tipo, usam apenas os de plástico.

— Quer dizer que os remédios que Sylvia Jackson tomou não foram deixados no banheiro pela enfermeira?

— Nem pelo médico ou alguém da equipe hospitalar. Pelo menos, não oficialmente. Por falar nisso, o que acha de uma enfermeira que carrega revólver na bolsa?

— Bem, na verdade o revólver não faz parte dos utensílios de enfermagem. Mas você ficaria surpreso em saber quantas pessoas... mulheres... andam armadas de revólveres hoje em dia. E, além disso, as enfermeiras não são assim tão certinhas quanto a gente pensa. Já notou que muitas delas fumam? — Annie fez uma pausa.

— Mas de quem estamos falando, realmente?

— Da enfermeira que atravessa meu caminho toda vez que vou ver Sylvia Jackson. Carolyn Lovely. Ela estava com Syl na garagem do hospital. Um revólver caiu de sua bolsa quando ela pulou para trás a fim de sair do caminho do carro. Pode obter informações sobre ela? Descubra se conseguiu alguma ordem para manter o ex-marido à distância.

— Isso explicaria a arma.

— É... E outra coisa, Angelo Ruggiero, o sobrinho de Tony que Sylvia chama de seu anjo da guarda.

— Creio que ele foi interrogado pela polícia logo no começo. Mas esse não é o nome certo. Não estou falando do sobrenome, Ruggiero. Ele se chama Angelo e alguma coisa mais em italiano. Anotei o nome em algum lugar.

— Eu gostaria de mais informações sobre Angelo e o nome certo é um bom começo. Imagino se ele seria sócio do tio em algum empreendimento. Stuart falou que Tony pretendia fechar um negócio antes de se casar com Sylvia Jackson.

— Típica desculpa masculina.

— Pois é... Mas qual seria esse grande negócio que ele estava por fechar?

Angelo e o tio estariam juntos nessa jogada? E...

Annie ergueu a mão para interromper minha enxurrada de perguntas.

— Sei que ele tem um álibi, vou ver se o encontro.

Nesse momento Chip aproximou-se e levou-me para o seu escritório. Annie desapareceu num compartimento igual ao dele, do outro lado da sala.

Arrumei meus papéis na mesa redonda, perto das fichas que Chip já organizara. O telefone tocou e fiquei esperando enquanto ele se livrava do telefonema. As janelas do escritório estavam veladas por uma camada de poeira e os móveis eram de aço fosco — escrivaninha, arquivos e cadeiras. Apenas a cadeira atrás da escrivaninha — de rodinhas, estofada em couro e com braços também estofados — parecia ter sido "herdada" de outra pessoa, por causa do estilo e material diferente.

Uma das paredes era forrada até o teto por estantes com livros sobre Direito. Pendurada na parede atrás da escrivaninha havia uma série de retratos que começavam com um simples esboço a crayon e evoluíam até uma aquarela perfeita. Na série de retratos, o rosto de menina ia se transformando no de uma jovem princesa encantada.

— Sua filha cresceu um bocado — comentei.

— Ela já está quase voando com as próprias asas — respondeu Chip. — Olhe isto...

Um pôster de um Morto Agradecido — um sorridente esqueleto, branco, azul e vermelho — pendia atrás da porta com a indicação Fillmore Leste, 1976. Eu devia ter sabido. Aquele senso de humor, a intensidade de uma consciência social que saíra da moda há algum tempo. Chip tinha alma de Morto Agradecido.

— Pôster novo? — brinquei.

— Não pude resistir e comprei-o.

— Você estudava em Fillmore naquela época?

— Pois é... — respondeu ele, pensativo.

— Engraçado, eu também.

— Se então me dissessem que eu iria terminar aqui...

Chip riu e sacudiu a cabeça.

Através do vidro, olhei para o salão agitado.

— Seu escritório não mudou nada... Nenhum dos seus advogados ficou sequer um dia mais velho... Como consegue isso?

— Eu os substituo a cada seis meses.

— Mas você continua aqui.

Ele olhou ao redor, como se estivesse surpreso por se achar ali.

— Definitivamente, não é a inércia que me mantém aqui. Continuo achando que as pessoas que não podem pagar um advogado particular precisam de mim e um ambiente como este vicia a gente.

Reparei numa foto emoldurada, sobre a mesa de Chip. Nela sorriam para mim ele e mais quatro homens, todos usando terno — com colete e tudo — porém com um incongruente boné na cabeça. Pude ler a inscrição num dos bonés: ESQUADRÃO DO CRIME. Defender criminosos fazia parte do perverso jogo deles.

— Quando me perguntarem se você é maluco — declarei —, vou mostrar essa fotografia como evidência.

— Este não é um bom lugar para se ter fotos da família, eu acho. Minha mulher me deixou no ano passado. Acho que não conseguiu mais aguentar as minhas saídas intempestivas no meio da noite, a absoluta falta de horário rotineiro... sem falar nas cartas ameaçadoras e telefonemas obscenos. Acho que não posso culpá-la. — Chip engoliu em seco. — Acredito que a morte de Kate tenha influído nos fatos, por demonstrar que o nosso trabalho nos torna muito vulneráveis.

Olhei para o esqueleto patriótico. O concerto dedicado ao Morto Agradecido mexia com a maldade do mundo ou conosco, demonstrando o quão alienados somos mesmo com o diabo sentado bem diante do nosso nariz, dando um tapa num baseado.

Annie abriu a porta e entrou trazendo mais uma dúzia de pastas e alguns cadernos de espiral.

Passei alguns minutos dando os resultados resumidos dos testes de personalidade de Sylvia Jackson.

— Naturalmente, o que aconteceu com ela foi muito importante por alterar sua vida e deixou-a com uma sensação de algo incompleto, partido, com noção de que é pequena e fraca. Os testes dizem que utiliza a recusa e a distorção para lidar com todos os fatos negativos. Vê algo aterrorizador, ou no mínimo perturbador, e corre para o lado contrário, refugiando-se num local cheio de flores e borboletas de papel.

— Borboletas de papel? — estranhou Annie. Assenti.

— Por exemplo, Syl olha uma mancha de tinta de certo ângulo e vê membros decepados, machetes. Então, gira o cartão e vê uma borboleta de papel. E a chamada reação-formacão, que usa para lidar com as imagens desagradáveis que se originam dentro e fora dela.

— Sylvia deu borboletas de papel para Stuart Jackson no dia anterior ao crime, que era aniversário dele — informou Annie.

— Uma coisa é certa: hoje em dia essas borboletas representam segurança para ela.

— De qualquer modo, dei uma espiada por aí... — Annie abriu um caderninho de anotações — e fiquei sabendo que Sylvia contou a uma companheira de trabalho que Tony apanhou-a na cama com Stuart.

— Ela contou como Tony estava vestido? — perguntei.

Annie riu. — Contou, sim. A moça lembrava-se porque Syl disse que ele estava com uma roupa de gorila, que parecia um macaco. Depois, quando a descreveu, percebi que se tratava de um desses uniformes de guerrilha, baseados no mimetismo.

Chip disse: — Quero trazer esse incidente à tona durante o julgamento, sem chamar Stuart Jackson como testemunha.

— Enfim, o que Sylvia Jackson faz — terminei — é misturar lembranças antigas com as do passado recente.

— Então, temos isso — anuiu Chip —, além dos resultados dos testes que, parece-me, não poderiam ser mais claros. Mas como demonstrá-lo ao júri — ele passou a falar mais devagar por estar pensando ao mesmo tempo — sem que se vire contra nós? Os jurados vão querer acreditar em Sylvia Jackson, que é encantadora, sincera e muito vulnerável. E eu terei que enfraquecer cada palavra do que ela disser sem parecer um monstro... Não vai ser fácil. — Depois de uma pausa continuou, com os olhos estreitando-se para ver melhor as estratégias que se formavam em sua cabeça. — Se eu for solícito o bastante para ganhar a confiança de Sylvia, poderemos demonstrar que continua tão sugestionável no banco das testemunhas quanto era na ocasião em que a polícia a interrogou no hospital.

Eu me remexi na cadeira, sentindo-me profundamente desconfortável. Expulsei a imagem de Syl com uma capa vermelha com capuz e de mim como um lobo com pele de ovelha.

Chip prosseguiu: — E então, depois que ela disser à corte o que aconteceu, apontaremos as discrepâncias entre o que acabou de dizer e seu depoimento anterior. Sylvia Jackson vai ficar confusa e perdida.

— Coitadinha... — comentou Annie —, ela já se contradisse uma porção de vezes.

— Por outro lado — argumentei —, não acham que todo mundo passa por essa experiência? Sabem como é, a gente conta uma história e quantas vezes a repetirmos os detalhes variam. Quando você relembra com um amigo algum acontecimento do qual participaram juntos, não descobre que detalhes da lembrança dele são diferentes dos detalhes da sua? Mas isso não quer dizer que o fato não aconteceu.

— Claro, acontece com todo mundo — concordou Chip. — É uma questão de graus. Preciso encontrar tantos buracos na base da história dela para que se torne claro ao júri que não passa de um castelo de areia.

— Mas precisa tomar cuidado — advertiu Annie. — O tiro pode sair pela culatra. — Isso — concordou Chip. — Não quero que ela pareça mais vítima do que já é.

— Sylvia Jackson não está sendo julgada por assassinato — disse eu, friamente, repetindo as palavras do ex-marido dela.

Annie e Chip me olharam surpresos. Levantei-me e quis andar de um lado para outro, porém o escritório era pequeno demais.

— Teríamos um conjunto muito mais interessante — prossegui — se os julgamentos por assassinato se baseassem em descobrir quem é o culpado, se exigissem que se mostrasse a verdade. Em vez disso, todos os julgamentos baseiam-se na aparência, na manipulação da percepção dos jurados. Eu sei como é... Vamos desenhar o tabuleiro do jogo. Chamem o esquadrão do crime. A finalidade é conseguir a maior quantia de dinheiro possível e jamais ir para a cadeia.

— Peter... — começou Annie, com meiguice —, nós somos gente boa. O julgamento começa na próxima segunda-feira e Stuart Jackson depende de nós.

Capítulo 23

O JULGAMENTO estava na segunda semana e, à medida que se aproximava o dia em que eu iria testemunhar, mais nervoso me sentia. Toda manhã saía bem cedo para o trabalho, dirigindo meu velho carro, passava um dia de atividade intensa no Pearce, e voltava ao anoitecer, deixando que essa rotina me envolvesse.

Chip me telefonava noite sim, noite não, para que eu ficasse a par do andamento das coisas. Já haviam selecionado o júri e a tese da

primeira evidência fora apresentada. O promotor público usara essa evidência para construir meticulosamente um caso que apontava Stuart Jackson como o assassino. Mas havia furos. Ninguém vira o réu em Cambridge na noite do crime, noite essa que ele garantia ter ficado em casa por estar gripado. O revólver ainda não havia sido encontrado. A promotoria especulava que poderia ser o revólver calibre 22 que desaparecera da mesa-de-cabeceira de Sylvia Jackson. Ninguém conseguira explicar como fios de cabelo de Tony Ruggiero haviam ido parar no chapéu do uniforme de camuflagem de Stuart Jackson. Também não fora explicada a única impressão digital de um polegar encontrada no volante de metal do carro de Sylvia, que não tinha mais nenhuma impressão além daquela. Não pertencia a Sylvia, nem a Tony e nem a Stuart. "Encontrem o dono dessa impressão digital", sugerira Chip aos jurados, "e terão encontrado o verdadeiro assassino". "Encontrem o dono da impressão digital daquele polegar", dissera a eles, por sua vez, o promotor público, "e encontrarão o último mecânico que trabalhou no carro".

Andávamos ocupadíssimos no instituto. Curas milagrosas sempre são suspeitas e Maria Whitson estava tendo uma.

Gloria foi a primeira a se manifestar. — Você reparou na diferença? Ela está radiante e isso aconteceu muito de repente.

— Está desconfiada, Gloria?

— Preocupada. Não há dúvida de que ela fez progressos, mas alguma coisa não bate bem...

Quando vi Maria Whitson, ela nada tinha a ver com a mulher inchada e dopada que havia sido internada há um mês. Seus olhos, antes sem vida e pequenos, agora eram enormes, brilhantes, sem bolsas ou olheiras. A pele era macia, clara e os cabelos, limpos e penteados de modo a emoldurar o rosto. Se tirasse o abrigo muito largo, que estava precisando de uma boa lavada, iria parecer-se com qualquer das mulheres que frequentam a rua Newbury para tomar um copo de vinho nos bares elegantes.

— Estou me sentindo muito melhor — disse apressadamente e com voz um tanto alta. — Decidi ver meus pais e sei que logo estarei pronta para ir embora.

Como se esperasse pela minha resposta, ficou se balançando de leve para a frente e para trás, mudando o peso do corpo de um pé para

outro. Seus braços estavam imóveis, porém eu podia sentir o esforço que fazia para impedi-los de se movimentar.

Fiquei alerta.

— Fico contente em saber que melhorou. Está, mesmo, com aparência muito boa. Vamos conversar a respeito na nossa consulta, hoje à tarde.

Distanciei-me dela com forte sensação de mal-estar. Quando vi Gloria de novo, disse-lhe que concordava: algo estava errado com Maria Whitson.

— Eu estaria menos preocupado se a melhora não fosse tão rápida e tivéssemos uma ideia melhor do que provocou sua última tentativa de suicídio.

Gloria pegou a pasta com o histórico de Maria e começamos a examiná-lo, procurando não sabíamos o quê.

— O peso baixou demais e de repente — comentei. — Ela chegou com cento e sessenta quilos e está com cento e cinquenta. Talvez não seja extraordinário, já que parou de comer o tempo todo.

— Você acha que ela está pesando cento e cinquenta? — perguntou Gloria. — Eu apostaria que são uns cento e cinquenta e cinco.

Gloria franziu os lábios e ficou olhando na direção do quarto de Maria enquanto eu via os resultados dos exames de laboratório da semana.

— Os níveis de glóbulos vermelhos e brancos do sangue estão equilibrados, o de colesterol ainda está alto. Não muito, um pouquinho.

— Merda!

— Gloria, tenho consulta marcada com Maria dentro de uma hora. Pode verificar o peso certo dela antes? E, enquanto estiver fazendo isso, mande alguém verificar se há alguma droga no quarto... só para termos certeza.

Quando nos encontramos mais tarde. Gloria estava com expressão sombria. Entregou-me quatro tiras largas de plástico azul com velcro, daquelas com pequenas divisões onde se colocam pesos, que os corredores e os que fazem musculação prendem nas pernas e pulsos para maior efeito da ginástica.

— Ela estava usando estes pesos por baixo do abrigo quando chegamos ao ginásio. Outra coisa. Conversei com a governanta: alguém

anda jogando comida embaixo da mesa durante as refeições. Maria ou alguém que senta perto dela.

— Drogas no quarto?

— Não. Mas na busca encontraram um telefone celular, escondido num jarro vazio.

— Muito estranho isso! Maria Whitson diz não ter no mundo ninguém que se importe com ela... pais, parentes, amigos. Então, tem um celular para se comunicar com quem?

Já na minha sala, coloquei as tiras com pesos na mesa e esperei por Maria. Juntas, as quatro tiras chegavam facilmente a pesar uns quatro quilos e meio. Isso queria dizer que Maria não só perdia peso rápido como também estava com excelente saúde. Era evidente que não deixara de comer demais e o exame de sangue sugeria que ia muito bem.

Ela chegou com cara amarrada, sentou-se numa cadeira e colocou os pés no assento, os joelhos apertados ao peito.

— Quero ir para casa — disse.

Ela falou como que se dirigindo ao espaço entre seus joelhos e, em seguida, cerrou os maxilares e ergueu o queixo.

— E nós queremos que vá para casa — respondi —, assim que você estiver bem.

Ela me fitou com os olhos cheios de lágrimas.

— Estou bem — garantiu.

Como eu nada dissesse, repetiu, quase gritando:

— Estou bem! — Sra. Whitson... — comecei.

— Para o que você serve, afinal? — berrou ela. — Não entende nada! Este lugar é um ninho de cobras! Você não é o doutor Baldridge! Ele explicou o que estava me acontecendo e você... você não explica nada, nunca me diz quais são as regras!

Com que facilidade eu passara do bondoso doutor Zak para o detestável doutor das cobras!

— Sra. Whitson, todos aqui estão tentando ajudá-la, mas precisa ajudar-se também. E neste momento não está se ajudando.

Maria se ergueu, foi até a janela e ficou olhando para fora com a testa encostada no vidro.

— Você não está comendo. Desse jeito vai ficar fraca e...

Ela reagiu: — Foi a Gloria, não? Não é a minha comida que encontraram debaixo da mesa. É outra pessoa que joga comida fora. De qualquer modo, era uma porcaria. Vocês fazem a gente comer porcarias!

— E — ergui os pesos de plástico — acha que isto aqui é bom?

Ela começou a bater de leve a testa no vidro e foi aumentando a força, enquanto soluçava:

— Tudo é bom. Tudo é bom.

Saltei e corri para segurá-la, mas não antes que sua cabeça batesse mais uma vez e com força bastante para quebrar o vidro. Quando a puxei para trás, havia um buraco redondo na vidraça do qual partiam rachaduras que faziam pensar em uma teia de aranha.

— Nada é bom e acho que sabe disso.

Maria forcejou para livrar-se e voltar à janela. Como não conseguiu, virou-se para mim e, com o rosto pálido de ódio, gritou:

— Você não sabe de nada, seu bastardo! — Ergueu os dedos em garra para arranhar meu rosto. — Seu filho da puta! Chutou minha canela, fazendo a dor aguda irradiar-se perna acima. Recuei.

— Acalme-se e sente-se, Sra. Whitson — ordenei com dureza. — Se não se acalmar, vou chamar a segurança.

— O que sabe de mim? — indagou Maria, ainda aos gritos e dando um passo na minha direção. — Não me entende, não sabe nada do que sou. Pensa que sabe, mas não sabe de nada!

— Está bem. Então, ajude-me. Ajude-me a entendê-la. Você quer prosseguir sua vida e eu também quero que o faça. Vamos ajudar um ao outro.

Sangue de um vermelho intenso escorria pela testa de Maria. Ela limpou-o com a mão, espalhando-o no rosto e em seguida olhou a mancha vermelha que ficara na palma.

— Meu Deus! — soluçou. Levou as mãos às têmporas e desabou sentada no chão. Chorando e balançando o corpo, balbuciou:

— Sou desprezível... sou um verme feio, gordo e inútil...

Eu não disse nada. O ferimento sangrava bastante, mas não era sério. Fui sentar-me atrás da escrivaninha; esperei até ela parar de se balançar e soltar-se no chão como um monte de trapos.

— Isso não pode acontecer de novo, entende? — comecei, então. — Não posso permitir que aconteça. Não pode ferir a si mesma e a ninguém.

Maria ergueu a cabeça e fixou os olhos no colo.

— Diga-me o que quer.

Fiquei aguardando em silêncio.

Por fim a paciente fungou e olhou-me, desafiadora: — Quero sair deste ninho de cobras. É isso que eu quero.

— Somos dois a querer a mesma coisa. Vamos falar sobre o que precisa para sair daqui.

Eu não continuaria a falar enquanto ela não concordasse e de novo fez-se silêncio, até que Maria resmungou: — E daí?

Continuei calado.

— O que preciso fazer? — indagou ela, por fim.

— Vamos entrar num acordo. Vou escrever o que deve fazer e terá que assinar, concordando. Eu assinarei também. Aceita?

Maria fez que sim e começou a erguer-se. Contra vontade, aceitou a mão que lhe ofereci.

Quando estava de novo acomodada na cadeira, inclinei-me para examinar-lhe a testa. Parecia não haver cacos de vidro no corte. Peguei um lenço de papel e pressionei-o sobre o ferimento.

— Aperte com força até o sangue parar. — Maria obedeceu. — Quando descer, peça a uma enfermeira que veja isso.

Voltei para minha cadeira e comecei a escrever.

— Primeiro, terá que fazer, mas comendo de verdade, três refeições por dia. Nada de jogar a comida no chão, porque estaremos vigiando.

Ela fez cara de pouco caso e olhou o que eu escrevia.

— Segundo — continuei —, nada de vomitar: vamos checar seus eletrólitos e peso todos os dias para ter certeza de que não está trapaceando. Vamos colocá-la sob regime forçado de líquidos ou no soro endovenoso caso seu peso não se estabilize. — Preocupado com o fato de ela poder isolar-se em seu quarto, acrescentei: — E quero que participe das atividades no espaço comum.

Virei o papel e dei-lhe uma caneta. Enquanto Maria lia os três itens que eu escrevera, esfreguei a canela dolorida que já começava a inchar. O chute poderia facilmente ter atingido meu joelho ou meus testículos. Sou grato também a pequenos favores.

Só depois que Maria assinou o papel foi que me lembrei do telefone celular. No instituto ela não era proibida de telefonar, poderia

ligar tantas vezes e para quem quisesse; não tinha sentido manter o aparelho escondido. Por outro lado, uma das muitas coisas que hospitais e instituições fazem é privar os pacientes da própria intimidade. Talvez ficar com o celular ajudasse Maria a sentir que ainda tinha algo apenas seu. E o celular não me parecia perigoso.

Capítulo 24

NAQUELA NOITE sonhei que meu telefone estava tocando. Peguei-o, atendi mas ele continuou a tocar. Corri escada abaixo e atendi na extensão da sala, depois na da cozinha. Então, com a ausência de lógica que faz sentido perfeitamente nos sonhos, encontrei-me diante do telefone na sala de enfermagem do instituto.

Atendi-o e a campainha parou. Levei o receptor ao ouvido e ouvi o apito característico de uma chaleira de chá. Tentei, mas não consegui afastar o receptor do rosto, enquanto o apito ia se tornando cada vez mais alto, alto. Gritei "Pare!" e acordei com o som da minha própria voz.

Um instante depois meu bip soou. Esquisito, o número que piscava nele era o da minha unidade no Pearce... do telefone da sala de enfermagem.

Telefonei para lá e Kwan atendeu.

— Houve um acidente — disse ele.

— O que aconteceu?

— Gloria está machucada. Ela escorregou no quarto de Maria Whitson e caiu. Uma ambulância já vem vindo para cá.

— Como está Maria?

— Histérica. Insiste em que a culpa é dela.

Consultei o relógio, passava das três da madrugada.

— Estou indo — disse e desliguei.

Levantei-me, enfiei uma calça jeans e um blusão de abrigo. Já estava no pórtico fechando a minha porta da frente quando abriu-se a porta da casa da minha mãe.

— Vai sair? — perguntou-me ela.

Achei-a mais magra do que nunca em seu roupão cor-de-rosa acolchoado.

— Eles me biparam. O que está fazendo acordada?

— Estou acordada, ora. Minhas noites são assim... Durmo um pouco, fico um pouco acordada.

— Volte para a cama. Você parece cansada. Tem certeza de que está bem?

— Quando alcançar a minha idade, você também vai parecer cansado.

Quando cheguei ao Instituto Pearce, uma ambulância, com as luzes piscando e as portas traseiras abertas, estava parada à entrada da nossa unidade. Estacionei na alameda de acesso e fiz o restante do trajeto a pé. Os paramédicos carregavam Gloria em uma maca. Fui trotando ao lado dela. Eu jamais teria confessado, mas estava completamente aturdido. Gloria parecia mal. Tinha os olhos fechados e uma intensa palidez no rosto. Sua cabeça achava-se envolta em ataduras. A saia bege de algodão tinha manchas de sangue. Peguei sua mão, estava fria e úmida, pegajosa. De súbito, as pálpebras tremeram.

— Peter... — gemeu ela.

— Você está bem?

Gloria começou a fazer que sim com a cabeça e estremeceu, com uma careta de dor. O terror que eu sentia devia estar evidente porque ela apertou minha mão e murmurou: — Estou bem. De verdade, Peter. Vou ficar boa logo, não se preocupe.

— Como aconteceu? — perguntei.

— Maria gritou, entrei no quarto e acho que escorreguei...

Parecia que cada palavra que ela dizia provocava mais dor.

— Entendo — disse eu.

Maria fechou de novo os olhos e pareceu relaxar. Fiquei olhando enquanto eles a colocavam na ambulância e fechavam as portas. Em silêncio, a ambulância se pôs em movimento e saiu do instituto.

Corri para dentro, atravessei o salão de atividades comuns, depois percorri o corredor até o quarto de Maria Whitson. Uma das enfermeiras noturnas montava guarda de pé diante da porta. Lá dentro, Kwan estava ao lado de Maria que, ajoelhada, esfregava o soalho com uma toalha. O que havia sido sangue tornara-se uma mancha rosada. Eu quis me aproximar dela, porém não consegui entrar no quarto. Cambaleei e tive que recuar. Encostei-me no umbral e me concentrei em fazer parar o tremor das pernas. A cena de sangue no estúdio de Kate,

uma lembrança que eu sepultara nos mais escuros recessos da minha mente, surgiu diante dos meus olhos.

Eu olhava para o quarto como se estivesse a quilômetros de distância. Maria repetia as mesmas palavras, sem parar. Dizia algo que parecia "Nino", o nome do tio, e em seguida "A culpa é minha. A culpa é minha", enquanto lágrimas desciam-lhe pelo rosto.

— Sra. Whitson — disse Kwan, segurando as mãos dela com delicadeza —, você não tem que fazer isto. Temos a equipe de faxineiros que vai limpar tudo.

Ela fitou-o com olhar sem vida, então virou um pouco a cabeça e viu-me encostado no batente da porta. Pareceu ser impulsionada para cima e endireitou o corpo. Estendeu as mãos diante do rosto e olhou as palmas.

— Devo ter tido um pesadelo. Acordei, assustada, no chão. Gritei. O sangue... Ela parecia extenuada. Na verdade, muito extenuada. O forte cheiro de Lady Macbeth no ar trouxe-me de volta ao presente, como se houvesse cheirado sais aromáticos.

— Ferimentos na cabeça sangram muito, mesmo sem serem graves — disse-lhe Kwan. — Gloria não perdeu os sentidos e é isso que conta.

— Fiquei tão zangada com ela porque disse que eu estava fingindo! O Sr. não acha que estou fingindo, acha?

Ela falara comigo. Engoli em seco e forcei a voz: — Gloria acha que você andava trapaceando com o peso e fingindo comer, quando na verdade jogava os alimentos fora. E estava mesmo fazendo isso, não é?

Maria olhou para o chão.

— Sra. Whitson — explicou Kwan —, estar zangada com alguém não machuca essa pessoa.

Imaginei se Maria acreditava nele. Para ela, o limite entre a ilusão e a realidade era transparente e muito permeável. Nesse momento um faxineiro, carregando um esfregão e um balde com água, passou por mim e entrou no quarto.

Kwan tornou a falar com Maria: — Por que não deixa Andrew fazer seu trabalho e limpar tudo? — Ajudou-a a erguer-se. —Jane! — chamou. — Pode vir ajudar a Sra. Whitson?

A enfermeira da noite entrou e eu segui Kwan para fora do quarto.

— Você está bem? — perguntou ele.

Fiz que sim, ainda aturdido. Claro que não estava bem, mas isso não era novidade. A novidade era que pela primeira vez o fato de não estar bem afetava meu trabalho. Fechei os olhos e tornei a abri-los, mas não antes que minha mente exibisse o cenário da poça de sangue no estúdio de Kate. Sangue foi tudo que ficou depois que eles levaram minha mulher para o Instituto Médico Legal.

— Volte para casa e durma — aconselhou-me Kwan. — Aqui tudo está sob controle. Acidentes acontecem.

— Acha que Gloria vai ficar boa?

— Como nova! No hospital, provavelmente vão colocá-la sob observação por umas vinte e quatro horas, por precaução, e depois disso ela poderá ir para casa.

— Sabe para onde a levaram? Talvez eu possa ir...

Olhei meu relógio.

— Peter, você nada pode fazer no hospital a não ser ficar no caminho dos outros. Vá para casa.

Eu não queria ir para casa. Queria ficar e, assim, romper minha rotina compensatória como numa espécie de vingança. Mas eram quatro e quinze da madrugada. Um horário muito idiota do dia. Cedo demais para trabalhar, tarde demais para voltar a dormir. E os dias estavam se tornando mais curtos tão depressa que não haveria luz bastante para remar durante várias horas.

Entrei no meu carro e voltei para casa, tentando não deixar que outras cenas do passado voltassem à minha mente. Em casa, deitei-me no sofá da sala. Depois de uma hora, levantei-me e fiz café.

Às seis e meia liguei para o instituto. Maria estava dormindo. Fiz outro telefonema e fiquei sabendo que a condição de Gloria era "boa".

Suspirei de alívio. Eu podia me virar sem meu barco. Podia consertar meu carro.

Mas o Pearce sem Gloria era uma perspectiva que eu não queria contemplar.

Capítulo 25

DOIS DIAS DEPOIS, o retrato de Sylvia Jackson apareceu na primeira página do Globe. A testemunha-estrela da promotoria fora fotografada no banco das testemunhas, escutando com ar atento, os cantos da boca ligeiramente descaídos. Na foto em preto-e-branco parecia uma mulher comum, de meia-idade. O fotógrafo não captara sua sensualidade e atração intensas.

De acordo com a notícia, quando o promotor perguntara a ela "Quem fez isso com a senhora?", a testemunha hesitara apenas um instante para em seguida apontar o réu e dizer seu nome "Stuart Jackson".

Tentei descobrir como o júri imaginava que aquele homem, que Annie tão acertadamente descrevera como um "homenzinho de sessenta e sete quilos", conseguira dominar Tony Ruggiero, que pesava cento e dez quilos, enfiar-lhe uma fronha na cabeça, infligir-lhe quarenta e cinco contusões e dar-lhe quinze facadas antes de atirar nele. A vítima fora tão selvagemente surrada que o médico-legista sugerira que poderia ter sido atacada por duas pessoas.

Chip deveria ter ficado satisfeito com a atuação que tivera em seguida.

Questionara Sylvia sobre os dias anteriores ao crime. Perguntara-lhe o que havia feito, com quem conversara. Ela se lembrava de pouca coisa. Não conseguia lembrar-se do presente que dera a Stuart no dia anterior ao crime — as borboletas de papel parecidas com as que identificara nas manchas de tinta do teste.

Ele insistira em demonstrar as contradições entre o testemunho dela e as declarações que havia feito durante o interrogatório do promotor e as coisas que dissera antes. Havia sido ela ou o atacante que dirigira até o cemitério? Assistira ao massacre de Ruggiero da escada ou da sala de estar? Não havia dito que Tony Ruggiero estava no porta-malas do carro? Quando Chip a pressionara para explicar por que mudara a declaração, ela respondera quase gritando "Eu sei que ele não estava no porta-malas!" Indagada como sabia disso, a resposta fora tudo que ele esperava: "Li os jornais para saber o que havia acontecido com ele".

Chip com certeza deixara a resposta flutuando no ar tempo suficiente para que o júri percebesse seu significado. Se uma lembrança havia sido moldada por uma informação que ela obtivera de um jornal, quantas outras teriam sido forjadas do mesmo modo? Em seguida ele fizera Sylvia Jackson falar dolorosamente sobre os interrogatórios feitos pelo sargento MacRae nas semanas depois que saíra do coma. Citara as perguntas que foram se tornando mais e mais específicas, que se tinham tornado mais e mais orientadoras a cada dia, traçando o caminho que trocara o "Quem fez isso com a senhora?" por "Foi Stuart Jackson que fez isso com a senhora, não?

Perguntara-lhe se era verdade que quisera saber por que o réu não a visitara no hospital. Confiara sua preocupação a alguma enfermeira? Depois, Chip fizera a pergunta diretamente: "Essa enfermeira sugeriu o motivo pelo qual Stuart Jackson não ia visitá-la no hospital?"

"Ela me disse porque ele não me visitava no hospital, sim", respondera Sylvia Jackson, "Porque era suspeito".

E então, apesar de todas as discrepâncias que Chip expusera, apesar da evidência de que Sylvia Jackson havia lido os jornais e conversado com amigos reunindo informações que incorporara às suas lembranças, ela havia se tornado a testemunha-estrela que a promotoria esperara que fosse. Os jornais descreviam os jurados dominados por fascinada atenção, esticando-se nas cadeiras para não perder sequer uma palavra dela, chorando abertamente enquanto Sylvia descrevia o assassinato. Será que qualquer tipo de teoria a respeito da memória e resultados de teste seria capaz de suavizar o impacto emocional causado pelo depoimento dela?

Eu estava tão absorto nas notícias do julgamento que quase me esqueci de que o encontro com os pais de Maria Whitson estava marcado para as nove horas daquela manhã. Gloria ainda continuava afastada, em repouso. Eu acabava de estacionar meu maltratado Beemer junto à guia da alameda que subia até a porta da unidade quando um Lexus preto parou logo atrás de mim. Cumprimentei o bem-apessoado casal que saiu do carro.

— Vocês devem ser os pais de Maria Whitson. Sou o doutor Peter Zak.

— Minha filha... como vai ela? — perguntou a Sra. Whitson.

Era uma mulher alta, bonita, com cabelos loiros, já grisalhos, que chegavam aos ombros e presos por pentes de tartaruga logo acima das orelhas. Seu rosto quase não tinha rugas e as sobrancelhas arqueavam-se numa expressão de surpresa. O olhar irradiava ansiedade.

— Está melhor — respondi, cauteloso. — Vamos entrar e conversar.

Levei os Whitson alameda acima e os fiz entrar na unidade, levando-os para a minha sala. A Sra. Whitson tirou o manto preto. Por baixo, usava um vestido simples, também preto, abotoado na frente. Quando sentou-se e cruzou as pernas, a saia subiu um pouco revelando parte da coxa bem torneada. Acrescentando-se o pescoço longo, o nariz proeminente e a boca de lábios cheios pintados com batom vermelho brilhante, era como um enorme pássaro exótico ao lado do pálido e incolor Sr. Whitson. Ele sentou-se rigidamente na poltrona ao lado da dela e manteve as mãos desajeitadamente no colo. Era alto e magro, com farta cabeleira grisalha. Um pavão orgulhoso e um galo desbotado, formavam um estranho par. Maria não se parecia com nenhum deles e deveria ter crescido com a sensação de que sua mãe galinha pusera o ovo num ninho estranho.

Apesar da aparência insípida, foi o Sr. Whitson que fez a pergunta pertinente.

— Quando poderemos ver Maria?

— Eu gostaria de primeiro conversar um pouco com vocês. Aí, se tudo estiver certo, Maria virá juntar-se a nós.

Corando, o pai de Maria aprumou-se na cadeira e reagiu: — Se tudo estiver certo, como? Somos os pais dela e temos o direito de vê-la. — Fez-se uma pausa que pesou na sala, então ele acrescentou: — Não é aquela acusação de incesto de novo, é?

A Sra. Whitson apoiou a mão no braço do marido e murmurou: — Calma...

A hostilidade não me surpreendeu e era bastante apropriada depois de tudo que eles haviam passado.

— Sei que estão preocupados com sua filha e posso dizer-lhes como ela vai agora. Retiramos a maior parte dos medicamentos que Maria tomava. Como devem saber, ela chegou aqui em estado de delírio.

— Delírio? O que o Sr. quer dizer exatamente? — perguntou o Sr. Whitson.

— Que era uma pessoa confusa, com o humor flutuando continuamente. Num minuto estava radiante, no outro chorava em desespero. Tinha dificuldade em lembrar o passado... — a essa altura os pais de Maria trocaram olhares sugestivos — e muitas vezes não sabia onde estava, nem como chegara aqui. Na maioria dos casos o delírio é induzido por drogas ou por alguma condição física.

— Induzido por drogas... — repetiu o Sr. Whitson.

— Isso mesmo. Sua filha era uma verdadeira amostra de grande variedade de drogas, cuja combinação provocou um estado muito alterado.

— Eu sabia que aquela besta de médico não era bom — murmurou o pai de Maria e a esposa apertou-lhe o braço com suavidade.

— Maria tornou-se bem melhor agora que seu organismo livrou-se da maior parte das drogas. Está começando a entrar na rotina da unidade. Espero que alguma informação que vocês possam me dar ajude a reforçar o tratamento que estamos dando a ela. — Sem pausa, passei para o terreno mais firme da montagem do histórico médico. — Qual é a idade exata de vocês?

Foi a Sra. Whitson que respondeu: — Meu marido tem sessenta e oito anos e eu, cinquenta.

Não fiz comentários, apesar de achar que a ainda bonita Sra. andava pelos sessenta e poucos, também. O cirurgião plástico que a operara não ajeitara o dorso de suas mãos, onde a pele estava flácida e havia manchas de idade.

— Maria é filha única?

Ela assentiu com a cabeça.

Continuei fazendo perguntas padrão sobre nascimento, desenvolvimento, doenças infantis. De acordo com os pais de Maria, ela tivera uma infância idílica; havia sido uma menina audaciosa, levada, muito atlética. Nenhum problema até que entrara para a escola.

— Acessos de raiva — esclareceu o Sr. Whitson. — Maria tinha acessos de raiva na escola. Depois começou a tê-los em casa, também. Quando não conseguia o que queria, jogava-se no chão, esperneando, gritando e chorando,

—- Tentamos ignorá-la — continuou a Sra. Whitson —, mas como ignorar uma criança de seis anos que bate a cabeça no chão duro?

Como o Sr. pode imaginar, tivemos uma série enorme de babás. Meu irmão mais novo. Nino, era o único que conseguia controlá-la. Ela era a preferida dele.

— Ele ia sempre à casa de vocês? — perguntei, — Costumava ficar a sós com Maria?

Os olhos da Sra. Whitson arregalaram-se quando compreendeu o significado das perguntas.

— Não sabemos, doutor Zak. Ela era apenas uma criança e ele, como um irmão para ela. E a presença de Nino ajudava tanto! Ela o adorava. Fazia tudo... — a Sra. Whitson abaixou os olhos —, fazia tudo que ele mandava.

O Sr. Whitson passou um braço pelos ombros da esposa e encarou-me.

— O Sr. não tem direito de fazer isto com minha esposa. Só anos mais tarde Maria nos contou o que Nino fazia com ela. E disse que eu também abusei dela. — Os olhos dele sustentaram os meus. — Agora, escute bem — sua voz soava áspera de tanta raiva —, deixe-me esclarecer isso de uma vez por todas. Nunca, nunca toquei em minha filha — ficou sem voz por um instante, procurando os termos exatos — de qualquer maneira imprópria.

— Sei que isso tudo é muito doloroso para vocês dois, Sr. Whitson. É duro voltar a falar dessas antigas acusações. Mas quero que saibam que meu único interesse é solucionar o problema. Maria precisa de um sistema de apoio para quando sair daqui e estou tentando descobrir se é possível conseguir esse apoio.

O Sr. Whitson continuava me encarando, porém sua expressão se suavizara.

— Acredite-me, doutor, é para isso que estamos aqui. Queremos nossa filha de volta, mas pensamos que seria melhor para Maria nunca mais nos ver e por isso nos afastamos dela.

— Muito bem. Pelo que vejo, nós três queremos a mesma coisa, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Preciso fazer-lhes mais algumas perguntas. Quando perceberam que Maria estava comendo mais do que deveria?

A Sra. Whitson mexeu-se desconfortavelmente. — Quando ela estava no meio do primeiro grau. Era muito difícil fazê-la emagrecer. Nós tentamos toda espécie de regimes...

"Nós?", pensei. Imaginei se a Sra. Whitson sempre havia sido magra como era agora.

— ... e exercícios — concluiu a mãe de Maria.

— Ela corria — acrescentou o Sr. Whitson.

— Isso mesmo — concordou. — Quando estava no segundo grau, Maria corria todos os dias.

Anotei a informação. Padrão típico. Uma moça que teve a adolescência marcada por entrechoques com os pais torna-se agudamente consciente do próprio corpo e seu desejo de ser perfeita transforma-se na compulsão de ser magra. Faz exercícios e os aumenta cada vez mais, até que fica viciada em exercício. Então, como se não bastasse, inicia-se o exagerado interesse pela comida.

— Esse é o problema dela — comentou o Sr. Whitson. — Nunca faz as coisas com moderação. Não pode correr um quilômetro e meio: tem que ser doze quilômetros. E quando começou a vender casas, tinha que ser a melhor corretora, a que vendia mais casas e as maiores, a que vendia mais depressa do que os outros. Ambição e garra — acrescentou o pai de Maria, enxugando rápido uma lágrima que despontara num dos olhos — essa é a minha menina.

Ambição e garra... Eu jamais teria associado essas palavras a Maria Whitson. Perguntei-me se o acidente de carro teria alterado assim tão profundamente a personalidade dela. Ou será que a Maria que eu conhecia era uma aberração temporária?

— Houve algum outro trauma significativo? — perguntei.

— O Sr. quer dizer mais significativo do que...? — começou a Sra. Whitson.

Fiz que sim e ela pensou por momentos, depois disse, devagar: — Na verdade, não. Houve a vez em que a amiga dela, Marjorie, ficou muito machucada.

— Eu tinha me esquecido disso — comentou o Sr. Whitson. — Marjorie era a melhor amiga de Maria — explicou a Sra. Whitson.

— Viveram agarradas durante o primeiro e o segundo grau — observou o marido.

— A mocinha sofreu um acidente, escorregou na escada que dava para o porão e caiu. Machucou-se muito.

— Por que isso foi tão traumático para Maria? — eu quis saber.

— Foi ela que a encontrou desmaiada — contou a Sra. Whitson. — Eu a deixei na casa de Marjorie um dia, quando voltávamos do dentista. Maria saiu correndo da casa antes que eu fosse embora.

— Ela ficou profundamente transtornada com o acidente — disse o Sr. Whitson. — Depois disso passou vários dias sem conseguir comer, sempre insistindo em que tinha sido a culpada de tudo. Se tivesse chegado à casa da amiga mais cedo aquilo não teria acontecido... Essas coisas.

— Eu disse a ela que não poderíamos ter chegado mais cedo — explicou a Sra. Whitson.

— Houve mais algum efeito, depois?

— Quando Marjorie se recuperou, a amizade delas nunca mais foi a mesma... — lembrou-se a mãe de Maria. — Na verdade, meses depois perguntei a ela sobre Marjorie e minha filha me deixou falando sozinha.

— Não foi aí que Maria começou a se recusar a ir ao porão da nossa casa? — perguntou o pai.

— Acho que você tem razão... Lá embaixo havia um salão que era usado para a bagunça das crianças. E nessa época, de fato, Maria começou a se recusar a descer. Nunca liguei uma coisa com a outra, mas talvez tenha sido por ela ter encontrado Marjorie sem sentidos ao pé da escada do porão da casa dela.

— Fiquei sabendo que Maria agrediu o Sr. com acusações. Deve ter sido uma situação muito difícil.

O Sr. Whitson retesou-se, desviou o olhar e a mãe de Maria sacudiu a cabeça.

— Ficamos aturdidos — disse, com simplicidade. — Quanto a mim, acho que essa acusação não tem base alguma. Já Nino e Maria eram muito amigos... — Olhou para o colo. — Uma vez ela me perguntou como eu podia gostar de Nino se a amava? — Fez uma pausa, chocada ainda depois de tanto tempo. — Como responder a essa pergunta?

O marido procurou a mão da esposa e segurou-a. — O irmão mais novo da minha mulher foi assassinado no começo deste ano — explicou.

Assassinado? Se ele tivesse morrido de repente ou violentamente com certeza, isso adicionaria mais tensão ao estado

emocional já bem fragilizado de Maria. Coloquei uma caixa de lenços de papel sobre a mesa, entre nós. A Sra. Whitson pegou um e assoou o nariz.

— Como foi... — comecei.

Mas a mãe de Maria também havia começado ao mesmo tempo: — Tudo mudou depois que minha filha bateu com o carro.

— E foi então que caiu nas mãos daquele médico manipulador filho da puta! — acrescentou o Sr. Whitson, enfurecido.

A esposa assentiu com a cabeça e ar desolado: — A culpa foi minha por não ter percebido que Maria precisava desesperadamente de ajuda.

— Ela teve ajuda o tempo todo — resmungou o Sr. Whitson.

— Por favor, falem-me do acidente — pedi.

A Sra. Whitson franziu as sobrancelhas.

— Claro que não estávamos lá. Aconteceu quase diante da casa deles. O marido bateu com o carro no dela. Maria foi lançada para a frente e para cima; bateu a cabeça no para-brisa e ficou inconsciente. Quebrou um braço. Foi milagre não ter morrido.

— Como aconteceu? — eu quis saber.

O Sr. Whitson respondeu com cautela. — Doutor, a verdade é que realmente não sabemos. No começo, nem mesmo Maria se lembrava de como tinha acontecido.

Houve uma pausa. Esperei. O casal trocou olhares.

— Durante algum tempo Maria dizia que o acidente havia sido proposital — disse a mãe da paciente.

O que aquilo significava? Que o marido atingira o carro dela deliberadamente ou que ela se colocara diante do carro dele de propósito?

— Eu acho que foi um acidente — voltou a Sra. Whitson. — Ainda hoje o pobre rapaz é louco por ela. Ficou tão impressionado que se recusou a entrar no carro de novo. Lembra-se, Rob? Nino cuidou do conserto do carro, em seguida passou a dirigi-lo para eles.

— O que aconteceu depois do acidente?

— Maria foi hospitalizada — contou a Sra. Whitson. — Parecia estar sarando rapidamente, o que diminuiu a nossa preocupação. Mas, depois vimos que ela estava diferente. Tinha dificuldade em lembrar-se das coisas, faltava a encontros com clientes, mostrava as casas e ia

embora deixando-as abertas. E vivia agitada... entende? Não conseguia ficar quieta. Contou-nos que andava dormindo mal e que se sentia esquisita, aérea.

— Não conseguia correr — acrescentou o Sr. Whitson — e acho que isso a perturbava muito.

— Começou a ganhar peso... — A Sra. Whitson cruzou os braços ao peito e abraçou a si mesma. — Tornou-se arisca, não suportava ser... tocada. — Ela mordeu os lábios. — Certa vez tentei abraçá-la e ela me empurrou para longe.

O pai de Maria continuou: — Foi quando ela se afastou de nós. Parou de aparecer lá em casa o pouco que ia, parou de telefonar e disse-nos que não lhe telefonássemos mais.

— Ficamos sem saber dela durante meses. — A Sra. Whitson chorava e as lágrimas que desciam livres deixavam traços escuros de rímel em seu rosto. — Não sabíamos o que fazer. Telefonei para as amigas dela, tentando saber como minha filha estava, elas também de nada sabiam. Maria cortou relações com todo mundo.

— Depois que ela rechaçou também o marido — retomou o Sr. Whitson — ele passou a ficar lá em casa horas a fio, de vez em quando. Aí zangou-se e nos culpou pelo que acontecia. Uma vez tivemos que chamar a polícia... ele havia bebido muito.

— Aí, de repente, ela ressurgiu do nada. Telefonou e disse que queria que fôssemos ao consultório daquele médico encontrar com ela. Ficamos ansiosos, esperando uma reconciliação. Mas não era nada disso.

Vermelha e trêmula só de lembrar do ultraje, a mãe de Maria chorou de soluçar. — Foi tão humilhante! Ela acusou Nino e Rob de... — Interrompeu-se, com os ombros tremendo. — Culpou-me. Disse que eu tinha sido... Qual foi a palavra que ela usou?

— Conivente — disse o marido, num murmúrio.

— Maria ficou de novo meses sem telefonar. — A pobre Sra. parecia cada vez menor, afundada na poltrona. — E quando o fez foi para dizer que havia cortado os pulsos.

— Isso aconteceu há seis meses?

— Exatamente. Logo depois do enterro de Nino, não é, Rob?

— Logo depois.

Parecia que eles nada mais tinham a dizer. O Sr. e a Sra. Whitson ficaram imóveis, olhando num ponto em frente, parecendo nada ver. Estavam cansados de lutar. Era evidente que gostavam da filha e se importavam com ela. Se não, por que teriam concordado em comparecer de novo diante de um médico, arriscando-se a serem insultados e acusados outra vez?

— Vocês devem ter passado por um longo e doloroso período — comentei.

— Ninguém pode fazer ideia — assentiu a Sra. Whitson.

— Tem razão. Ninguém a não ser talvez o senhor pode avaliar isso.

— Doutor Zak, viemos na esperança de ver nossa filha. Podemos? — perguntou ela, com a voz alterada pela esperança. — Por favor, nem que seja por alguns momentos. Estamos com tanta saudade dela!

— Sim — disse eu. — Creio que está na hora.

Pedi a uma enfermeira que trouxesse Maria e ficamos esperando. À medida que os minutos passavam, eu podia sentir a tensão crescendo na sala. O Sr. Whitson ergueu-se e pôs-se a andar de um lado para outro. A Sra. Whitson desabotoou os dois primeiros botões do alto do vestido, retirou um dos pentes que prendiam seus cabelos e recolocou-o. Estava remexendo dentro da bolsa enorme quando Maria apareceu na porta.

— Maria, querida — disse ela, erguendo-se a meio da poltrona.

O pai parou de andar e estendeu os braços abertos para a filha.

O rosto de Maria lembrava um caleidoscópio de emoções. Alegria, medo, raiva, de novo alegria e assim por diante, sua expressão mudava enquanto ela balançava o corpo para a frente e para trás, dando por fim alguns passos na direção do pai, como se tivesse medo antes de fugir correndo, definitivamente. Mas parou e os pais a ficaram olhando enquanto ela retorcia a barra da camiseta com mãos nervosas.

— Maria... — murmurou a mãe, timidamente. — Maria, sabe o quanto nós dois a amamos, não é? Seja o que for que tenhamos feito, minha filha, sentimos muito. Fizemos o que achávamos o melhor para você.

A submissão na voz dela pareceu renovar e aumentar a raiva de Maria, que cruzou os braços ao peito e ficou firme sobre os pés. Ao falar,

dirigiu-se a mim.

— Eles dizem que fizeram o que era melhor para mim? Conversa fiada. Só fazem o que é bom para eles. Pergunto-me por que me tiveram. Já eram velhos quando eu nasci.

Com o rosto devastado pela agonia, a Sra. Whitson disse: — Tentamos ter filhos durante anos, doutor. Maria foi um presente de Deus, um milagre.

— Mas que milagre! Gordo, feio e inútil! Eles não gostam de mim, jamais gostaram!

O Sr. Whitson abaixou a cabeça e, indefeso, conseguiu apenas dizer: — Doutor...

Sofrimentos não resolvidos e angústia rolaram, saltando como uma bola, pela sala inteira.

— Sua filha concordou com este encontro, mas parece que começa a pensar de novo como pensava logo depois da hospitalização.

Eu sabia que meu tom frio e profissional poderia fazer-me parecer um insensível, mas tinha que ser assim se quisesse que fôssemos adiante; eu tinha de construir uma situação neutra que permitisse a Maria e aos pais conviverem num mesmo espaço.

— É preciso muita coragem — continuei. — Seria melhor para todos nós se nos sentássemos e conversássemos.

Maria olhou-me, desconfiada. Depois fitou os pais. Os Whitson sentaram-se nas poltronas próximas a uma das extremidades da minha mesa. Então, ela aceitou a poltrona que eu lhe oferecia do outro lado e sentou-se. A tensão pareceu ceder um pouco. Tê-los ao redor da mesma mesa, ela e os pais, era o primeiro passo.

Voltei a falar, dando ênfase à tarefa que tínhamos à nossa frente. Eu pronunciava as palavras devagar e claramente esperando que Maria aproveitasse o tempo que lhe dava para acostumar-se com a presença dos pais. No fim, os três começaram a conversar entre si, sem mais me usar como intermediário para expressar o que pensavam. Tínhamos ultrapassado a fronteira.

— Maria — disse cautelosamente a Sra. Whitson —, seu pai precisa voltar ao trabalho, mas eu penso que poderia ficar mais um pouco. — Pegou um livro da bolsa e colocou-o na mesa.

— Lembra-se daquela caixa de chapéus cheia de velhas fotografias que guardávamos no armário do hall? Eu encontrei este

álbum lá e dei uma olhada... Fez-me pensar muito no passado e em como ele era realmente. Pensei que podíamos olhar juntas algumas fotos e... conversar.

Maria fitou o álbum de fotografias. Pegou-o, abriu-o e deparou com a foto de um bebê. Em seguida olhou para mim.

— Isso está bem?

Será que pisávamos em terreno perigoso? Será que Gloria teria me chutado por baixo da mesa para que eu não permitisse uma visita sem vigilância? Os Whitson imploravam silenciosamente que ajudasse a filha deles a dar aquele passo adiante, rumo à reconciliação. Mas não cabia a mim tomar essa decisão.

— Maria — comecei —, isso você é que deve resolver. Se quer que sua mãe fique, ótimo. Se não quer, tudo certo também. Pense nisto: o que você quer?

Maria virou em silêncio algumas páginas do álbum, então olhou para a mãe.

— Está bem — foi tudo que ela disse.

Capítulo 26

DEIXEI MARIA E A MÃE no salão de atividades comuns, lado a lado num sofá, com o álbum de fotos entre as duas e fui para a sala de enfermagem ligar para Chip.

Tínhamos combinado conversar durante a pausa para almoço do julgamento.

— Estamos indo bem — disse ele —, pelo menos tanto quanto esperávamos.

— Pelo que li no jornal, o testemunho de Sylvia Jackson foi um desastre. Ela se contradisse o tempo todo.

— Pois é, ela se contradisse e, sim, não conseguiu lembrar-se de nada direito. Mas não sei se isso fez diferença. Sylvia é um trunfo fortíssimo da promotoria, uma vítima simpática. Os jurados querem acreditar nela.

Era o que eu imaginara.

— E MacRae?

— Muito profissional. Não se abalou quando o interroguei a respeito dos seus companheiros na polícia. Respondeu que haviam sido

suspeitos, mas foram liberados logo de saída.

— Perguntou-lhe como os policiais deixaram escapar o chapéu de uniforme de camuflagem na investigação inicial?

— Ele respondeu que não sabiam que procuravam um chapéu. Resposta com absoluto sentido, infelizmente.

Joe MacRae fizera excelente uso daquele desleixo. Mas se o tal chapéu não pertencia a Stuart Jackson, alguém o introduzira na casa dele para que a polícia o encontrasse. Quem mais, além dos policiais, tinha acesso àquele armário, se é que de fato o haviam encontrado lá?

— Quando você acha que vai me chamar para depor?

— Talvez quinta-feira. No máximo, sexta.

Seria dali a três dias.

— Estarei pronto, seja quando for — afirmei.

Era mentira. A cada dia que passava eu ficava mais ansioso. Andava dormindo mal. Não conseguia comer, a não ser alimentos leves e líquidos. Se fosse meu próprio psicoterapeuta, eu recomendaria vídeos de relaxamento, meditação, férias bem longas. Em vez disso, fingia que tudo estava certo. Andava tão preocupado com o julgamento que ao sair do salão de atividades procurei por Gloria, esquecendo-me por completo de que ela ainda estava de licença em casa, recuperando-se. Diante disso, Kwan deu-me umas pancadinhas amigáveis no ombro e resmungou que todos nós tínhamos nossos momentos de esclerose.

Chip pôs Annie ao telefone.

— Tenho algumas coisinhas para você— anunciou ela. — Pediu-me para checar aquela enfermeira, não é? Pois bem, Carolyn Lovely tem um ex-marido que mora na Flórida e há uma ordem de prisão contra ele caso se aproxime dela. De acordo com Carolyn, ele adora enchê-la de porrada. O homem é gerente de um bar e estava trabalhando na noite em que aquele carro tentou atropelar Syl e a ex dele.

Isso eliminava uma possibilidade.

— Soube algo sobre os medicamentos no banheiro de Sylvia Jackson?

Houve um ruído de papéis manipulados.

— Dizem uma porção de coisas a respeito, porém o mais citado é que se tratou de alta dosagem de lítio, barbitúricos e benzodiazepinas. Significa algo para você?

— Parece-me um coquetel nada saudável... Quem estiver entrando e saindo de depressões deve ter à mão uma dose de um desses medicamentos e Sylvia Jackson está sendo tratada com barbitúricos e benzodiazepina, mas não com lítio.

— Interessante. Consegui algumas informações sobre o anjo da guarda dela. Chama-se Angelo di Benedetti. Trinta e cinco anos. Divorciado. Envolvido numa encrenca, há um ano, mas não houve acusação. Provavelmente foi briga doméstica.

— A polícia o considera suspeito?

— Jamais ouviram falar nele até que apareceu à cabeceira de Sylvia Jackson, quando ela começou a sair do coma. Claro que o investigaram. Tem um álibi. A ex esposa jura que ele passou a noite inteira do crime com ela e os dois foram vistos num restaurante no início da noite.

— A noite inteira? Curioso... Não me parece convincente.

Como Syl e Stuart, ali estava outro casal divorciado que continuava mantendo contato, por assim dizer. Segundo minha experiência, divórcios amigáveis são aves raras.

— Concordo, Peter. No entanto, Stuart continua a ser o suspeito mais óbvio, principalmente por causa daquele chapéu no armário dele.

— O que Angelo faz quando não está protegendo Sylvia Jackson?

— Trabalha como personal trainer numa das melhores academias de ginástica, em geral de manhã, bem cedo, e à noite.

— O que explica ele viver perambulando no hospital durante quase o dia todo.

Qual a ligação dele com Tony?

— Na verdade, nenhuma. Tornou-se sobrinho dele por casamento. Sua ex-esposa é sobrinha de Tony.

— Alguma ligação de negócios?

— Nenhuma, que eu saiba.

— Angelo di Benedetti — murmurei. — Eu gostaria de saber por que...

Annie pegou minha ideia no ar:

— Eu também. Gostaria de saber por que Sylvia Jackson pensa que o nome dele é Angelo Ruggiero.

— Pode ser apenas uma das confusões que ela tem feito ultimamente. Com certeza ligou o sobrenome de Tony ao nome de Angelo.

— Mas por que ele não se dá ao trabalho de corrigi-la? — insistiu Annie.

— Boa pergunta. Talvez por não querer dizer-lhe seu sobrenome, que ela pode conhecer de algum lugar. A questão é: por que ele age assim?

Nenhum de nós encontrou uma boa resposta.

Depois de desligar o telefone, fui até o salão de atividades comuns. Maria e a mãe ainda estavam sentadas no sofá, as cabeças unidas, olhando o álbum de fotografias. Aproximei-me um pouco e pude ver que minha paciente ria.

A Sra. Whitson ergueu a cabeça.

— Ela não era uma gracinha? — e apontou uma criança com cerca de um ano, careca, olhos enormes, vestida com uma fantasia de abelha.

Maria abanou a cabeça e rolou os olhos.

— Ora, mãe, você sempre faz isso!

— pegou o álbum e virou a página. — Esta sou eu, com cinco anos. Eu era muito levada, uma verdadeira moleca. O Sr. sabe quem está comigo?

A pergunta foi dita em tom tão intenso que me inclinei para ver melhor.

Na fotografia já começando a amarelar um adolescente musculoso, sem camisa, flexionava os músculos. Uma menininha de cabelos lisos e loiros achava-se montada em seus ombros, rindo abertamente para a câmara, com os braços flexionados, imitando-o. Olhei para Maria.

— Seu tio?

Ela fez que sim.

— Lembra-se desse dia, Maria? — indagou a Sra. Whitson.

— Vocês estavam lá embaixo, no salão da bagunça, aprontando como sempre.

— O salão da bagunça — repetiu Maria — aprontando como sempre... — Olhou fixamente para a foto. — Lembro. Aconteceu alguma coisa... — sussurrou.

A mãe anuiu. — Acho que foi o dia em que você caiu na escada e machucou as costas.

Maria, confusa, ergueu os olhos para a mãe. — Minhas costas.

— Bem aqui... — disse a Sra. Whitson, tocando a filha à altura do rim, do lado direito.

Minha paciente estremeceu e a mãe prosseguiu: — Papai e eu descemos correndo ao ouvir seus gritos. Você nos deixou apavorados. Estava caída junto da escada, berrando como um bezerro desmamado. Fiquei tão zangada com Nino que tive vontade de matá-lo. Mas ele estava com aquela amiguinha...

A mãe se calou, sem jeito a ponto de corar.

Maria passou o indicador pela foto, primeiro na própria imagem e depois na de alguém que se achava em segundo plano. Era uma adolescente loura, que usava short, blusa branca de mangas curtas e quase se dobrava em dois de tanto rir.

— Sim... — disse Maria em voz baixa — acho que me lembro.

Capítulo 27

NAQUELA MESMA tarde Maria apareceu na minha sala. O encontro com os pais a deixara sensível e irritada. Queria conversar.

Colocou o álbum de fotos na minha mesa e abriu na página em que aparecia com o tio.

— Estive pensando nesta foto. Foi nesse dia que... que aconteceu.

— Por que não senta? — convidei.

Maria sentou-se na beiradinha da poltrona e permaneceu com os olhos fixos na foto.

— Diga-me o que se lembra — pedi eu.

— Esta foto foi tirada naquele dia, só que antes. Foi mais tarde que aconteceu a coisa ruim. Ele me estuprou.

— Foi desse estupro que você me falou?

Ela acenou que sim com a cabeça, achegando-se ao encosto da poltrona e olhando para o nada. A curiosidade que eu pressentira antes parecia ter amadurecido em sinceridade, em uma determinação de investigar e de colocar nos devidos lugares o que ela não havia tido tempo de examinar até então.

— Vamos ver se conseguimos ampliar esta lembrança. Comecemos pela fotografia. Quero que tente se lembrar com o maior número de detalhes que puder de como as coisas pareciam e como se sentia quando foi tirada essa foto. Tem certeza de que foi no mesmo dia?

— Penso que sim.

— Está bem, vamos voltar àquele dia, no porão. E, por enquanto, quero que ignore o que está acontecendo. Por exemplo, lembra-se de que horas eram, naquele dia?

Maria observou a foto de novo e piscou várias vezes.

— Fim da tarde, pouco antes do jantar.

— O que a faz ter tanta certeza?

— Eu estava com fome e tinha ido buscar o pacote de bolachas que havia deixado lá embaixo.

— Será que faziam o jantar? Sentiu algum cheiro de comida?

Ela fez que não com a cabeça.

— Há algum cheiro especial que você liga a esse salão?

Depois de franzir o nariz, Maria respondeu:

— De mofo...

— Bom. Agora, você vem descendo a escada. Continua sentindo o cheiro de mofo e o que está vendo?

Maria fechou os olhos.

— Laranja. O tapete velho é cor de laranja.

— Está bem. O que mais vê no salão? Algo nas paredes?

— Fotografias. A foto do casamento dos meus pais. Uma foto da Itália... Veneza.

— As paredes são pintadas?

— Não. São recobertas por painéis de madeira e o teto é de ladrilhos acústicos.

— Agora, fale-me sobre os móveis que vê.

— Há um aparelho de televisão. Um sofá estofado com plástico marrom. Uma mesa de jogo com quatro cadeiras. Um balcão com ferramentas. E... e...

A paciente calou-se e abriu os olhos.

— O que mais? — pressionei.

Desta vez ela abriu a boca mas não emitiu som algum.

— Está bem... — assenti. — Vamos fazer de outro jeito. Vou desenhar o salão e você vai me dizer onde ficam os móveis. 274

Desenhei um retângulo numa folha de papel.

— É esta mesmo a forma do salão?

Maria fez que não.

— Ele é em forma de L. Há um alongamento aqui.

Acrescentei o compartimento que formava a base do L.

— Pronto. Vamos colocar a escada nele. Onde ela ficava e para onde ia?

Maria indicou e desenhei a escada.

— Assim?

Ela aprovou com a cabeça.

— Muito bem. Agora mostre-me onde estava a TV.

Dei o lápis a ela, que fez um X num canto.

— Agora, onde ficava o sofá? — Ela fez um X em frente à TV.

— E a mesa de jogo com cadeiras? — O X foi desenhado no segundo canto.

— E a bancada de ferramentas? Onde ficava?

Maria fez um X no terceiro canto.

Três espaços do salão continham móveis, mas a base do L oposta à escada estava vazia.

— O que havia aqui? — perguntei.

Ela sacudiu a cabeça e fechou os olhos com força.

— Não posso fazer isto. Estou me sentindo como se estivesse no sofá. Ele está me estuprando...

Num gesto rápido, abraçou-se a si mesma e começou a balançar o corpo, gemendo baixinho.

— Sra. Whitson, sei que é assustador. Mas aconteceu no passado. Tudo bem olhar o acontecido porque aqui está protegida.

Esperei até que os olhos dela se abriram e o gemido emudeceu.

— Sei que é difícil — prossegui, então —, mas tente continuar. Quero que imagine que está andando pelo salão. Vem descendo a escada, certo?

Maria fez que sim e seus olhos brilharam.

— Você está em pé... onde? — insisti.

— Junto da escada.

— Agora, quero que olhe para o salão. O que vê?

— Tapete. Tapete cor de laranja.

— Há alguma coisa em cima do tapete?

Houve um silêncio durante o qual, com a mente, Maria olhou da escada para o local onde dissera ter sido estuprada.

— Sim, há. Meu pacote de biscoitos. Estão espalhados sobre o tapete. Eles espalharam meus biscoitos por toda parte!

Ela estava indignada.

— Vamos imaginar que você desce para pegar os biscoitos. Pode fazer isso?

Maria sacudiu a cabeça, negando, com gesto firme.

— Por que não pode fazê-lo? — insisti.

— Não posso. Não quero ver.

— Não quer ver o quê? Maria, o que há naquela parte do salão que não quer ver?

A paciente fechou os olhos e começou a cantarolar.

— Onde está o tio Nino?

Ela tornou a sacudir a cabeça.

— Tudo bem — disse eu, com gentileza. — Você está a salvo, na minha sala. Pode me dizer o que vê?

Maria estava com os braços cruzados ao peito e os dedos enterrados com força nos antebraços.

— Lá está um sofá... — choramingou.

— Bom, muito bom. Fale-me sobre o sofá.

— Não posso olhar. Não quero olhar.

Os olhos de Maria tornaram-se duas frestas estreitas.

— É azul. Veludo azul-claro. E ele está no sofá... em cima de... em cima de...

Não entendo. — Abriu os olhos e gritou: — Não era eu!

Levou as mãos à cabeça e a expressão de seu rosto passou de surpresa à descrença.

— Meu Deus do céu! Ele estava fodendo ela! Eu não tinha realizado isso, mas agora tenho certeza de que foi o que aconteceu.

Esperei. E no silêncio a lembrança pareceu deslizar para seu lugar como uma bala num tambor bem oleado.

— Eu estava ao pé da escada, olhando, e ele trepava com ela.

— Com a namorada?

— Jennifer.... O nome dela era Jennifer! Oh, meu Deus! — ofegava Maria. — E eu olhava.

— Olhava?

— Não podia parar de olhar. Estava paralisada. Sabia que não devia, mas fiquei olhando.

— E então?

Ela sacudiu a cabeça.

— Acho que mamãe nos chamou para jantar porque ele começou a se levantar e eu, a gritar.

— Como se sentia?

— Traída — murmurou Maria.

— Traída — repeti a inesperada palavra.

— Ele era meu tio. E ali estava... Era nojento. No entanto, eu continuava olhando. Por que fiquei olhando? — Maria estremeceu à lembrança. — Quando mamãe nos chamou para jantar, acho que subi a escada correndo. Tropecei e caí.

Esfregou as costas logo acima da cintura, do lado direito.

— Lembra-se do que aconteceu depois disso?

— Hum-hum... Machuquei as costas e fiquei de cama até sarar.

— E o seu tio?

— Meus pais estavam furiosos com tio Nino. Não o deixavam nem entrar no meu quarto para me visitar. — Os olhos de Maria se arregalaram, ela deixou-se cair sobre o encosto da poltrona e gemeu. — Oh, Deus, ele não era um monstro. Era, apenas... um boboca. Um boboca de dezoito anos obcecado por sexo.

— E você tinha apenas cinco anos... Como poderia entender o que estava acontecendo?

— Mas assim mesmo eu o acusei. Fiz todo mundo acreditar... E agora...

Maria ficou imóvel, os olhos perdidos no nada, e eu me levantei. Fui até a janela. Lá fora as folhas se agitavam. Pensei nas cenas que agora deviam estar convergindo na mente de Maria, detalhes reordenando-se e fazendo com que uma nova imagem entrasse em foco.

— Lembra-se da reação dos seus pais? — perguntei.

— Eu estava zangada porque eles não deixavam Nino entrar no meu quarto. Eles não admitiam sequer que ele voltasse à nossa casa durante semanas e semanas. Eu estava furiosa, principalmente com o meu pai.

— Por quê?

— Porque amava o tio Nino. Ele sempre estava perto de mim quando não havia ninguém mais...

— Existia algum outro motivo para estar tão zangada com seu pai?

Maria fez que sim.

— Porque ele sabia — murmurou.

— Sabia o quê? — Sabia o que eu tinha visto.

Esperei até que ela continuou.

— Ele foi o primeiro a descer ao porão, enquanto Nino ainda vestia as calças. Papai sabia exatamente o que havia acontecido e...

— E?

— E sabia que eu tinha ficado espiando. Sabia que eu era suja. Que eu tinha visto.

— É assim que se sente? Suja?

— E não sou suja? Fiquei ali, olhando, olhando... Tive tanta vergonha de mim mesma!

Eu não disse nada e Maria prosseguiu.

— Só que não entendo... — lamentou-se.

— O que não entende?

— A outra lembrança. De onde ela veio?

— De onde ela veio? Eis uma boa pergunta.

— O doutor Baldridge me ajudou a lembrar.

— De que modo ele a ajudou?

— Desde a primeira vez em que o vi, ele disse que sabia.

— Sabia o quê?

— Que eu era uma sobrevivente de incesto.

— E como ele soube?

— Porque eu tinha todos os sinais. Estava deprimida. Comia demais e queria me purificar. Ele disse que é típico...

— E ajudou-a a lembrar-se?

Maria assentiu.

— Hipnotizou-me.

— Você o consultou por muito tempo?

— Algumas semanas, acho. Ele era surpreendente. Apenas sabia e acreditei nele.

— O que pensa disso tudo, agora?

— Era tão real! E eu continuava vendo a cena, sem parar, repetindo-se na minha cabeça. Posso tornar a vê-la ainda agora, se quiser. O que não entendo é, de onde veio essa cena?

Eu também gostaria de saber. Provavelmente do livro de cozinha do bom doutor. Pegue uma jovem Sra., adicione um ferimento na cabeça, uma pitada de insônia, um distúrbio alimentar e um punhado de drogas... Esta é uma péssima mistura caso apareça um paciente que procura com desespero por uma resposta e encontra um médico que tem a resposta prontinha, à espera.

— O acha dessa outra lembrança?

Ela ficou em silêncio por momentos. — Agora? Acho que não parece real como... tão real como... Mas o doutor Baldridge disse...

— Ninguém pode dizer o que você sente, só você pode ter certeza. Mas sei que deve ser muito complicado, agora que tem duas lembranças.

— Mas o doutor Baldridge... — ela se calou, de boca aberta.

— O doutor Baldridge não sabe tudo sobre você. Só você sabe e pode decidir o que é real e o que não é.

Maria deu-me um olhar suplicante e, num gesto defensivo, ergui as mãos: — Como eu não estava lá, também não posso dizer nada. Mas você pode conversar com seus pais a respeito, talvez eles possam ajudá-la a chegar a uma conclusão. Se quiser, podemos fazer isso os quatro juntos.

Ela fixou os olhos no colo, por fim ergueu-os e abriu a boca, como se fosse dizer alguma coisa. Eu imaginei duas criaturinhas, uma em cada ombro de Maria, discutindo com veemência sobre o que a paciente estava a ponto dizer, fosse lá o que fosse. Por fim uma expressão desolada tomou conta de seu rosto e ela falou devagar, com cuidado:

— Sabe, quando tio Nino morreu fiquei sem saber o que fazer. Sentia-me lá em cima, num trapézio, balançando de um lado para outro. Num minuto estava leve como uma pluma, como se o peso que carregava por fim houvesse sido tirado dos meus ombros. Pensei que tudo ia ficar em ordem agora que ele tinha ido embora. Seria como se jamais... — Ela fez uma pausa e prendeu a respiração até voltar a falar. — Mas no minuto seguinte, eu me sentia terrivelmente triste... e culpada.

— Abaixou os olhos. — Sentia-me responsável. Enfiei-me na cama e fiquei lá durante dias. Foi quando tentei me matar.

— Foi quando cortou os pulsos?

Maria arregaçou uma das mangas, estendeu o braço, com a palma da mão voltada para cima, e ficou olhando as finas cicatrizes brancas. Então, levou o pulso aos lábios, com o olhar perdido no espaço.

A sessão terminou com Maria numa espécie de estado de fuga. Ela se movimentava lentamente, como que imersa num turbilhão íntimo, inconsciente do mundo ao redor. O ódio a queimara por tempo demais. Devia ser muito duro desistir dele e, como eu bem sabia por experiência pessoal, perdoar a si mesmo era mais difícil ainda.

Depois que ela saiu, peguei o telefone e liguei para a sala de enfermagem.

— Aqui é o doutor Zak. Quero que Maria fique sob vigilância para suicidas. Não a percam de vista, nem mesmo por dois minutos, nas próximas vinte e quatro horas.

Pela centésima vez nesse dia desejei que Gloria estivesse conosco. Liguei para a casa dela.

— Oi, aqui é o Peter — disse, sabendo que não era Gloria que atendia ao telefone. — Rachel?

— Oi, Peter. Está querendo saber da paciente?

— Paciente... Não é exatamente essa a palavra que combina com Gloria. Como ela está?

— É um verdadeiro pé no saco! Deveria estar em repouso, mas não para de pular de um lado para outro, como uma bolinha de pingue-pongue.

— Bom, é que ela está acostumada a cuidar dos outros.

— Isso aí, por isso não sabe cuidar de si mesma. Diga-lhe que não pode ser tão rebelde. — Houve uma pausa. — Quer fazer o favor de voltar para a cama? — gritou Rachel. — Tudo bem, tudo bem, eu já levo o telefone.

— Como é que vai? — perguntei, quando Gloria atendeu.

— Bem, muito bem. Só que estaria muito melhor se não fosse obrigada a ficar enfiada aqui.

— Você sabe que é preciso ter cuidado. Concussões levam tempo para melhorar.

— Médicos não sabem nada! Odeio ficar doente!

— Recebeu as flores? — perguntei.

— Recebi, sim, muito engraçado!

— O que é tão engraçado?

— Elas vieram num capacete...

— Muito apropriado, não acha? Foi ideia do Kwan. E como vai a cabeça...?

— A cabeça dura, como você ia dizer, está ótima. Só dói quando o odor das rosas me faz espirrar.

— Volte logo, estamos sentindo saudade.

Gloria riu. — Ora, não me faça rir!

— Maria Whitson tem perguntado por você e ainda acha que se machucou por causa dela.

— Maria nem sequer estava perto de mim. Entrei correndo no quarto e escorreguei. Devo ter batido a cabeça no canto da cama quando caí. Foi um acidente. Ali estava de novo "aquela" palavra. Nas últimas semanas, na verdade desde que eu assumira o caso de Stuart Jackson, essa palavra parecia surgir todos os dias. Mas como aquele acidente poderia ser conectado com os outros?

— Hoje ela recebeu a visita dos pais — contei.

— Eu sei e gostaria muito de ter estado presente. Como foi?

— Conversei um bom tempo com eles, depois chamei Maria.

— Como eles são?

— Fim de linha... pais preocupados, confusos.

— E quem não está?

— É verdade. Claro que têm mesmo que estar confusos e tristes. Parecem gostar profundamente da filha.

— Eu queria ter estado aí... — repetiu Gloria. — Maria está se sentindo segura?

— Está... Acho que está. Tanto que quando a mãe ofereceu-se para ficar mais um pouco, ela concordou. A mãe trouxe um álbum de fotografias.

Gloria ficou calada por instantes, então perguntou:

— Você está achando que Baldridge plantou as lembranças de abuso, não é?

— Não tenho certeza. O doutor Baldridge é uma pessoa aberta a todas explicações que possam existir. Hoje Maria lembrou-se de outra cena, completamente diferente. Disse que surpreendeu o tio fazendo

sexo com a namorada. Essa lembrança foi desencadeada por uma foto que garantiu ter sido tirada no mesmo dia que o tio a estuprara.

— E por que essa nova lembrança é mais real do que a outra?

— Boa pergunta. Talvez a lembrança do abuso seja menos terrível para ela do que a lembrança real, uma lembrança com a qual não consegue lidar. Ver um tio fazendo sexo com a namorada não é fácil para um adulto; para uma criança de cinco anos deve ser algo devastador. Ela adorava o tio e, mesmo sem querer, ele traiu a sua confiança. Maria não entendeu o que acontecia, mas sabia que era uma coisa perversa e excitante. Foi ainda mais complicado para ela porque não conseguiu deixar de olhar. Por um lado, culpou-se; por outro, culpou o tio e os pais. E o relacionamento entre ela e eles modificou-se por completo. Os pais não perceberam o quanto isso a perturbava, por isso nunca lhe falaram no assunto claramente.

— Meu Deus e agora? Se Maria se convenceu de que o tio não abusou dela e que assim mesmo o acusou, dizendo a todos que o fizera... agora, com a morte dele... Você a colocou sob vigilância de suicida?

— Claro.

— Bom.

— Gloria, por favor, fique boa logo e volte.

— Estou fazendo tudo que posso.

Capítulo 28

DORMI MAL na noite anterior ao dia marcado para o meu depoimento. Fui cedo para a cama, mas fiquei acordado. Quando por fim dormi, sonhei que me apresentava no tribunal de pijama, aquele xadrez verde e azul-marinho que usava quando era criança. Depois, sonhei que depunha e que Kate fazia o contrainterrogatório. Minha mãe estava entre os jurados, chorando, enquanto eu tentava me explicar.

— Eu estava na cozinha, não sabia o que acontecia...

— Por que não sabia? — perguntava-me Kate. — Por que não fez alguma coisa para me salvar?

— Eu não percebi... não ouvi... não sabia...

E aquilo repetiu-se várias vezes, então Kate enfiou a mão num bolso e pegou um telefone celular que tocava. Falou ao telefone, fechou-

o e começou de novo:

— Por que não voltou para casa mais cedo? Por que não subiu a escada? Mais uma vez tentei responder, ainda mais outra e Kate tornou a pegar celular do bolso.

Ele tocava de novo.

Ela me olhou com profunda tristeza.

— Tem algo a ver com ego, não? O seu ego. Mesmo agora você não consegue parar.

— Objeção, Meritíssimo! — gritou Chip da porta do tribunal.

Voltei-me para o juiz e me vi olhando para o rosto calmo, sorridente, de Ralston Bridges.

— Objeção recusada — zombou ele.

Acordei com um forte estremecimento, molhado de suor. Levantei-me, fui abrir a janela e fiquei ali tremendo, olhando a rua deserta. Eram quatro horas da madrugada. Mais duas horas e eu teria que me vestir. Por que estava fazendo aquilo de novo? Seria pelo meu ego? E por que não sentira que Kate estava em perigo?

Eu vivia remoendo aquilo em minha cabeça, milhares de vezes. Como fora possível eu ficar calmamente na cozinha, fervendo água para fazer um chá, sem imaginar sequer que Ralston Bridges estava na minha casa? Como pude ignorá-lo rastejando até o meu quarto e depois subindo mais a escada, até chegar ao estúdio de Kate? Por que não subi para falar com ela logo que cheguei em casa? Por que não percebi que havia algo muito errado? Eu estava lá. Poderia ter salvo minha mulher. Ou será que nós dois teríamos morrido? Talvez isso houvesse sido preferível ao pesadelo real que eu vivia há dois anos. Ele jamais admitiu que a matara. Durante todo o julgamento, até a sentença final, insistira em dizer que eu era o assassino. Marido ciumento e desconfiado, voltara para casa a fim de espionar Kate e a apanhara com ele. Bridges tinha razão numa coisa: era muito raro eu aparecer em casa ao meio-dia. Mas a explicação era simples. Eu passara a manhã em Boston e quando ia para o Pearce parei em casa para surpreender Kate e para um almoço rápido com ela. Por pura ironia da sorte, nesse mesmo dia Ralston Bridges decidira encerrar a vigilância e agir. A polícia concluíra que ele permanecera semanas nos vigiando e verificando nossos hábitos, por isso sabia que Kate estaria no estúdio e eu, no trabalho.

Ouvi um ruído abafado, o grito de Kate, depois uma pancada surda. Subi a escada correndo, porém era tarde demais. Ele estava sem camisa, as calças abaixadas até o meio das pernas. Kate achava-se no chão, estendida numa poça de sangue.

Agi cegamente. Peguei uma vareta de ferro da bancada de trabalho de Kate e ataquei-o. Pude perceber o som da vara contra a cabeça dele. Ralston caiu e permaneceu deitado de costas, choramingando, com os braços protegendo o rosto. Fui até Kate e a soergui. Ela já se havia ido... Havia muito sangue. Sua garganta estava cortada. Ouvi Bridges se arrastando pelo chão; olhei e vi que ia na direção da faca. Chutei-a para longe da mão dele e devo ter continuado chutando, só que então chutava o canalha,., A coisa seguinte de que me lembro é a voz da minha mãe penetrando o meu ódio intenso, gritando "Pare, Peter!" Ela estava no umbral da porta, as mãos sobre a boca. Pela primeira vez vi que eu estava coberto de sangue. O sangue de Kate. O sangue de Bridges. Mais alguns momentos e o teria matado.

— Kate?... — murmurou minha mãe.

Eu pude apenas balançar a cabeça. Ela caminhou até Kate, pegou-lhe uma das mãos e levou-a aos lábios.

Aturdido, não sei como cheguei ao meu quarto e telefonei para a polícia. Em seguida encostei-me na parede e fechei os olhos, ouvindo o som do vazio, cortado apenas pelo ruído da minha respiração difícil e do som abafado do apito da chaleira com água para o chá, que vinha lá da cozinha.

Enquanto esperava a chegada da polícia foi que realizei que Ralston Bridges usava roupas minhas. Minhas calças, minha camisa, até mesmo um par de luvas meu achava-se jogado num canto. A faca era da gaveta da nossa cozinha. Ele planejara matar minha mulher e deixar evidências de que eu cometera o crime.

Tudo aconteceu muito depressa. Num momento eu tinha tudo que quisera da vida e não sabia. No momento seguinte tudo se achava destruído diante de mim. A perda era como um enorme e vazio buraco que eu tentava fingir que não existia. Não tivera sequer a oportunidade de dizer adeus.

Afastei as lembranças dolorosas e fui tomar um banho de chuveiro, o mais quente que pude suportar. Fiquei sob a água corrente, com os olhos fechados, tentando clarear a cabeça. Fiz a barba. Depois,

fui até o closet para escolher um terno. Ainda havia algumas roupas de Kate penduradas no fundo — o avental que ela usava para trabalhar, o roupão... Procurei o penhoar dela e enterrei o rosto nele.

Ainda tinha o cheiro dela.

Peguei o terno que ia usar nesse dia e que não usava há muito tempo, desde a última vez que fora depor como testemunha especializada. Estendi-o sobre a cama. Vesti uma camisa recentemente lavada e passada, sentindo-a quase que rija contra a pele. Abotoei a camisa, as mangas compridas e peguei as calças do terno cinza-chumbo. Estavam um tanto largas e ajustei-as à cintura com um cinto preto. Com cuidado, passei uma gravata vermelho-escura pelo colarinho e dei o nó. O paletó abotoou-se com facilidade na minha cintura. Sacudi os ombros.

Meu reflexo no espelho fitou-me com absoluta calma. Satisfeito, desci a escada e verifiquei minha pasta para ver se tinha tudo que ia precisar. Quando estava por sair, bateram à porta. Batidinhas secas e rápidas. Abri.

Minha mãe deu-me um luminoso sorriso, mas percebi que era forçado.

— Como você está lindo! Vim para desejar-lhe boa sorte.

Eu não havia conversado com ela a respeito do julgamento, mas sabia que estava ansiosa e contente por estar quase terminado.

— Vai ter um dia longo pela frente, filho — continuou. — Precisa comer direito. Pegue...

Colocou um saco de papel pardo na minha mão.

O saco estava quente e, curioso, olhei dentro dele. Mamãe tinha dirigido até Chinatown para comprar meu porco frito preferido, do qual ela não podia nem sequer sentir o cheiro.

— Oh, mamãe!

Dei-lhe um abraço apertado e um beijo na face. Então parei, recuei um passo e puxei minha mãe para o círculo de luz. Os olhos dela estavam vermelhos e com olheiras.

— Você está bem? — perguntei,

— O que quer dizer com "bem"? Claro que estou bem. Por que não estaria bem?

— Parece que está como eu: exausta.

— Sou uma velha, filho. As velhas sempre parecem exaustas.

— Ora, dê-me um pouco de crédito, mãe! Eu sei que a minha velha não parece sempre exausta. O que está havendo?

Ela olhou para os próprios pés, depois para mim; inclinou a cabeça de lado como um pica-pau decidindo o melhor modo de apanhar uma formiga.

— Não quero que você se preocupe.

— Se não me disser qual é o problema vou ficar preocupado.

— Tive meu sono muito atrapalhado esta noite — disse ela, por fim.

— Atrapalhado, como?

— Meu telefone tocava a toda hora, eu atendia e ninguém falava. Quando não atendia, ele não parava de tocar.

— Naquela outra noite, quando biparam me chamando, seu telefone também tocou à noite, não?

Minha mãe franziu os lábios e me olhou com atenção.

— Você acha que me levantei no meio da noite por divertimento?

Aquilo explicava os telefones que tocavam nos meus pesadelos. Meu quarto era ao lado do de mamãe.

— Por que não me contou?

— Eu não queria que você — terminamos a frase em uníssono — se preocupasse.

— Se tivesse uma secretária eletrônica, ela pegaria os recados, mãe.

— Não seja ridículo — reagiu ela.

Eu era ridículo, sim. Minha mãe dava-se muito mal com aparelhos eletrônicos e o videocassete era a única exceção à regra.

— Pode desligar o telefone — sugeri.

— E se alguém precisar falar comigo?

— Quem telefonaria no meio da noite? — insisti.

— Seu irmão, o tio Milt.

— Qualquer um deles tem o número do meu telefone. E se forem outras pessoas, você não vai querer bater papo com elas às quatro da madrugada.

Mamãe teve um pequeno arrepio.

— Está bem, doutor Sabetudo — disse, fechando melhor o casaquinho de lã que pusera sobre os ombros —, vá para o tal

julgamento e arrase todos eles. Mas não se esqueça de comer alguma coisa.

E com estas palavras ela foi para casa.

Um instante depois Kwan parou o carro na frente da minha casa e tocou a buzina. A caminho para o Pearce ele comentou:

— Não sei por que, mas há algo comestível com você.

— Você acredita que minha mãe foi até Chinatown e me comprou porco frito? Ela quer ter certeza de que me alimentarei bem antes do depoimento.

— Então, como é? Vamos comer esse porco frito ou só falar nele?

Abri o saco e estendi para Kwan os pequenos pedaços de carne de porco frita acondicionados em uma caixa de papelão impermeável, cheia de compartimentos quadradinhos. Ele pegou um, cheirou-o, colocou-o na boca e suspirou.

— Toda vez que você tiver esta delícia, dou-lhe carona com o maior prazer. Quando vai ter seu carro de volta?

— Eles disseram que ficará pronto no meio da semana que vem, mais ou menos.

— Como vai sua mãe?

— Bem, até ontem. Hoje ela me pareceu abatida demais.

Kwan deu-me uma olhada enviesada. — Você também não me parece lá essas coisas...

Ignorei o comentário e perguntei: — Que tipo de pessoa você acha que é capaz de ficar telefonando para uma senhora idosa de madrugada?

— Provavelmente garotos que não têm o que fazer. Por que ela não desliga o telefone à noite?

— Foi o que eu disse, mas minha mãe é daquelas que veem tragédia por todo lado e acha que poderá perder alguma se não atender telefonemas no meio da noite. Como se ela pudesse fazer alguma coisa até a manhã seguinte caso receba notícia ruim à noite.

— Reconheço que não é racional, porém quando uma pessoa começa a perder o controle emocional desligar o telefone pode fazê-la sentir-se pior.

Era verdade. E as más notícias têm a mania de surgir nas horas mais inconvenientes. Meu pai morreu uma hora antes de amanhecer e

esse fato assombrou minha mãe por muito tempo. Não o fato de ele ter morrido, mas de ter morrido sozinho.

Nesse momento algo me ocorreu. Desde a morte do meu pai minha mãe não suportava ver o nome dele diante dos olhos todos os dias, na correspondência. Era mais uma recordação de sua morte entre as muitas que se sucediam normalmente no decorrer do dia. Ela teve um trabalhão para mudar para o seu nome todas as subscrições, cartões de crédito e contas. Fora nessa época que mudara o nome do meu pai na lista telefônica para P. Zak. Meu número não constava na lista, por isso de vez em quando alguém ligava para minha mãe, querendo falar comigo. Podia ser que a pessoa que telefonara insistentemente na noite anterior quisesse perturbar o meu sono e não o da minha mãe. Na noite anterior ao meu depoimento no tribunal.

Capítulo 29

AQUELA MANHÃ se tornou infernal. Haviam sido admitidos quatro novos pacientes e bastariam dois para nos manter ocupados. Três seria muita correria e quatro significava tensão máxima. Minha ida para o tribunal não iria ajudar nada. Graças a Deus Gloria já estava de volta.

Vi Maria Whitson duas vezes naquela manhã. Numa, ela passava no corredor; na outra achava-se parada em frente à sala da enfermagem. Eu ia perguntar-lhe por que não estava participando de nenhuma das atividades da manhã, mas o Sr. Kootz escolheu justamente aquele momento para começar uma confusão com alguns companheiros, o que me distraiu.

Mais tarde, Kwan deixou-me na estação do metrô e fui para o tribunal. Cheguei logo depois da declaração de recesso para almoço. Comprei um grande copo de café e corri para o elevador, tratando de dominar as ondas de náusea por insuficiência de sono.

Saí do elevador e sentei-me num dos bancos no corredor, perto da porta da sala do tribunal. Minha mão tremia quando retirei a tampa do copo e algumas gotas do liquido escaldante mancharam minhas calças. Tomei um gole. O gosto era terrível.

Descolei a camisa que estava grudada nas costas e enxuguei o suor da testa.

Observei os veios da madeira do banco e as manchas na passadeira de linóleo cinza. Uma das portas duplas da sala do tribunal abriu-se e Annie saiu. Tentei me levantar mas não consegui.

Ela me olhou consternada.

— Você está com cara de enjoado!

— Não dormi bem.

— Precisa de algo para se reanimar?

Reanimar. Se era disso que eu precisara nos dias anteriores, naquele momento precisava muito mais! Tinha medo de desabar no chão quando começasse a andar.

— Não, obrigado. Vou ficar bem quando estiver lá dentro. Quanto tempo ainda demora?

— Não muito. Quinze minutos, no máximo. — Ela virou-se para ir, mas parou e fitou-me de novo. — Quer que lhe traga água?

Era uma pergunta mais do que simples e eu não sabia como responder. Annie examinou-me com atenção.

— Você está bem, mesmo?

Fechei os olhos e tornei a abri-los.

— Neste exato momento, não, mas ficarei bem. Não há nada que você possa fazer, Annie. É algo que depende apenas de mim.

Ela tornou a entrar no tribunal e eu deixei o café de lado. Tirei o paletó e coloquei-o no banco. Cruzei as mãos no colo, sentei-me bem ereto, fechei os olhos e fixei a mente. Imaginei o nascer do dia, o sol se erguendo do rio. Tentei sentir o frescor do ar matinal, a suavidade da superfície da água, ter consciência dos pés firmes no fundo e o corpo inclinando-se para a frente e para trás, enquanto a canoa cortava velozmente a água. Imaginei-me deslizando diante da Esplanada onde uma sequência de salgueiros-chorões espelhava-se no rio, alguns dos galhos tocando a água. Aos pouquinhos o rio foi desaparecendo. Concentrando-me num ponto entre meus olhos, respirei devagar e profundamente, inspirando pelo nariz e expirando pela boca.

Quando o meirinho abriu a porta e chamou meu nome, eu já estava bem. Ergui-me, vesti o paletó e caminhei com segurança para a sala do tribunal, que me pareceu muito menor do que eu me lembrava. O juiz estava lá na frente, em sua maciça mesa sobre uma alta plataforma. Sentei-me no banco das testemunhas, à esquerda do juiz, e prestei o

juramento. Chip e Annie conferenciaram rapidamente antes que ele se erguesse e se aproximasse de mim.

Chip levou-me suavemente a discorrer sobre minhas credenciais, ponto por ponto, encorajando-me e me acalmando ao mesmo tempo. Gastou alguns minutos num procedimento que em geral levava trinta segundos. Eu sabia que aquele tratamento com luvas de pelica era para ajudar-me a relaxar. E funcionou. Qual- quer hesitação que pudesse estar transparecendo na minha voz desapareceu depois das primeiras poucas perguntas. Recuperei- me e senti a adrenalina circulando com o sangue. Cada pergunta e resposta eram como mais uma remada no rio.

Quando chegamos à minha área profissional, dei uma olhada pelo salão. Os jurados alinhavam-se em duas fileiras ao longo de uma parede sentados nos longos bancos. A minha frente, Annie achava-se acomodada a uma mesa. Montrose Sherman e outro advogado ocupavam outra mesa igual. Eu mal tinha uma leve consciência da presença dos espectadores no fundo da sala, sentados em duas fileiras de bancos como os das igrejas.

Quase não reparei em Stuart Jackson, que estava ao lado de Annie. Longas mechas de cabelos castanhos que começavam a afinar-se e rarear estavam artisticamente penteadas de modo a cobrir-lhe o alto da cabeça. A pele se pendurava no rosto como se fosse um balão desinflado. Ele mantinha-se na beira da cadeira, ouvindo tudo atentamente. Esperei não ser causa da sua queda.

— Lembre-se — avisou-me Chip — que o Sr. está falando com pessoas e não com psiquiatras. Use termos simples. Seu trabalho é ensinar os jurados sobre o funcionamento da memória.

Por isso, quando ele me pediu que descrevesse os testes que aplicara em Sylvia e como ela se desempenhara, permaneci no básico.

Enquanto eu explicava o funcionamento de cada teste, uma senhora de cabelos curtos, castanho-claros, que estava na segunda fileira de jurados observa-me com apaixonada atenção. Tentei falar para ela e ignorar o idoso Sr. careca, sentado bem em sua frente. Ele mantinha os braços cruzados, o torso para trás e em ângulo, uma perna cruzada sobre a outra. A linguagem corporal diz muita coisa. Quanto mais eu falava, mais se solidificava no rosto dele um discordante franzir de sobrancelhas. Quando terminei, a senhora da segunda fileira ainda

estava de olhos arregalados, enquanto o cavalheiro da primeira tinha o queixo caído e boca aberta, caçando moscas.

O juiz determinou dez minutos de recesso.

Encontrei-me com Chip e Annie no corredor. Só então eu a vi realmente. Estava com um costume azul-marinho e usava saltos altos. Os cabelos rebeldes estavam dominados por um coque. A saia curta confirmava o que eu suspeitava existir por dentro das calças compridas. Suas pernas eram lindas. Eu devia estar olhando com muita fixidez porque ela mexeu-se desconfortavelmente.

— Desculpe — murmurei. — É que você está tão diferente!

Ela corou e sorriu. — Você notou... já é alguma coisa! Deve estar se sentindo muito melhor.

— Vamos dar uma volta — sugeriu Chip.

Andamos em silêncio até o fim do corredor. Então, Annie me encorajou ainda mais:

— Foi muito bem, Peter. Acho que o júri está com você.

— Isso é um consolo. Honestamente, eu não sabia o que e se ia conseguir. Não foi fácil. Aquele Sr. de mais idade, na primeira fileira, me perturbou um bocado. Mais um minuto e ele ia começar a roncar. — É o nosso encanador aposentado — explicou Chip. — Tem duas filhas moças e não sei se iremos obter muita coisa com ele.

Chegamos ao fim do corredor, viramos e começamos a voltar.

— Agora — acrescentou Chip —, vamos enfrentar o leão.

— Espero que o leão tenha almoçado bem — brinquei.

— Tomara — murmurou Annie.

Capítulo 30

MONTROSE SHERMAN era um homem compacto, pálido, com frios olhos cinzentos, que se mantinha ereto como se tivesse um cabo de vassoura enfiado no rabo. Tudo nele era rígido e correto, desde os vincos nas pernas das calças do terno negro, risca-de-giz, que eram como fios de navalha, até o engomado colarinho da camisa alva como neve. Caso ele um dia houvesse tido algum indício de procedência étnica, ele tinha sido completamente apagado. Se havia alguma ruga de expressão em seu rosto que indicasse sorrisos, pelo menos eu não conseguia vê-las.

Enquanto eu esperava no banco das testemunhas, Sherman fez o máximo de cera que pôde. Colocou sobre a mesa à sua frente várias pastas grossas de tantos documentos que continham, inclinou-se para sussurrar e fazer comentários ao ouvido do seu colega, tomou um gole do copo com água. Em seguida, pegou um bloco de folhas amarelas cobertas por densa escrita, ficou de pé e caminhou até um lugar exatamente entre os jurados e eu. Ergueu o bloco, criando uma barreira acima da qual eu conseguia ver apenas as profundas rugas horizontais em sua testa, que iam desde cima das sobrancelhas até o início dos cabelos. Ele me fitou por cima do bloco. Aguardei, lutando contra o impulso de me remexer em cima da cadeira. Com gesto lento, tirou uma caneta do bolsinho do paletó e ouviu-se um clique quando fez a ponta sair.

E começou a falar de maneira inesperada. Disse-me "boa tarde" e em seguida pediu-me que expusesse meu grau de experiência em ferimentos na cabeça.

— No hospital do Instituto Pearce somos envolvidos em inúmeros casos de traumas cranianos. O que nos interessa em primeiro lugar é o Limite entre as doenças funcional e orgânica. Em outras palavras, procuramos definir a doença do indivíduo e separar as funções orgânicas dos fatores emocionais.

A voz impessoal do promotor flutuou acima do bloco amarelo.

— E, neste caso, o que pediram para o Sr. fazer?

Procurei responder com o maior cuidado.

— Pediram-me para orientar a defesa avaliando as dificuldades de lembranças que esta senhora em particular manifesta e como essas dificuldades podem afetar o testemunho dela.

Sherman escreveu alguma coisa no bloco amarelo e grifou-a.

— Doutor Zak — disse, abaixando o bloco e cruzando os braços —, o Sr. não é um dos médicos que estão tratando de Sylvia Jackson, é?

— Não, não sou — respondi.

— Foi contratado pela defesa especialmente para este caso?

-La vamos nós, pensei.

— Sim, fui.

— Quando o Sr. foi contratado pela defesa, não lhe pediram que avaliasse

Sylvia Jackson inteiramente, não é? Na verdade, pediram-lhe que fornecesse certas e limitadas informações sobre o caso e que orientasse a defesa em determinadas áreas.

A expressão "determinadas áreas", dita daquele modo, assumiu significado sinistro.

— Foi isso que lhe pediram para fazer, não foi? — insistiu Sherman.

— Correto — respondi, procurando manter a voz calma.

— Avaliar a vítima, Sylvia Jackson, submetendo-a a... quantas horas poderiam ser, doze? Sim, a cerca de doze horas de testes. Foi esta a sua ideia, não?

Era evidente que o promotor estava irritado ao máximo com aqueles detalhes.

— Seis horas — respondi. — O estado da memória da Sra. Jackson é um ponto crítico deste caso.

— Então, quer dizer que o Sr. pediu à Sra. Jackson que lhe contasse do que se lembrava de quando atiraram nela com a finalidade de preparar a defesa neste caso. Correto?

Senti os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— Não. Eu sempre pergunto às pessoas que devo avaliar como se machucaram.

É um procedimento padrão do processo.

— Procedimento padrão do processo? — repetiu Sherman, com surpresa irônica. — Acredito que lhe tenham perguntado, por exemplo,

sua opinião sobre o que Sylvia Jackson lembrava- se realmente e o que ela disse à polícia que se lembrava.

— Não, não me perguntaram isso.

— Não. — Ele fez uma longa pausa, durante a qual olhou-me fixamente e sua testa franziu-se, aprofundando mais as rugas. — Neste caso, não consigo entender o que o Sr. quis dizer com — ele indicou o que escrevera no bloco amarelo — "orientar a defesa avaliando as dificuldades de lembrança". Pode me explicar isso?

— Certamente — respondi, amável. — Não sei se Sylvia Jackson lembra-se do que se propôs lembrar-se ou não. Não posso fazer essa afirmativa. Eu não estava lá, por isso não sei o que de fato aconteceu. O que posso fazer é informar como a memória dela funciona agora, de acordo com a significativa lesão produzida no cérebro.

Sherman olhou-me estoicamente, como se apenas tolerasse minha estupidez. Seus olhos fixaram-se no topo da minha cabeça e fui obrigado a me conter para não passar a mão nos cabelos.

— Existe alguma espécie de medicamento para testar se uma pessoa pode ou não lembrar-se do que diz que lembra?

Esfreguei meu queixo.

— Resumindo, se sua pergunta é "O Sr. pode ter certeza de que alguém lembra-se perfeitamente de algo que aconteceu no passado", minha resposta é não, a menos que se tenha confirmação do acontecimento.

Eu não esperava a pergunta que veio a seguir.

— O Sr. teve informação prévia sobre o encontro entre Stuart Jackson, Sylvia Jackson e Tony Ruggiero?

— Sim — respondi, cauteloso.

— Muito bem. Quer dizer que o Sr. conhecia o incidente anterior?

— Sim.

— É sua opinião que os detalhes que Sylvia Jackson forneceu sobre o acontecido antes de ela ter levado um tiro confundiam- se com os do encontro anterior?

— Tudo que posso dizer, definitivamente, é que agora ela tende a fazer isso.

— A fazer o quê?

— A misturar os detalhes de acontecimentos diferentes.

— Muito bem. Tem uma opinião de que maneira ela está misturando esses dois fatos?

— Não.

— Há algum modo de determinar se ela está, mesmo, misturando os detalhes desses dois fatos?

Sherman sabia que eu ia dizer não e antes que o fizesse escondeu-se atrás do bloco, virou uma folha e perguntou:

— O que lhe disseram sobre como Sylvia Jackson recuperou a memória?

— Fui informado de que ela foi interrogada pela polícia várias semanas depois de ter saído do estado de coma e que depois de algumas semanas, no decorrer desses interrogatórios, ela disse que achava que seu ex-marido, Stuart Jackson, havia cometido o crime.

— Muito bem. Baseado nos testes que aplicou em Sylvia Jackson, o Sr. ficaria surpreendido ao saber que algumas semanas depois do traumatismo craniano ela começou a ter pesadelos, a falar dormindo ou imediatamente depois de acordar coisas tais como "Por favor, não me deixe aqui... você não pode me deixar aqui assim!"... Isto o surpreenderia, doutor?

Agora o promotor falava muito depressa, com o volume e tom de voz subindo. O que me fez reagir ao contrário. Respondi calmamente:

— Não.

— Depois daquelas poucas primeiras semanas, em vez de falar com a polícia,

Sylvia Jackson disse a uma enfermeira que Stuart Jackson atirara nela. Isto o surpreendeu?

— Teria que me surpreender por ela ter dito isso à enfermeira?

— O Sr. surpreendeu-se por Sylvia Jackson ter sido levada por pesadelos a lembrar-se de quem atirou nela?

— Não, não me surpreendeu.

— E surpreendeu-se porque, mais ou menos uma semana depois, ela foi capaz de fazer à polícia uma narrativa detalhada do que acontecera?

— Uma narrativa detalhada do que ela pensava que tinha acontecido.

A minha correção quebrou o ritmo dele.

— Muito bem. Isso o surpreendeu?

— Não.

Em seguida ele voltou à carga, o volume da voz subindo outra vez.

— E o surpreendeu, quatro meses depois, ela não conseguir lembrar-se de detalhes dos quais se lembrava antes?

— Se me surpreendi por ela ter esquecido os detalhes que deu à polícia? Não.

O canto do olho direito dele começou a tremer.

— Detalhes que ela deu à polícia?

— Sim. Veja, é possível que o que ela afirma ter ocorrido na noite em que foi ferida na cabeça não seja verdadeiro. Torno a lembrá-lo, eu não sei o que aconteceu na noite do crime, mas com certeza é possível que ela tenha criado tudo.

— Possível... — Sherman parecia saborear a palavra. — É provável?

— O que o Sr. quer dizer com "provável"?

— Isso é provável ou não?

Suspirei, pobre homem. Sua mente organizada com retas e ângulos bem definidos queria aplicar uma probabilidade estatística. Ele estava mergulhado no glorioso caos do comportamento humano.

— Eu diria que é provável que Sylvia Jackson diga tanto coisas que aconteceram quanto coisas que não aconteceram. De que modo ela se lembra de informações de antes do ferimento é algo que não posso determinar de maneira alguma. É preciso não esquecer de que minha avaliação foi feita com base em seu estado cognitivo atual.

E fui por aí adiante. Quando terminei de falar, Montrose Sherman estava olhando para uma rachadura no teto, a boca apertada numa linha fina, a caneta prateada batendo ritmicamente no bloco amarelo. Eu quase podia ouvir suas células cerebrais em funcionamento. Em seguida ele deteve o mecanismo independente e fez uma série de perguntas a respeito dos testes administrados. Os jurados eram bons esportistas, mas ao fim da meia hora que levou para o promotor dar-se por satisfeito, até minha admiradora de cabelos castanho-claros olhava para outro lado.

— E o conteúdo desses testes é o que descreveu? — Ele pigarreou para dar ênfase à voz e fez com que alguns jurados voltassem a prestar atenção. — Casas? Caubóis? Morcegos e borboletas?

— São testes-padrão — esclareci, seco — usados por peritos para avaliar o funcionamento do cognitivo.

Olhei para Chip. Com um erguer de sobrancelhas ele pediu que me acalmasse.

— Entendo... — disse o promotor, mais para o júri do que para mim. — Então, o Sr. achou que as recordações da Sra. Jackson do que lhe aconteceu não são mais importantes do que a maneira com que ela se lembrava das figuras de casas e de caubóis?

Ele lançara uma isca para me apanhar. Antigamente eu ficaria impassível, mas naquele momento senti a raiva subindo-me pela garganta como uma amarga onda de bílis.

— Não tenho modo de validar as recordações dela. A única maneira que um profissional pode perceber como uma pessoa lida com sua memória é saber exatamente o que é o estímulo material, ou seja, o teste. Não tenho a menor ideia do que aconteceu com a Sra. Jackson, mas sei que há casas e caubóis nessas figuras para testes.

— Sim... — murmurou Sherman aproximando-se de mim. — Portanto, sua pesquisa não se liga a qualquer informação sobre o crime em si mesmo, correto?

Uma luz amarela, de advertência, começou a piscar na minha cabeça enquanto eu respondia.

— Sim, é correto.

— Então, o Sr. afirma que sua atuação nada tem a ver com os detalhes destes crimes, seja ou não verdade, e que assim mesmo recebeu algumas informações limitadas sobre os crimes dos quais o réu é acusado?

— Sim.

— Foi informado, por exemplo, do relatório do detetive MacRae que contém as primeiras declarações de Sylvia Jackson?

— Sim, fui.

— Foi informado sobre os relatórios policiais que descrevem a cena no Cemitério Mount Auburn?

— Sim.

— E também foi informado de um relatório no qual a enfermeira Carolyn Lovely descrevia o que Sylvia Jackson disse a ela?

— Não — respondi. — Não fui.

— Foi informado dos relatórios policiais que citam uma fronha ensanguentada e um cinto encontrados na cena do crime?

— Não, que eu me lembre. Se puder ajudá-lo, a maior parte do que fui informado...

— Eu faço as perguntas, se não se importa.

O promotor Sherman quase cuspiu essas palavras.

Chip ergueu-se. — Peço que a testemunha possa explicar sua resposta e...

— Não é uma resposta — cortou Sherman.

O juiz concordou e o promotor continuou com sua litania de evidências sobre o que eu estava sabendo.

— O Sr. foi informado do relatório policial que mencionava que um chapéu de uniforme de camuflagem foi encontrado num armário, no apartamento do réu?

Ele deixou este ponto mais do que claro. Eu não tivera acesso à maior parte das muitas evidências circunstanciais que haviam tornado aquele caso da competência da promotoria. Observei os jurados e imaginei de que modo meus caubóis e borboletas poderiam relacionar-se com fronhas ensanguentadas e chapéus de uniformes de camuflagem.

Por fim, respondi. — Como eu já disse uma porção de vezes, fiz uma avaliação do atual estado de cognição da Sra. Sylvia Jackson. Todas essas evidências que o Sr. mencionou não são relevantes para os meus testes.

Montrose Sherman fixou os olhos em mim parecendo de repente ter ficado muito feliz. Tive a desagradável sensação de que acabara de violar a regra principal da testemunha esperta: apenas responda as perguntas, nada mais diga além da resposta simples. A luzinha amarela e piscante tornou-se vermelha.

— Então, se tudo que interessava ao Sr. era o estado cognitivo — Montrose Sherman teve um rápido acesso de tosse seca —, então talvez possa explicar à corte por que uma das primeiras coisas que fez ao se sentar diante de Sylvia Jackson foi obter uma declaração sobre os acontecimentos que haviam precedido o ferimento sofrido por ela?

Agora havia tantas luzes vermelhas piscando na minha cabeça que meu cérebro parecia uma máquina de jogo eletrônico. Levei alguns segundos para montar a resposta.

— Sim, perguntei a ela o que havia acontecido. Pergunto isso a todos...

Ele interferiu, brusco: — E escreveu tudo que ela disse?

— Escrevi, isso faz parte do processo de testes e...

Ele me interrompeu de novo: — Mas não escreveu tudo que ela disse durante os testes e nem tudo que ela disse durante essas doze horas?

Ele estava determinado a dobrar o tempo que eu levara testando Sylvia Jackson, mas corrigi-lo outra vez teria sido contraproducente.

— Não senhor.

— Mas escreveu, especificamente, ipsis litteris, exatamente, o que ela disse ao responder a sua pergunta a respeito do que aconteceu antes de ser baleada. Correto?

Engoli em seco. — Correto.

Não tive tempo para descobrir por que aquela resposta parecia suspeita. Sherman já estava falando de novo.

— Na verdade, pegando esse depoimento não seria mais necessário o senhor avaliar Sylvia Jackson, não é? — O promotor aproximou-se de mim, as rugas em sua testa tornando-se sulcos profundos. — Doutor Zak, concorda que a corroboração é o único meio de dizer se alguém se lembra perfeitamente de um acontecimento?

— Sim — respondi — caso essa corroboração venha de alguém que assistiu ao mesmo acontecimento.

Sherman olhou para os jurados, com ar negligente. — O senhor quer dizer, por exemplo, caso alguém estivesse na casa, se tivesse chegado lá quando acontecia o crime...

Meu queixo caiu e senti que um rubor subia pelo meu pescoço. Claro. O promotor sabia tudo a respeito do assassinato da minha mulher. Ele não se envolvera pessoalmente, mas sua promotoria cuidara do caso. Comecei a me levantar, mas Chip ergueu-se antes.

— Objeção!

O juiz ficou surpreso. — Com que base?

Sherman sacudiu os ombros.

— Retiro a pergunta — declarou antes de Chip responder.

A violenta deliberação com que ele tentava me sabotar tirou-me a respiração.

Deixei-me cair na cadeira.

Sherman colocou o bloco amarelo sobre a mesa e cruzou os braços no peito. Eu mal ouvi a pergunta seguinte.

— Então, o Sr. acha que o único modo de confirmar o que uma pessoa diz que viu é outra pessoa ter estado presente e dizer que viu a mesma coisa?

— Correto — anuí.

Sherman deu meia-volta e ficou de frente para o júri enquanto disparava o último tiro. — Quer dizer que se eu lhe dissesse que choveu lá fora enquanto o senhor estava neste tribunal e o saísse saísse, visse o céu nublado, poças de água aqui e ali no chão, a grama úmida, consideraria esses fatos insuficientes para corroborar o que eu disse?

Respirei fundo, dominando a custo a vontade de voar do banco das testemunhas e agarrar Monty pelo pescoço. Ele agitara a absurda pergunta diante do meu nariz como uma isca e esperara que eu a engolisse com anzol e tudo.

— Não — respondi. — Um caminhão-regador poderia ter molhado o chão.

Minha amiga de cabelo castanho-claro deu uma risadinha nervosa em meio aos demais jurados que pareciam estátuas de mármore.

— Um caminhão-regador... — repetiu Sherman, olhando para o júri.

— Sr. Sherman — interrompeu o juiz —, tem mais alguma pergunta para a testemunha?

— Tenho, sim, Meritíssimo.

— Neste caso, como já é tarde — o juiz bateu o martelo —, esta corte entra em recesso até segunda-feira às nove horas.

Saí da sala do tribunal me sentindo como um saco de pancada.

— Vamos tomar alguma coisa no bar ali no fim da rua — disse Chip, quando saíamos do tribunal. — Você nos encontra lá?

Fui apanhado por um repórter e, quando cheguei ao bar, Chip estava de pé, sozinho, junto ao balcão.

— Onde está...

Não continuei a pergunta porque Annie surgiu no fundo da sala apinhada. Transformada em si mesmo de novo, ela estava de jeans, com o blusão de aviador e os cabelos rebeldes ao redor do rosto.

— Ufa! — suspirou, içando-se para o banquinho alto ao lado do meu e colocando a bolsa de tecido jeans e com zíper em cima do balcão. — Assim estou muito melhor. Aquelas roupas e sapatos arrepiam meus dentes.

— Eu não sabia que os dentes se arrepiam — riu Chip.

— Era o que meu pai dizia quando se via obrigado a usar gravata — respondeu ela, enrugando o nariz.

Chegou a cerveja e Chip ergueu o copo. — A um veredicto justo.

— A um veredicto justo — repeti e bati meu copo no dele. Bebemos e eu mal senti o gosto da bebida.

— Desculpem o truque do caminhão-regador — falei. — Naquela eu escorreguei feio.

— Peter — começou Chip, sério —, ele deu um golpe desonesto. Qualquer um teria reagido.

— Olhe, eu disse que nunca mais faria esse tipo de trabalho. Mas aceitei fazer e estou afundando o seu caso.

— O julgamento ainda não terminou — interferiu Annie. — Um caminhão-regador não vai atrapalhar a falta de evidência.

Chip e Annie começaram a conversar sobre os acontecimentos na corte. Annie dissecou as reações dos jurados, um a um, aos lances da defesa. Eu acompanhei os fatos no começo, depois repassei mentalmente as palavras de Sherman. "O Sr. quer dizer, por exemplo, se alguém estivesse na casa..." Tinha sido um golpe desonesto, disse Chip. Desonesto e potencialmente letal. Nada mais era como antes de Kate ter sido assassinada. Depois daquele horror eu voltei ao trabalho, conversava todos os dias com Kwan, ia para casa. Tudo parecia a mesma coisa. Mas essa mesmice não passava de ilusão. Como uma casa que Kate e eu tínhamos ido ver, certa vez, para comprar. Pode parecer estranho, mas quando enterramos uma faca nos alicerces a madeira podre cedeu como se fosse balsa. Pois é, eu agora tinha uma vulnerabilidade como essa, que os promotores podiam atacar e ficarem impunes, sem que os jurados nem sequer suspeitassem do que estava ocorrendo.

Naquele momento meu bolso zumbiu como uma mamangaba. Eu mudara do bipe para o vibrador, pois não é simpático um bipe disparar quando você está depondo. Ia em busca de um telefone quando Annie me ofereceu o celular.

— Alguma coisa errada com a sua cerveja? — perguntou ela, ao ver que eu parei no primeiro gole.

Empurrei o copo para longe. — Acho que meu estômago está esquisito... Digitei o número do hospital, Kwan atendeu.

— Aqui é Peter. Algo errado?

— Maria Whitson fugiu.

— Como.?

— Ela deve ter saído com alguém que veio fazer visita. Quando vimos que não aparecia para jantar, saímos procurando. Ela não está no instituto.

Capítulo 31

EU JÁ ESTAVA NA RUA, olhando de um lado para outro e tentando lembrar onde estacionara meu carro quando de súbito veio-me à cabeça que o deixara na oficina. Voltei para o bar, onde Annie e Chip ainda tomavam cerveja.

— O que aconteceu? — perguntou Chip. — Resolveu vir terminar sua cerveja?

— Meu maldito carro está no conserto — queixei-me. — Tenho que chamar um táxi. Preciso chegar logo ao hospital.

— Eu levo você — ofereceu Annie.

— Leva mesmo? Agradeço por isso. Não é sempre que perdemos pacientes...

— Quem você perdeu?

— Uma jovem senhora. Agora estou louco da vida comigo mesmo porque hoje de manhã percebi que ela agia de maneira estranha e não verifiquei o que estava acontecendo. Estamos sempre lidando com várias crises e é possível um ou outro detalhe escapar de vez em quando.

— Acha que ela está em perigo?

— Já tentou suicídio... Não acredito que vá fazê-lo de novo, mas por que fugiu? Teria alta em alguns dias. Talvez ela esteja no instituto, em algum canto. Sinto-me responsável. É minha paciente e não lhe prestei a devida atenção.

Annie pôs uma nota de cinco dólares sobre o balcão, pegou a bolsa, jogou o blusão nos ombros e dirigiu-se para a porta. Seu jipe

achava-se estacionado num terreno no fim da rua. Segurei-me no santo-antônio quando passamos, sacolejando, pelos obstáculos que marcavam o limite da zona leste de Cambridge. O tráfego já bastante intenso obrigava-nos a proceder devagar e ela dirigia com a tranquilidade de um motorista de táxi veterano.

Entramos no grande parque do instituto e indiquei a Annie onde estacionar.

— Sempre que venho aqui penso num clube de campo — comentou ela, enquanto subíamos a ladeira que dava na minha unidade.

Kwan estava a um dos telefones na sala de enfermagem.

— Eu telefono depois — disse ele —, continue procurando.

Desligou e voltou-se para mim, com o rosto tenso. Fato inusitado, a gravata dele pendia frouxa e o colarinho estava desabotoado.

— Era a segurança do instituto. Estão procurando por toda parte, mas nada ainda. Vai levar algum tempo, porque há muitos recantos e espaços sem uso nas várias unidades.

— Eles já avisaram a polícia? — perguntei.

Kwan assentiu com a cabeça.

Naquele momento. Gloria entrou correndo.

— Fui verificar no quarto dela. As roupas ainda estão lá. A escova de dentes também. Pelo que pude observar, Maria deixou tudo para trás, menos a roupa que vestia e a bolsa.

— Há quanto tempo ela desapareceu. — indaguei.

— Ela estava aqui quando a enfermeira distribuiu os medicamentos das quinze horas — respondeu Gloria. — Depois, não apareceu no jantar.

O jantar naquela unidade era às cinco e meia da tarde. Já eram seis e muita coisa pode acontecer em três horas.

— Hoje de manhã ela pareceu-me nervosa — comentei. — Eu ia perguntar-lhe por que não participava das atividades comuns, mas me distraí com uma confusão aprontada pelo Sr. Kootz. — Gloria pôs as mãos na cintura e encarou-me, fazendo- me assentir, sem jeito. — Eu sei, eu sei... Tinha que prestar atenção, mas havia uma tal confusão naquele momento!

Gloria esfregou a fronte e suspirou:

— Pelo menos você falou com ela. Quanto a mim, nem percebi que estava alterada. Tudo que sei é que Maria almoçou e foi para o

quarto. Se eu estivesse fazendo meu trabalho direito, isso não teria acontecido.

— Em geral pode-se saber muita coisa sobre o estado mental das pessoas e aonde elas pensam que estão indo pelo que levam com elas e o que deixam para trás — lembrou Annie.

Nós três ficamos olhando para ela, eu comecei a dizer alguma coisa e me calei. Não é ético falar sobre uma paciente diante de um leigo. No entanto, Annie era uma investigadora treinada.

Imediatamente, apresentei-a a Kwan e Gloria.

— Annie é investigadora particular — expliquei. — Estou trabalhando com ela num caso.

— Eu sei que dar informações sobre uma paciente provavelmente faz vocês se sentirem desconfortáveis — disse Annie —, mas não posso ajudar sem que me passem informações... e talvez eu possa ajudar. — Ela interpretou nosso silêncio como permissão para continuar. — Alguém que está com ideia de procurar um buraco para enfiar-se nele e morrer provavelmente não leva a bolsa. No entanto, é verdade que...

O telefone tocou e Kwan atendeu.

— Por que vocês não vão examinar o quarto dela? — sugeriu Gloria. — Talvez percebam alguma coisa que pode ter me escapado. Vou lá para cima vasculhar o edifício mais uma vez. Quem sabe ela adormeceu em alguma sala.

Annie e eu descemos e fomos para o quarto de Maria Whitson. A cama estava feita, porém amarrotada na beira, como se ela houvesse sentado ali. O álbum de fotografias de sua mãe estava aberto em cima da cama. Olhei o armário. Todas as roupas estavam ali, cuidadosamente dobradas ou penduradas. O jornal da manhã estava no chão do banheiro. Peguei-o. A primeira página era ocupada pela reportagem sobre o julgamento de Stuart Jackson, encimada pela manchete "Questionada a Validade das Lembranças da Vítima".

— Esta é a sua paciente? — perguntou Annie indicando uma foto no álbum aberto.

Olhei a fotografia de casamento. — É, sim — respondi e agachei-me para olhar embaixo da cama.

— Peter — chamou Annie, com o álbum de fotos nas mãos —, olhe com mais atenção e diga-me o que vê.

Olhei para a página que Annie mantinha aberta. Esguia e radiante, com os cabelos arrumados em suaves cachos que lhe emolduravam o rosto, Maria Whitson estava de braço com um jovem moreno, musculoso: o homem que ela expulsara de sua vida.

— Puta merda! — murmurei, percebendo que era um rosto conhecido e tentando encontrar o sentido do que via.

O rapaz elegante que estava ao lado de Maria, parecendo desajeitado no elegante smoking alugado, era o anjo da guarda de Sylvia Jackson, Angelo di Benedetti.

— Não é Angelo que tem o álibi da ex-esposa? — perguntou Annie.

Assenti.

— E Angelo é sobrinho de Tony por casamento, não?

Assenti de novo.

— Então, isso torna a sua paciente...

— Sobrinha de Tony Ruggiero. O Tony de Sylvia e o tio Nino de Maria são a mesma pessoa...

Eu disse essas palavras lentamente, tateando-as com o cérebro como um cego tateia um rosto familiar sentindo nele traços desconhecidos.

— Espere um pouco — disse Annie —, deixe-me entender direito. Você está tratando de uma paciente que é parente da nossa vítima de assassinato?

— Sim, mas não tinha a menor ideia de que...

— Claro que não tinha! Tratar de uma parente da vítima o desqualifica desde o início como testemunha. Quando Sherman ficar sabendo disso vai fazer um estardalhaço federal!

Tentei assimilar o que estava acontecendo. Como Annie compreendera instantaneamente, a ligação com parentes da vítima criava conflito de interesses. Minhas opiniões estavam sob dúvida. Porém, havia mais do que isso. Pedaços de informação atropelavam-se na minha mente e eu lutava para ligar as pontas dos fios esparsos.

Alguns papéis que deveriam estar guardados entre as folhas do álbum caíram no chão e abaixei-me para pegá-los.

— Olhe isto, Annie — murmurei. Entre os papéis estava um recorte de jornal de dois meses antes.

"Vai ser Ouvido um Perito em Memória no Caso Jackson." Havia também xerox do artigo que tinha sido publicado a meu respeito, com trechos assinalados com tinta de um amarelo-luminoso. E, por fim, um recorte de jornal que me fez estremecer: "Degolador Mata Artista em Cambridge".

Naquele momento Annie falou. — Dá impressão que ela queria que você encontrasse isto.

Era o que eu estava pensando. — Eu gostaria de saber... — comecei, em seguida peguei o telefone e digitei o número da telefonista. — Pode me ligar com o doutor Baldridge? — Esperei, não demorou a enfermeira dele atender e eu disse: — Preciso falar com Baldridge, agora mesmo.

— Ele está numa sessão de terapia em grupo — respondeu o verdadeiro cão de guarda do outro lado da linha.

— É urgente e sei que o código médico prevê essas circunstâncias. Por favor, use a regra...

— Sinto muito, tenho instruções estritas...

— Se eu não ouvir a voz de Baldridge no próximo minuto, irei aí e interromperei a sessão de grupo pessoalmente. Será que fui claro?

Dois minutos depois o doutor Baldridge atendeu ao telefone.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Por que mandou Maria Whitson para a Unidade de Neuropsiquiatria?

— Você interrompeu uma sessão em grupo para me perguntar...

— Acredite, é uma questão de extrema urgência.

— Não está sendo melodramático, colega?

— Maria Whitson desapareceu. É muito importante que eu saiba exatamente as condições em que ela foi internada.

— Desapareceu? O seu pessoal não... — Baldridge interrompeu-se, furioso. — Deixe-me ver, Maria Whitson... — Tive a impressão exata de que ele tentava lembrar-se de quem era ela. — Mandei-a para você porque reconheci que não era capaz de...

— Mandou-a para mim por iniciativa própria? Foi unicamente ideia sua?

Fez-se um breve silêncio. — Lembro-me de que ela comentou que havia lido algo a seu respeito.

— Então, foi Maria que sugeriu, especificamente, que a passasse para mim?

— Bem, como você é especialista em traumas cranianos e tudo, concordei...— Houve outra pausa. — Foi a coisa certa, não foi? Eu não tinha mais nada a fazer por ela. Na verdade, é claro, podia tê-la dispensado de vez, dados os problemas dela...

A essa altura, desliguei o telefone e praguejei em voz baixa.

— O que foi? — quis saber Annie.

— É muito estranho eu ter entrado para um caso de assassinato e uma semana depois a sobrinha da vítima aparecer na minha unidade, para tratamento. — Olhei fixamente para o telefone por alguns segundos. — Não foi coincidência, foi tudo planejado.

Eu ainda fitava o telefone quando ele tocou. Annie e eu nos entreolhamos. Atendi.

— Alô?

Era Kwan, que me ligava do telefone da recepção.

— Um segurança viu uma loura correndo nas alamedas do jardim, hoje à tarde. Ainda não havia escurecido. Mais tarde, ele a viu do lado de fora do portão, conversando com alguém que estava num carro. Teve impressão de que os dois discutiam violentamente. A discussão prolongou-se por minutos, depois ela entrou no carro e foram embora. O segurança disse que pode nos mostrar as marcas dos pneus do tal automóvel e que parece que o motorista estava com muita pressa.

— Ele pegou o número da placa? A marca do carro? Pode descrever o motorista?

Percebi que eu estava parecendo o sargento MacRae.

— Não pegou a placa e não conseguiu ver o homem ao volante.

— Mas sabe que era um homem?

— Sim, acho que sabe.

Desliguei e contei a Annie o que Kwan me dissera.

— O segurança pensa que Maria foi voluntariamente embora com o motorista? — indagou ela.

— Pelo menos, ele não teve que sair e forçá-la a entrar no carro.

Soou uma campainha alta e aguda que não vinha do telefone à cabeceira da cama de Maria. A campainha soou de novo. O jarro de plástico cor de laranja que estava ao lado do telefone é que tocava.

Ergui a tampa e o som tornou-se mais alto. Tirei o telefone celular do esconderijo, abri-o, digitei o send e levei-o ao ouvido.

— Alô? — disse eu. Nenhum som. Em seguida, um clique.

— Ninguém falou? — perguntou Annie.

Fiz que não e pensei, mais uma vez, em por que Maria Whitson mantinha aquele celular escondido. Aí, lembrei de algo que havia acontecido no dia da internação dela na unidade. Quando fiz menção de servir-lhe água do jarro que estava na mesinha de cabeceira, ela ficou agitada. Será que o telefone celular estava escondido lá desde aquele dia? Era um pensamento perturbador que levava a outro mais perturbador ainda. Será que era ela que atormentava minha mãe com telefonemas noturnos na pretensão de perturbar meu sono? Neste caso não podia fazer as ligações do telefone do hospital.

Apertei o *redial* e esperei. Vieram rápidos toques de chamada. Como eu esperava, era um telefone local. Tocou mais uma vez. Duas. Ainda nenhuma resposta. Três toques. Esperei. Quatro toques. Continuei, esperando ouvir a voz da minha mãe atender do outro lado da linha. Em vez disso o telefone tocou mais uma vez. E outra, ainda. Ninguém atendia, mas também a chamada não era passada para a secretária eletrônica. Eu estava por desligar depois do sétimo toque quando houve um clique, uma pausa, uma respiração profunda e soou a conhecida voz ofegante: — Alô...

Quando comecei a falar, ouvi a voz de um homem berrando ao fundo, mas não deu para entender o que ele dizia. Em seguida o telefone ficou mudo. Apertei o redial de novo. Sete toques e o sinal de ocupado, soando com aquela rapidez irritante.

Capítulo 32

— SYLVIA JACKSON? — surpreendeu-se Annie quando eu lhe disse quem achava que atendera ao telefone. — Por que sua paciente telefonaria para ela?

— Quem sabe ela não telefonou exatamente para Sylvia, Annie. Pode ser que tenha telefonado para falar com alguém que sabia estar na casa de Sylvia Jackson.

— Poderia ser Angelo... — sugeriu Annie. — Maria é ex-mulher dele, aliás, é o álibi dele.

Lembrei-me que da primeira vez que vira Angelo notara as poderosas mãos dele ao redor do pescoço de Sylvia Jackson. Agora, na minha lembrança, aquele parecia um gesto ameaçador. Minha cabeça estava fervendo. Olhei o relógio e mal percebi a posição dos ponteiros das horas e dos minutos, recebendo apenas aproximadamente a informação sobre se era cedo ou tarde, com noção ainda mais aguda da rapidez com que o ponteiro dos segundos se movimentava. Se eu tivesse sorte, não seria tarde demais para evitar a terrível tragédia que minhas entranhas me avisavam que estava por acontecer. Ficar sentado, esperando, obedecendo de olhos fechados o que a etiqueta mandava que fosse a relação médico-paciente não era uma opção válida. Desta vez eu não ia chegar atrasado.

— Sabe onde Sylvia Jackson mora? — perguntei a Annie. — Temos que ir para lá imediatamente. Ela pode estar correndo sério perigo, assim como a minha paciente.

Annie pegou seu caderno de anotações, abriu-o de trás para diante e leu em voz alta um endereço. Saí correndo do quarto e disparei pelo corredor, com ela grudada nos meus calcanhares.

— Será que não é melhor chamar a polícia? — sugeriu.

— E dizer o quê? Para me proteger enquanto invado a casa de alguém?

Passamos correndo por Kwan, que estava ao telefone e parecia aflito. Ao nos ver, ele ergueu as sobrancelhas, numa interrogação muda.

— Acho que sei onde ela está — eu lhe disse.

E antes que meu amigo pudesse responder, Annie e eu tínhamos saído da unidade.

Ela dirigia enquanto eu tentava ler o mapa com a ajuda de sua pequenina lanterna-caneta. Depois de algumas voltas erradas, chegamos à casa de Sylvia Jackson na rua atrás do Cemitério de Mount Auburn, numa zona em que havia uma porção de ruas sem saída.

Quando chegamos perto, Annie desligou o motor, apagou os faróis e deixou o carro rodar suavemente até parar em frente à casa. Do jipe, pude ver uma construção branca, estilo colonial, com garagem dupla anexa. Arbustos altos ladeavam o pórtico de entrada que estava às escuras. Apenas uma nesga de luz entre as cortinas revelava que havia gente na casa.

Alguém se dera ao trabalho de preparar a casa para a festa de Halloween. No centro do pequeno gramado pés de milho secos montavam guarda ao redor do poste de iluminação. Uma abóbora dava sua risada muda no alto de uma rampa para cadeira de rodas. Do lado contrário onde estava a abóbora havia uma pequena barreira de crisântemos. Ao lado da porta da frente, mal visível no escuro, um espantalho de ar taciturno e triste, com chapéu de caubói, estava esparramado numa cadeira de alumínio. Soltei o ar ruidosamente, reparando que estivera com a respiração presa até então.

— Muito bem, cá estamos — observou Annie. — E agora? Desta vez eu não iria ficar sem fazer nada.

— Primeiro, vamos verificar a situação em absoluto silêncio.

Annie saltou e fechou a porta do jipe. Fiz o mesmo. Movimentamo-nos com cautela pelo lado da casa, agachando- nos ao passar junto das janelas às escuras. Eu tinha aguda consciência de qualquer som: da minha respiração ofegante, do tráfego abafado das ruas adjacentes, do distante uivo pulsante de uma sirene. A cada passo o som de folhas secas esmagadas parecia-me estrondoso.

Annie desapareceu nos fundos da casa. Olhei para a rua, atrás de nós. A luz dos faróis dos carros que passavam iluminava por segundos o jipe.

— Peter! — chamou Annie num sussurro urgente, reaparecendo lá junto à quina da construção. — Venha ver isto!

Num canto do quintal, tornado visível pela fraca luminosidade vinda do que eu achava ser a janela da cozinha protegida por cortinas, havia um bote que parecia o fantasma de uma pequena baleia encalhado na praia. Ergui uma ponta da lona que o cobria. Apenas um barquinho fedorento como muitos que empestavam o rio. Peguei um blusão escuro de abrigo que estava sobre o banco de madeira. Larguei-o de volta no fundo do barco; ele fedia como água apodrecida do rio Charles.

Um ramo de árvore estalou e nós dois nos acocoramos junto ao bote. Um gato saiu correndo de entre uns arbustos. No escuro, eu pude ver apenas as pequeninas patas vindo na minha direção e depois a ponta branca do rabo erguido. Ele saltou para junto de mim e veio esfregar-se na minha perna.

— Shiiiuu — sussurrei, empurrando com delicadeza o gato para longe e ele desapareceu. — Vamos dar uma espiada na garagem.

Rastejamos dando a volta no quintal, mantendo-nos na parte mais escura possível. Aproximamo-nos do fundo da garagem e espiei pela janela.

— Não dá para enxergar nada — cochichei.

Annie acendeu a lanterninha à altura do vidro. Não ajudou muito, mas deu para ver que havia um carro lá dentro e que era vermelho.

— Vamos para a frente — sugeri. — Acho que a porta é do lado contrário.

Era impossível passar pelo lado da garagem que ficava mais longe da casa porque havia muita vegetação arbustiva junto dela. Tivemos que rastejar de novo, dar outra vez a volta na casa e passar pela frente dela para chegar à porta da garagem.

O espantalho triste continuava lá no pórtico, indiferente, esparramado na cadeira. Espantalhos tristes me aterrorizavam quando eu era pequeno e jamais me atrevia a fazer a ameaça "doçura ou travessura" nas casas em que eles montavam guarda. Este era todo mole, sem espinha dorsal, e tinha uma das pernas apontando para a frente e a outra dobrada sob si mesma, num estranho ângulo, como se no momento seguinte ele fosse saltar de pé e correr atrás do gato preto com a ponta do rabo branca. Luvas de jardinagem estufadas haviam sido costuradas nas mangas da camisa xadrez que estava por dentro do macacão-jardineira. Mais de perto, pude ver o desenho, com traços infantis, de uma careta de abóbora na fronha recheada de trapos que fazia de cabeça. Não pude deixar de pensar na fronha que cobria a cabeça de Tony Ruggiero quando ele fora espancado e baleado.

Havia uma porta comum ao lado da porta dupla da garagem. Torci a maçaneta com cuidado e empurrei. A porta abriu-se uns dez centímetros e parou. Empurrei com mais força e senti os objetos que estavam apoiados contra ela arrastarem-se mais um pouco, o bastante para enfiarmos a cabeça a fim de espiar. Empurramos mais e entramos. Lá dentro estava escuro como breu. Annie acendeu a caneta-lanterna.

Atrás da porta havia uma pilha de caixas; entre elas, uma com roupas velhas transbordando, outra quase explodindo com a miscelânea de coisas que lhe sobravam pelas bordas. Um dos boxes da garagem estava vago, no outro havia o Firebird vermelho que tínhamos

vislumbrado pela janela dos fundos. Annie fez o frágil facho de luz percorrer um lado, que estava cheio de arranhões, como se alguém tivesse dirigido o carro descuidadamente entre galhos baixos. Em seguida iluminou a traseira do carro e depois foi indo adiante, deslizando a luz até um lado do para-choque da frente.

— Peter, vê o que estou vendo? — perguntou, indicando um amassado com traços de tinta verde.

Comecei a responder quando Annie colocou o indicador sobre os lábios e apagou a luz.

A porta dos fundos da casa abriu-se. Agachei-me. Mal se ouviam os passos, de pés com calçados de sola macia, que atravessavam o espaço entre a casa e a garagem. Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, comecei a ver uma mancha pálida, redonda, flutuando suspensa na escuridão, na altura em que deveria estar uma cabeça.

Houve um clique e a garagem encheu-se de luz. Pisquei, deslumbrado pela súbita claridade.

— Olhem só! Não é que aqui temos a esperta testemunha?... — disse uma voz irônica.

Angelo di Benedetti estava à minha frente. Usava um suéter de gola rulê e calças bag pretas, com as pernas enfiadas no cano de botinas do exército. O rosto bonito tinha uma expressão dura e uma veia pulsava na fronte. Estava com as mãos enfiadas nos bolsos. Imaginei onde estaria Annie, mas não me atrevi a olhar para o ponto onde sabia que ela estava há menos de um segundo atrás. O instinto disse-me, também, para não me movimentar bruscamente.

O olhar de Angelo era gelado e cheio de desprezo.

— Fico contente por você ter vindo juntar-se a nós.

Pela porta da garagem aberta atrás dele pude ver um vulto sentado junto à mesa da cozinha. Era Sylvia Jackson. Estava na cadeira de rodas, as costas curvadas, o queixo apoiado no peito, toda amolecida a ponto de lembrar o espantalho triste. Na mesa havia dois copos com vinho pela metade. Onde estava Sylvia? Será que ela também estava ali, num quarto da casa, drogada e comatosa?

— Por que não vai comigo lá para dentro, onde estaremos mais confortáveis? — indagou ele, reforçando a última palavra com um tom sinistro.

Deu um passo para o lado e passei por ele, encaminhando-me para a casa. Fui em direção a Sylvia, procurando movimentar-me de maneira natural, sem trair o pânico que sentia. Toquei num ombro dela. Nenhuma reação. Encostei dois dedos na lateral do pescoço. A pele estava fria e a pulsação, fraca. Sacudi-a devagar. O corpo dela tombou para um lado. Achava-se inconsciente e não morta. Ainda não.

— Ela precisa de cuidados médicos — disse eu, mantendo a voz controlada.

— E não é isso que você é, um médico?

— Não sou esse tipo de médico.

— Ah, é verdade! — Ele riu de modo desagradável. — Você é o médico da memória. Você e seus testes idiotas. Syl está muito assanhada por você, sabia?

Naquele momento comecei a ir para o telefone pendurado na parede, ao lado da geladeira. Peguei-o, esperando ouvir o gratificante ruído para discar. Em vez disso, ouvi ecos como os da concha vazia de um caramujo. Não era de admirar que não tivesse conseguido ligar para Sylvia Jackson. Então, ouvi fechar-se a porta da cozinha.

— Há outro telefone? — perguntei.

— Esse não está funcionando? — indagou Angelo, cínico. — Oh, diabo, esqueci de mandar consertar.

— Tenho um celular no carro — disse eu e me dirigi para a porta da frente.

Mas, como um ninja, Angelo materializou-se no meu caminho. Ficou ali, pernas separadas, joelhos e cotovelos flexionados, um pequeno revólver na mão. Displicente, segurava a arma como se nada fosse, apontada para o chão, mas percebi que todos os seus músculos estavam retesados. Como um jack-in-the-box ele encontrava-se pronto para saltar ao menor gesto meu.

Angelo sorriu e seus olhos cintilaram de raiva. Não se pareciam em nada com os olhos apagados e sem vida de Ralston Bridges. Eu não tinha a menor dúvida de que o revólver era verdadeiro e que estava carregado. Sabia, também, que Angelo não hesitaria em usá-lo. Mas por algum motivo não tive o menor medo. Sentia-me hiperalerta, como se tivesse remado o bastante para livrar-me das endorfinas e criar um centro de calma, adquirindo a habilidade de focar com clareza o que

deveria fazer. Por um breve instante imaginei-me chutando o revólver e fazendo-o voar da mão dele.

— Nem sequer pense nisso — avisou-me Angelo, como se tivesse lido meu pensamento.

Não desviei meus olhos dos dele, enquanto ficávamos ali, em pé um diante do outro. O som de movimentos quebrou o encanto. Depois som de passos. A porta da cozinha que dava para dentro da casa abriu-se e Maria Whitson entrou.

Dei um passo na direção dela e parei, dizendo:

— Graças a Deus está salva.

— Doutor Zak, o que o Sr.... Por que o Sr....— balbuciou ela.

Parecia surpreendida e sentindo algo mais que lembrava medo. Usava calças compridas negras com listas turquesa dos lados e um blusão combinando. Uma faixa negra mantinha os cabelos afastados da testa.

— Venha aqui, boneca — disse Angelo, dando um passo para ela e puxando-a para si.

A fotografia de casamento dele surgiu por segundos na minha mente. Com o mesmo gesto que posara para o fotógrafo, Angelo passou um braço apertadamente na cintura de Maria, que era a recompensa e ele, o dono. Mais uma vez imaginei se ela deixara o álbum na cama, aberto naquela página, para que eu soubesse quem a tinha levado embora do instituto.

— Ficamos muito preocupados, à sua procura — disse-lhe eu. — Estou bem — respondeu Maria, sem jeito, cada palavra ocupando o mesmo espaço e tempo que a outra. — Estou muito melhor, na verdade.

— Tenho certeza que a esta altura eles chamaram a polícia — avisei.

— Merda! — sibilou Angelo.

— Eu lhe disse que deveria ter me deixado ligar para o hospital — lembrou-o Maria.

Então, ele voltou-se para mim, parecendo ainda maior do que era.

— Tudo que sei é que deveria ter acabado com você há muito tempo, doutor Zak — disse ele. — Se tivesse ficado fora disto, nosso amigo Stuart Angelo já teria sido condenado e tudo teria chegado ao fim. Mas não, você não pôde ficar fora. Foda-se! — O ódio dele misturou-se

com desprezo enquanto erguia o revólver. — Seu pobre idiota, seu idiota filho da puta!

Eu continuava a me sentir milagrosamente calmo, como se aquilo tudo não passasse de um filme. Respire vagarosa e profundamente, dizia a mim mesmo, e mantenha o contato visual com ele!

— Você não devia ter feito isto, Angelo — disse eu, como se estivéssemos conversando no meu consultório. — Sei que achou que tinha motivos para matar Tony Ruggiero, mas...

— O que você sabe a respeito? — explodiu ele.

— Sei que pensou que tinha justificativa para matá-lo. Vingança...

— Tio Nino — caçoou Angelo. — Agora não existe mais tio Nino, não é? Nós demos um jeito nele, não demos?

Eu queria perguntar "Nós, quem?", mas pensei melhor e não o fiz. O que importava naquele momento era levar Sylvia Jackson sã e salva para o hospital, tirar Maria dali e fazer com que Angelo não pudesse machucar mais ninguém.

— Mas Syl é diferente, não é? — perguntei-lhe, prestando atenção no revólver que ele mantinha erguido. — Você sabe tão bem quanto eu que não há motivo para matá-la. Ela não consegue lembrar de nada e nunca se lembrará. Você cuidou disso quando lhe deu o tiro na cabeça.

— Ela tinha que ter morrido. Como ele!

Foi Maria Whitson, e não Angelo, que disse essas palavras que foram como um balde de água gelada na minha nuca. Ela me fitava com os olhos arregalados. — Era a amante dele — acrescentou ela. — Os dois tinham que morrer.

Seus olhos brilhavam. As pupilas eram apenas dois pontinhos escuros. Imaginei o que teria tomado. De repente, compreendi. Compreendi o choque que a pequena Maria Whitson havia sofrido quando encontrara seu tio, o adolescente que ela adorava, fazendo sexo com a namorada. Havia sido uma traição que jamais perdoara. As falsas lembranças recuperadas do abuso sexual eram apenas cobertura para o pesadelo real. Retirada a cobertura, revelou-se que o ódio que ela sentia pelo tio e suas amantes permanecia intacto.

— Você gostava muito de seu tio, não? — perguntei.

— Do que você está falando, seu idiota? — interferiu Angelo.

— Você não desiste mesmo, não é? — disse Maria, calmamente.

Seu olhar me desafiava a contradizê-la. Ela virou um pouco a cabeça a fim de olhar para Angelo e, num tom apagado e sem vida, falou: — Tio Nino me estuprou. Fez isso uma porção de vezes. Nós o matamos porque ele merecia morrer.

Será que ela acreditava mesmo nisso? Ou estaria se agarrando a essa versão porque não podia fazer de outro modo?

— Mas Sylvia Jackson não fez nada — retruquei. — Deixe- me chamar uma ambulância enquanto é tempo. Ela não merece morrer. Você não tem mais com que se preocupar, sabe? Ela não consegue se lembrar.

Maria estava para dizer alguma coisa, mas Angelo interrompeu-a. — Não diga nada a ele. Esse cara não sabe do que está falando.

— Mas você tem medo de que Sylvia Jackson se lembre — provoquei-o. — Ainda tem medo. Não é verdade? Foi por isso que não disse a ela seu verdadeiro nome. Enquanto Sylvia pensasse que seu sobrenome era Ruggiero você estaria a salvo.

— É melhor você não saber — respondeu-me ele.

— Talvez tenha sido algo que Sylvia viu...

O sorriso irônico de Angelo gelou nos lábios.

— Ela viu o que eu queria que visse — declarou Maria Whitson.

— Não diga nada a ele! — berrou Angelo.

— Agora não tem mais importância — afirmou Maria, com um meio sorriso. — Logo tudo estará acabado.

— O que ela viu? O que você tinha tanto medo que Sylvia Jackson lembrasse?

— De tudo — respondeu Maria, com simplicidade.

Angelo gritou, em desespero: — Não! Mas não fez a menor diferença.

Maria olhava-me desafiadora e prosseguiu: — Mantive uma faca na garganta dela enquanto olhávamos Angelo cuidar do tio Nino. Não foi, Angelo? Ficamos olhando da escada.

Então, Sylvia tinha visto Tony ser espancado, só que não tinha sido nos degraus da escada da torre. Foi da escada de sua própria casa.

— Mas eu não fui para o cemitério, vocês dois foram sozinhos. Viu só o que aconteceu por eu não ter ido junto? — indagou Maria, zangada. — Deu tudo errado.

— Por que o cemitério? — perguntei. — Por que não decidiram matar Sylvia Jackson aqui mesmo?

— Nino e eu tínhamos um problema pendente — respondeu Maria. — Um problema pessoal.

— Então, você o confrontou. Ele ainda estava vivo, não é?

— Estava sangrando terrivelmente, ali mesmo. — Maria apontou um lugar no soalho nu, diante da lareira. — Assim mesmo ainda não admitia o que fez comigo. Disse que nada havia acontecido.

Angelo mantinha-se em silêncio, como se ouvisse aquelas palavras pela primeira vez. E Maria continuou: — Aí, tio Nino começou a querer negociar comigo. Confessaria tudo se eu chamasse uma ambulância. Ele não queria morrer. No fim, tio Nino chorava, dizendo que estava muito arrependido. Não conseguia lembrar-se do que fez comigo, mas se arrependia. Estava tão pálido! — Ela me fitava com olhos mortos. — Não é como nos filmes, sabe?

— O que não é como nos filmes?

— A morte. A gente não suspira, não diz algo muito profundo, não rola os olhos e estremece um pouco. Ele ficou ali caído durante horas, aquele som horrível escapando da garganta. Eu não sabia se tio Nino podia me ouvir, mas continuei falando. Disse-lhe o que havia feito comigo. Esperei o tempo todo que ele abrisse os olhos e se lembrasse. Mas o canalha não estava mais ali. Quando Angelo voltou, tio Nino ainda estava vivo. Angelo quis atirar nele mais uma vez para acabar com aquilo, mas não deixei. Continuei olhando para tio Nino. Queria vê-lo passar da vida para a morte. Só que foi Angelo que notou primeiro.

Eu sabia que nos encontrávamos num beco sem saída. Não era de admirar que Maria Whitson não aceitasse a inocência do tio. E, agora, ela e Angelo não podiam deixar que eu saísse dali vivo sabendo o que sabia. Um homem já morrera naquela cozinha. Mas, acontecesse o que acontecesse, eu não ia aceitar aquela situação sem reagir.

— Nunca houve um chapéu de uniforme de camuflagem aqui, houve? — perguntei, querendo saber e ganhar tempo.

Maria sorriu de lado para mim e comentou: — Mas Sylvia Jackson viu Stuart com o chapéu. Ela jura que viu.

— Angelo plantou essa lembrança na memória dela, não foi? E, depois, um de vocês plantou o chapéu na casa de Stuart.

— O chapéu era de Tony — esclareceu Maria. — Não foi perfeito? Angelo escondeu o chapéu de Tony no fundo do armário de Stuart e Sylvia Jackson enviou a polícia lá para achá-lo.

— E vocês deram um jeito para que houvesse cabelos de Stuart Jackson no chapéu...

Maria sorriu e fez que sim. — Angelo é tão esperto! Pegou alguns fios de cabelo no ralo do boxe de chuveiro da casa de Stuart.

— Eu gostaria de saber como surgiram os remédios que quase mataram Sylvia Jackson — provoquei. — Eram seus, não? Cortesia do doutor Baldridge. E quando o golpe não deu certo, vocês tiveram que ter certeza de que eu jamais convenceria o júri de que as lembranças de Sylvia Jackson não eram verdadeiras, que tinham sido construídas. Como não conseguiram livrar-se de mim atropelando minha canoa, tiveram que tentar outra coisa. Você deu um jeito para ser internada no hospital como minha paciente. Quando descobrissem que a sobrinha da vítima se tratava comigo, meu testemunho seria desclassificado. Pensaram errado. Houve uma incrível coincidência, como todo mundo costuma dizer, mas essas coisas acontecem. Você correu um sério risco tomando aqueles remédios, mas queria ser autêntica.

— Entendo bem desses remédios — declarou Maria —, talvez não saiba tudo, mas sei o bastante.

— Eu deveria ter pensado nisso. Baldridge jamais mandou um paciente para nós.

— Ele é tão... — Maria procurou a palavra — sugestionável! Aprendi a lidar com os médicos e seus egos.

— E Gloria? Gloria gosta realmente de você, sabia?

— Gloria gosta realmente de você... — imitou-me Maria, em tom choroso.

— O acidente dela foi ideia sua, não? — insisti. — Ajudou-a a escorregar e cair?

— Cale a boca!

Maria começou a roer uma unha, fitando-me com os olhos transformados em frestas.

— Você não teve uma amiga que sofreu um acidente, que escorregou e caiu na escada do porão da casa dela?

— Como você...? — sussurrou Maria.

— O que a pobre garota fez que a deixou tão zangada?

— Aquela desgraçadinha chupadora de pau! — Era como se Maria Whitson cuspisse as palavras. — Bem que mereceu.

Maria fitou-me longamente e passou a língua pelos lábios. Depois seus olhos percorreram a cozinha, parando brevemente na forma amolecida de Sylvia e voltaram-se de novo para mim.

— Ela me humilhou — prosseguiu. — Ela disse a todo mundo que eu havia feito uma coisa com o Sr. Jaffy. Contou aquilo como uma piada e me fez parecer tão... estúpida! Sabe o que as cretininhas fizeram? Foram contar tudo ao diretor e ele me chamou na Diretoria. Todos diziam que nós tínhamos feito algo muito reprovável — ela franziu o nariz a cada sílaba e fez um ruído de nojo, como se tivesse sentido um mau cheiro. — Rezei para que alguma coisa ruim acontecesse com ela. Alguma coisa muito ruim, mesmo. E aconteceu.

— Pense bem no fato, Maria. Rezar e empurrar são coisas muito diferentes. Você não a empurrou escada abaixo, porque não estava lá quando aconteceu.

— Empurrei, sim. Eu a empurrei.

— Não pode ter empurrado. Sua mãe disse que naquele dia você foi ao dentista.

— Claro. Minha mãe sempre arranja desculpa para tudo.

— Ela deixou você na casa da sua amiga depois da consulta no dentista. Foi você que encontrou sua amiga caída no porão. Saiu correndo da casa dela... Não teria dado tempo para empurrá-la.

Maria cobriu a boca com uma das mãos.

— Braços — murmurou. — Lembro bem. Eu estava com os braços esticados.

— Deve ter imaginado isso.

— Eu queria machucá-la.

— Talvez tenha planejado todos os detalhes, mas planejar e realizar também são duas coisas muito diferentes.

— A culpa foi minha — insistiu Maria.

— Não, você não teve culpa.

Houve uma longa pausa e ela respirou fundo antes de falar. — Eu não machuquei minha amiga?

— Você deve ter desejado intensamente machucá-la. Então, quando ela de fato se machucou, sentiu-se culpada por ter querido tanto que aquilo acontecesse. Mas não a machucou. Você não fez nada.

Maria murmurou: — Eu não a machuquei...

Desta vez era uma constatação.

— Às vezes acontecem coisas ruins, Maria. Mesmo que a gente as tenha imaginado, que tenha desejado que acontecessem não é nossa sua culpa quando acontecem. Mas com tio Nino a história foi diferente. Você rezou para que algo de mau lhe acontecesse e depois convenceu Angelo a fazer acontecer. Ficou com medo que Sylvia Jackson se lembrasse disso, então Angelo tinha que matá-la também. E Gloria? Imagino o que pode ter acontecido... Um forte empurrão. Talvez um pouco de detergente no chão? Foi por isso que teve de limpar o chão depois que Gloria caiu no seu quarto? Para tirar todo traço de detergente?

Maria olhava-me fixamente, de boca aberta.

— Deve ter sido muito duro — acrescentei. — Todo aquele sangue... como aconteceu com tio Nino, não?

O rosto de Maria Whitson continuava inexpressivo, mas corriam-lhe lágrimas pelas faces.

— Você pode parar com isso — disse eu, suave. — Não precisa continuar indo por esse caminho. Desse jeito está se destruindo.

Ela começou a balançar-se, muito devagar, para a frente e para trás, os braços caídos ao longo do corpo.

— Me destruindo... me destruindo... — passou a repetir, como uma suave litania.

— Sinto muito, doutor... — disse Angelo. Aproximou-se de Maria e passou-lhe um braço pela cintura. Ela parou de se balançar. Ele acariciou o rosto dela com o cano do revólver.

— Não há mais jeito, boneca. Não podemos parar agora. O único modo de sair desta encrenca é completar o círculo. Ele sabe e um dia Sylvia Jackson vai se lembrar.

Maria esfregou a face no cano do revólver, como uma gata na perna da cadeira preferida. Então, fitou-me e seu olhar endureceu.

— Eles sempre tentam tirar o que é meu — disse.

Angelo soltou-a e ela foi até junto de Sylvia, abaixou-se e murmurou-lhe ao ouvido: — Mas eu não vou deixar.

Syl ficava mais pálida a cada minuto e eu não podia fazer o tempo parar. O que quer que lhe tivessem dado estava matando-a.

— Eu não vim para cá sozinho — avisei. — Tem alguém lá fora me esperando e já deve ter chamado a polícia. — Eu esperava que isso fosse verdade. — Se vocês nos matarem, a polícia saberá exatamente o que aconteceu.

Angelo encarou-me.

— Você está mentindo!

— Veja por si mesmo — fiz um gesto indicando a janela. — Lá na rua, no jipe.

Angelo deu um salto, agarrou-me e torceu meu braço direito atrás das costas. Uma dor aguda explodiu no meu ombro e desceu pelo braço. Ele enfiou o cano do revólver no meu ouvido e empurrou-me para a porta da frente.

— Bem, vamos ver juntos, então. Abra a porta — ordenou.

Como eu não obedecesse de imediato, torceu mais o meu braço. Eu gemi, com a sensação de que o braço separava-se do ombro.

— Abra a porta — repetiu ele, pronunciando as palavras distintamente e marcando cada uma delas com pressões do cano da arma na minha orelha.

Com a mão livre, esforcei-me para alcançar a maçaneta da porta e abri-la. Mas não consegui, a porta continuou firme, fechada. Angelo diminuiu um pouco a pressão no meu braço. Tentei de novo. Desta vez a porta rendeu-se. Ele me empurrou de lado e enfiou o corpo entre a porta e o batente, em seguida recuou e enfiou-me pela estreita abertura, saindo e levando-me junto. No meio da rampa da garagem tentei me libertar e Angelo torceu- me mais o braço.

— Tente isso de novo e vai se arrepender, juro por Deus! — prometeu.

Empurrou-me até o jipe. Rezei para que Annie não estivesse lá dentro. Ele esmagou meu rosto contra o vidro traseiro. O cheiro metálico de poeira invadiu-me as narinas. O blusão de couro de Annie estava no assento do motorista. Angelo me fez ficar de lado e olhou também. Tirou o revólver do meu ouvido tempo suficiente para segurar a maçaneta da porta e viu que estava trancada.

Naquele momento a porta da frente da casa escancarou-se.

— Angelo? — gritou Maria. — Angelo, o que está acontecendo aí?

— Não tem ninguém no jipe — respondeu Angelo, também aos gritos. — Ele está trapaceando.

Ele me empurrou de volta à casa e Maria foi encontrar-nos no meio da rampa.

— Sabe o que vamos fazer agora? — perguntou ela. — Levar os dois para o cemitério e acabar com isto de uma vez por todas. Acabar do modo como deveríamos ter acabado naquela noite. Do modo que planejamos. —As palavras frias não combinavam com o tremor na voz de Maria, que em seguida adoçou-se para falar com Angelo. —Aí poderemos ficar juntos, você e eu... como deve ser.

Ela começou a chorar e Angelo largou-me com um repelão.

Cambaleei e acabei de joelhos no chão. Quando ergui os olhos, vi Angelo com um braço passado pela cintura de Maria e com o outro apontando a arma bem no meio dos meus olhos. Onde será que Annie se metera? Abaixei a cabeça e massageei o ombro, pensando no que fazer em seguida.

— Fique quieto aí onde está, doutor — grunhiu Angelo.

Percebi alguma coisa brilhar num canto do pórtico da casa. Fiquei imóvel enquanto ele inclinava a cabeça e tocava o pescoço de Maria com os lábios, sussurrando:

— Vamos ficar juntos para sempre, Maria. Preciso de você a meu lado.

Sufoquei uma exclamação. Havia algo como um corpo humano caído no escuro, ao lado do pórtico de entrada. Fiz força para enxergar melhor e levei alguns instantes para reconhecer o vulto. O espantalho triste estava como uma pessoa morta, estendida ao lado da alameda. Então, quem estava sentado na cadeira de alumínio ao lado da porta de entrada?

— Vamos, meu anjo... — exortou Maria. — Vamos acabar logo com isso.

O revólver desviou-se quando Angelo tirou os olhos de mim. Maria voltou-se e saiu andando para a porta da frente. Parou com a mão na porta e prendi minha respiração enquanto ela olhava diretamente para onde deveria estar o espantalho triste.

— O quê? — começou Maria, dando um passo para trás.

Devagar, o espantalho ergueu a cabeça e a fez gritar, aterrorizada, enquanto ele se punha de pé. Angelo gritou: — Saia da

frente!

Maria voltou-se para olhá-lo e viu-o mirar o espantalho. Ela não tirava os olhos arregalados do cano da arma. Deliberadamente, deu um passo para o lado, em seguida outro. Angelo puxou o cão do revólver e uma bala girou até a agulha. Mais um passo e Maria se colocaria exatamente na linha de tiro.

Não pensei e não hesitei. Corri o mais rápido que podia, de cabeça abaixada, e atingi Angelo atrás dos joelhos com o ombro bom, mal sentindo o doloroso protesto do meu tornozelo direito. Um tiro explodiu, centímetros ao lado da minha cabeça, e Angelo caiu. Ouvi o barulho que a arma fazia ao bater no chão e ela disparou mais uma vez, antes de aquietar-se.

Angelo livrou-se de mim e se levantou. Annie tirou a fronha do espantalho que lhe cobria o rosto e correu para o revólver. Pegou-o e ficou diante do pórtico, apontando-o para Angelo.

— Não se mova ou atiro! — gritou.

Mas ele nem sequer pareceu ouvi-la. Correu, ajoelhou-se junto de Maria e gritou: — Maria!

Sua voz ecoou como alguém gritando dentro de um poço vazio. Maria Whitson estava estendida no chão, sobre uma mancha de sangue, muito vermelha, que aumentava a cada momento.

— Maria — gritou ele de novo, em desespero, escondendo o rosto no peito dela.

A escuridão encheu-se com os soluços de Angelo e o som da respiração rascante de Maria. Aproximei-me, pensando em se haveria um modo de interromper a hemorragia.

O rosto dela estava pálido, o branco de seus olhos brilhava. Acariciou os cabelos de Angelo, mas olhava para mim.

— Doutor Zak... — murmurou.

Pude ouvir sirenes à distância. Inclinei-me para ela.

— Não se mexa — disse-lhe.

Maria começou a falar de novo, mas a fiz calar-se, colocando a mão na testa suada.

— Fique aí, quietinha...

Eu olhava para Maria e via minha mulher olhando para mim, enquanto as sirenes se tornavam cada vez mais fortes, aproximando-se

rio acima. As pálpebras dela estremeceram e os olhos pareceram apagar-se.

— O socorro já está chegando... Aguente firme — exortei. — Mais um pouquinho...

— Desta vez não vai dar — murmurou ela, fechando os olhos. — Desta vez eu fiz a coisa direito.

Capítulo 33

A PORTA DA FRENTE estava iluminada como uma tela de cinema e nela as viaturas policiais, com suas luzes vermelhas e azuis se alternando, adquiriam evidência. Não demorou muito e tudo ao meu redor fervilhava de ação, fazendo com que me sentisse sozinho e à parte. A ambulância que levava Sylvia Jackson para um hospital já desaparecera na noite, com a sirene uivando. Fui esconder-me no escuro. Queria fechar os olhos, mas tinha medo do que poderia ver. Fixei a atenção na dor em meu ombro e no latejar doloroso num dos tornozelos para permanecer ancorado na realidade. Lembrei a mim mesmo que estava vivo, assim como Sylvia Jackson. E Annie também. Logo Stuart Jackson seria solto.

Sentei-me no escuro e sofri por Maria Whitson, pelos pais dela. Aquela tragédia parecia-me tão desnecessária! Fiquei olhando os paramédicos se esforçando por revivê-la. Quando a declararam morta, Angelo tentou apoderar-se do revólver do policial que estava mais próximo. Obrigaram-no a deitar-se no chão e o ergueram depois de algemá-lo. Maria se fora e Angelo parecia uma marionete com os cordéis abandonados. Seus olhos opacos, que lembravam dois pequenos espelhos embaçados, encontraram os meus enquanto ele desaparecia na parte traseira de uma viatura. Como Angelo, eu tinha sido fantoche de Maria Whitson. E se bem que todas as peças do enigma estivessem diante de mim, eu não conseguira colocá-las juntas a tempo de salvá-la de si mesma.

Annie foi embora para a delegacia, relutante em me deixar ali, sentado na grama, com o tornozelo e o ombro machucados gelando. Eu só queria ir para casa... ir para casa e ficar lá, não fazendo nada de especial.

Dei um salto quando tocaram no meu ombro.

— Você está bem?

O investigador MacRae estava de pé à minha frente.

Sacudi os ombros. — Estou, sim, não é nada. Mas de onde, diabo, você surgiu?

Ele ignorou a grosseria da minha pergunta.

— Eu ia indo jantar quando recebi o telefonema de Annie.

Estendeu-me a mão, eu a segurei e me levantei. O tornozelo machucado doeu um bocado quando pus o peso do corpo nele.

— Quer carona? —- Eu devo ter feito cara de surpresa porque ele acrescentou:

— É o mínimo que posso fazer.

Apoiado nele, coxeei até o carro. MacRae abriu a porta de trás, arrastei-me com dificuldade sobre o assento traseiro e fiquei deitado de costas, ajeitando o pé machucado por último.

— Bolsa de gelo e pé para cima — instruiu uma voz. O rosto da enfermeira Carolyn Lovely voltou-se para mim, do assento do passageiro, à frente. — E fique em repouso por uns dias.

— Você e Mac, juntos? — perguntei.

— Não é da sua conta — respondeu ela, azeda.

MacRae sentou-se ao volante e deu partida. Recostei-me na porta e fiquei olhando pedaços de Cambridge que passavam pelo vidro empoeirado da janela.

— Devo pedir-lhe desculpa — disse-me o investigador, quando paramos num farol.

— Por quê? — indaguei.

Mas pensei comigo por causa dos muitos insultos.

— Por ter pegado no seu pé o tempo todo. Não podia acreditar que todos aqueles incidentes eram coincidência.

— Nisso teve toda razão — anuí. — Não foram coincidências.

— Você pensou que eu estivesse envolvido no caso, não foi?

— Bem... — hesitei. — E eu creio que era suspeito para você e para Carolyn também.

— Para mim? — ela voltou-se para olhar-me.

— Pelo menos, você me demonstrava muita hostilidade. Quero dizer, já lidei com enfermeiras hostis antes, mas...

— Médicos! — ela cuspiu a palavra como se fosse um remédio amargo. — Você não tinha nada que xeretar a vida de Sylvia Jackson. Ela precisava apenas de descanso e psicoterapia, não de você e seus testes.

— Está certo — concordei. — Quer dizer que Stuart Jackson devia ser condenado à prisão perpétua para Sylvia Jackson não ser

perturbada? Afinal de contas, quando você encontra uma ex-esposa com uma bala na cabeça e um ex-marido com um chapéu de uniforme de camuflagem no guarda-roupa, para que continuar investigando?

Minha revolta mais do que justificada me fez esquecer temporariamente a dor no tornozelo.

— Nove vezes em dez não é preciso investigar mais, mesmo — resmungou Carolyn.

— Ei, vamos fazer uma trégua? — propôs MacRae. — Você tem seu trabalho a fazer e eu tenho o meu. Carolyn tem o dela. Se todos fizessem direito seus trabalhos, o mundo seria um lugar bem melhor do que é.

Que filósofo!, pensei, enquanto o policiai prosseguia:

— Pelo menos isso tudo deu um bom resultado. Estou contente por ter voltado às boas com Annie.

Ele deve ter visto pelo espelhinho retrovisor minha cara de espanto porque explicou:

— Ela me telefonou. Enquanto você estava dentro da casa falando com Angelo, ligou para mim do jipe. Disse que tinha certeza que eu não ia falhar e decepcioná-la. E não falhei. Dei um jeito para que um punhado de viaturas e duas ambulâncias se dirigissem para o local na mesma hora. A confiança dela significa muito para mim. Perdoe e esqueça, é o que costumo dizer.

Perdoar, talvez.

— Se for de algum consolo — eu disse a ele —, saiba que Annie reconhece não ter sido justa com você. Mas há alguns tipos de ferimentos que custam a cicatrizar. Quando MacRae me deixou em casa, já era tarde. Mas eu sabia que Kwan e Gloria estariam no instituto esperando por mim e por notícias, então telefonei para eles.

Gloria não disse nada depois que terminei de contar o que acontecera. Ouvi o som abafado que ela fez ao assoar o nariz.

— Você está bem? — perguntei-lhe.

— Não posso acreditar! — disse ela, por fim. — Estou tão triste! Por que tinha que terminar desse jeito?

— Também me sinto como você...

— Peter, acha que Maria me machucou deliberadamente?

— É o que parece.

— Mas por quê?

— Porque quando você disse que ela estava trapaceando com o peso, pensou que soubesse que trapaceava também com os demais sintomas.

— E ela trapaceou? Não acredito que tudo aquilo fosse teatro. Como sempre, Gloria acabava de fazer em voz alta a pergunta que eu já fizera a mim mesmo. Talvez Maria estivesse fingindo no momento em que se encheu de drogas. Talvez cada uma de nossas interações fosse como pequenas peças teatrais de sua invenção. Mas não acho, prefiro a versão que dei a Gloria:

— Ela fingiu a tentativa de suicídio para ser internada. Tomou os remédios por conta própria, sabia que doses tomar. Talvez tenha fingido o delírio. Quando começamos o tratamento, ela baixou a guarda e ficamos cientes de que poderíamos ajudá-la. Aliás, acredito que, de certa maneira, nós a ajudamos. Mas quando Maria começou a questionar as lembranças do abuso, que até então tinha certeza de que fora real, foi demais para ela assimilar. Se tio Nino era inocente, como conviver com a injustiça que cometera? Não conseguiu nos dizer a verdade. Havia passado do ponto em que ainda havia possibilidade de retorno.

Quando desliguei, sentei-me na poltrona do papai na sala de estar, com os pés sobre a banqueta, e tentei relaxar. Mas não conseguia me sentir à vontade. Não queria ir me deitar. Tinha necessidade de estar em algum outro lugar que não ali.

Fui à cozinha e tomei uma aspirina. Em seguida, coloquei uma garrafa de vinho Zinfandel embaixo do braço, o saca-rolhas num bolso, peguei um copo, uma vela, fósforos e fui para a água-furtada.

A noite entrava pelas janelas do estúdio. Contra a difusa luminosidade eu via distintamente as silhuetas dos vasos de Kate, da bancada de trabalho, da roda de modelar. Pus a vela sobre uma mesa, risquei um fósforo e a acendi. Abri o Turley 1996 e despejei um pouco no copo. O vinho parecia negro.

Sentei-me numa pequena poltrona e fiz o vinho rodar no copo, junto ao meu nariz. Fechei os olhos e inalei. O odor lembrava longinquamente o de morango. Tomei um gole, curtindo o sabor ardente descendo-me pela garganta e a explosão do fruto no fundo do meu nariz. Recostei-me na poltrona e fiquei olhando para a mancha de luz produzida pela vela dançando no teto.

Imaginei Kate de pé junto à bancada e ergui o copo. Um brinde. Ao amor. Bebi.

Ela ergueu seu copo para mim. À vida, ouvi sua voz dizer.

Eu ainda estava lá na manhã seguinte, a garrafa vazia, a vela consumida até o fim. Acordei com o distante som da campainha tocando e de alguém batendo na porta de entrada. No instante em que me mexi lembrei-me do tornozelo machucado. Se bem que o tempo estivesse firme, o rio devia estar gelado e eu não poderia correr por algumas semanas. Era uma perspectiva deprimente.

Descer a escada foi muito mais difícil e doloroso do que subir e o insistente tocar da campainha, acompanhado pelas batidas, não ajudava.

— Estou indo! — berrei. Abri a porta num repelão para ver os rostos ansiosos de Annie e da minha mãe.

— Por que você não atendeu ao telefone? — perguntaram ao mesmo tempo. Minha mãe acrescentou, em tom acusador: — E não apagou a luz do pórtico ontem à noite. Fiquei quase louca de preocupação.

— Eu estava lá em cima e não ouvi o telefone.

— Você está machucado — constatou mamãe, ríspida. — Tem gelo?

Ao fazer a pergunta, assumiu ares da famosa enfermeira Florence Nightingale.

— Sim, tenho um monte de gelo.

Só então reparei que Annie trazia um buque de margaridas, o que me fez rir como um menino. Minha mãe não perdeu isso e, séria, recomendou:

— Bem, da próxima vez não se esqueça de apagar a luz. Se vocês precisarem de alguma coisa, estou em casa.

— Obrigada, Sra. Zak — sorriu Annie. Mamãe abraçou-a e deu-lhe um estalado beijo na face. Annie retribuiu o beijo e acrescentou:

— A senhora é um doce!

— Pode me chamar de Pearl — ronronou minha mãe.

E desapareceu em sua casa, mas não sem me dar tempo para perceber no hall o vulto de um homem um tanto redondo e careca.

Consultei meu relógio. Ainda não eram oito da manhã e minha mãe já estava com visita! Afastei o pensamento que me assaltou, mas

guardei-o na memória para ter com que atormentá-la no futuro.

— Café? — perguntei a Annie.

— Sem dúvida! — entusiasmou-se ela e seguiu-me até a cozinha.

Liguei a cafeteira e quando o delicioso cheiro de café passando encheu a cozinha, perguntei: — Soltaram Stuart Jackson?

— Vão soltar, assim que compararem as impressões digitais do polegar de Angelo com a impressão encontrada no volante do Firebird de Sylvia Jackson. E sou capaz de apostar que o revólver com o qual Angelo nos ameaçou ontem é o mesmo que matou Tony Ruggiero.

— Quem diria que um acidente de carro iria desencadear todos esses acontecimentos?

— Que acidente de carro? — quis saber Annie.

— Um que aconteceu há dois anos. Angelo bateu com seu carro no de Maria, ou ela se colocou no caminho dele de propósito, o que você preferir. Se não tivessem errado o diagnóstico a respeito do estado dela, Maria jamais teria procurado a ajuda do doutor Baldridge. Se ela não tivesse conhecido Baldridge, duvido que surgissem em sua mente lembranças momentâneas do abuso sexual. Se ela não houvesse tido essas lembranças, provavelmente a hostilidade que sentia pelo tio não teria se tornado homicida. E dou-lhe três chances para adivinhar como Sylvia conheceu Tony.

— Por causa do mesmo acidente?

— Syl trabalhava na seção de reclamações da companhia de seguro dos carros deles. Tony, o bondoso e dedicado tio Nino, quis fazer um favor aos sobrinhos conseguindo que o seguro assumisse os estragos de ambos os automóveis. E durante esse processo conheceu a sedutora Sylvia Jackson.

— Esse é o destino dela... — comentou Annie. — De fato, é fascinante, não acha? Ela exsuda... feromônios.

Servi duas xícaras de café e nós dois o tomamos preto. Estava forte, aromático e acidífero.

— Estive pensando — disse eu — em como você conseguiu chegar ao pórtico.

— Fiquei escondida na garagem até vocês dois saírem. Aí, corri até o jipe telefonei para Mac. Depois, decidi ficar o mais perto possível da casa, a fim de ouvir o que vocês diziam. Rastejei, escondida entre os

arbustos. Foi quando percebi que o espantalho estava praticamente vestido como eu. Pareceu-me um sinal.

Annie continuava com a mesma roupa nessa manhã, blusa de flanela xadrez e jeans, mas continuavam a ficar-lhe muito bem.

— Estou contente por tudo ter terminado — acrescentou ela. — Para nós terminou, mas para ela, não.

— Está querendo dizer para Sylvia? — indagou Annie. — Concordo. Deve ser terrível continuar vivendo quando não se sabe, com certeza, o que aconteceu no passado.

Assenti. Quando Sylvia Jackson voltasse a si, precisaria mudar de prisma, transformando Angelo de anjo da guarda em vilão assassino e Stuart Jackson de vilão assassino em homem bom agredido.

— Por outro lado, ela terá que se ajustar com um mínimo de prejuízos emocionais. Por exemplo, neste momento sua memória conturbada é uma bênção. Mesmo depois de tudo que aconteceu, tenho certeza de que Stuart Jackson estará ao lado dela, amparando-a.

Eu sabia que também ainda não havia terminado para os Whitson. Havia um novo terror para eles suportarem: a dor de perder Maria mais a descoberta de que ela fora a responsável pela morte do tio.

— Pobre Maria Whitson... — suspirei.

— Pobre Maria Whitson que estava pronta para matá-lo.?

— Não tenho certeza disso — respondi. — Ela viu Angelo apontar o revólver para você e mexeu-se para ficar na linha do tiro.

— Talvez achasse que ele não ia atirar.

— Ela sabia que atiraria, sim. Conhecia Angelo melhor do que a si mesma. Vinha tentando matar-se há dois anos e, como ela disse, dessa última vez afinal fez a coisa direito. Creio que aquele acidente de carro afetou Maria muito mais do que os médicos perceberam.

— De que modo?

— Antes do acidente ela já estava no limite, começando a notar vagamente a diferença entre o que aconteceu na realidade e suas fantasias. O tempo todo sentia-se culpada por seus pensamentos, por coisas que não tinha feito. Aí, o acidente de carro empurrou-a para diante. Creio que acionou a par- te do cérebro que nos ajuda a distinguir as diferenças entre a realidade exterior e a interior. Em seguida, a terapia que fez não ajudou. O que ela precisava era de um terapeuta que conseguisse reconstruir a parede entre a fantasia e a realidade. No

entanto, ela foi parar nas mãos de alguém que demoliu o que restava desse muro a golpes de bola de ferro.

Annie concordou. — Foi como se ela se transformasse de uma pessoa que pensava ser culpada em outra que era culpada,

— Isso mesmo. Quando a fronteira entre a realidade e a fantasia desmoronou, desapareceu também a barreira entre a inocência e a culpa.

— Fronteira... — murmurou ela, acariciando a pétala de uma margarida.

— Temos que pôr essas flores na água — disse eu.

E me aproximei da escada. Olhei para cima. Dois lances para subir e dois lances para descer.

— Deixe que eu vou — pediu Annie. — Só me diga onde encontro um vaso.

— Na água-furtada em frente à escada. Suba dois andares.

Minha voz se tornara rouca. Ninguém, a não ser eu, entrara no estúdio desde a morte de Kate. E durante dois anos, até a noite anterior, eu não havia criado coragem para fazê-lo.

Annie tocou-me um ombro com a mão e todo meu corpo enrijeceu só de pensar no que iria ver em seus olhos. Mas quando a encarei, vi neles apenas uma divertida impaciência, não piedade.

— Não complique as coisas, Peter. Podemos colocá-las na jarra de água.

Fiz que não.

— Dois andares acima — repeti. — Há uma porção de vasos lá, pegue o que preferir.

Annie desceu pouco depois trazendo um dos vasos de Kate numa das mãos, dois copos para vinho na outra e a garrafa vazia embaixo do braço. — Pensei que talvez você quisesse também estas coisas — brincou. — Obrigado — agradeci, olhando-a colocar os copos no balcão da pia. — Onde os copos estavam?

— Um estava no chão, perto da poltrona, e o outro, na roda de moldagem. — Olhou-me com curiosidade. — Você está bem? Tome, pegue-os... — entregou-me os copos.

Cheirei-os e ambos tinham um leve odor de morango. Coloquei-os na pia.

— Mais tarde eu lavo — disse, a ninguém em particular.

— Tem uma tesoura? — perguntou Annie.

Fui remexer na gaveta da bagunça e encontrei uma tesoura enfiada lá no fundo.

Annie cortou um pedaço dos talos das margaridas e colocou-as no vaso que trouxera. Era de porcelana branca, com a beirada em azul e verde pastel. O último feito por Kate. Encheu o vaso com água e colocou-o no balcão.

— É lindo, adorável! — admirou-o, passando o indicador pela superfície.

— É, sim... — concordei, indo para junto dela e aspirando seu suave perfume de frutas. — É, de fato, adorável.




epub
2014